

**VASCO CUNHA, CINQUENTA ANOS DE OBRA ARQUITECTÓNICA EM
COIMBRA – 1962 a 2012**

Nuno Miguel Godinho Correia Lopes

Dissertação submetida, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura e Paisagem, no Mestrado em Arquitectura

Coimbra 2013

Orientadora:

Professora Doutora Arquitecta Maria Rita Pais Ramos Abreu de Almeida

“À Elisa e aos meus filhos, Margarida, Francisco e Pedro”

Agradecimentos

A realização deste trabalho de projecto, apesar de tarefa individual, só foi possível porque muitas pessoas me acompanharam ao longo do caminho que percorri, até chegar ao resultado que aqui se apresenta. Essas colaborações aconteceram tanto sob a forma de orientações, como sob a forma de incentivos e apoios. Assim, não poderia deixar de prestar, aqui, o devido agradecimento e reconhecimento pela importância que tiveram nas várias fases desta tarefa, e da qual nem sempre se aperceberam.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Arquitecta Maria Rita Pais Ramos Abreu de Almeida pelas directrizes que deu e pelas críticas que fez, para que este trabalho fosse evoluindo, pelo trilho certo, e se tornasse possível.

Ao Arquitecto Vasco Cunha agradeço a sua disponibilidade, ao longo das várias reuniões, conversas e esclarecimentos, por tão prontamente se ter colocado ao dispor para o que quer que fosse necessário, na qual me proporcionou acesso a tudo quanto foi preciso para o trabalho que aqui apresentamos.

Aos incansáveis e sempre disponíveis Rui Cunha e Nádía Gomes, na qualidade de amigos, aos quais manifesto o meu profundo agradecimento, pela intensa colaboração que prestaram neste projecto académico, não só pelos seus conhecimentos mas, também, pelas nossas conversas produtivas e das quais saí sempre com perspectivas e novas direcções.

À Câmara Municipal de Coimbra, pela acessibilidade e prontidão com que disponibilizou os dados por mim solicitados.

Ao Pedro Maia, Cláudia e Teresa Cruz, funcionários da Câmara Municipal de Coimbra, pelo apoio, por terem estado sempre disponíveis muito para além do que seria o seu papel enquanto colaboradores da instituição, e pela atenção que demonstraram ter para responder e esclarecer todas as minhas questões e dúvidas.

Ao Arquitecto Luís Godinho, pelas sugestões que fez, tanto bibliográficas como de contactos, que foram muito para além do que lhe ousei pedir.

À minha esposa que possibilitou que me dedicasse inteiramente a este projecto e me incentivou a acreditar que era possível.

ÍNDICE

Índice.....	viii
Índice de figuras.....	x
Índice de gráficos e quadros.....	xii
Abreviaturas.....	xiv
Resumo.....	xvi
Abstract.....	xviii
1. Introdução	
1.1. Enquadramento do tema.....	1
1.2. Revisão bibliográfica.....	1
1.3. Métodos e Metodologias.....	2
1.4. A estrutura do trabalho.....	2
2. Arquitecto Vasco Cunha: biografia e formação	
2.1. Apontamentos biográficos de Vasco Cunha.....	5
2.2. A formação escolar e profissional de Vasco Cunha.....	6
2.2.1. A passagem pela ESBAP.....	6
2.2.2. A aprendizagem pela prática profissional.....	8
2.2.2.1. Manuel Aguiar e Robert Auzelle.....	10
2.2.2.2. Fernando Távora.....	11
2.2.2.3. Arménio Losa e Cassiano Barbosa.....	13
2.2.2.4. Octávio Lixa Filgueiras.....	19
2.2.3. O retorno a Coimbra e o início profissional.....	20
3. A Obra de Vasco Cunha	
3.1. Alguns dos primeiros projectos e edificações.....	23
3.1.1. A vivenda de António Pereira Lucas Martins.....	23
3.1.2. Dois projectos divulgados na revista Binário.....	31
3.1.2.1. A sapataria Romeu.....	32
3.1.2.2. Recuperação de um prédio na Alta de Coimbra.....	36
3.1.3. Edifício de habitação plurifamiliar na Rua Sá de Miranda.....	40
3.1.4. O Edifício Panorama.....	46
3.1.5. A residência de Vasco Cunha.....	54
3.2. Sobre a Obra de Vasco Cunha.....	61
3.2.1. Período de Elaboração dos Projectos.....	61
3.2.2. Tipologia dos Projectos.....	63
3.2.3. Tipologia dos Projectos versus Década de Execução.....	65
3.2.4. Distribuição geográfica dos Projectos.....	66
3.2.5. As referências escritas à obra de Vasco Cunha.....	68
3.3. Caracterização da obra arquitectónica de Vasco Cunha e sua evolução.....	70
3.3.1. Obras da década de 1960.....	70
3.3.2. Obras da década de 1970.....	72
3.3.3. Obras da década de 1980.....	74
3.3.4. Obras da década de 1990.....	76
3.3.1. Obras do novo século.....	78
4. Conclusões	81
Bibliografia	83
Fontes.....	83
Referências Bibliográficas.....	86
Sítios em Linha.....	93
Créditos Fotográficos.....	93
Anexos	95
Anexo I: Cronologia da Obra Completa do Arqt. ^o Vasco Cunha	
Anexo II: Ficha descritiva das obras mais significativas	
Anexo III: Conjunto de desenhos de quatro projectos da década de 1960	

Índice de Figuras

Figura 1	Vista do interior da Estação de Passageiros de Leixões, na actualidade.....	10
Figura 2	Edifício da Rua de Pinheiro Manso, Porto, 1936.....	13
Figura 3	Rua de Ceuta, Porto, 1950-53.....	13
Figura 4	Rua de Sá da Bandeira, Porto, 1950-53.....	14
Figura 5	Rua da Boavista, Porto, 1945-50.....	14
Figura 6	Conjunto edificado do empreendimento Monteiro & Giro, em Quelimane.....	16
Figura 7	Vista aérea de parte da cidade Quelimane, Zambézia, Moçambique.....	16
Figuras 8 a 11	Vista do interior do Hotel Chuabo.....	18
Figuras 12 e 13	Vista do interior do Hotel Chuabo.....	18
Figura 14	Vista do n.º 102, da Avenida Sá da Bandeira, em Coimbra.....	23
Figura 15	Frente da casa de António Pereira Lucas Martins, localizada na Rua Brigadeiro Correia Cardoso, n.º 148, em Coimbra.....	24
Figura 16	Vista actual da frente da casa promovida para António Pereira Lucas Martins.....	25
Figura 17	Plantas da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins.....	26
Figura 18	Corte transversal e aspectos fotográficos do exterior da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins.....	26
Figura 19	Detalhe do muro de separação do lote, na zona dos acessos, e pormenorização das respectivas serralharias.....	29
Figura 20	Detalhes da construção das carpintarias.....	30
Figuras 21 e 22	Fachada e vitrinas da entrada da sapataria Romeu.....	34
Figura 23	Planta do piso térreo da sapataria Romeu.....	35
Figura 24	Corte 1, transversal, que evidenciava o lado esquerdo do estabelecimento da sapataria Romeu.....	35
Figura 25	Corte 2, transversal, que evidenciava o lado direito do estabelecimento da sapataria Romeu.....	35
Figura 26	A zona da entrada da sapataria Romeu, aquando da remodelação, em 1965.....	36
Figura 27	Recanto do acesso ao armazém da sapataria Romeu.....	36
Figura 28	O local de atendimento e das provas da sapataria Romeu, após a remodelação de meados da década de 60.....	36
Figura 29	Plantas dos vários níveis de um edifício da Alta de Coimbra remodelado segundo um projecto de Vasco Cunha.....	38
Figura 30	Arranque das escadas helicoidais.....	39
Figura 31	A zona de refeições na sala.....	39
Figura 32	A zona da lareira.....	39
Figura 33	Vista de um dos quartos.....	39
Figura 34	Vista de um dos quartos e das vistas para o Mondego.....	39
Figura 35	Vistas para o Mondego, observáveis das janelas.....	39
Figura 36	Vista do alçado principal, do edifício plurifamiliar, construído para António Campos Bento Rodrigues, na Rua Sá de Miranda em Coimbra.....	40
Figura 37	Vista do alçado lateral esquerdo, do mesmo edifício.....	41
Figura 38	Vista do alçado lateral direito do edifício plurifamiliar.....	41
Figura 39	Vista do lado sudeste, da fachada posterior.....	41
Figura 40	Vista da fachada posterior, do edifício plurifamiliar.....	42
Figura 41	Vista do lado noroeste, da fachada posterior.....	42

Figura 42	Efeito do aparelho de tijolo do cunhal sudeste, da fachada posterior, do mesmo edifício.....	42
Figura 43	A entrada no edifício.....	42
Figura 44	Vista da escada interior.....	43
Figura 45	Vista do átrio do edifício.....	43
Figura 46	Pormenor das varandas.....	43
Figura 47	Detalhe dos painéis de azulejo, cujo módulo e padrão foi concebido por Carlos Loureiro.....	43
Figura 48	Soco em pedra de Ançã e arranque do revestimento em tijolo, aplicado no mesmo edifício.....	43
Figura 49	Local em que se implantou o Edifício Panorama, antes da reformulação urbanística que lhe deu lugar.....	47
Figura 50	Enquadramento urbano após a reformulação urbanística que originou a parcela onde se implantou o Edifício Panorama.....	48
Figura 51	Vista do Edifício Panorama, tomada do lado poente, observando-se a intersecção da Rua de Aveiro com a do Infante D. Henrique, que delimita o espaço ajardinado, de utilização pública.....	51
Figura 52	Vista do edifício Panorama do lado norte, da Rua de Aveiro, por onde é feita a entrada.....	51
Figura 53	Base edifício e torre do edifício Panorama, captada da esquina da Rua do Infante D. Henriques, com a via que a liga ao Largo da Conchada....	51
Figura 54	Vista do átrio da entrada, com a mesa do porteiro, em pedra, e painel em betão colorido.....	52
Figura 55	Vista do lado direito do átrio da entrada, com as paredes forradas com painéis de mármore verde.....	52
Figura 56	Vista do interior da entrada no edifício Panorama.....	52
Figura 57	A escada helicoidal de comunicação vertical entre os vários níveis.....	52
Figura 58	Patamar tipo dos pisos. Portas do elevador e do monta-cargas e de uma das habitações T3.....	53
Figura 59	Vista de um patamar com as escadas e uma das entradas na habitação T4.....	53
Figuras 60 e 61	Vista superior e inferior da escada helicoidal que relaciona, verticalmente, todos os níveis do edifício Panorama.....	53
Figura 62	Vista sobre o núcleo antigo de Coimbra, de uma das varandas, do nono andar, do edifício Panorama.....	53
Figura 63	Frente da residência de Vasco Cunha, vista do lado nascente.....	57
Figura 64	Frente da mesma habitação, vista do lado poente.....	57
Figura 65	Vista do portão da entrada, do estacionamento coberto e do lado poente da frente da casa.....	57
Figura 66	Vista, do nível da entrada na habitação, do portão de acesso.....	57
Figura 67	Lance de escadas que relaciona o nível da entrada na propriedade com o da habitação.....	58
Figura 68	Detalhe da recolha das águas pluviais num anel de manilha de betão, preenchido com seixo rolado, sendo o encaminhamento realizado, desde a caleira, por uma corrente de ferro.....	58
Figura 69	Zona da entrada. Vários dos materiais que caracterizam o exterior. soco de pedra calcária, tijolo maciço, madeira nos vãos e forro exterior dos tectos, elementos estruturais em betão e estores em PVC branco...	58
Figura 70	Vão da entrada onde se engloba a porta.....	58
Figura 71	Par de vãos dispostos no cunhal do primeiro dos quartos.....	58

Figura 72	Volumes paralelepípedicos, destacados do paramento, por onde é feita a iluminação dos sanitários do lado norte. Forro de madeira do avançado da cobertura e caleiras que acompanham o beirado.....	58
Figura 73	Pormenor da face inferior dos volumes salientes da fachada, por onde é feita a iluminação dos sanitários situados no lado norte.....	58
Figura 74	Vista, do lado poente, do alçado posterior, exposto a sul.....	59
Figura 75	Vista da varanda que prolonga para o exterior a área de estar da sala.....	59
Figura 76	Pormenor da varanda, apoiada em pilares cónicos até à laje, com guardas em estrutura de ferro e elementos de madeira.....	59
Figura 77	Escada de acesso à varanda e ao logradouro, situada no lado nascente da moradia.....	59
Figura 78	Vista da varanda, vista do lado poente.....	59
Figura 79	Vista da extremidade nascente da fachada posterior.....	59
Figura 80	Vista da fachada posterior e do acesso à varanda.....	59
Figura 81	Detalhe do remate do forro da cobertura, na varanda.....	60
Figura 82	Alçado lateral esquerdo, voltado a nascente.....	60
Figura 83	Detalhe do forro do avançado da cobertura.....	60
Figura 84	Soco em pedra, alvenaria de tijolo à vista, madeira no forro da cobertura e no paramento do vão. Peças em ferro, fixadas à estrutura, de sustentação da caleira.....	60
Figura 85	Detalhe da disposição do tijolo no cunhal de paredes não ortogonais....	60
Figura 86	Anexo da garagem, construído, posteriormente, no vértice nascente da propriedade, em alvenaria de pedra calcária e cobertura em betão armado.....	60
Figura 87	Detalhe da entrada do anexo destinado a garagem, construído depois da moradia.....	60
Figura 88	Localização de alguns dos edifícios projectados por Vasco Cunha na fotografia aérea vertical da cidade de Coimbra.....	68

Índice de Gráficos

Gráfico n.º 1	Número de projectos realizados pelo Arquitecto Vasco Cunha por Décadas.....	62
Gráfico n.º 2	Percentagem de projectos realizados pelo Arquitecto Vasco Cunha por Décadas	63
Gráfico n.º 3	Número de projectos realizados por Vasco Cunha entre 1960 e 2013, por tipologias	64
Gráfico n.º 4	Localização dos Projectos por Distritos.....	66
Gráfico n.º 5	Cronologia nos meios editoriais.....	67

Índice de Quadros

Quadro n.º1	Tipologia dos Projectos <i>versus</i> Década de Execução.....	66
-------------	---	----

Abreviaturas

AAC	Associação Académica de Coimbra
ACMC	Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra
Act.	Actualizado
APDL	Administração dos Portos do Douro e de Leixões
APVC	Arquivo Pessoal Vasco Cunha
CDUA-FAUP	Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
CDUP	Centro Desportivo e Universitário do Porto
CMC	Câmara Municipal de Coimbra
CMI	Câmara Municipal de Ílhavo
CODA	Concurso para a Obtenção de Diploma de Arquitecto
CPMF	Cofre de Previdência do Ministério das Finanças
DGEMN	Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DOCOMOMO	International Committee for Documentation and Conservation of building, sites and neighbourhoods of the Modern Movement
DPLG	Diplômé Par LeGouvernement
EN	Estrada Nacional
ESBAL	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
FAUP	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
FCG	Fundação Calouste Gulbenkian
FCTUC	Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra
GEHA	Grupo de Estudos de História da Arquitectura
GPS	Geoposicionamento por Satélite
HE-FCP	Habitções Económicas – Federação de Caixas de Previdência
IAP XX	Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal
IFA	Institut Français d'Architecture
IFQ	Instituto Português da Qualidade
ISBN	Número Internacional Normalizado do Livro (sigla de língua inglesa)
ISSN	Número Internacional Normalizado de Publicação em Série (sigla de língua inglesa)
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Cívil
NP	Norma Portuguesa
VC	Vasco Cunha

Resumo

PALAVRAS-CHAVE: Vasco Cunha, Arquitectura, 2.^a metade do século XX, Coimbra

Esta dissertação estuda a obra arquitectónica de Vasco Cunha, cuja actividade durou cerca de cinquenta anos, desde o início da década de 1960 até Junho de 2013, localizando-se, principalmente, na cidade de Coimbra.

Mantendo-se aquele autor a laborar até praticamente ao presente, para o desenvolvimento do conhecimento aqui produzido, usufruiu-se do seu testemunho pessoal, bem como da detalhada consulta do arquivo que mantém. Em complemento, examinaram-se os Processos de Licenciamento, relativos aos seus projectos existentes no Arquivo da Câmara de Coimbra e de Arganil. Para completar o estudo, foi realizada uma análise *in situ* de algumas das edificações da sua autoria.

O percurso académico e as primeiras experiências profissionais que Vasco Cunha teve no Porto, foram fortemente influenciados por relevantes figuras presentes naquela cidade e com quem se cruzou, de onde realçamos os arquitectos Robert Auzelle, Fernando Távora, a dupla Arménio Losa e Cassiano Barbosa e Lixa Filgueiras.

As primeiras obras de Vasco Cunha, datadas do princípio da década de 60, tiveram forte impacto em Coimbra, dando-lhe os créditos que fizeram com que, nas décadas seguintes, projectasse grande número de planos urbanísticos e de edifícios, para aquela cidade, sendo, maioritariamente, esses projectos resultantes da iniciativa privada.

Com esta investigação, pretendeu-se compreender os vários aspectos arquitectónicos envolvidos nos projectos daquele arquitecto, procurando identificar constantes conceptuais, características morfológicas e construtivas, e a relação com os modelos que estiveram na sua origem.

Desse modo, analisaram-se os edifícios, desenhados por Vasco Cunha, considerados exemplares e relevantes, concretizando-se uma síntese do conjunto da sua obra, revelando até que ponto é que ela foi inovadora e influenciadora, em Coimbra, contribuindo para a divulgação dos projectos daquele arquitecto, cujo labor tanto marcou essa cidade.

Abstract

KEYWORDS: Vasco Cunha, Architecture, Second half of the twentieth century, Coimbra

This dissertation studies the architectural work of Vasco Cunha, whose activity lasted about fifty years, from the beginning of 1960 until June 2013, located mainly in Coimbra.

Vasco Cunha kept an professional active life practically until the present day, and therefore the present study benefited from his personal testimony as well as from a detailed research into his personal archive. In addition, the Licensing Processes of his project works were also examined in the municipal Archives of Coimbra and Arganil. A survey analysis *in situ* of some of the architect buildings completed this study.

The academic and early professional experiences that Vasco Cunha had in Oporto were strongly influenced by relevant figures who he met there. Some of them are worth mentioning as is the case of the architects Robert Auzelle, Fernando Távora, Arménio Losa and Cassiano Barbosa and Lixa Filgueiras.

The first works of Vasco Cunha, dated from the beginning of the 60s, had a strong impact in Coimbra, paving his way in the following decades, as the author of a large number of projects for buildings and urban plans for that city, most of them being from private sector origin.

This research work aimed to understand the various aspects involved in his architectural projects, to identify conceptual constants, morphological and constructive features, compared with the models they derived from.

Thus, the buildings designed by Vasco Cunha analyzed here are considered exemplary and relevant, embodying a synthesis of all of his work. This research work aimed to reveal the extent to which he was innovative and influential, in Coimbra, and also contribute to the dissemination of the projects authored by an architect whose trace has indelibly marked this city.

1. Introdução

1.1. Enquadramento do tema

Nascido em 1933, Vasco Jorge Antunes da Cunha pertence à geração de arquitectos que inclui, entre os nomes mais destacados, Siza Vieira (n. 1933), Nuno Portas (n. 1934), Raúl Hestnes Ferreira (n. 1931), Luís Cunha (n. 1933), Manuel Vicente (1934-2013), e Victor Figueiredo (1929-2004). Apesar do percurso profissional notável e da extensa obra concebida, o conhecimento da arquitectura que produziu, encontra-se pouco estudado e muito menos difundido.

Tirando os nomes mais relevantes, normalmente associados às duas maiores cidades portuguesas, são poucos os estudos dedicados a arquitectos, cuja acção se desenrolou fora desses centros urbanos. Existem algumas excepções, como são os casos dos trabalhos sobre arquitectos que laboraram no Algarve (Manuel Gomes da Costa e António Vicente Castro) ou nas ex-colónias (Raul Chorão Ramalho, Vasco Vieira da Costa, Pancho Guedes e Manuel Vicente).

Com este trabalho, pretende-se juntar aos nomes mencionados o de Vasco Cunha, contribuindo para divulgar, entre a comunidade académica, a obra de um arquitecto, cuja actividade foi marcante na arquitectura produzida na cidade de Coimbra, nas quatro últimas décadas, do século passado, e na primeira, do presente.

1.2 Revisão bibliográfica

A história da arquitectura portuguesa contemporânea desenvolveu-se, sobretudo, nas últimas décadas do século XX. Entre os autores que a ela se têm dedicado destacam-se José-Augusto França, Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida, José Manuel Fernandes, Ana Tostões, Paulo Varela Gomes, Marieta Dá Mesquita e João Vieira Caldas. O conjunto dos seus textos possibilitou-nos enquadrar o estudo específico da obra do arquitecto Vasco Cunha.

Apesar de entre a informação recolhida pelo próprio Vasco Cunha de não existir nenhum trabalho sobre a sua obra, no desenrolar da investigação académica encontrámos três estudos que trataram edificações projectadas por aquele arquitecto.

Entre os três trabalhos, atrás referidos, que trataram de edificações idealizadas por Vasco Cunha, encontra-se *O IAPXX – Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, promovido e coordenado pela Ordem dos Arquitectos, que não deixou de incluir algumas obras daquele arquitecto, na versão disponível em linha.

Os outros dois estudos que mencionam Vasco Cunha são trabalhos académicos: a tese de doutoramento de Gonçalo Moniz, *O Ensino Moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, redigida em 2011, e a dissertação de mestrado, da autoria de Maria Eduarda de Almeida Aleixo Duarte, sob o tema – *A Habitação Colectiva em Coimbra, Modelos de arquitectura residencial no período entre 1958 e 1974*, de 2010, que não deixa de estudar algumas das obras daquele autor, nessa cidade.

Se os estudos citados referem edificações projectadas por Vasco Cunha, não há nenhum trabalho abrangente sobre a actividade profissional e obra concretizada pelo arquitecto, sendo essa a tarefa a que nos propusemos lançar e de que resultou o trabalho original agora desenvolvido, que tem, entre outros, o objectivo de colmatar essa lacuna.

1.3 Métodos e Metodologia

Para concretizar esta investigação recorreu-se à pesquisa e à consulta da bibliografia disponível de enquadramento geral e específico, sobre a arquitectura portuguesa da década de 60 até à primeira década do século XXI, de modo a conseguir delinear a envolvência histórica, cultural e social, onde a obra e o arquitecto em estudo se insere.

Tendo conhecimento, que nunca, até agora, o tema da arquitectura de Vasco Cunha tinha sido alvo de atenção académica sistemática, a pesquisa desenvolvida começou por se basear em informações recolhidas junto do arquitecto, bem como da detalhada exploração do seu arquivo pessoal, onde se recolheram dados e elementos gráficos dos projectos. A partir dessas informações e da que se encontra depositada em entidades oficiais, em particular o Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, realizou-se a localização e o reconhecimento dos edifícios construídos e procedeu-se à sua análise. Conjugando o estudo morfológico, funcional e espacial dos projectos, com a sua materialização, formulou-se uma leitura da linha projectual do arquitecto, bem como a evolução do seu pensamento arquitectónico.

1.4 A estrutura do trabalho

Após este ponto introdutório, traçaremos, no seguinte, alguns dados biográficos de Vasco Cunha, principalmente os que pareceram determinantes para a definição do seu percurso académico e profissional.

O ponto três dedica-se, propriamente, à obra daquele arquitecto, depois de se instalar em Coimbra. Começando por uma análise mais detalhada de algumas das primeiras obras da década de 1960, faz-se, depois, uma caracterização quantitativa, dos projectos por ele

elaborados, de modo a definir quais os tipos de edifícios projectados e, de entre eles, quais os mais recorrentes, por década.

Para caracterizar a obra e a sua evolução, seleccionaram-se setenta e três edifícios que permitiram delinear esse percurso, ter uma ideia de conjunto e, a partir da sua análise, deduzir algumas conclusões.

Para se disponibilizar o máximo da informação recolhida e os dados que serviram às análises realizadas neste estudo, organizaram-se três grupos de anexos: o primeiro, estabelece a cronologia da obra do arquitecto Vasco Cunha; o segundo, constitui o conjunto das fichas das obras consideradas mais significativas, que foram alvo de análise e permitiram estabelecer as conclusões; e o terceiro, a reprodução dos desenhos de quatro dos projectos realizados na década de 1960.

Como estabelecido no Anexo I, do Regulamento Geral do Trabalho Final do Curso dos Ciclos Conducentes ao Grau de Mestre da Escola Universitária Vasco da Gama, as citações e a referenciação bibliográfica, foram organizadas de acordo com as NP-405-1, NP-405-2, NP-405-3, e NP-405-4.

2. Arquitecto Vasco Cunha: biografia e formação

2.1. Apontamentos biográficos de Vasco Cunha

Vasco Jorge Antunes da Cunha, filho de Albino e de Eugénia Faustino Antunes da Cunha, nasceu em Angola, a 16 de Julho de 1933, em Porto Alexandre, hoje Tômbwa, que fica, praticamente, no limite sul daquele país, na Província do Namibe, antiga Moçâmedes. Foi o quarto filho, de uma prole de cinco rapazes e uma menina. A sua família era oriunda de Ladeiras, freguesia de Cabanas de Viriato, concelho de Carregal do Sal, e o pai, que tinha como instrução a quarta classe, havia-se deslocado para aquela colónia onde se dedicava a negócios relacionados com captura, transformação e comercialização com peixe¹.

A memória que possui daquela povoação era de que tinha uma única via que, do lado poente, tinha o mar atlântico e do outro, a nascente equipamentos (igreja, escola, grémio) e habitações cujas traseiras confrontavam com o deserto, que proporcionava aos mais jovens as suas brincadeiras. Junto ao mar, existia uma sucessão de cais em madeira para atracagem das traineiras descarregando o peixe capturado, que seguia, em pequenas vagonetes, para a fábrica. Ao mesmo tempo, ao longo da baía existiam alguns estaleiros para construção e reparação. Tal ambiente despertou desde cedo, o interesse pelas embarcações, ao ponto de chegar a fazer modelos de pequenos barcos e a interessar-se pela arquitectura naval, como profissão.

Aos oito anos veio para Portugal, devido ao falecimento prematuro de sua mãe. O pai decidiu enviar os seus seis filhos para a Metrópole, distribuindo-os pelas casas de dois dos familiares.

A viagem, em pleno período de guerra, no navio Quanza, deu-se sob o temor de poder ser afundado pelos submarinos alemães, como havia acontecido com um navio de carga português. Vasco Cunha chegou a Lisboa em 15 de Julho de 1942, véspera do seu nono aniversário, passando a residir na casa do irmão mais novo de seu pai, conjuntamente com dois irmãos coabitando com os seus cinco primos. Esta casa situava-se, na esquina da Avenida 5 de Outubro, com a Rua João Crisóstomo, em plena Avenidas Novas, foi aí, que aprendeu a patinar. Essa actividade fez nascer o seu interesse pelo hóquei em patins, modalidade que praticou na juventude, na posição de defesa, tendo sido atleta da AAC e do CDUP.

¹ Aquele lugar era particularmente rico em pesca, pois o caudaloso rio, desaguava no Atlântico a sul. A sua quantidade de nutrientes era tal, que na época das chuvas, a água turva chegava a atingir cerca de cem quilómetros da foz, originando a existência de plâncton que, por sua vez, alimentava enormes cardumes.

Os dados referidos e aqueles que se seguirão, foram relatados pelo próprio arquitecto Vasco Cunha, em entrevistas que tiveram o propósito de recolher essa informação. Uma vez mais, agradecemos a total disponibilidade e amabilidade com que nos recebeu. As citações que, no texto, não tiverem referência, são referentes a esses depoimentos pessoais.

Inconformado pela morte da mãe e influenciado pelo primo mais novo dois anos, foi-se deslumbrando pela cidade a ponto de começar a ter maus resultados na aprendizagem escolar, tendo mesmo reprovado na quarta classe, que frequentava no antigo Colégio Valsassina. O mesmo voltou a acontecer no segundo ano, já no Liceu Camões, sendo, curiosamente, a disciplina de Desenho uma das que contribuiu para esse resultado.

Devido ao insucesso escolar, o pai decidiu mudá-lo de ambiente passando Vasco Cunha a viver em Coimbra, na Avenida Sá da Bandeira, número 107, em casa de uma tia viúva conjuntamente com dois primos e dois irmãos.

A deslocação para Coimbra foi determinante para o que viria a ser o seu futuro profissional. Uma das mudanças que levou à tomada de uma nova atitude, passou pela responsabilidade que começou a assumir: sendo o único, entre os primos e os irmãos, que não possuía chave de casa, fez uma para si, a partir de outra e com base, num molde de sabão, tal como vira num filme, em Lisboa. Apercebendo-se a tia, confrontou-o e disse-lhe: *fica com ela e vê como a usas*.

Pouco depois da chegada de Vasco Cunha a Coimbra, a tia, adquiriu um forno eléctrico, o que tornou desnecessário o compartimento que, na cave, era utilizado para guardar a lenha. Face a isso, esse local foi cedido ao sobrinho aí instalando uma pequena oficina de carpintaria, onde se dedicava a construir modelos de barcos².

Frequentou o Liceu normal D. João III, onde a qualidade dos seus docentes, alteraram por completo o seu percurso educativo. Principalmente, o professor Artur Farinha Beirão (Desenho), Martins Carvalho (Filosofia), entre outros. Na disciplina de Desenho e Trabalhos Manuais pôde realizar vários modelos de barcos e mesmo submarinos. Ao repetir em Coimbra o segundo ano do Liceu, os resultados já começaram a ser mais satisfatórios, acabando por terminar o então 7.º Ano com a média em quinze valores, destacando-se a nota de dezanove valores, que lhe foi atribuída em Desenho. Este factor foi determinante na decisão de ingressar em Arquitectura. A escolha pela Escola do Porto deveu-se à sua maior proximidade a Coimbra, onde, além dos seus familiares, se encontrava aquela que, após um namoro de seis anos, se tornou sua mulher.

2.2. A formação escolar e profissional de Vasco Cunha

2.2.1. A passagem pela ESBAP

O acesso à Escola Superior de Belas Artes do Porto era feito através da prova de Desenho de Modelo de estátuas clássicas, nunca experimentados na disciplina de Desenho no Liceu. Afim,

² Contrariamente aos anteriores pedidos de aquisição de uma bicicleta, o pai, com quem quinzenalmente trocava correspondência, apoiou a actividade ofical a que Vasco Cunha se dedicava, financiando a aquisição de um torno, limas e de outras ferramentas.

de se preparar para essa prova, Vasco Cunha contou com os ensinamentos do pintor Isolino Vaz. Ultrapassado o exame com sucesso, aos dezanove anos ingressou no curso de Arquitectura, em Outubro de 1952, ano em que a Escola do Porto foi alvo de reestruturações e reformas³. A sua primeira residência nesta cidade foi numa república sita na Rua Pedro Álvares Cabral, num edifício onde se encontrava instalada uma república de estudantes, sendo na maioria, oriundos de Coimbra. Mais tarde, por volta do ano de 1954, foi viver para uma casa, mais perto da ESBAP, na Rua Santos Pousada⁴.

O percurso académico da Escola do Porto era tutelado pelo Mestre⁵ Arquitecto Carlos Ramos⁶ (1897-1969), director e figura proeminente do curso de Arquitectura. Em cada ano lectivo, tinha professores assistentes que realizavam o acompanhamento de maior proximidade. Vasco Cunha relatou que no segundo ano, esse papel esteve a cargo do Arquitecto Agostinho Ricca (1915-2010); no terceiro, do Arquitecto Carlos Loureiro (n.1925); e no quarto, do Arquitecto Fernando Távora (1923-2005). Além dos citados, o arquitecto lembra como marcante, para a sua formação académica, o Mestre Arquitecto Rogério Azevedo (1898-1983), que leccionava no segundo ano a cadeira de Desenho Arquitectónico, assim como o Arquitecto Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996), que descreveu como, *uma das pessoas mais culta que conheci*.

Na época, integrava o curso a disciplina de Urbanologia, onde os alunos realizavam trabalhos práticos dedicados a cidades e aos tipos de espaços urbanos e suas relações com o edificado, copiando e investigando essas estruturas. Uma obra de referência utilizada para este efeito era a de Auzelle e Jankovic, *Encyclopedie de l'Urbanisme*, publicada em trinta e um fascículos, de 1947 a 1953. Guardam os arquivos da Escola do Porto, referente ao ano lectivo de 1953-54, um trabalho de desenho e análise, realizado por Vasco Cunha, para aquela disciplina, do bairro de Neudorf Strasbourg, projectado, em 1928, por Paul Dopff, onde, fazendo a comparação com as ideias dos mestres modernistas, afirma: *parece-nos existir um desfasamento senão atraso na obra de Dopff em relação ao que se estava realizando em alguns pontos da Europa* (Moniz, 2011, pp.283-284).

A atenção ao urbanismo foi uma constante ao longo da sua actividade profissional. A ela não estará alheia aqueles ensinamentos do curso, que foram reforçando as experiências profissionais, ainda na fase de aprendizagem, com Manuel Aguiar, Robert Auzelle e posteriormente com a dupla de arquitectos Arménio Losa e Cassiano Barbosa, que lhe deram a noção da importância do desenho urbano relativamente ao edificado,

pois este tem uma duração no tempo mais curta, noventa anos, enquanto a configuração urbana mantém-se ou altera com muito mais dificuldade.

³ Os detalhes das alterações da estrutura do curso e as suas implicações, podem ser apreciadas na tese de doutoramento de Gonçalo Moniz, *O Ensino Moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, de 2011.

⁴ Acompanhou-o nessa morada o amigo e colega de curso, Duílio Dimas Lavado da Silveira, que fez carreira no APDL

⁵ Como nos relatou o biografado, todos os professores da ESBAP eram tratados por Mestres.

⁶ Entre os alunos era identificado como o "Raminhos".

De acordo com o sistema vigente na ESBAP e na ESBAL, os cursos de arquitectura tinham, obrigatoriamente, no seu final, a realização de um Concurso para a Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA), que era antecedido pela realização de vários trabalhos académicos, de projecto, sendo necessário a obtenção de um número total de pontos, resultante da soma da pontuação de cada um dos vários trabalhos. Se ela fosse baixa, poder-se-ia prolongar no tempo, a fim de se conseguir finalizar a formação académica. Já sentindo a responsabilidade de ter constituído família, Vasco Cunha aplicou-se para que esse período fosse o mais curto possível⁷.

2.2.2. Aprendizagem pela prática profissional

O percurso de aprendizagem de Vasco Cunha acabou por se cruzar com relevantes figuras e acontecimentos que marcaram o urbanismo e a arquitectura do Porto, em meados do século passado: Manuel Aguiar, Robert Auzelle (1913-1983), José Semide, Tito Figueiredo, Fernando Távora, Arménio Losa, Cassiano Barbosa e Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996).

A primeira experiência de *atelier* de Vasco Cunha foi com o urbanista Manuel Aguiar, que tinha feito essa especialização em França. Foi dele a sugestão para que a autarquia portuense convidasse, em 1956, o prestigiado arquitecto urbanista francês Robert Auzelle⁸, autor de várias publicações sobre essa temática⁹, para elaborar o Plano Director do Porto. Este, que é, usualmente, referido como Plano Auzelle, foi publicado em 1962¹⁰.

O Plano Auzelle, que surgiu da necessidade da revisão Plano Regulador da Cidade do Porto, da responsabilidade de Antão Almeida Garrett, tinha como objectivo reforçar esta cidade como centro regional, reconhecendo à vocação marítima decorrente da posição geográfica, procurou relacionar-se e coordenar-se com os concelhos vizinhos, em particular com o de Vila Nova de

⁷ Para além de outros, foi exemplo desse empenho o exercício para o projecto do Palácio da Justiça de Lamego, no qual obteve a classificação, de Primeira Medalha, a que correspondia uma atribuição de máxima de pontos para aquele efeito. A pontuação era da responsabilidade do Mestre Arquitecto Carlos Ramos e dos seus assistentes.

⁸ Robert Léon Gaston Auzelle entrou em 1931, para a École des Beaux-Arts onde, em 1936, obteve o grau de arquitecto "*diplômé par le gouvernement*" – *architecte DPLG*. Depois, frequentou o Institut d'Urbanisme l'Université de Paris, de onde saiu "*diplômé et lauréat*", em 1942, e onde leccionou, de 1945 a 1956. Cursou, ainda, o Centre des Hautes Études Administratives, em 1954. Colaborou com o Ministère de la Reconstruction et de l'Urbanisme. Projectou vários planos e edifícios, tendo presidido à Academia Francesa de Arquitectura de 1976 até 1983, ano em que faleceu. À obra juntou vários escritos, principalmente, dedicados ao urbanismo. Além do referido Plano Director do Porto, o Arquivo deste arquitecto e urbanista, que se encontra à guarda do SIAF/Cité de l'architecture et du patrimoine/Archives d'architecture du XXe siècle, onde está referenciado como "Fonds Robert Auzelle (1913-1983), 242 IFA", preserva elementos referente a planos para aquela cidade do Norte de Portugal – "plan de conservation et mise en valeur de la zone de l'Arrábida"; para Aveiro – "aménagement comunal"; "aménagement régional, Fouradouro"; "mata de São Jacinto"; e Lisboa – "plan directeur" (França, 2001).

⁹ Para além da *Encyclopedie de l'Urbanisme*, obra em fascículos, que realizou em parceria com Ivan Jankovic, de 1947 até 1953, Robert Auzelle foi autor de vários livros e outros textos sobre urbanismo, entre os quais: *Technique de L'urbanisme*, de 1953; *Plaidoyer pour une organisation consciente de l'espace*, de 1962; *L'architecte*, de 1965; *Clefs pour l'urbanisme*, de 1971; e *A la mesure des hommes*, de 1980.

¹⁰ Uma sucinta, mas rigorosa, descrição e análise do Plano Auzelle pode ser apreciada em (R.F. e R.F.^a, 2011). Este elemento urbanístico teve grande longevidade, pois foi o documento regulador daquela cidade por três décadas, tendo sido substituído apenas em 1993, pelo designado Plano Castel Branco.

Gaia – através do novo atravessamento rodoviário do Douro, feito pela ponte da Arrábida (1956-1963), da autoria do proeminente engenheiro Edgar Cardoso (1913-2000), contemplado no novo Plano Director do Porto, e o de Matosinhos – então em grande desenvolvimento económico resultante do Porto de Leixões e do incremento turístico de Leça da Palmeira, onde Távora projectava o Parque Municipal da Quinta da Conceição, que incluía o Pavilhão de Ténis, e Siza Vieira concretizava as suas primeiras obras mais destacadas – como a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina de Marés.

Apoiado pelo I Plano de Fomento e em resposta ao incremento dos transportes marítimos havido, então, em Leixões, em 1955, elaborou-se uma estratégia de expansão desse porto, compraram-se terrenos e arrancou a construção da Doca Número dois, o que levou à implementação de novas acessibilidades, de que é exemplo a edificação do,

Viaduto da Via Rápida, construído na ligação da estrada que unia o Porto ao Aeroporto, mas assegurando também a ligação rodoviária entre Leça e Matosinhos (Sousa e Alves, 2002, p. 253).

Apesar da perda de passageiros da via marítima, em detrimento do transporte viário, ferroviário e aéreo, e dos transatlânticos não conseguirem aceder ao porto de Leixões, o Plano de 1955 colocou a hipótese de Leixões recuperar o número de passageiros por influência da dinâmica resultante da ampliação do porto. Nesse sentido surgiu a Estação de Passageiros (Sousa e Alves, 2002, p. 256). O seu projecto é da autoria de Tito (Francisco) Figueiredo, com quem Vasco Cunha veio, pontualmente, a trabalhar. Trata-se de uma interessante estrutura, que ainda hoje se pode observar, construída, modernamente, em madeira, para se enquadrar no conjunto das edificações onde se encontrava¹¹ (fig. 1). Tito Figueiredo, na altura, partilhava o espaço de trabalho com Fernando Távora que, em 1958, elaborou o Plano de Leixões (Trigueiros, 1993, p. 189).

¹¹ Este edifício é descrito num texto da APDL, do seguinte modo: “Contíguo ao armazém nº 1, no seu topo Oeste, na zona acima referida, ergue-se hoje um vistoso edifício, construído em madeira para não destoar das restantes construções portuárias existentes, mas de traça arquitectónica moderna e atraente, que contém todos os serviços que visam a facilitar e a tornar agradável o embarque e desembarque de passageiros, emigrantes ou não. Esse edifício dispõe de diversas zonas com distribuição equilibrada, compartimentadas, pelos dois pisos de que ele é composto: zona reservada ao público – passageiros, zona de verificação e de armazenamento de bagagens, escritórios da Alfândega, da Junta de Emigração, da Polícia Internacional e das Agências de Navegação, e ainda o serviço de telefones e de restaurante, com salas de 1ª, 2ª e 3ª classes. A estação de passageiros foi inaugurada em 8 de Abril de 1961, substituindo, finalmente, as velhas e rudimentares instalações, constituindo um elemento considerado fundamental para que, a par da expansão das docas, o movimento de passageiros se revitalizasse, já que o Norte de Portugal era o grande foco emissor da emigração, agora também direccionada para o Ultramar português, sendo ainda a afluência de turismo outro argumento recorrente” (Sousa e Alves, 2002, p. 256).



Fig. 1 – Vista do interior da Estação de Passageiros de Leixões, na actualidade. Fonte: Sousa e Alves,2002, p. 288

2.2.2.1. Manuel Aguiar e Robert Auzelle

Na transição entre o segundo e o terceiro anos do curso, quando Vasco Cunha se encontrava de férias na Figueira da Foz, onde alugava um quarto com o irmão mais velho Eugénio Cunha¹², encontrou o amigo, arquitecto José Baptista Semide (1930-1985)¹³, futuro cunhado do arquitecto Fernando Távora. Semide, que já tinha acabado o curso de arquitectura, relatou-lhe que, atendendo ao interesse que tinha pelo urbanismo, tentava realizar um percurso semelhante ao que Manuel Aguiar havia feito e, mais tarde, deslocar-se para Paris. Com esse propósito começava, naquela altura, por ir colaborar com aquele urbanista português. Vasco Cunha pediu-lhe para auscultar se, também, não haveria a possibilidade de ele poder frequentar tal *atelier*. Foi desse modo que Vasco Cunha deu início à complementarização da sua profissão.

Assim, para complementar o seu sustento e para completar a formação profissional, através da prática realizada em gabinete de arquitectura, simultaneamente com os estudos, começou por trabalhar com o arquitecto e urbanista Manuel Aguiar, que se tinha especializado na Sorbonne, com dezanove valores.

¹² Eugénio José Antunes da Cunha (1931-2001), engenheiro civil.

¹³ José Semide era um conhecimento de Coimbra. O seu pai era sócio da serração Ferreira e Semide, situada na Rua do Carmo, na Baixa de Coimbra, onde o jovem Vasco ia, amiúde, buscar madeira para fazer os seus modelos de barcos.

A princípio disseram-lhe para ficar a um canto, apenas a observar. Depois, pouco a pouco, foi passando a participar, após o período das aulas. Era, também, nesse *atelier* que alguns dos seus trabalhos académicos era realizado. Consciente de que, *não tinha ponta final*, cedo se disciplinou, tornando-se metódico, afim de atempadamente, conseguir realizar as tarefas que tinha de executar, sem pressão que no seu caso era prejudicial. Essa organização permitia-lhe gerir o tempo, conciliando todos os afazeres académicos com os profissionais e pessoais, conseguindo ainda manter a sua actividade desportiva.

Robert Auzelle deslocava-se frequentemente para o *atelier* de Manuel Aguiar, que ficava na proximidade do edifício da Câmara Municipal do Porto. Como os trabalhos que Vasco Cunha realizava para a Escola eram aí feitos, a curiosidade de Robert Auzelle levou-o a interpellá-lo acabando as conversas daí resultantes, por serem uma mais-valia na aquisição de conhecimentos e no resultado conseguido nos exercícios escolares¹⁴. Essa partilha e a experiência de trabalho aí obtida constituiu um valioso enriquecimento na aprendizagem profissional.

2.2.2.2. Fernando Távora

Pontualmente, Vasco Cunha colaborava com o arquitecto Tito Figueiredo que, frequentemente, fazia projectos para Agências do Banco Borges & Irmão que, como já referimos, foi o autor da Estação de Passageiros de Leixões. Aquele arquitecto partilhava o escritório com Fernando Távora com quem, também, colaborava. Tendo Távora podido apreciar o trabalho do estudante de arquitectura, convidou-o, em 1955, para ser seu colaborador.

Ao longo dos cerca de quatro anos que Vasco Cunha se manteve no escritório de Fernando Távora, participou em vários projectos do Mestre da Escola do Porto, entre os quais o do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, de 1953-59, onde foi o responsável pelo desenho das caixilharias¹⁵; o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, de 1956-60 (Trigueiros, 1993,

¹⁴ Um exemplo relatado por Vasco Cunha foi o trabalho académico de projecto de um silo automóvel para a esquina da Avenida Sá da Bandeira com a Rua Gonçalo Cristóvão, no Porto. Pelo facto de se encontrar a trabalhar num *atelier* que era visitado por Robert Auzelle, teve a oportunidade de mostrar ao urbanista francês os esboços que realizara e de recolher a sua opinião crítica, bem como ensinamentos sobre o funcionamento específico daquele tipo de edificação, o que, naturalmente, enriqueceu e valorizou o trabalho académico. Ainda mais que, o exercício académico desse trabalho escolar partira do próprio Auzelle, que, curiosamente, se encontrava a realizar o projecto do edifício (silo automóvel) para o mesmo local.

¹⁵ Relatou-nos Vasco Cunha a sua grande preocupação pela responsabilidade que sentiu por essa incumbência – para a qual não se sentia preparado, mas que conseguiu levar a efeito com a preciosa ajuda dos colegas e, naturalmente, do Mestre – “*ajudaram-me, aprendi e fiz*” – e uma curiosa história: Após ter tido conhecimento que estavam a colocar as caixilharias em obra, Távora delegou-lhe a missão de verificar a sua execução. Tendo Vasco Cunha verificado no local juntamente com o empreiteiro, que o que estava colocado não correspondia ao que tinha sido desenhado, relatou-o a Fernando Távora, que lhe disse: “*não te preocupes, ele virá cá*”. Uns dias depois, o referido construtor foi ao *atelier* e Vasco Cunha foi chamado para assistir à conversa. Confrontado com a discrepâncias detectadas e com a necessidade de repor o projectado, o empreiteiro, em desespero, terá perguntado “*o que dirão os meus colegas quando me virem a retirar o trabalho feito?*” ao que, rapidamente, Távora retorquiu: “*e o que dirão os meus se ele lá ficar?*”.

p. 188); o da reconstrução da casa da igreja de Mondim de Basto¹⁶, de 1959-61 (Trigueiros, 1993, p. 190); e da Escola Primária do Cedro, de 1958-60 (Trigueiros, 1993, p. 189). Dos colegas que com ele se cruzaram na altura, lembra Siza Vieira, Augusto Amaral, Luís Botelho Dias e Alberto Neves¹⁷.

De entre os colegas com que se cruzou no percurso da Escola, Vasco Cunha fez uma menção especial a Raúl Hestnes Ferreira (n. 1931), que encontrou na ESBAP nos últimos anos do curso e com quem veio a escrever, para a Binário, um texto sobre a Casa de Ofir, de Fernando Távora¹⁸.

Vasco Cunha casou com Adelina Maria Areosa de Almeida Carvalho, no dia 11 do Outubro 1958¹⁹, ainda não tinha feito o CODA, que defendeu em 1960, tendo o Diploma de Curso a data de 7 de Agosto 1961. Estiveram presentes na cerimónia do casamento Manuel Aguiar e José Semide. Fernando Távora não foi por se encontrar fora do país.

Quando, em 1959-60, o arquitecto Fernando Távora se deslocou em visita de estudo aos Estados Unidos da América, como Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, equiparado a Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura (Trigueiros, 1993, pp. 93-96), o seu *atelier* encerrou, constituindo uma preocupação, para o Mestre da Escola do Porto, a situação do seu colaborador, que aguardava já o nascimento do primeiro filho. Conversaram e Vasco Cunha descansou-o: *arquitecto, indo eu das suas mãos, não terei dificuldade em arranjar trabalho no Porto.*

¹⁶ A propósito deste projecto, Vasco Cunha contou-nos que foi levado “*pelo arquitecto, no seu velho carro Volkswagen, a cair de podre e cheio de frio, pois a chauffage já não funcionava*”, até Mondim de Basto e que, incumbido de realizar o levantamento das estruturas arquitectónicas existentes, teve de pernoitar por lá e voltar, regressando depois, de camioneta, pois o Mestre fez a viagem de regresso sozinho, no mesmo dia.

¹⁷ Deste ultimo arquitecto recorda, particularmente, os desenhos de pormenor que eram *primorosos*, tendo Siza Vieira usufruído da sua colaboração nas edificações que projectou inicialmente.

¹⁸ Infelizmente, não se conseguiu lembrar em que revista esse texto foi publicado. Para essa amizade e admiração contribuiu um episódio ocorrido na Cadeira de História da Arquitectura, leccionada pelo Professor Doutor Artur Nobre de Gusmão (1920-2001). Este, que se deslocava expressamente de Lisboa para leccionar no Porto, naquele ano, por coincidir o nascimento de um filho com o fim do período lectivo, fez com que o calendário das provas de avaliação fosse antecipado. Os alunos, reunidos no *Magestic*, tendo-se apercebido que iriam ter pouco tempo para estudar, delegaram no colega Vasco Cunha a tarefa de falar com o Mestre. Dessa conversa depreendeu o aluno que, atendendo a que a grande maioria das aulas tinha sido dedicada ao Românico e, apenas, as duas últimas, ao Gótico, só iria ser feita a avaliação da primeira matéria e disso deu conhecimento aos colegas. Aberta a prova, contrariamente ao combinado, as questões colocadas eram sobre o Gótico. Em sinal de protesto, Vasco Cunha pousou a caneta e nada escreveu. Apercebendo-se do facto, Gusmão foi averiguar o que se tratava. O espaço dessa conversa foi aproveitado pela maioria para recorrer a vários expedientes que foram facilitando a realização da prova. Explicadas as razões, o Professor levou a votação se a avaliação deveria ser repetida e só Hestnes Ferreira acompanhou o voto de Vasco Cunha.

¹⁹ Por amizade e reconhecimento do acolhimento que lhe prestaram, os padrinhos de casamento foram os tios que, inicialmente, o haviam recebido em Lisboa. Desse matrimónio nasceram sete filhos: Gustavo Nuno Areosa de Carvalho Antunes da Cunha, Vasco Filipe, André Cláudio, Alexandre Miguel, Eugénia Alexandra, Gonçalo Jorge e Bárbara Filipa, todos com os mesmos apelidos do primogénito. Os dois mais velhos têm formação e exercem na mesma área profissional do pai.

2.2.2.3. Arménio Losa e Cassiano Barbosa

Cessando a colaboração com Fernando Távora, Vasco Cunha foi oferecer os seus serviços à dupla pioneira da modernidade portuense, Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998). Autores destacados na historiografia da Arquitectura Portuguesa do século XX, reconhecem na sua obra, elementos reveladores de uma capacidade de interpretação da cidade e entendimento do desenho urbano racionalista, e o modo de tecnologias pouco usuais à época, o que lhes permitiu apresentar ensaios e modelos de destaque, inovadores na espacialidade e na organização funcional, pois a dupla *recorreu sempre que pôde a sistemas técnicos mais avançados, introduzindo na construção processos novos que ensaiou no estaleiro* (Câmara Municipal de Matosinhos, 1995, p.5)

No conjunto de toda a obra desenvolvida por esta dupla de arquitectos, entre 1945-1957, são vários os exemplos de excepção e modernidade. Destacam-se o edifício na Rua Pinheiro Manso, ainda de 1936 (fig. 2); o edifício na Rua de Ceuta, desenhado em 1950 (fig. 3); o edifício, de uso misto, no encontro da Rua Sá da Bandeira com Guedes de Azevedo, de 1950-53 (fig. 4); o edifício de habitação da Rua da Boavista, à Carvalhosa, entre 1945-50 (fig. 5). Estes exemplos reflectem os princípios da arquitectura moderna aplicada de uma forma exemplar, apresentando novos dispositivos na organização dos fogos e no urbanismo.



Fig. 2 – Edifício da Rua de Pinheiro Manso, Porto, 1936. Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos, 1995, p.15

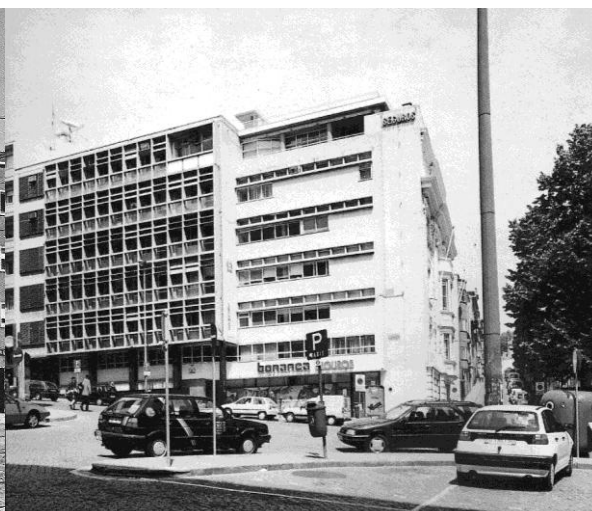


Fig. 3 – Rua de Ceuta, Porto, 1950-53. Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos, 1995, p.35



Fig. 4 – Rua de Sá da Bandeira, Porto, 1950-53. Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos, 1995, p.30
Fig. 5 – Rua da Boavista, Porto, 1945-50. Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos 1995, p.18

Reconhecidos pela sua intensa actividade cívica, cultural e associativa, na cidade e no país, Losa e Barbosa acolheram no seu escritório muitos estudantes da ESBAP, ainda no período de aprendizagem ou já mesmo na fase de estágio, como foi o caso de Vasco Cunha, que ingressou neste escritório, ainda sem ter feito o CODA.

Entrevistado para uma vaga no *atelier* que aqueles arquitectos possuíam na Rua Sampaio Bruno, instalou-se, já nas novas instalações situadas no edifício de escritórios e habitação, por eles projectado, sito na Rua da Alegria, da cidade do Porto. O primeiro trabalho em que participou para aquela dupla de arquitectos portuenses foi ultimar o projecto de execução de um complexo com Hotel na cidade de Quelimane, em Moçambique, cujo promotor era a empresa Monteiro & Giro, com sede no Porto²⁰.

O edifício para Moçambique, que conjugava espaços comerciais, de serviços e habitacionais, com uma unidade hoteleira, sendo um trabalho que vinha de antes, naquela altura estava nos limites dos prazos acordados e o projecto tinha de ser concluído em pouco tempo. A dupla decidiu realizar a experiência e deu a Vasco Cunha um prazo para ultimar o projecto ²¹.

²⁰ As especialidades ficaram a cargo da equipa de engenheiros que, liderados por António dos Santos Soares, tinham participado no projecto de arquitectura do Pavilhão dos Desportos, da autoria de Carlos Loureiro.

²¹ Vasco Cunha, depois de avaliar a situação, pediu a chave do *atelier* para poder avançar o mais possível, trabalhando à noite. Tendo a dupla Arménio Losa e Cassiano Barbosa, anuído a ceder o acesso ao escritório a, então, um jovem desconhecido. Este prolongamento do trabalho para períodos noturnos terá decorrido nas primeiras semanas e só durou até Vasco Cunha ter a percepção que controlava os tempos da execução, de modo a cumprir o prazo necessário. Relembra, nostálgico, esses tempos em que

Compreende-se melhor a dimensão da tarefa que Vasco Cunha teve de empreender, apreciando as imagens das instalações do Hotel Chuabo, cuja encomenda data de 1954, prolongando-se os estudos, projectos e obra, desde então até 1968 (figs. 6 e 7).

Para Ana Tostões e Maria Manuel Oliveira, que estudaram o edifício do Hotel Chuabo e a fábrica de cerâmica, realizada em seu complemento, *O projecto Monteiro & Giro (M&G) para Quelimane, em Moçambique, foi elaborado no seguimento de outros com grande significado para a arquitectura portuguesa moderna*²² (Tostões e Oliveira, 2011, p. 5), referindo-se especificamente, *aos edifícios da Carvalhosa (1945), da rua Sá da Bandeira (1946) e da rua de Ceuta (1950)* (Tostões e Oliveira, 2011, p. 5), citado anteriormente. Para as autoras, esta concretização é um claro exemplo da *Diáspora transcontinental Moderna* (Tostões e Oliveira, 2011, pp. 21-22), bem como *Uma proposta cidadina e um conjunto industrial que invocam a densa urbanidade da Unité d'Habitation e o conceito da Fábrica Verde que Losa tinha, tão veementemente, defendido no Congresso de 48* (Tostões e Oliveira, 2011, p. 8).

os trabalhos se prolongavam pela noite com a companhia da esposa, que ocupava esse tempo realizando o enxoval para o primeiro filho do casal, que já se encontrava em gestação.

²² Estas autoras publicaram o texto com maior desenvolvimento sobre o conjunto edificado em Quelimane segundo o projecto de Losa e Barbosa. Trata-se do artigo "Moderno Transcontinental: o Complexo Monteiro & Giro em Quelimane, Moçambique", que corresponde ao título da comunicação dedicada à modernidade dos programas e da pesquisa formal, posta em prática por aquela dupla de arquitectos portuenses modernistas, em África, apresentada no 9º Seminário Docodomo Brasil, e publicada no *DOCODOMO Journal*, n.º 43, 2010/2, dedicado aos cinquenta anos de Brasília. Consultou-se a versão em PDF, disponível em http://www.docodomo.org.br/seminario%209%20pdfs/177_M18_RM-Moderno%20Transcontinental_ART_ana_tostoes.pdf, no dia 6 de Agosto de 2013.



Fig. 6 – Conjunto edificado do empreendimento Monteiro & Giro, em Quelimane. Fotografia de Figueirinhas Correia, arquitecto que acompanhou, localmente, a execução da obra. Fonte: Tostões e Oliveira, 2011, p. 12.



Fig. 7 – Vista aérea de parte da cidade Quelimane, Zambézia, Moçambique, onde, à esquerda, se vê o Edifício de Comércio e Equipamento, Montegiro / Hotel Chuabo, com o antigo Banco Nacional Ultramarino (à direita) e a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em baixo. Fonte: Castro, 1972-73.

Aquele conjunto arquitectónico, da autoria de Losa e Barbosa, foi descrito, por José Manuel Fernandes e José Capela, nos seguintes termos:

Dois volumes de expressão moderna e elevada qualidade estética articulam um gaveto urbano, em ângulo recto. A assinalar, no interior, painéis pintados por artistas locais. Terá boa qualidade de construção, assegurada por firmas do Porto, nomeadamente em relação à vasta superfície vertical de betão aparente. Foi concebido em 1954, como um complexo habitacional, turístico e industrial ligado às empresas de exploração económica da região (Castro, 1972-73).

A modernidade da sua arquitectura e integração no conjunto urbano pode ser apreciada nas fotografias que reproduzimos (figs. 6 e 7).

O Hotel Chuabo está a funcionar e mantém os painéis decorativos originais²³. Como testemunhou Nuno Ferraz, em 2007, o espaço *nunca foi tomado, nacionalizado ou vandalizado* (Ferraz, 2007)²⁴. Por isso, mantém-se inalterado e como que parado no tempo da sua criação,

pois podemos encontrar um local em que o mobiliário, a decoração e o ambiente vem directamente da década de 60 e em que tudo se encontra num bom estado de conservação (Ferraz, 2007). Isso é comprovado nas imagens que reproduzimos (figs. 8 a 13).

Ultrapassada a primeira prova de fogo, no desenho do Hotel Chuabo²⁵, Vasco Cunha continuou a colaborar no *atelier* de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, durante quase três anos, entre 1959 e 1961-62, sendo aí que se encontrava quando fez o CODA²⁶.

²³ Ana Tostões e Maria Manuel Oliveira, que igualmente escreveram sobre este edifício, referem o extraordinário fresco que cobre a parede da boite do Hotel Chuabo e que foi realizado por cinco artistas locais. (...) Estes artífices decoravam as paredes dos edifícios das aldeias em que viviam, nos arredores de Quelimane. 'Descobertos' pelo arq.º Eduardo de Lima Figueirinhas Correia, aceitaram o convite e realizaram, com tinta corrente da construção civil, o fantástico painel que se pode admirar no último piso do Hotel Chuabo (2011, p. 14).

²⁴ Uma explicação é que o Hotel era muito apreciado pelo Samora Machel, que o usou para receber os presidentes dos países amigos, o que justificou a perfeita conservação do edifício enquanto se degradava a cidade à volta (Pomar, 2011).

²⁵ A demonstração desse sucesso resume-se no seguinte relatado: na entrevista inicial, questionado sobre qual seria o valor que pretendia auferir, Vasco Cunha disse que tinha a expectativa de receber dois mil escudos mensais, o que os arquitectos empregadores acharam demais, pois referiram que se encontravam já lá a colaborar arquitectos, com o CODA, que não auferiam essa quantia. Ao que o novo colaborador terá proposto – *experimentem*. Passado um mês e concluído o trabalho do Hotel, havendo sido processado o pagamento pelos serviços administrativos e não tendo ficado mais nada estabelecido para o futuro, Vasco Cunha pediu para ser recebido por Losa, para saber se sempre continuava, ao que ele respondeu *fica, fica e a receber dois contos e quinhentos*.

²⁶ Um pouco depois da defesa do CODA e já após o nascimento do filho Gustavo, Arménio Losa perguntou-lhe se já estava inscrito no Sindicato Nacional dos Arquitectos, ao que Vasco Cunha deu a entender que, atendendo às despesas que isso acarretava, com o pagamento do Diploma na Escola, iria demorar a inscrever-se naquela associação profissional. Losa registou-o e, poucos dias depois, entregou-lhe aquele documento. Como nos contou: *o meu diploma foi-me oferecido pelo último patrão*.



Figs. 8 a 11 – Vista do interior do Hotel Chuabo. Fonte: Fotografias de Nuno Ferraz (2007).



Figs. 12 e 13 – Vista do interior do Hotel Chuabo. Fonte: Fotografias de Nuno Ferraz (2007).

2.2.2.4. Octávio Lixa Filgueiras

Ao mesmo tempo que trabalhava no *atelier* do arquitecto Losa, Vasco Cunha também colaborava, à noite, com o arquitecto Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996), em vários projectos para as Habitações Económicas, da Federação das Caixas de Previdência (HE-FCP). Naquela época, Filgueiras era assistente de Carlos Ramos, na ESBAP, onde leccionou de 1962 a 1991. Além do respeito pelo amplo leque de conhecimentos que Vasco Cunha reconhecia naquele arquitecto, etnógrafo e arqueólogo, unia-os o gosto e a dedicação ao estudo de embarcações²⁷.

A admiração que Vasco Cunha tinha por aquele Professor e pela sua vasta cultura, entende-se melhor conhecendo o percurso de vida de Octávio Lixa Filgueiras. Nascido na Foz do Douro, no Porto, após ter concluído, em 1940, o Curso Geral dos Liceus, no Liceu Alexandre Herculano, daquela cidade, e de ter frequentado os Estudos Preparatórios de Engenharia, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, pediu transferência, em 1942, para o curso de Arquitectura, da ESBAP, que concluiu, em 1954, com a nota máxima. A sua tese de licenciatura teve como título "Urbanismo: Um Tema Rural", e foi o primeiro trabalho teórico-prático da ESBAP. Essa configuração académica só foi possível devido à reforma do ensino aí promovida por Carlos Ramos (Universidade do Porto, 2013).

Em 1955, Lixa Filgueiras ganhou o concurso para Arquitecto da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e publicou o primeiro trabalho sobre embarcações do Douro. Entre 1955 e 1957, participou no *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, liderando a equipa da Zona II, correspondente a Trás-os-Montes e Alto Douro, tendo como colaboradores Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias. Do conjunto desse levantamento e estudo, realizado por equipas que se dedicaram a seis regiões de Portugal, resultou a publicação *Arquitectura Popular em Portugal*, datando de 1961, a primeira das actuais três edições dessa obra, que tanto influenciou a formação dos novos arquitectos portugueses²⁸.

²⁷ A este propósito relatou-nos Vasco Cunha que Lixa Filgueiras lhe pediu ajuda para que, sendo ele de Coimbra, procurasse a barca serrana, do Mondego. Percorrendo as margens, rio acima, localizou uma única embarcação, a última, que registou, detalhadamente. Imagens que daí resultaram foram integradas no capítulo VIII, intitulado "Barcos", da autoria de Filgueiras, da obra *A Arte Popular em Portugal*, da Editorial Verbo, datada de 1963, p.403, onde é referido um agradecimento a Vasco Cunha.

²⁸ Em 1967, Filgueiras tornou-se vogal da 4ª Subsecção, da 2ª Secção, da Junta Nacional da Educação (Património Arquitectónico/Urbanístico), mantendo esse cargo até 1977. De 1970 a 1973, fez parte da Comissão de Intercâmbio do Instituto de Alta Cultura e, seguidamente, trabalhou como Inspector Superior de Belas-Artes e da Comissão Nacional do Ano Europeu do Património Arquitectónico, até 1976, quando coordenou o processo "Cidade Romana de Braga" e o inquérito "Imóveis do Património a Recuperar", na Junta Nacional de Educação (Universidade do Porto, 2013). Grande estudioso de navios, interessou-se pela arqueologia naval e foi um dos principais impulsionadores da arqueologia subaquática em Portugal. O seu importante arquivo pessoal, sobre cultura marítima, encontra-se no Museu Marítimo de Ílhavo (Museu Marítimo de Ílhavo, 2012).

2.2.3 O retorno a Coimbra e o início profissional

Tendo a formação académica concluída, Vasco Cunha, que já aguardava o nascimento do segundo filho, procurou estabelecer-se em Coimbra, para ficar mais próximo dos familiares, correspondendo, em particular, ao desejo da sua esposa, que era filha única e pretendia estar perto dos pais, que residiam naquela cidade.

Com esse propósito dirigiu-se à Empresa de Construções Ciferro, Ld.^a, sediada na Rua da Sofia, n.º 47, 1.º andar, para falar com o arquitecto António Serra e Moura²⁹, de quem Vasco Cunha era amigo, com intenções ir trabalhar para essa firma. Com essa perspectiva, falou com os arquitectos Cassiano, Losa e Lixa Filgueiras, avisando-os que, por esse motivo, em breve iria deixar de colaborar com eles. Mas, estando a trabalhar no *atelier* do Losa foi, inesperadamente, avisado que havia um colega que tinha vindo de Coimbra para falar com ele. Era, António Serra e Moura que, preocupado foi avisá-lo que devido ao início da guerra no Congo Belga, a Ciferro estava a diminuir o investimento em construção vindo, pois os emigrantes portugueses que, até aí, viviam nessa colónia Belga, estavam a baixar, substancialmente, as aquisições, que era a base principal dos empreendimentos daquela firma construtora, pelo que já não iria ser contratado por aquela empresa.

Com a vida organizada para retornar, viu-se *despedido e com a casa alugada em Coimbra*. Ficou num impasse, *E agora?* Quando vivia nessa preocupação, foi abordado por Octávio Lixa Filgueiras que, sabendo da sua pretensão de regressar a Coimbra, como lhe havia comunicado uns meses antes, informou-o que se estavam a proceder a uma reestruturação dos serviços da HE-FCP e que iriam contratar mais arquitectos, em regime de avença, tendo ele proposto o nome de Vasco Cunha para esse efeito.

Respirei fundo e vim para Coimbra. Usufruindo da experiência tida com Filgueiras, ingressou, como avençado, do Ministério das Corporações, com funções de arquitecto regional com funções de projectista e de apreciação de projectos das HE-FCP, para dar resposta ao disposto na Lei 2092/58 (pp. 213-216). Simplificadamente, o que esta legislação estabelecia era que qualquer Beneficiário da Caixa de Previdência, que já possuísse um terreno onde pudesse ser construída a sua habitação própria, poderia usufruir de um empréstimo até trezentos e setenta e cinco contos, pago em vinte e cinco anos, para a sua realização, com direito a seguro de vida.

Nessa reestruturação, entraram, com ele, para a HE-FCP vários jovens arquitectos, entre outros, Fernando Pinto de Sousa, pai de José Sócrates, fazendo parte dessa equipa Nuno Portas, Teotónio Pereira, Victor Figueiredo e João Braula Reis, que nessa altura ocupava o lugar de director. Para a articulação do funcionamento e formação, onde o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) também colaborava, eram feitas reuniões na sede, em Lisboa, na

²⁹ António Serra e Moura, era um exímio basquetebolista e uma amizade que Vasco Cunha havia adquirido e consolidado, devido à actividade desportiva no hóquei em patins, pois partilhavam o clube e tinham os mesmos interesses profissionais.

avenida Duque d'Ávila, intervaladas, entre si, cerca de mês e meio, onde os vários architectos regionais se juntavam por um ou dois dias.

Garantida a avença nas HE-FCP, Vasco Cunha regressou definitivamente a Coimbra, desempenhando essas funções numa área de jurisdição que abarcava desde Pombal até Vila da Feira. O trabalho consistia na ida aos terrenos para posterior informação e avaliação das condições dos mesmos com vista aos fins pretendidos, mas, também, elaborar os próprios projectos, caso fosse solicitado para o efeito, a preços tabelados.

Os processos provinham de Lisboa. Para planear o reconhecimento ao local, Vasco Cunha mandou fazer uns postais que enviava aos candidatos do financiamento, marcando o dia e a hora da ida ao local, o que lhe permitia planificar, ao pormenor, o conjunto das deslocações, que dessa maneira eram feitas durante todo o dia de Sábado. Realizava os relatórios no Domingo e despachava a informação, para a capital, na Segunda-feira. Na restante semana, dedicava-se aos primeiros projectos que lhe começaram a surgir.

3. A Obra de Vasco Cunha

Quando Vasco Cunha se estabeleceu em Coimbra, alugou um espaço, com um irmão mais velho, Eugénio Cunha, e outros dois engenheiros, Jorge Guerreiro e Carlos Veloso, no rés-do-chão do n.º 102, da Avenida Sá da Bandeira, no lado oposto e, praticamente, em frente à casa da tia que o havia acolhido naquela cidade (fig. 14). Foi aí que desenhou os primeiros projectos da sua inteira responsabilidade.



Fig. 14 – Vista do n.º 102, da Avenida Sá da Bandeira, em Coimbra.

3.1. Alguns dos primeiros projectos e edificações

As primeiras concretizações de projectos e consequentes obras, delineadas por Vasco Cunha foram determinantes para a sua afirmação profissional na cidade de Coimbra, bem como das encomendas, de iniciativa privada, que veio a ter. Passemos a analisar alguns deles.

3.1.1. A vivenda de António Pereira Lucas Martins

A vivenda do cliente António Pereira Lucas Martins é uma das primeiras habitações unifamiliares projectada por Vasco Cunha, para Coimbra, e os desenhos estão datados de Maio de 1964³⁰. O responsável pela estabilidade e pelas outras especialidades de engenharia,

³⁰ APVC, «Projecto 1/64 – Vivenda de António Lucas Martins», Maio de 1964. Os desenhos, deste projecto, encontram-se reproduzidos em 1.1. do Anexo I.

foi o engenheiro Eugénio Cunha³¹. O executante daquela construção, que ficou concluída dois anos depois³², foi Lapa de Castro (*Binário*, 1966, p. 305). Foi, nessa altura, divulgada na revista *Binário*, que utilizou uma fotografia dessa casa para a capa da edição de Junho de 1966 (fig. 15).

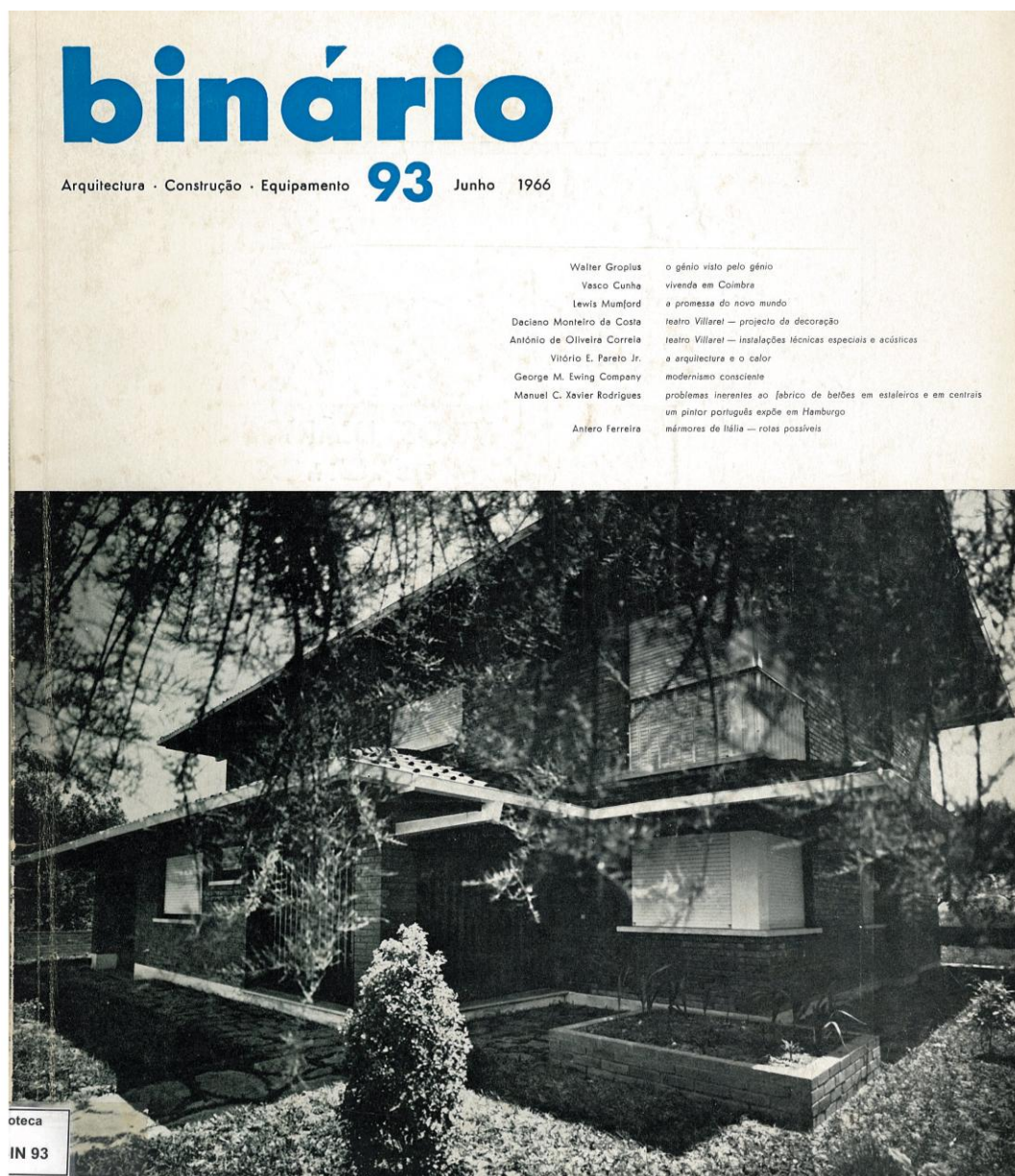


Fig. 15 – Frente da casa de António Pereira Lucas Martins, localizada na Rua Brigadeiro Correia Cardoso, n.º 148, em Coimbra, Fonte: *Binário*, 1966, Capa.

³¹ Como Vasco Cunha nos relatou, devido à proximidade familiar e ao facto de partilharem o local de trabalho, por norma, as especialidades civis dos projectos daquele arquitecto eram realizados pelo seu irmão. Mas, não era uma obrigatoriedade, se o cliente tivesse outra opção prévia, seriam realizados por quem fosse da sua preferência.

³² É à saída de Coimbra, a caminho de Vale de Canas, num pequeno lote de terreno com orientação Norte-Sul, que se situa esta vivenda projectada em 1964 e concluída recentemente (*Binário*, 1966, p. 305).

Ainda se pode encontrar esta edificação, com as características originais (fig. 16).



Fig. 16 – Vista actual da frente da casa promovida para António Pereira Lucas Martins.

Naquela revista, além do destaque dado na capa, acompanhavam o artigo, o desenho das plantas, um corte transversal e três fotografias a preto e branco³³ (figs. 17 e 18).

³³ Os desenhos das plantas desta casa não se encontram no Arquivo de Vasco Cunha (APVC). Ter-se-ão extraviado aquando da sua publicação na revista *Binário*.

É à saída de Coimbra, a caminho de Vale de Canas, num pequeno lote de terreno com orientação Norte-Sul, que se situa esta vivenda projectada em 1964 e concluída recentemente. Exteriormente é caracterizada pela abundante aplicação de tijolo prensado (tijolo especial que tem determinada percentagem de barro telha) e pelo contraste da cor do mesmo, não só com a telha escura como também pela serralharia que, pintada de branco, permitiu um contraste acentuado com os restantes materiais. O soco, de calcário da região de Ançã, ajuda pela sua tonalidade clara a valorizar as superfícies de alvenaria, o que aliás acontece com os estores de plástico que dão uma leitura contrapontística dos vãos em relação às massas fechadas.

Toda a construção é circundada por uma larga faixa de lajeado de xisto que, embora raramente seja usado dentro da cidade, é no

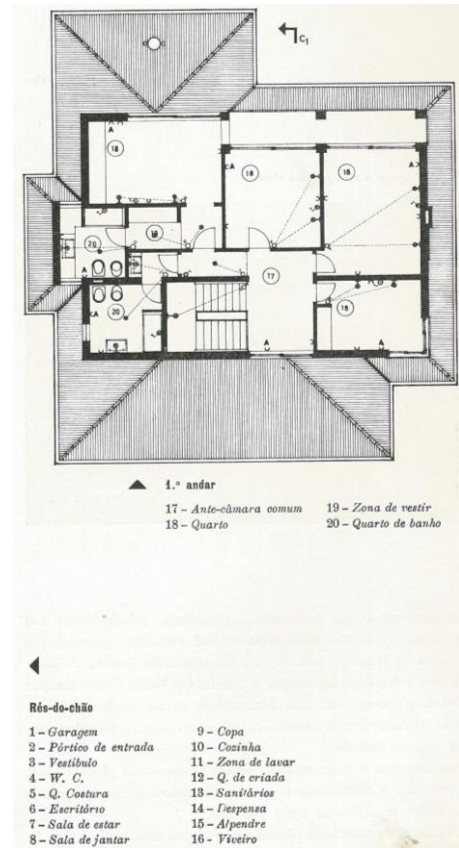
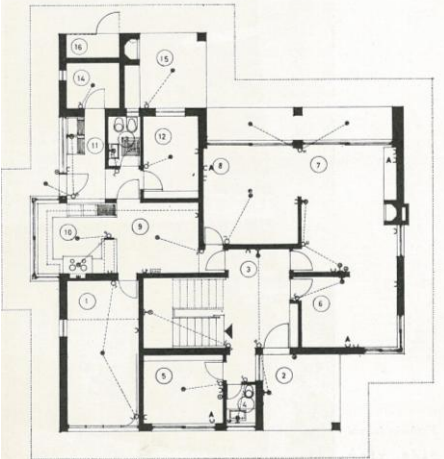
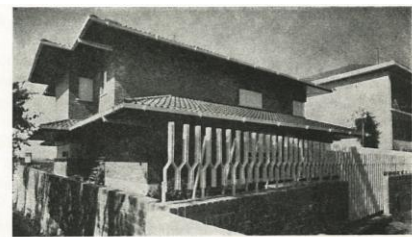
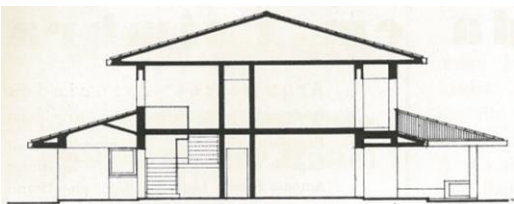


Fig. 17 – Plantas da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins. Fonte: *Binário*, 1966, p. 305.



Fachada para a rua / Front view

Fachada para a rua / Front view

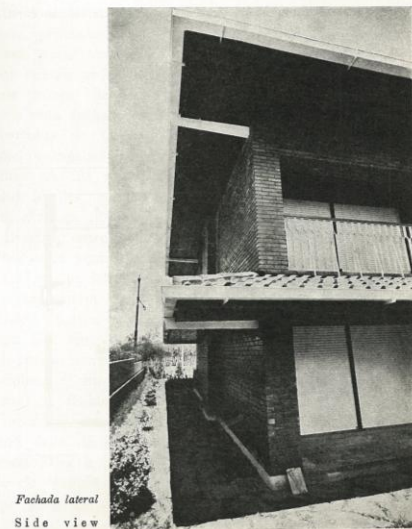


Fig. 18 – Corte transversal e aspectos fotográficos do exterior da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins. Fonte: *Binário*, 1966, p. 306.

Completavam os elementos gráficos que ilustravam o projecto, duas páginas inteiramente ocupadas com alguns dos desenhos de pormenor (figs. 19 e 20).

A habitação construída para Lucas Martins é assim descrita no artigo da Binário:

Exteriormente é caracterizada pela abundante aplicação de tijolo prensado (tijolo especial que tem determinada percentagem de barro telha) e pelo contraste da cor do mesmo, não só com a telha escura como também pela serralharia que, pintada de branco, permitiu um contraste acentuado com os restantes materiais. O soco, de calcário da região de Ançã, ajuda pela sua tonalidade clara a valorizar as superfícies da alvenaria, o que aliás acontece com os estores de plástico que dão uma leitura contrapontística dos vãos em relação às massas fechadas.

Toda a construção é circundada por uma larga faixa de lajeado de xisto que, embora raramente seja usado dentro da cidade, é no entanto vulgar nas construções da periferia, principalmente nas povoações que vão desde Coimbra até Penacova, passando por Torres do Mondego, onde existe a sua exploração já comercializada. Como a frente da construção é orientada a Norte e sem qualquer interesse paisagístico, toda a concepção da mesma foi dominada por tal factor e pela panorâmica que se divisa para o Sul sobre todo o Vale do Calhabé.

Interiormente e como prolongamento do tratamento plástico adoptado para o exterior encontramos o vestíbulo e a caixa de escadas também revestidos de tijolo prensado (Binário, 1966, pp.305-306).

Com os pressupostos descritos, o programa habitacional dividiu-se em dois níveis. No térreo, os espaços de serviço e convivência, e no elevado, as áreas íntimas dos quartos. Os compartimentos principais têm exposição solar a sul, os de serviço, a nascente, e os espaços secundários e de circulação a norte, concretizando uma organização de espaços irrepreensível³⁴.

³⁴ O acesso é antecedido por um *Pórtico de entrada* que o assinala e protege. O *Vestíbulo*, onde se situa a escada para o piso superior, distribui para a cozinha, para a sala e, a par, com o escritório. Por detrás da porta situa-se um armário bengaleiro. A partir daquele espaço de entrada e de ligação aos vários aposentos, acede-se, ainda, para o lado norte e através de uma antecâmara, a uma instalação sanitária e a um *Q. de Costura*.

A sala, em forma de L, sem ser compartimentada, divide-se, fluidamente, em três zonas: refeições, estar e escritório, ficando este último, assim como o acesso, junto à entrada da habitação. A área de estar possui lareira que, centrada na parede exterior oeste, ficou posicionada para ser visível, no enfiamento da porta, desde o hall. A sala de jantar tem acesso através da copa, junto à porta de ligação da entrada à cozinha³⁵.

Expostas a sul, quer a zona de jantar quer a de estar, prolongam-se para o exterior, através de amplos envidraçados, acompanhados por um alpendre que faz um controlo climático, permitindo o aquecimento solar de Inverno, e impedindo-o, no Verão. A continuidade do alpendre para o lado nascente, permite a existência aí, de um local de grelhador com espaço exterior coberto para a realização de refeições informais.

Ascendendo ao primeiro andar, chega-se a um vestíbulo, exactamente, sobreposto ao que fica na entrada, em baixo. De um modo semelhante ao nível inferior, este espaço de distribuição dá acesso a três quartos, que correspondem a cada uma das partes em que a sala se divide.³⁶

No nível elevado, um alpendre sobreposto ao da sala, do piso inferior, serve os três quartos de maiores dimensões, que ficam expostos a sul. O quarto pequeno situa-se no canto noroeste, possuindo fenestrações nesse cunhal. O mesmo acontecendo no escritório, fazendo no conjunto aumentar o “vazio”, na esquina.

A volumetria geral paralelepipedica da construção é coroada por uma cobertura de imagem tradicional, predominantemente, de quatro águas, onde se intersectam telhados de menor dimensão, resultantes dos volumes que se destacam do corpo principal.

Apesar daquele recurso a uma solução tradicional, a modernidade da solução das coberturas revela-se no facto de sobressaírem, em balanço, em todo o perímetro da edificação. A acompanhar o beirado, os telhados são rematados por caleiras, cujas tubagens de encaminhamento para a queda de água, pintadas de branco, assumem uma expressão arquitectónica intencional. As faces inferiores dos avançados das coberturas são revestidas por forras de madeira.

³⁵ Esta, está dividida em duas zonas: a de confecção propriamente dita e a referida copa, que é em simultâneo um espaço de circulação com acesso à garagem, e dá acesso a um conjunto de compartimentos secundários destinados ao *Q. da criada*, ao seu sanitário de apoio, à *Zona de lavar* e à despensa. A área de confecção sobressai do perímetro dominante, num volume, com janelas a acompanhar todo o perímetro dessa saliência, iluminando, naturalmente, esse espaço, totalmente envidraçado. Esta zona dispõe de um conjunto de bancadas e armários em todo o seu redor, apenas interrompido na passagem. Apesar de separada, esta zona fica visualmente ligada, quer à copa, quer à *Zona de lavar*. Foi depois desta área, contígua à cozinha, que se posicionou a despensa. A partir do espaço destinado ao tratamento de roupa, é possível aceder ao lado nascente do lote, constituindo um acesso secundário de serviço.

³⁶ Um pequeno corredor, junto à parte sul da escada, retira a visibilidade aos locais a que dá acesso: à casa de banho de serviço, que possui uma antecâmara com um lavatório, e ao quarto principal, que é antecedido por uma zona de vestir, com roupeiro, antes da entrada na instalação sanitária, que é exclusiva deste quarto.

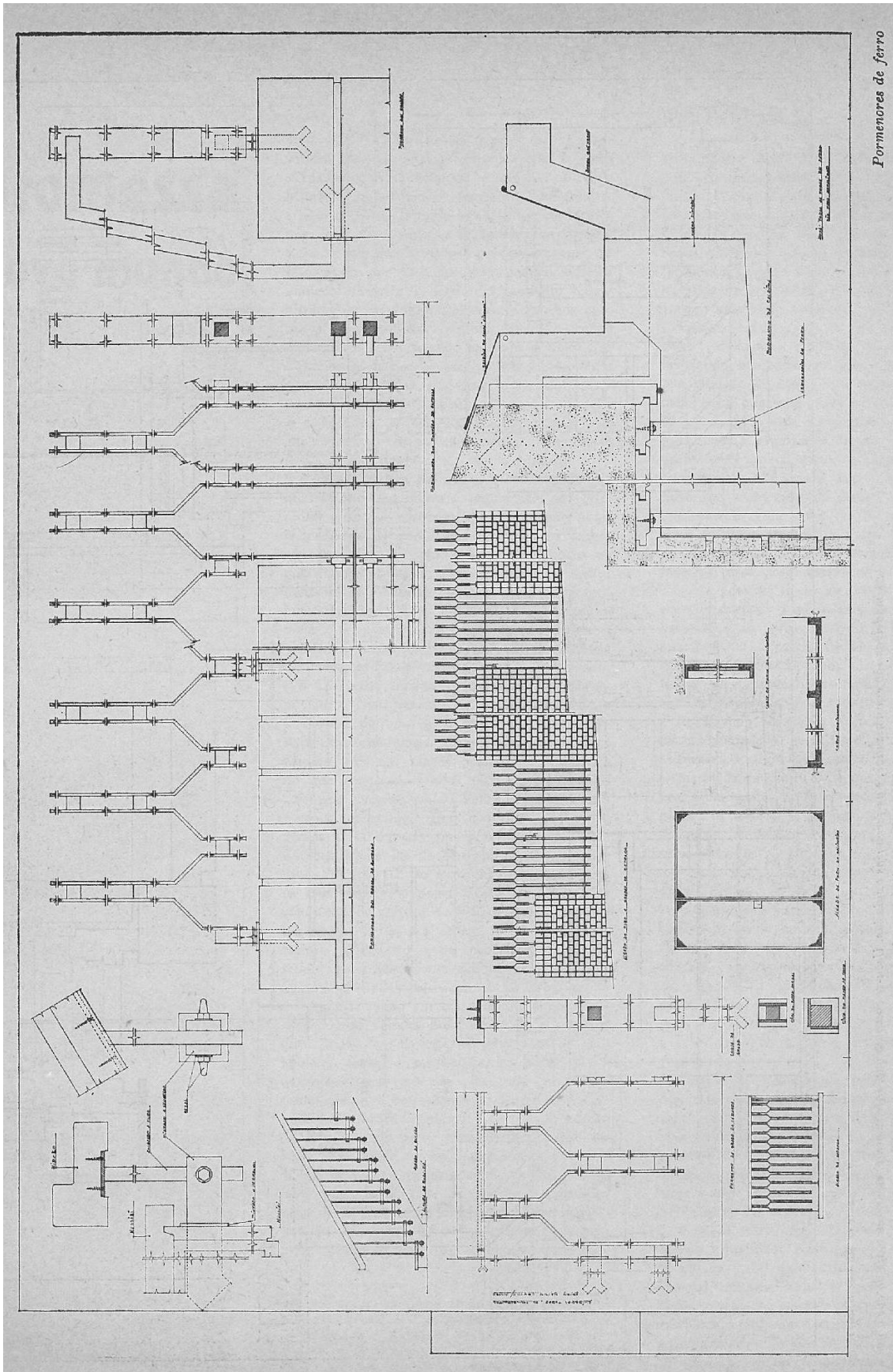
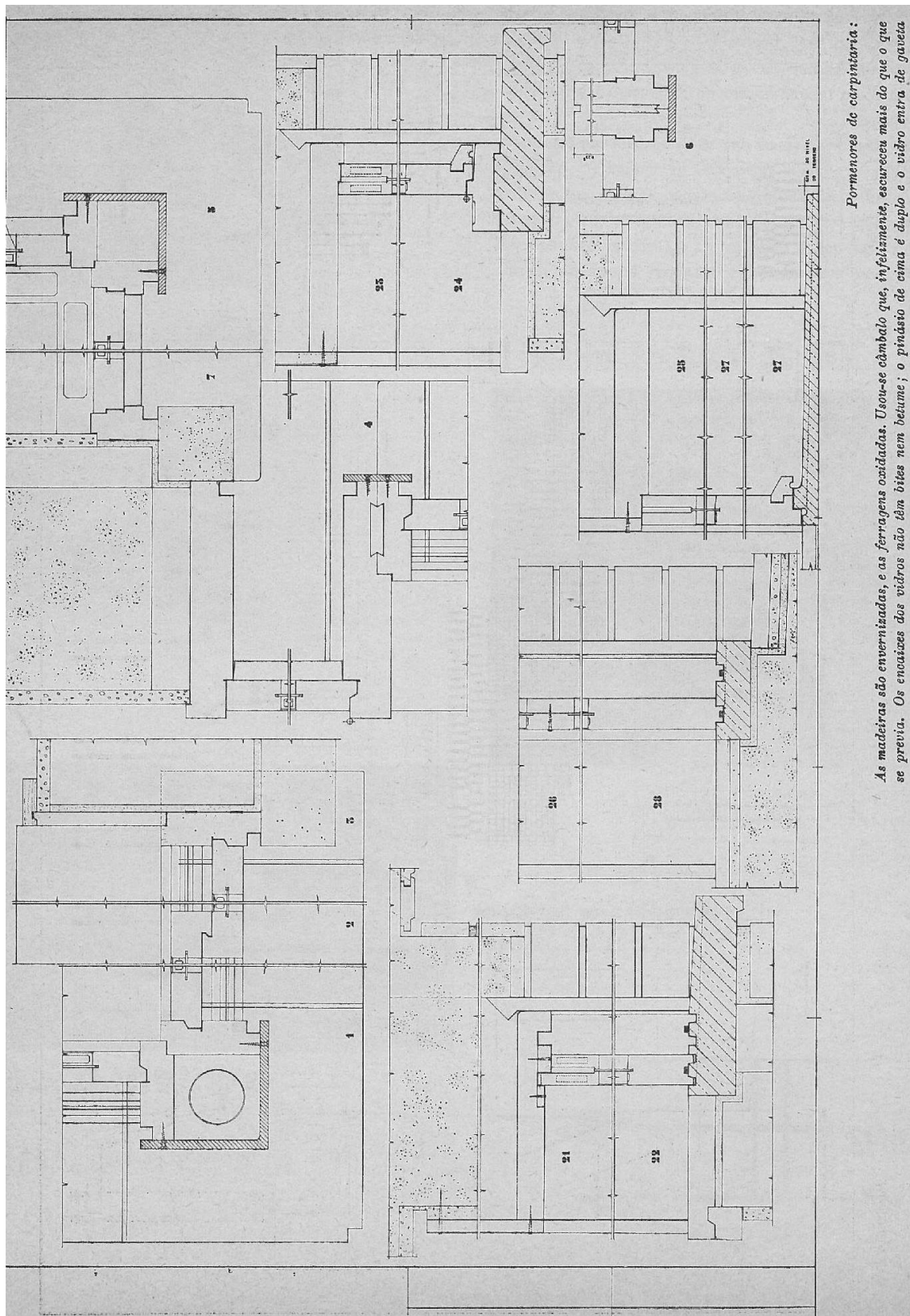


Fig. 19 – Detalhe do muro de separação do lote na zona dos acessos, e pormenorização das respectivas serralhas da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins. Fonte: *Binário*, 1966, p. 307.



Formeiros de carpintaria:

As madeiras são envernizadas e as ferragens oxidadas. Usou-se câmbolo que, infelizmente, escureceu mais do que o que se previa. Os encaixes dos vidros não têm bites nem betume; o pinústo de cima é duplo e o vidro entra de ganeta

Fig. 20 – Detalhes da construção das carpintarias da habitação unifamiliar de António Pereira Lucas Martins. Fonte: *Binário*, 1966, p. 308.

Como refere a legenda dos desenhos de pormenor das carpintarias;

As madeiras são envernizadas, e as ferragens oxidadas. Usou-se câmbalo que, infelizmente, escureceu mais do que se previa; os encaixes dos vidros não têm bites nem betume; o pinázio de cima é duplo e o vidro entra de gaveta (Binário, 1966, p. 308) (fig. 20).

Quer da leitura daquilo que se encontra construído, quer do texto do artigo da *Binário*, n.º 93, depreende-se a intensão de, neste projecto, se conjugar uma pretendida modernidade com vários aspectos arquitectónicos regionais. Esta vertente é acentuada pela utilização de materiais locais, como a pedra de Ançã e o xisto, bem como, pela releitura e reutilização de soluções tradicionais, de que são exemplo, o uso dos alpendres e de coberturas revestidas em telha de várias águas. A imagem assumidamente contemporânea, fica patente na composição arquitectónica dos espaços e dos vãos, nos balanços das coberturas, e nas caixilharias que, apesar de serem em madeira, possuem um desenho moderno.

3.1.2. Dois projectos divulgados na revista Binário

Além da habitação unifamiliar, tratada no ponto anterior, a revista *Binário*, que se dedicava à *Arquitectura, Construção e Equipamento* (fig. 15), publicou mais duas intervenções de Vasco Cunha na cidade do Mondego. Qualquer um desses trabalhos, desenvolveu-se sobre edificações pré-existentes. O número oitenta e quatro, daquela publicação, datado de 1965, divulgou o projecto de Um estabelecimento (Coimbra)³⁷, e o cento e seis, de 1967, a *Recuperação de um prédio, na alta de Coimbra*. Ambos surgem referidos como sendo da responsabilidade de AA – Arquitectos Associados, dupla que juntava Vasco Cunha e Rogério Alvarez³⁸. No entanto, a autoria destas duas intervenções é só do primeiro, como o próprio nos testemunhou.

³⁷ Esse número da *Binário* divulgou, igualmente, outros estabelecimentos comerciais de Coimbra, então, recentemente realizados. Uma primeira leitura levaria a crer que seriam todos do mesmo projectista, o que não se verifica, como nos referiu Vasco Cunha.

³⁸ O *atelier* situava-se na Avenida Fernão Magalhães, n.º 171, 3.º andar. A parceria com o arquitecto Rogério Alvarez durou alguns anos (Vasco Cunha não conseguiu precisar o tempo que subsistiu esta sociedade, que terá começado aquando da realização do projecto do edifício Panorama, a que adiante nos dedicaremos, e terminado nos primeiros anos da década de 1970). De acordo com Vasco Cunha, Rogério Alvarez, sendo uma pessoa correctíssima – *Com ele, as contas eram sempre certas* – era pouco disciplinado. *O Rogério não tinha juízo, saía antes das cinco para ir ver as miúdas a passar na Baixa e os desenhadores ficavam parados a aguardar indicações*. O próprio Alvarez tomou a atitude de desfazer a sociedade e alugou um espaço ao velho Baptista de Almeida, que era seu padrinho de casamento, num edifício por ele projectado para a Rua dos Combatentes, com acabamento em tijolo amarelo. *Ele investiu ali barbaridades*. Quando se divorciou foi viver para Ega. *Depois do 25 de Abril militou no MDP e, ainda, esteve na Assembleia Municipal*. Faleceu vítima de cancro.

3.1.2.1. A sapataria Romeu

Situada em plena via comercial coimbrã, na Rua Visconde da Luz, número dezasseis, a intervenção criou a moderna loja da sapataria Romeu, constitui um exemplo de uma remodelação de um edifício do século anterior, dotando-o de nova linguagem, característica da década de 60, que, com uma operação contrastada, procurava corresponder à dinâmica comercial então registada.

O espaço ocupado pelo estabelecimento distribui-se pelo rés-do-chão e primeiro andar, estando o acesso ao público restrito à primeira parte do piso térreo, pois na divisão posterior e no piso elevado, encontram-se os armazéns³⁹.

Para sobressair no conjunto da fachada, onde se integra, a frente foi objecto de tratamento plástico: com um único vão em toda a largura do piso térreo, apenas ficando um pilar em cada lado. O estabelecimento e a entrada ficaram destacados pelo paramento que, ao nível do primeiro andar passou a ter a forma de um quadrado, onde, inferiormente, foi feito um recorte, com um efeito de semicírculo em cada extremidade que, estilizadamente, define um lintel da porta. Este efeito é repetido, simetricamente, no lado superior.

O revestimento em pedra substituiu o anterior painel de azulejos que passou a só existir, superiormente. Integra os dois pequenos vãos do armazém, e o nome do estabelecimento que assume um tipo de letra arredondada, onde, propositadamente, se destaca o R, distribuindo o nome “Romeu”, regularmente em todo o comprimento. As duas janelas, do piso superior do estabelecimento, têm os cantos ligeiramente arredondados e, pela escala que assumem, ficam pouco evidenciadas (fig. 21).

Justificada pela reduzida frente de loja, foram previstas vitrinas nos primeiros metros da entrada, a que se segue, um primeiro local com montras interiores e lugares para provas, terminando num espaço mais amplo. Este, foi moldado de modo a que, as paredes interiores ficassem arredondadas, integrando, do lado esquerdo, uma escada para o piso superior e, do direito, um banco corrido, destinado às provas do calçado, que termina em curva em cada extremidade. Os locais de exposição de artigos ficaram integrados nos paramentos e uma mesa de atendimento, de tampo e pé em pedra, associa-se à estrutura geral da disposição do equipamento (fig. 23).

A dificuldade deste projecto consistiu em superar os constrangimentos da pré-existência, que possuía uma frente exígua e um primeiro desenvolvimento do espaço marcadamente estreito,

³⁹ Os acessos aos armazenamentos ficaram, propositadamente, pouco visíveis: o do nível térreo, próximo do atendimento dos clientes, tem a porta “oculta” pela configuração dada ao fundo do estabelecimento, pois situa-se na parte posterior. No lado esquerdo e na perpendicular à direcção da entrada, num recanto que resulta do arredondamento dado pela modelação dada a este último espaço, posiciona-se a passagem para o armazém do piso elevado que se faz através de uma escada de elegante arranque helicoidal. O ingresso de serviço ao piso inferior, localiza-se no lado oposto, por detrás do banco corrido, a acessibilidade, igualmente discreta, é feita através de uma porta dissimulada, no lado direito, entre o fim da primeira área de provas e o fundo da loja, que dá acesso a uma antecâmara do sanitário do estabelecimento e da referida escada.

com pés-direitos e elementos construtivos limitativos, a que se adicionavam as complicações de licenciamento, por causa das necessárias autorizações devidas à proximidade a monumentos classificados, nomeadamente, à Igreja de Santa Cruz. Disso, começa por dar conta o texto que acompanha a divulgação do projecto na *Binário*:

Das dificuldades em elaborar um projecto com as características que o presente caso contém, é, de maneira geral, conhecedora a maioria dos arquitectos: localização em zona de protecção, precária construção dos edifícios, limitação de espaço e má organização dos mesmos, etc (Binário, 1965, p. 922).

Como esclarece o texto que descreve e justifica este projecto a concretização da obra teve de ultrapassar dificuldades:

a este programa de condicionantes temos ainda a acrescentar a má qualidade da mão-de-obra local, que por circunstâncias várias se encontra agravada, obrigando a mudanças bruscas de adaptação à mesma, que afectam a unidade do conjunto (Binário, 1965, p. 922).

A solução preconizada atingiu um duplo objectivo: aumento da área de exposição e redução do efeito de corredor no acesso da loja⁴⁰. A entrada procura prolongar o percurso do passeio, adoptando a calçadinha no pavimento, onde foi repetido o R, que identifica o nome do espaço comercial (fig. 22).

A distinção deste comércio na frente urbana foi realizada através do tratamento parietal, atrás descrito, que é claramente diferente do prédio e do conjunto onde se insere, e que esteve para ser outro, de acordo com o que esclarece o artigo:

O material de revestimento de fachada que passou de betão aparente, a calcário bujardado, ficando com «ar de novo» não pela forma, mas pela cor do material empregue, quando em contraste com os edifícios vizinhos e principalmente com a igreja de Santa Cruz (Binário, 1965, p. 922).

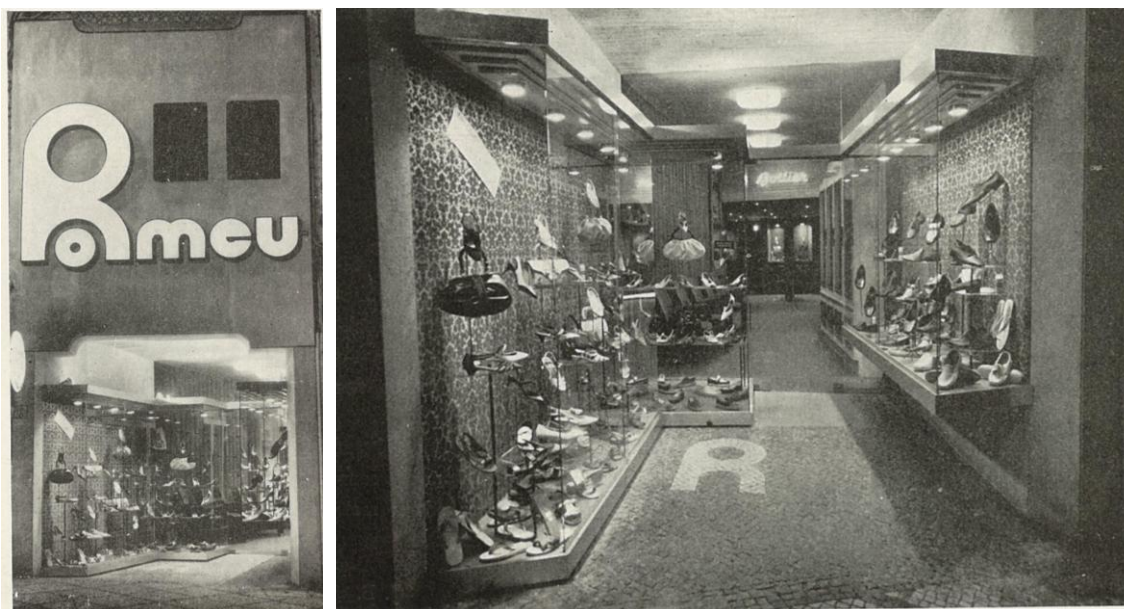
Além da necessidade de alterar o material de acabamento da fachada principal,

dada a pouca plasticidade da pedra, os remates das montras deixaram de ser curvos alterando a unidade formal do conjunto (Binário, 1965, p. 922).

Apesar das condicionantes que afectaram a concepção e a materialização do projecto,

⁴⁰ Soluções deste tipo encontram-se sugeridas, na p. 266, dedicada a “Bazares, Lojas”, no livro de referência, *A Arte de Projectar em Arquitectura*, de Ernest Neufert. Como se pode ver aí, é sugerido, em algumas ilustrações, situações parecidas, explicando o texto, que as acompanha, que, *Em fachadas estreitas, pode-se aumentar a superfície das vitrinas recuando a porta. A forma escalonada melhora as condições de visibilidade.*

O interior, mau grado a já apontada má qualidade da mão-de-obra, conseguiu em parte, e em nosso entender, atingir o objectivo proposto: fluidez do espaço à custa do movimento das paredes, já que, quanto ao tecto, estávamos sujeitos a pés-direitos pré-determinados (Binário, 1965, p. 922).



Figs. 21 e 22 – Fachada e vitrinas da entrada da sapataria Romeu. Fonte: *Binário*, 1965, p. 922.

Ainda se encontra no local este estabelecimento que, no entanto, foi alvo de remodelação no final do século XX. Essa intervenção, pretendendo actualizar este espaço comercial, realizou a alteração de alguns dos revestimentos, mantendo-se, no entanto, as características da organização espacial feitas por Vasco Cunha, em 1965. Se o grande contraste com o pré-existente, assumido pelo projecto, introduziu elementos que, aos olhos de hoje, se podem considerar dissonantes para com a edificação onde se insere⁴¹, esta loja não deixa de constituir um exemplo das intervenções de modernização do comércio, de época, então ocorridas.

⁴¹ Além da utilização da pedra de Ançã e das letras da publicitação da obra, em aço inox, o grande contraste resulta da descontinuidade com a edificação base que, nos pisos seguintes tem os paramentos revestidos a azulejo, azul e branco, e, apesar da pequena frente do prédio, dois vãos de janelas centrados na fachada dividindo-a simetricamente e, em grande parte, vazando-a.

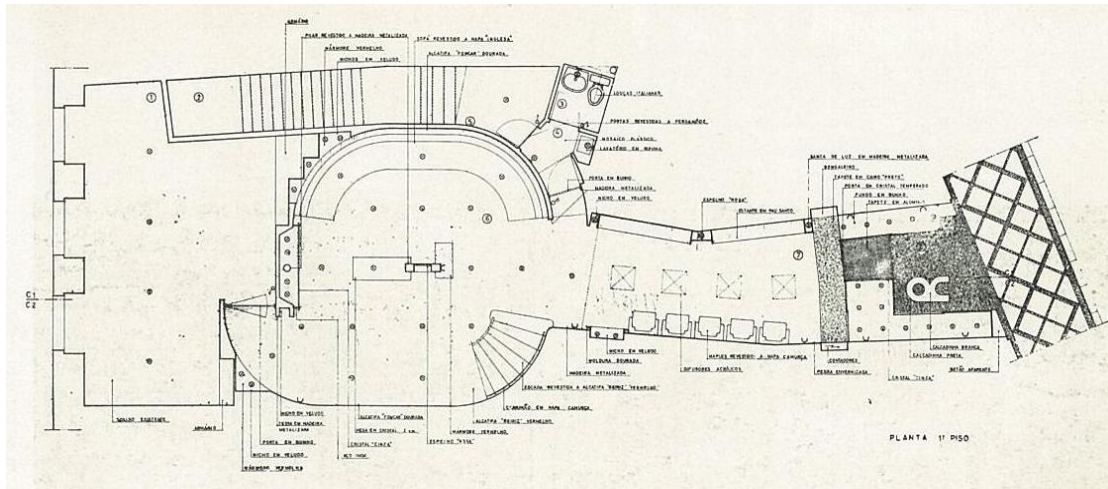


Fig. 23 – Planta do piso térreo da sapataria Romeu. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

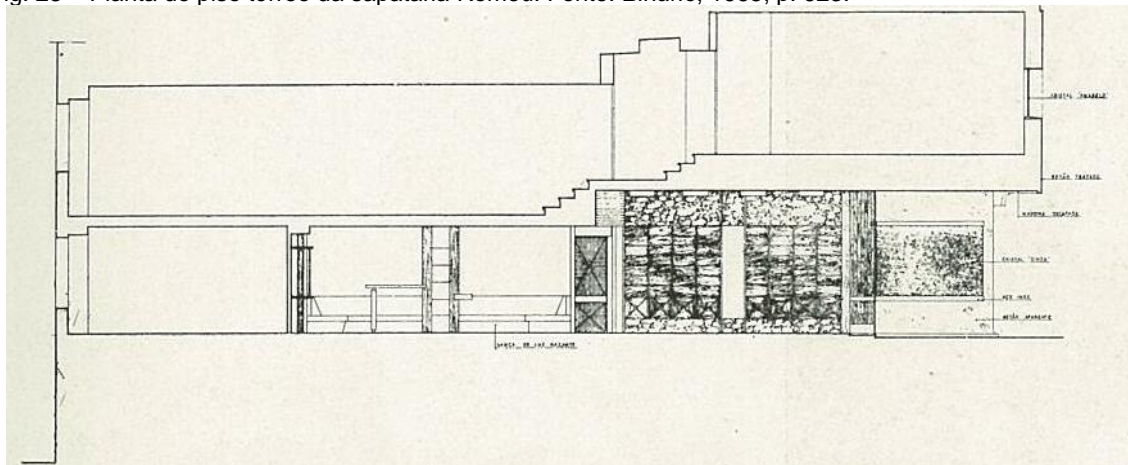


Fig. 24 – Corte 1, transversal, que evidenciava o lado esquerdo do estabelecimento da sapataria Romeu. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

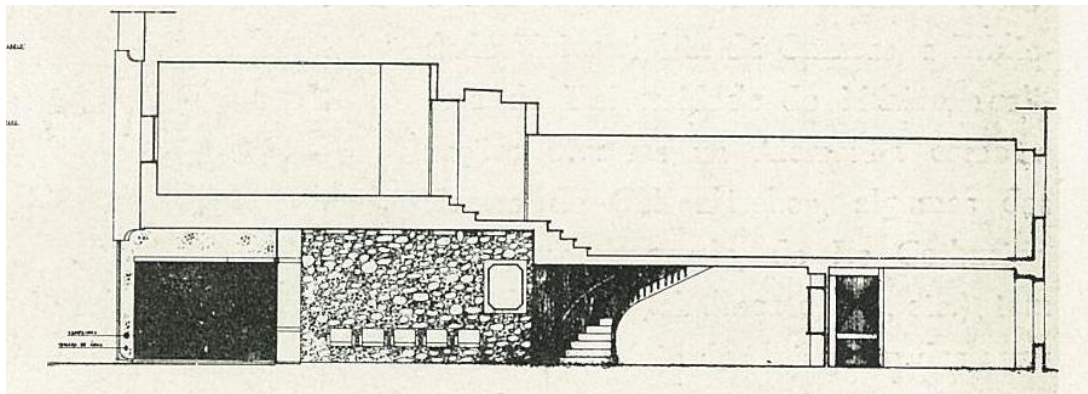


Fig. 25 – Corte 2, transversal, que evidenciava o lado direito do estabelecimento da sapataria Romeu. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

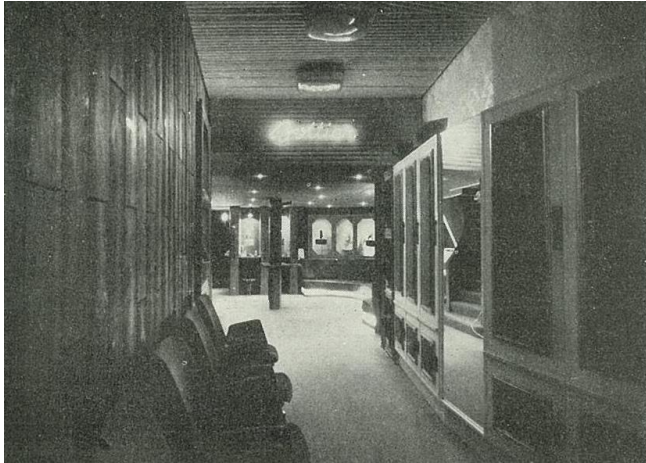


Fig. 26 – A zona da entrada da sapataria Romeu, aquando da remodelação, em 1965. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

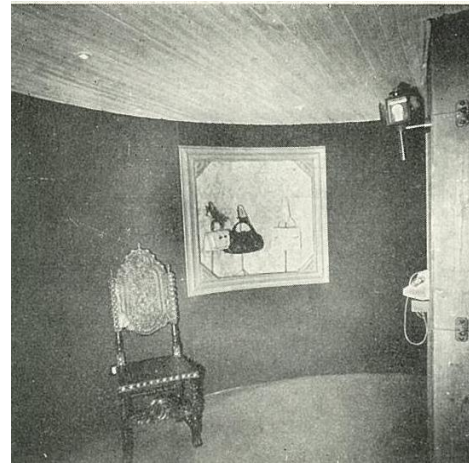


Fig. 27 – Recanto do acesso ao armazém da sapataria Romeu. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

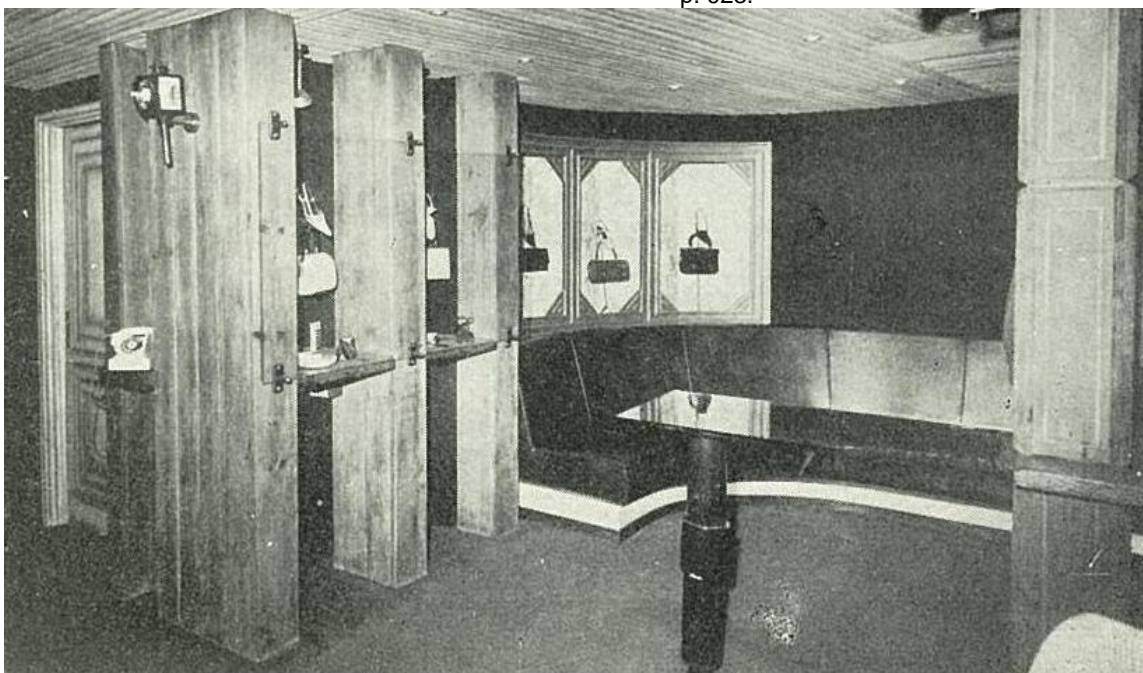


Fig. 28 – O local de atendimento e das provas da sapataria Romeu, após a remodelação de meados da década de 60. Fonte: *Binário*, 1965, p. 923.

3.1.2.2. Recuperação de um prédio na Alta de Coimbra

Vasco Cunha projectou para o Dr. João de Castro Corte-Real, a recuperação de um edifício, realizada pelo construtor conimbricense A. Baptista de Almeida (*Binário*, 1967, p. 10). Trata-se de uma precoce e esclarecida operação que, contrariamente ao generalizado nas intervenções então feitas em edifícios antigos, foi no sentido da preservação de um património arquitectónico corrente, o que implica uma clara consciência de que além dos monumentos, também

deveriam ser reconhecidos os valores patrimoniais dos conjuntos urbanos, o que só nessa época passou a ficar estabelecido em documentos de reconhecimento internacional⁴².

Sob estes e outros aspectos, é elucidativo o texto que acompanhou a divulgação do projecto naquela publicação especializada:

Para quem conheça um pouco mais de perto as razias sistemáticas a que esta cidade de Coimbra tem estado sujeita, por certo teria estranhado que alguém tentasse recuperar uma casa com frente única de 5 m, já que a parte posterior é totalmente absorvida por um muro de suporte, e as laterais pelas empenas dos prédios vizinhos.

Desde a primeira hora e mau grado o estado geral do edifício, pareceu-nos que o mesmo poderia ser recuperado, evitando assim mais uma solução de descontinuidade das fachadas em banda da Couraça de Lisboa. Assim, toda a óptica em que o edifício foi analisado, foi o de conseguir dentro do espírito da época, aproveitar ao máximo os materiais empregues, revitalizando simultaneamente o seu funcionamento pela criação do tipo de habitação que mais rareia na cidade ou seja o apartamento, criando-lhes ambientes próprios com os materiais tradicionais e sem qualquer espécie de «pastiche». Julgamos mesmo, e com a maior sinceridade, que o maior mérito que a obra tem é o de termos conseguido neste pequeno troço de rua, salvar aquilo que vem sendo hábito demolir. Saliente-se ainda a excepcional panorâmica sobre o Mondego que se vislumbra das pequenas janelas que a enquadram perfeitamente.

Todos os pavimentos são em tijoleira cerâmica hexagonal, com excepção da escada que é em madeira de pinho trabalhada à enxó. As paredes interiores são em chapiscado áspero com caiação, bem assim como os tectos. Na sala do primeiro andar conseguiu-se aproveitar as velhas vigas em carvalho que emprestam ao ambiente um «sabor» especial. Toda a caixilharia interior é em pinho tratado e encerado, com ferragens em ferro forjado tal como o corrimão da escada. As cozinhas e as instalações sanitárias encontram-se revestidas com azulejos decorativos e pavimentos vinílicos (Binário, 1967, p. 10).

O projecto ocupou os três pisos da edificação que, depois de remodelada, passou a ter duas habitações, sendo a térrea a mais elementar. Esta é constituída por um só compartimento, que servirá de sala e quarto, para onde se entra directamente, da rua. No topo daquele único espaço habitacional, uma pequena bancada contém os elementos básicos da cozinha. Por detrás desta, encontra-se a instalação sanitária.

Um acesso independente desta habitação permite a entrada, no piso térreo, ao fogo que se desenvolve nos pisos superiores e que neste nível apenas tem o corredor da entrada e, no topo, a par com as instalações sanitárias e bancada da cozinha da outra residência, uma escada helicoidal que se desenvolve relacionando todos os andares (figs. 29 e 30).

⁴² Sobre a evolução das recomendações internacionais e o alargamento da noção de património, do monumento a conjuntos urbanos, onde são principais referências a Carta de Atenas, de 1931, e a de Veneza, de 1964, (Lopes e Correia, 2004).

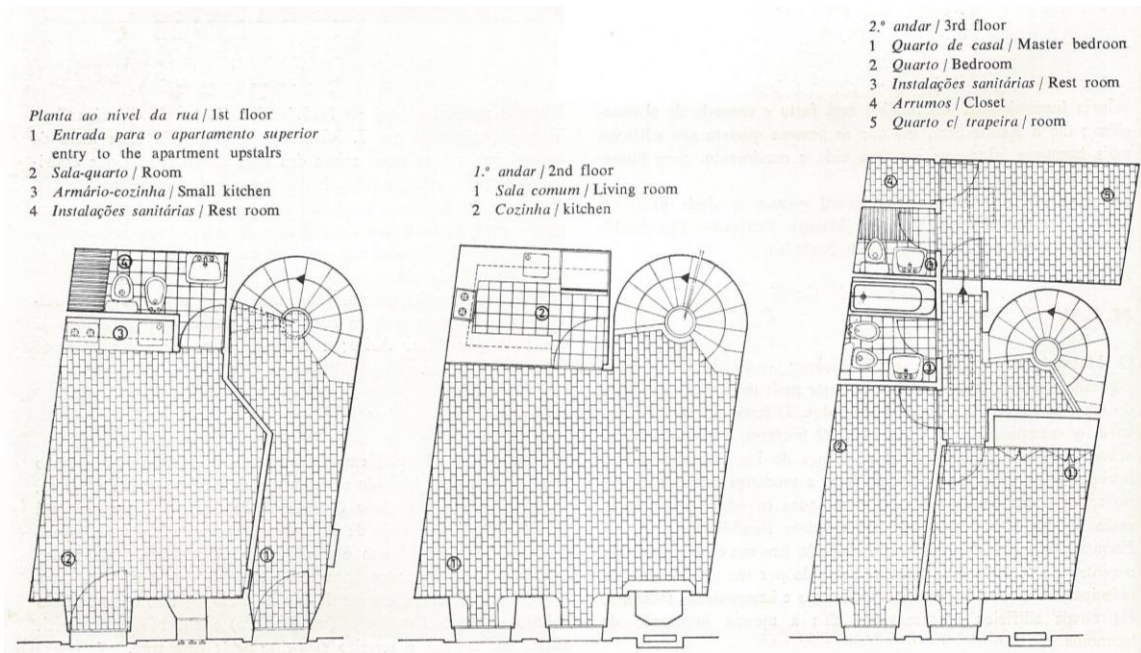


Fig. 29 – Plantas dos vários níveis de um edifício da Alta de Coimbra remodelado segundo um projecto de Vasco Cunha. Fonte: *Binário*, 1967, p. 10.

No primeiro piso elevado, este fogo possui a sala comum voltada para a frente, onde tem duas janelas e uma lareira (figs. 29, 31 e 32), e uma cozinha interior, no local que, na habitação do piso inferior, corresponde ao conjunto do sanitário e a bancada onde se confeccionam refeições.

O segundo e último andar, comporta três quartos (figs. 33 e 34): dois voltados para a rua e um terceiro, na traseira da propriedade, faceado aos muros de suporte. Este quarto que ocupa a área que, nos pisos inferiores é preenchida por terras, tem iluminação e ventilação obtidas por um vão de claraboia. Este aposento interior possui um roupeiro individualizado e sanitário próprio, que foram posicionados na parte posterior do sanitário de serviço aos outros dois quartos. Como refere o artigo que transcrevemos, as janelas da fachada permitem observar interessantes vistas panorâmicas (figs. 34 e 35).



Fig. 30 – Arranque das escadas helicoidais. Fonte: *Binário*, 1967, p. 11.

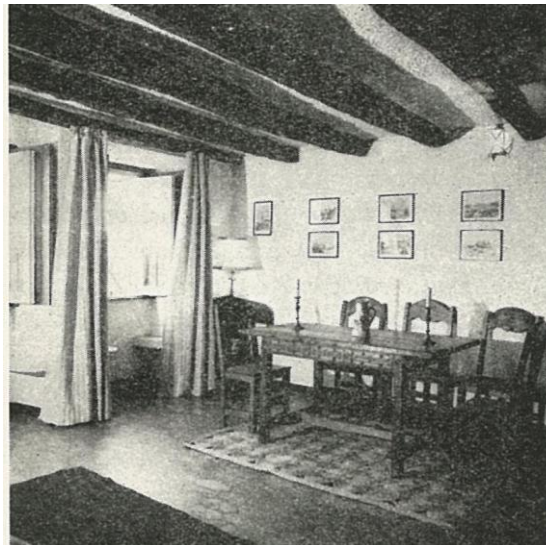


Fig. 31 – A zona de refeições na sala. Fonte: *Binário*, 1967, p. 11.

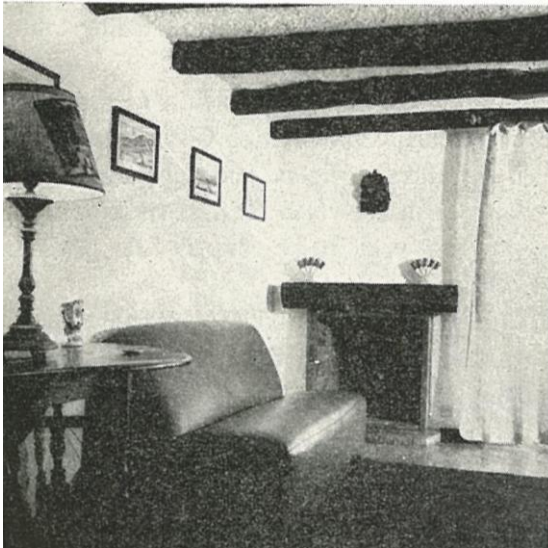


Fig. 32 – A zona da lareira. Fonte: *Binário*, 1967, p. 11.



Fig. 33 – Vista de um dos quartos. Fonte: *Binário*, 1967, p. 11.



Fig. 34 – Vista de um dos quartos e das vistas para o Mondego, observáveis da sua janela. Fonte: *Binário*, 1967, p. 11.

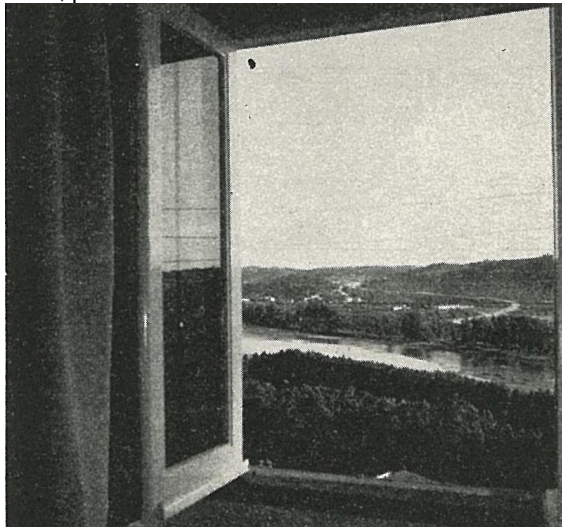


Fig. 35 – Vista do Mondego, observável das janelas. Fonte: *Binário*, 1967, p. 10.

3.1.3. Edifício de habitação plurifamiliar na Rua Sá de Miranda

Como profissional liberal, um dos primeiros edifícios mais relevantes que Vasco Cunha realizou foi o bloco de habitação colectiva, situado na Rua Sá de Miranda, n.º 68, em Coimbra. Datando o projecto de Setembro de 1963-64, o seu promotor foi António Campos Bento Rodrigues⁴³.

Trata-se de um edifício plurifamiliar, dividido em duas alas de apartamentos, distribuídos em esquema de esquerdo direito (2.2 e 2.3 do Anexo III). Para resolver e harmonizar a diferença de cotas, e se adaptar à inclinação do arruamento, para onde tem frente, os dois corpos que compõem o edifício, foram desfasados meio piso (2.5 do Anexo III).



Fig. 36 – Vista do alçado principal, do edifício plurifamiliar, construído para António Campos Bento Rodrigues, na Rua Sá de Miranda em Coimbra.

⁴³ O projecto inicial está identificado, nas legendas desses desenhos, como 7/63, e já refere o escritório como estando localizado na Avenida Fernão de Magalhães, 171, 3.º, em Coimbra. Os elementos desenhados referentes a este projecto encontram-se no Rolo 111, Mesa 3 (APVC). O licenciamento camarário está identificado pelos Serviços da CMC como Processo n.º 547/65. Veja-se o conjunto dos desenhos, existentes no APVC, referentes a este projecto, em 1.3 do Anexo III.



Fig. 37 – Vista do alçado lateral esquerdo, do mesmo edifício.



Fig. 38 – Vista do alçado lateral direito do edifício plurifamiliar.



Fig. 39 – Vista do lado sudeste, da fachada posterior.



Fig. 40 – Vista da fachada posterior, do edifício plurifamiliar.



Fig. 41 – Vista do lado noroeste, da fachada posterior.

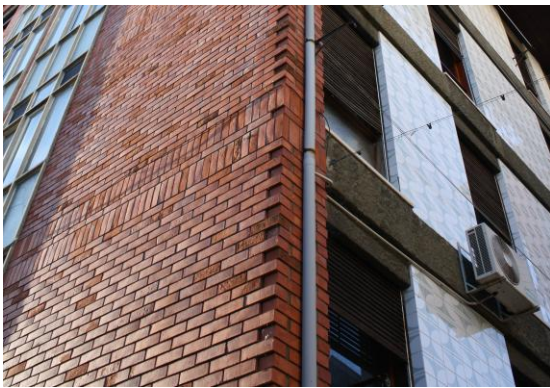


Fig. 42 – Efeito do aparelho de tijolo do cunhal sudeste, da fachada posterior.



Fig. 43 – A entrada no edifício.



Fig. 44 – Vista da escada interior.



Fig. 45 – Vista do átrio.



Fig. 46 – Pormenor das varandas.



Fig. 47 – Detalhe dos painéis de azulejo, cujo módulo e padrão foi concebido por Carlos Loureiro.

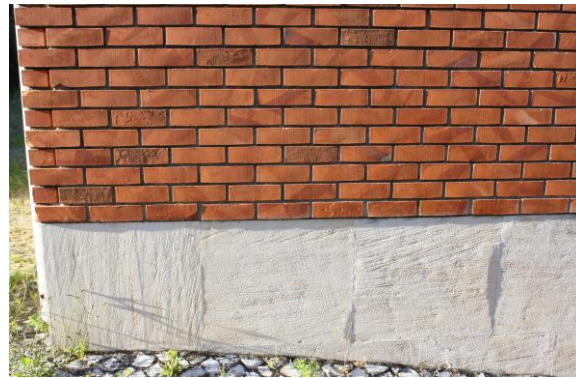


Fig. 48 – Soco em pedra de Ançã e arranque do revestimento em tijolo, aplicado no mesmo edifício.

Aproveitando a redução de cota, que acontece na parte sul, o conjunto que aí se implanta, possui mais um nível destinado a cinco garagens individuais⁴⁴ (2.1, 2.6, 2.7, 2.8 e 2.9 do Anexo III).

O corpo do lado esquerdo possui quatro pisos e o do lado oposto, o mesmo número, e mais uma cave, destinada aos estacionamento, que aludimos atrás. A entrada para o edifício realiza-se, sensivelmente, a meio da parcela e o percurso do acesso é frontal à porta. O vestíbulo, com a cota de soleira semelhante à do primeiro fogo, do lado norte, reduz a área da habitação térrea desse lado. Descendo e subindo os primeiros lances de escada, acede-se ao piso térreo e ao primeiro andar, das habitações localizadas na parte sul. Ascendendo, a partir daí, ao lance seguinte, chegamos ao patamar de entrada da parte norte e, assim, sucessivamente (2.5 do Anexo III).

⁴⁴ O acesso à parte posterior do logradouro, onde se situam as portas daqueles parqueamentos, é realizado a partir do arruamento, aproveitando a cota mais baixa para reduzir a inclinação do percurso, que desce a acompanhar a fachada lateral direita.

A planta do corpo do lado sul é um quadrado e a do lado oposto, com, aproximadamente, as mesmas medidas, adopta aquela forma base mas, recua-a e recorta-a, de modo a acompanhar a curva do arruamento, que delimita a frente da propriedade. Os fogos da banda norte têm quatro quartos e os da do sul, três de menores dimensões, e mais um destinado à criada (2.3 do Anexo III)⁴⁵.

O edifício foi construído com estrutura em betão armado, com as paredes divisórias, interiores e as exteriores, em alvenaria de tijolo, sendo estas, duplas e, em grande parte, tirando partido plástico do tijolo à vista, com o aparelho formando alguns efeitos decorativos, em particular, nos cunhais e na marcação das alturas, correspondentes aos pavimentos.

A composição arquitectónica da fachada principal equilibra as linhas horizontais dominantes, com várias marcações verticais, obtidas por cheios e vazios de massas, e por alinhamentos, ao mesmo tempo que é reforçada pela disposição de materiais de revestimento, como os painéis de azulejo, os topos dos paramentos em alvenaria, forrada a tijolo, e outros elementos dispostos a prumo, como as serralharias das guardas das varandas (2.7 do Anexo III e fig. 36).

A frente do corpo do lado sul, que fica exposta a poente, tem, nos níveis superiores, uma varanda contínua, a acompanhar as distintas áreas da sala. Para reforçar o efeito de cheio vazio, em frente aos paramentos, as serralharias das guardas são substituídas por uma floreira. Este alçado principal, no corpo norte, é, assimetricamente, dividido em dois, correspondendo a um recuo dos volumes. Desse modo, passam a existir duas varandas (2.3 e 2.7 do Anexo III e a fig. 36).

O alçado lateral esquerdo, voltado a norte, não possui fenestrações, dividindo as paredes cegas, em três partes resultantes da saliência do volume central que, interiormente, corresponde a um dos quartos. A valorização parietal foi conseguida através de cuidado tratamento no aparelho de tijolo à vista (2.8 do Anexo III e fig. 37).

⁴⁵ Os apartamentos do lado sul, possuem a sala num espaço contínuo, servido de portas que os individualizam, definindo três zonas – escritório, estar e refeições. A partir da entrada, que possui roupeiro atrás da porta, acede-se à área do escritório e a um segundo vestíbulo. A excepção é o apartamento situado no nível do acesso, pois a área ocupada pelo espaço da entrada, levou à redução da sala desse fogo que, em relação aos que o encimam, ficou sem a zona do escritório. O referido compartimento de distribuição, dá acesso à sala comum, à cozinha que fica em frente, e a um terceiro espaço de hall. A área íntima dos quartos, possui, três quartos, servidos por janelas da fachada posterior. O principal possui zona de vestir, com roupeiro e sanitário próprio, que antecede a entrada no aposento. Os outros dois cómodos possuem, entre eles, a casa de banho que os serve. Esta, possui antecâmara com lavatório a anteceder o local onde se encontram os equipamentos regulamentares. A área de confecção é antecedida pela copa, existindo uma despensa logo atrás da porta. A cozinha tem comunicação directa com a sala de jantar e ao tratamento de roupa. Este, localiza-se numa marquise, por onde se acede a um sanitário de apoio e ao quarto da empregada (2.3 do Anexo III).

As habitações que se localizam, no volume implantado à cota superior, no lado norte, adoptam o mesmo programa, com mais um quarto: a sala possui as mesmas três áreas, mas o escritório, mantém-se junto ao acesso, tornando-o mais individualizado. Neste caso, também a sala de estar tem acesso directo a partir do *hall*. Esta área de entrada dá ligação a um segundo compartimento, de distribuição interior, que comunica com a zona privada, com o local de confecção das refeições e a sala de jantar. Complementam a cozinha, as restantes áreas de serviço, como a despensa, situada junto à porta, a marquise, para o tratamento de roupa, assim como, um sanitário de apoio e um espaço interior, destinado a arrumos, que substitui o que nos apartamentos do outro lado, corresponde ao aposento da serviçal. Os quatro quartos são antecedidos por um corredor, dotado de um roupeiro que ocupa toda a extensão, e dá acesso ao sanitário geral de apoio. O quarto principal é servido directamente por um sanitário (2.3 do Anexo III).

O alçado lateral direito, exposto a sul, é marcado pela textura do revestimento do tijolo maciço à vista, tendo a composição arquitectónica concentrado, sensivelmente a meio da fachada, a disposição dos vãos da cozinha e da marquise, fazendo, com eles, marcações verticais. Para reforçar esse efeito visual, o paramento sob as janelas da cozinha, contrariamente à restante superfície, possui acabamento em reboco pintado de branco. Mantendo-se de nível, o soco em pedra calcária de Ançã que, na frente tem altura reduzida e vai, consoante se desenvolve o desnível, ganhando maior expressão, servindo o claro dessa superfície para, visualmente, “elevar” o paramento superior desta frontaria (2.3, 2.8, do Anexo III, e figs. 38 e 48).

Devido ao desfazamento de um piso e meio, na altura que se verifica na implantação de cada um dos blocos, o alçado posterior surge, claramente, dividido nessas duas partes. Por não possuírem varandas ou outros corpos muito salientes forma uma frente, predominantemente, plana. O volume do lado sul é marcado pelas portas das garagens, em madeira exótica, o reboco chapiscado, na cor cinza, que reveste os pilares entre aqueles vãos, e as vigas que criam uma superfície escura que destaca o paramento superior, refletindo a luminosidade do azulejo, que só é entrecortado pelos vãos e pelas marcações horizontais das vigas e lintéis. O corpo do lado oposto encontra-se solucionado com os mesmos elementos, apenas, não registando, os acabamentos da cave, porque a não possui.

Em síntese do que temos vindo a descrever, a resolução geral dos acabamentos passou pela utilização do revestimento de tijolo nos paramentos laterais e os que lhe são paralelos, fazendo com que os seus topos, formem linhas verticais escuras, na fachada principal e posterior, ao mesmo tempo que enriquecem as laterais, que são menos extensas. Desse modo, o frontispício e o tardoz, ficam destacados pela claridade da superfície de azulejo, cujo desenho do módulo e padrão é da autoria do arquitecto Carlos Loureiro. Os restantes revestimentos reforçam as intenções da composição: madeiras exóticas utilizadas nas caixilharias, nas forras da face inferior das lajes das varandas e palas, nos portões das garagens e nos estores, contribuem para acentuar as superfícies que se pretendiam mais escuras. Efeito semelhante é obtido com o reboco chapiscado cinza, que reveste o betão nos elementos em consola, vigas, lintéis e alguns pilares; pelo contrário, a pedra, acentua as marcações claras, quer horizontais, como acontece no soco, quer verticais, preenchendo o espaço sob os parapeitos das janelas.

O conjunto dos elementos arquitectónicos utilizado, anteriormente descrito, com os seus efeitos de claro-escuro e de marcação de linhas horizontais e verticais, resultam numa composição harmonicamente ordenada e equilibrada.

As zonas comuns do prédio foram alvo de cuidadoso detalhe, notando-se um prolongamento da utilização do tijolo para o átrio e escadas. Estas, que não encostam às paredes, ficam suspensas, e não interrompem o revestimento do tijolo das paredes. O pavimento das escadas é realizado em pedra de lioz de Sintra que, no átrio, é conjugada com mármore verde de Viana. A configuração das serralharias foi utilizada nas protecções dos muros exteriores, nas guardas

das varandas e das escadas, contribuindo para a unidade do conjunto, que foi reforçada por um controlo de projecto obtido através da realização de abundantes desenhos de detalhe⁴⁶.

A solução patente nos desenhos do projecto inicial, datados de Setembro de 1963, previa uma cobertura plana. No entanto, o que se encontra construído é uma cobertura de múltiplas águas, terminando com um beirado em caleira, que não se harmoniza com o coroamento original do edifício, que se salienta na fachada principal e posterior. Estas alterações, introduzidas ao projecto, não foram efectuadas de acordo com o arquitecto.

3.1.4. O Edifício Panorama

O local onde se implantou o bloco habitacional do Edifício Panorama foi alvo de uma reformulação urbanística, promovida pela CMC, na década de 60, que introduziu uma nova via de entrada na cidade – a Rua de Aveiro – deu continuidade à Rua do Infante D. Henrique e estabeleceu as regras urbanísticas para a ocupação daquele lugar⁴⁷ (figs. 49 e 50).

⁴⁶ Vejam-se os desenhos de pormenor reproduzidos em 2.19. do Anexo III.

⁴⁷ Data de Janeiro de 1960 a iniciativa da CMC para proceder à implementação da Rua de Aveiro, com o objectivo de criar uma nova via de acesso à cidade. Nesse ano o urbanista Antão de Almeida Garrett emitiu um parecer sobre o género de edificações e cêrceas, que não teve acolhimento na Câmara. Quatro anos depois foi apresentada uma maquete que já continha o conjunto dos edifícios que vieram a ser aí implementados. A primeira dessas construções a ser realizada foi o Edifício Panorama (Duarte, 2010, p. 197).

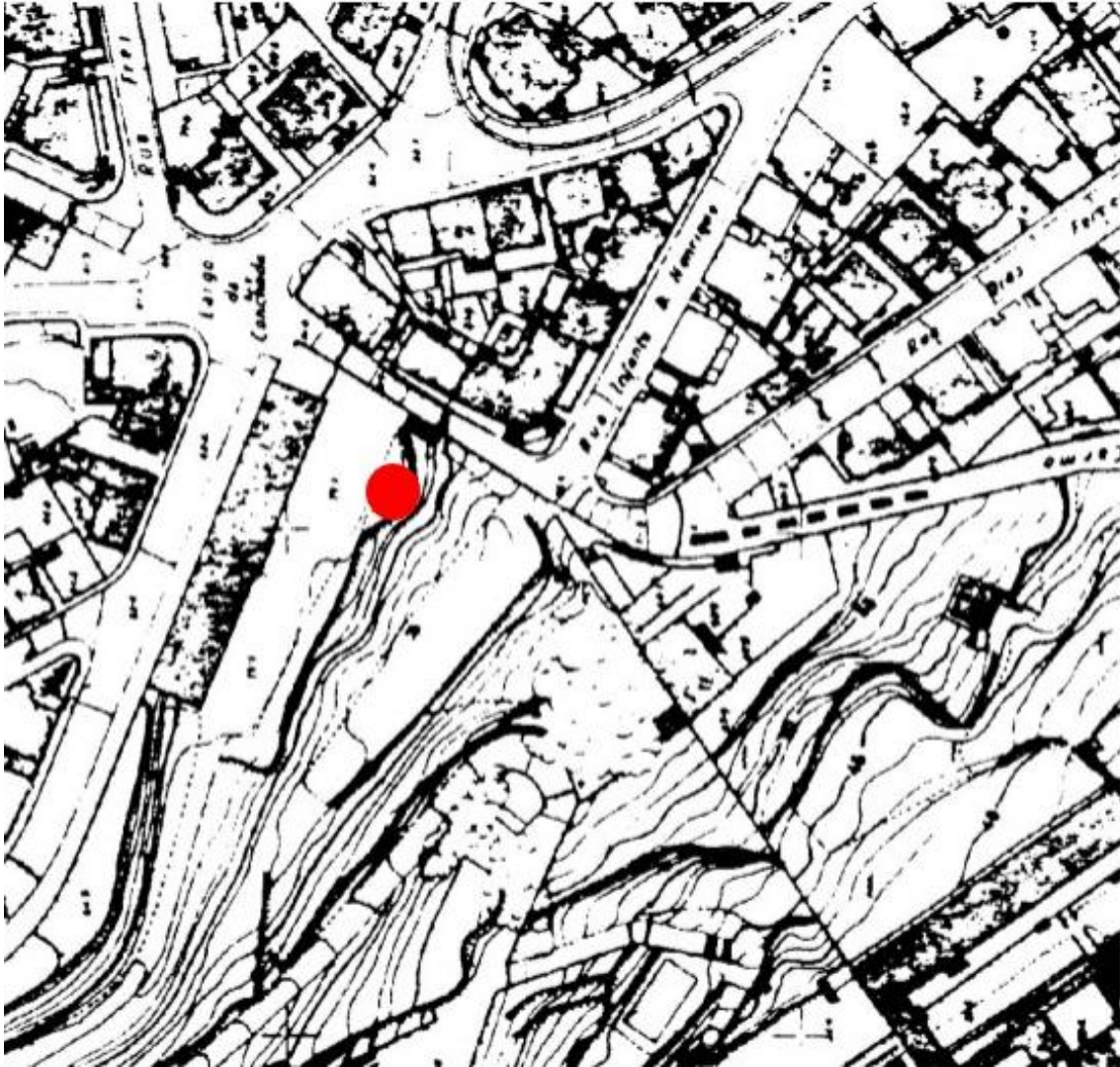


Fig. 49 – Local em que se implantou o Edifício Panorama, antes da reformulação urbanística que lhe deu lugar. PLANTA Topográfica de Coimbra. Escala 1:1000. [1960]. Folha 8E. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Daquela reformulação urbanística resultou a parcela onde se construiu o Edifício Panorama, que passou a ficar delimitada pela Rua de Aveiro, o prolongamento da Rua do Infante D. Henrique, e o pré-existente arruamento que ligava esta última via, ao Largo da Conchada.

Aquela propriedade da CMC foi vendida ao Cofre de Previdência do Ministério das Finanças (CPMF), que a adquiriu com o objectivo de aí realizar um edifício de apartamentos para os seus funcionários, de acordo com as regras urbanísticas estabelecidas para o local, pelos Serviços Técnicos da autarquia.



Fig. 50 – Enquadramento urbano após a reformulação urbanística que originou a parcela onde se implantou o Edifício Panorama. CARTA 230-3/5-5/1 do Levantamento Aerofotogramétrico de Coimbra. Escala 1:1000. [Setembro de 1978]. Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Nesse sentido, o director de Finanças de Coimbra, à época, Marçal Moreira de Freitas, encomendou ao arquitecto Vasco Cunha o projecto de arquitectura, que teve como autor das especialidades o seu irmão, Eugénio Cunha. Identificado no APVC como Projecto 6/65, os seus estudos terão sido iniciados em 1965. Os Serviços Técnicos camarários identificaram este licenciamento como sendo o Processo n.º 7500/68, tendo a obra iniciado em 1969.

A torre habitacional projectada por Vasco Cunha para a Rua de Aveiro, junto ao Largo da Conchada, com doze pisos sobre a plataforma da cave, isolada e no topo da colina, marca o perfil e a paisagem, sendo visível de múltiplos enquadramentos, quer da envolvente, quer da cidade de Coimbra. A distinção que assume não tem apenas a ver com as especificidades daquela localização ou com a altura que atinge. Colabora para esse efeito a grande qualidade e regularidade dos elementos que a estruturam e revestem. Em particular, os jogos de cheio-

vazio e o claro-escuro, proporcionado pelas varandas que ocupam as quatro quinas do edifício (figs. 51 a 53).

O projecto incluiu no seu desenho um espaço ajardinado de lazer, acessível ao público, ocupando, no lado poente, uma faixa quase triangular, compreendida entre a Rua de Aveiro e a do Infante D. Henrique (3.2, do Anexo III, e fig. 51).

A torre desenvolve-se sobre uma infra-estrutura, que constitui uma base, de duplo pé-direito, destinado a garagem, que nivela, para as cotas superiores, as diferenças de alturas existentes, nos outros dois arruamentos que delimitam a propriedade (3.3, 3.11, 3.12 e 3.13, do Anexo III).

A planta base é quadrada e subdivide-se em quadrados mais pequenos: um ao centro – o átrio dos elevadores – e quatro em cada canto – as varandas e os quartos que lhes são contíguos. Nos vértices interiores destes últimos, identifica-se um sexto quadrado centralizado na planta⁴⁸. Essa matriz rege a malha dos pilares da estrutura de betão armado, que sustenta a edificação.

O acesso principal ao edifício é efectuado pela Rua de Aveiro (3.2 e 3.4, do Anexo III) e a entrada para os espaços de estacionamento e serviços de apoio de garagem é feita, no lado oposto e a uma cota inferior, através da via que prolongou a Rua do Infante D. Henrique (3.3, do Anexo III).

Como referimos, o edifício possui doze pisos acima da plataforma da cave, tendo o térreo e o último nível, menor área. O rés-do-chão, além do átrio de acesso e espaços de circulação, que tiveram um cuidado especial no desenho e acabamentos (3.2 e 3.25, do Anexo III, e figs. 54 a 57), possuem, no lado nascente, um conjunto de espaços de arrumos destinados, individualmente, a cada um dos apartamentos. No lado oposto, três salas pensadas, inicialmente, para serem utilizadas para aulas de um Jardim Infantil, e ao fundo, na face sul, um fogo, de tipologia T2⁴⁹ (3.4, do Anexo III).

Como mencionámos, o menor quadrado centralizado na planta, acolhe o átrio das comunicações verticais, realizadas através de uma escada helicoidal, disposta junto à parte

⁴⁸ Esta estrutura reguladora, implícita no projecto, apesar de perceptível na leitura cuidada de cada planta, é, particularmente, evidente no último piso habitável, dos estúdios (3.6. do Anexo III). Pela sua simetria e regularidade, dir-se-ia de inspiração renascentista ou atendendo à forma base e à subestrutura, que assenta em quadrados e, cronologicamente, mais próximo, de alguns edifícios projectados por Luis Kahn, nomeadamente, o conjunto escolar universitário Eleanor Donnelley Erdman Hall (1960-65) ou a Biblioteca da Academia de Phillips Exeter (1965-1971) (Rosa, 2006, pp. 51-53 e 74-77). No entanto, Vasco Cunha não nos indicou ter essa influência directa. Referiu-nos que “o herói era o Le Corbusier” e que, mais que tudo, para a torre da Rua de Aveiro, foram determinantes, para alguns aspectos, os exemplos construídos em Olivais Norte, em Lisboa, que conhecia bem, atendendo à ligação profissional que mantinha com a HE-FCP e às visitas que efectuava à capital.

⁴⁹ A partir do vestíbulo daquele apartamento, que tem um roupeiro junto à entrada, acede-se, à esquerda, a um segundo espaço de distribuição para a zona íntima que interliga os dois quartos e o sanitário que lhes presta serviço; em frente à entrada situa-se a sala; e à direita, os espaços de serviços com um compartimento interior, destinado a arrumos, por onde se acede a um sanitário de apoio a esta área, e à cozinha que, na extremidade, junto à fachada, possui a área de tratamento de roupa.

posterior esquerda⁵⁰. No lado poente foram, sucessivamente dispostos um monta-cargas, um elevador e um compartimento técnico destinado aos contadores e ao ducto dos lixos.

Cada um dos dez andares, compreendidos entre o primeiro e o último nível habitável, tem a mesma compartimentação, comportando, cada um desses pisos-tipo, três apartamentos: um T2, no local e configuração igual ao existente, no rés-do-chão, anteriormente descrito, outro T3 e, mais, um T4⁵¹ (3.5, do Anexo III).

O último nível, o volume recua nos cantos e nos módulos centrais, beneficia de amplos terraços, com vistas para todo o redor da cidade. No interior, à excepção de dois conjuntos de instalações sanitárias, os espaços destinados aos estúdios não são compartimentados. Apesar disso, fica subdividido em várias áreas, individualizadas pela configuração recortada que os volumes vão tomando, dando uma grande versatilidade à sua ocupação (3.6, do Anexo III).

A cobertura dos estúdios foi destinada ao estendal, ascendendo mais um nível, o edifício termina na casa das máquinas dos elevadores (3.8, do Anexo III).

Na materialização e caracterização cromática do edifício, ressaltam como materiais e cores dominantes: o tijolo, na sua expressividade natural, o betão armado, na cor cinzenta que o distingue; e o branco e creme da pedra de Ançã, dos rebocos pintados e dos estores em PVC. Estes tons claros predominam no piso térreo, demarcando-o do restante desenvolvimento do edifício. Os paramentos centrais e os cunhais, têm acentuação vertical realizada por alinhamentos de tijolo; e o cinza, do cimento, na parte edificada sob o nível da entrada; nas varandas, elementos estruturais e coroamento do edifício (figs. 51 e 53).

⁵⁰ A escada tem a curiosidade de ficar somente apoiada nos patamares, afastando-se das paredes interiores confinantes.

⁵¹ O fogo que tem maior número de quartos posiciona-se no lado nascente, ocupando essa parte do bloco, desde a fachada norte, voltada à Rua de Aveiro, para onde tem a sala, até ao lado sul, onde se dispuseram os quartos. A partir do *hall* de entrada, que, igualmente, tem um roupeiro junto à porta, acede-se, à esquerda, à sala comum; à direita, a um compartimento de arrumos e à zona íntima dos quartos; e, em frente, aos vários espaços de serviço da cozinha. A copa relaciona a área de confecção com a zona de refeições, na sala. O tratamento de roupa, colocado após a zona da preparação, fica junto à fachada e após essa zona, entra-se numa arrecadação, que é antecedida por um sanitário de serviço a esta área⁵¹. A zona onde se posicionam os quatro aposentos de dormir possui um roupeiro corrido a acompanhar o corredor que termina no *Hall dos Quartos* que, também, dá acesso a um sanitário para o serviço dos mesmos. Junto a ele, situa-se uma outra instalação sanitária de apoio exclusivo ao do lado sul.

O apartamento T3, localizado no espaço sobrance, que forma um L, no canto noroeste, tem um esquema organizacional e de relações entre compartimentos aproximado ao do fogo T4, atrás descrito, com a diferença de haver menos um quarto, não existir nenhum destes espaços com sanitário próprio, e o serviço à sala de refeições, a partir da cozinha, ser realizado através do vestíbulo da entrada. Neste fogo, existe uma despensa na parte posterior da copa, a anteceder o compartimento de arrumos e um sanitário.



Fig. 51 – Vista do Edifício Panorama, tomada do lado poente, observando-se a intersecção da Rua de Aveiro com a do Infante D. Henrique, que delimita o espaço ajardinado, de utilização pública.



Fig. 52 – Vista do edifício Panorama do lado norte, da Rua de Aveiro, por onde é feita a entrada.

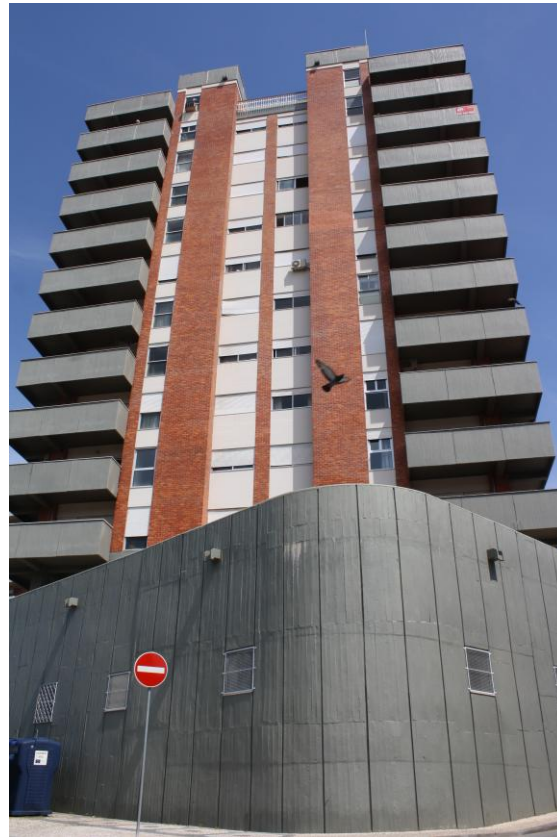


Fig. 53 – Base e torre do edifício Panorama, captada da esquina da Rua do Infante D. Henrique, com a via que a liga ao Largo da Conchada.

Interiormente, a entrada e os espaços comuns do prédio, foram objecto de tratamento particularmente cuidado (figs. 54 a 61). Utilizando a pedra como material nobre, o átrio possui as paredes revestidas a pedra mármore verde de Viana, e pavimento em pedra lioz rosa conjugando a estereotomia com mármore preto. Este foi, igualmente, utilizado na mesa do porteiro, cujo tampo é em amarelo negrais. A parede de fundo, desse local, forma uma composição em betão colorido (fig. 54). As portas, guardas, corrimãos e tecto são em madeiras nobres.

Genericamente, os materiais do átrio são mantidos nas escadas e vestíbulos: a madeira exótica nas portas dos apartamentos e guardas; as escadas com cobertores em pedra lioz e os espelhos em mármore verde; e o betão armado, cinza esverdeado, em todos os muros dos vestíbulos das habitações, revelando que, no núcleo central do edifício, todas as paredes são estruturais. Os tectos daqueles espaços, assim como as faces laterais e inferiores das escadas, e os lintéis das portas são estucados e pintados de branco (figs. 57 a 61).



Fig. 54 – Vista do átrio da entrada, com a mesa do porteiro, em pedra, e painel em betão colorido.



Fig. 55 – Vista do lado direito do átrio da entrada, com as paredes forradas com painéis de mármore verde.



Fig. 56 – Vista do interior da entrada no edifício Panorama.

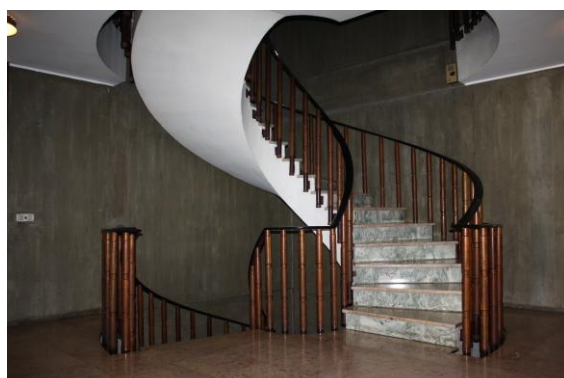


Fig. 57 – A escada helicoidal, de comunicação vertical entre os vários níveis.



Fig. 58 – Patamar tipo dos pisos. Portas do elevador e do monta-cargas e de uma das habitações T3.



Fig. 59 – Vista de um patamar com as escadas e uma das entradas na habitação T4.



Figs. 60 e 61 – Vista superior e inferior da escada helicoidal que relaciona, verticalmente, todos os níveis do edifício Panorama.



Fig. 62 – Vista, de uma das varandas do nono andar, do núcleo antigo de Coimbra, a partir do edifício Panorama.

3.1.5. A residência de Vasco Cunha

A moradia localizada na Rua Aníbal de Lima, n.º 163, em Coimbra, foi a residência que Vasco Cunha desenhou para si e sua família, e que passou, também a ser utilizada como *atelier*, nas últimas décadas da actividade daquele arquitecto.

Tendo o arquitecto procedido ao loteamento da Quinta das Sete Fontes, para a condessa de Fijó⁵², comprou-lhe o lote onde veio a implantar a sua residência, no Alto da Baleia. Vasco Cunha adquiriu o terreno e, como beneficiário da Segurança Social, estando integrado na Federação das Caixas de Previdência, recorreu, ao abrigo da referida Lei 2092/58, para que lhe fosse concedido um empréstimo para a construção da casa, bem como para o projecto⁵³. Esse dinheiro, também, foi aplicado para custear os trabalhos da casa⁵⁴.

O projecto da sua própria habitação está datado de Outubro de 1969, na ficha existente no APVC. O Processo de licenciamento camarário está identificado com o n.º 6891/69, mediando, portanto, desde os primeiros estudos até à tramitação burocrática que permitiu a sua concretização, quase quatro anos. O deferimento desse processo tem a data de 29 de Agosto de 1971⁵⁵. Atendendo a que trata de uma tipologia unifamiliar, é uma edificação com características volumétricas muito distintas do conjunto habitacional que tratámos anteriormente, mas muito próximo da residência que desenhou para Lucas Martins. Tal como ela é, predominantemente, revestida a tijolo à vista.

A propriedade onde foi construído este fogo tem a forma triangular (4.1 do Anexo III). No entanto, a parte considerada no licenciamento possui a forma de um pentágono irregular, sendo a face norte, por onde se acede, ortogonal aos dois lados adjacentes, tendo maior comprimento da banda nascente. Os dois planos, que fazem o limite posterior, formam vértice no ponto mais afastado da frente, ficando aí perpendiculares, entre si, e enviesados quando intersectam os limites laterais⁵⁶ (4.2 do Anexo III).

O muro que acompanha, exteriormente, o limite da frente do lote, de cuidada alvenaria de pedra à vista, construída com blocos de calcário, travados com pedrinhas miúdas, divide-se em quatro partes, formando socalcos que acompanham o declive do arruamento, elevando-se no troço de menor cota, junto ao lado poente, onde se faz a entrada, que é comum a pessoas e

⁵² APVC «Loteamento da Quinta das Sete Fontes para a condessa de Fijó», s.d., Peças Escritas, Pasta 21, Arquivo Vivo; Peças Desenhadas, Rolo 141, Mesa 4, Arquivo Morto.

⁵³ Nesta situação peculiar, o promotor e dono da obra eram o mesmo que o arquitecto regional avençado, contratado e pago para realizar o projecto.

⁵⁴ Mesmo assim, o dinheiro conseguido, não foi suficiente. Deu conta disso quando se procedia a acabamentos, no nível da cave, e foi falar com o empreiteiro, *o velho Baptista de Almeida, que já morreu*, dando-lhe indicações para parar, tendo-lhe ele dito: *não paro. O arquitecto paga quando puder.*

⁵⁵ ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6891/69», 1969. Desenho das *Plantas, corte e alçado*, cujo titular é o *Beneficiário Vasco Jorge Antunes da Cunha*. Como consta na chancela da legenda dessa peça desenhada, o projecto foi desenvolvido no âmbito do programa *Habitacões Económicas da Federação da Caixa de Previdência*.

⁵⁶ Para usufruir de mais área de logradouro, que se encontra exposto a sul, a implantação da casa aproximou-se ao lado norte, para onde tem frente, afastando-se cinco metros do limite do arruamento. Essa foi, também, a distância, deixada do lado nascente. No limite oposto, o afastamento reduziu-se a três metros.

viaturas. Para maior marcação do acesso, essa zona foi encimada por uma viga em betão que, além do portão, é levado até ao limite poente onde se apoia em três pilares de alvenaria (4.9 do Anexo III e figs. 65 e 66).

A edificação divide-se em três pisos, mas todos os espaços principais se situam no piso intermédio que é, predominantemente térreo. A cave só se desenvolve, parcialmente, no lado poente⁵⁷. Neste nível, o espaço destinado a estacionamento fica coberto pelo desenvolvimento da construção sobre ele. Aberto na frente e no topo, o sítio reservado ao estacionamento permite, também, que seja atravessado. O lintel dos vãos de passagem para este local foi realizado em peças de betão armado, realizando um arco, na face inferior, que se demarca dos paramentos revestidos a tijolo⁵⁸ (figs. 65 e 74).

Passado o referido portão da propriedade e subindo sete degraus, situados junto ao muro exterior, fica-se em frente à entrada, que é ladeada por dois anéis de manilhas de betão preenchidos com calhau rolado, para onde correntes de ferro encaminham a água recolhida nas caleiras (figs. 67 e 68). A área que antecede e protege a porta, além do avançado da cobertura, é ampliada pelo recuo que a parede aí faz.

De um modo geral, os principais espaços da residência distribuem-se, no piso térreo, em três zonas: a de serviços, no lado poente; as de estar, convívio e de refeições, a sul; e a dos quartos, a nascente (4.2 e 4.3, do Anexo III).

O vestíbulo, amplamente iluminado pelo vão, dotado de réguas verticais, situado ao lado da porta (fig. 70), divide-se em dois níveis⁵⁹.

A porta da sala comum fica alinhada com a da entrada da vivenda. A parte de estar prolonga a sua área para a varanda. Possui um recanto junto à lareira, e é mais ampla, que o local destinado às refeições, situado a uma cota superior. Esta zona tem interligação com a área de serviço da cozinha, situando-se essa porta numa antecâmara criada pela escada que, desenvolvida sobre o lance que sobe desde a cave, faz o acesso ao primeiro andar (4.2 e 4.3, do Anexo III).

Além da referida porta, de ligação à sala de refeições, ao conjunto dos espaços de serviços, dispostos no lado poente, acede-se ascendendo dois degraus, a partir do patamar superior do

⁵⁷ Da área destinada a estacionamento entra-se num vestíbulo que acede, no lado norte, a uma lavandaria e, em frente, às escadas de ligação interna ao pavimento principal. À direita, posicionou-se outro compartimento que, além dessa porta interior, tem uma outra para acesso directo desde o exterior. Através deste último espaço, entra-se num compartimento destinado a sala de jogos para os seus sete filhos (4.2 e 4.4, do Anexo III).

⁵⁸ Esta situação parece ter influência das Casas Jaoul (1951-1955), desenhadas por Le Corbusier. (Cohen, 2006, pp. 68-71).

⁵⁹ O mais baixo fica à cota da soleira. Os patamares desse átrio ficam separados por dois degraus e um roupeiro interposto entre eles. Destinado ao acolhimento, o acesso a esse guarda-roupa é feito no nível da entrada. Não indo o volume do armário até ao tecto, mantém-se a interligação espacial entre os dois níveis, ao mesmo tempo que esse elemento funciona como biombo, garantindo uma maior privacidade ao interior do fogo e aos espaços a que a altura superior dá acesso (4.2 e 4.3, do Anexo III).

átrio e das escadas provenientes da cave. O *hall de serviço*⁶⁰, faz o vínculo e a distribuição entre todos eles: um sanitário interior, de apoio aos serviços e à sala; o quarto da empregada, com uma casa de banho própria; um *quarto polivalente*⁶¹; e à cozinha (4.2 e 4.3, do Anexo III).

A zona privada, localizada no lado oposto, é composta por cinco compartimentos de dormir, sendo dois deles antecedidos por antecâmara com roupeiro, zona de vestir e sanitário próprio. Os restantes três servem-se de uma terceira casa de banho. Tal como acontece no referido *hall de serviço*⁶², também o sanitário interior, do quarto principal, e o vestíbulo dos quartos, possuem iluminação zenital, proveniente de claraboias circulares (4.2 e 4.3, do Anexo III).

O conjunto dos vãos dispostos no cunhal, do primeiro dos quartos, permite a abertura a Nascente já que a parede exterior tem a orientação Norte. É uma solução adoptada por Vasco Cunha ainda na década de 1960, a que o arquitecto recorrerá, frequentemente (fig. 71 e 4.12, do Anexo III)

Os sanitários expostos a norte, junto à entrada, possuem iluminação exterior indirecta pela particularidade dos vãos estarem dotados de dois volumes paralelepípedicos, construídos em betão armado⁶³ (figs. 72 e 73).

O piso superior, identificado como *Galeria*, resulta da elevação do volume sobre a área da entrada e do primeiro quarto. Apresenta-se como um espaço amplo, aberto sobre a sala, desde a escada que lhe dá acesso, contribuindo para a sua amplitude, pelo facto do tecto desta ser a face inferior da cobertura que se desenvolve até à cumeeira, que se situa a meio do espaço do aposento elevado.

Aproveitando o desvão da cobertura do corpo do lado nascente, situam-se três compartimentos destinados a arrumos: um de cada lado do corredor que dá acesso ao terceiro, que é o maior por se desenvolver em todo o comprimento. Esse espaço tem uma janela na parede nascente (fig. 82 e 4.2 e 4.4, do Anexo III).

A solução para o telhado desta habitação repetir-se-á em outras edificações projectadas por Vasco Cunha: a cobertura assume inclinação constante, formando direcções opostas. No geral, daí resultam duas águas, que podem ser autónomas em determinado corpo ou, então, cobrir a generalidade da edificação, adaptando-se a cada volume. A altura que alcança depende do início do beirado e a cêrcea da cumeeira, da extensão que o plano do telhado atinge.

⁶⁰ Referência dada a esse espaço na legenda do desenho identificado como *Plantas, corte e alçado*. APMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6891/69», 1969.

⁶¹ Referência dada a esse espaço na legenda do desenho identificado como *Plantas, corte e alçado*. APMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6891/69», 1969.

⁶² Referência dada a esse espaço na legenda do desenho identificado como *Plantas, corte e alçado*. APMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6891/69», 1969. Titulado pelo *Beneficiário Vasco Jorge Antunes da Cunha*.

⁶³ Apesar de colocados a uma cota alta, pois a face inferior encontra-se à altura dos vãos contíguos (fig. 63), além da participação na composição da fachada principal, o seu propósito passará, também, por dar maior privacidade a esses compartimentos. Não sendo uma transcrição, não deixa de remeter para a solução que Fernando Távora desenhou para a Casa de Férias, em Ofir (1957-58). Aí, um volume destacado da parede, junto ao acesso, ilumina, indirectamente, a zona da sala de jantar (Toussaint, 1992, pp. 6, 9-11 e 22; Trigueiros, 1993, pp. 76-80).

Tal como nos edifícios projectados de raiz, anteriormente analisados, mantêm-se constantes nesta edificação os materiais e cores dominantes: o tijolo à vista, a utilização do betão armado com expressividade natural, na cor cinzenta; as madeiras nos forros das lajes e na marcação vertical de alguns vãos; o branco nos estores em PVC e nas pinturas das serralharias, e a pedra calcária da região que, neste caso, em vez de ser utilizada como revestimento, é construída. Os seus tons claros, predominantes na cave, demarcam a parte elevada da construção (figs. 65 e 74).

Posteriormente, no vértice nascente da propriedade, foi construído, em alvenaria de pedra calcária e cobertura em betão armado, um anexo destinado a garagem (figs. 86 e 87).



Fig. 63 – Frente da residência de Vasco Cunha, vista do lado nascente.



Fig. 64 – Frente da mesma habitação, vista do lado poente.



Fig. 65 – Vista do portão da entrada, do estacionamento coberto e do lado poente da frente da casa.



Fig. 66 – Vista, do nível da entrada na habitação, do portão de acesso.



Fig. 67 – Lance de escadas que relaciona o nível da entrada na propriedade com o da habitação.



Fig. 68 – Detalhe da recolha das águas pluviais num anel de manilha de betão, preenchido com seixo rolado, sendo o encaminhamento realizado, desde a caleira, por uma corrente de ferro.



Fig. 69 – Zona da entrada. Vários dos materiais que caracterizam o exterior: soco de pedra calcária, tijolo maciço, madeira nos vãos e forro exterior dos tectos, elementos estruturais em betão e estores em PVC branco.



Fig. 70 – Vão da entrada onde se engloba a porta.



Fig. 71 – Par de vãos dispostos no cumhal do primeiro dos quartos.



Fig. 72 – Volumes paralelepípedicos, destacados do paramento, por onde é feita a iluminação dos sanitários do lado norte. Forro de madeira do avançado da cobertura e caleiras que acompanham o beirado.



Fig. 73 – Pormenor da face inferior dos volumes salientes da fachada, por onde é feita a iluminação dos sanitários, situados no lado norte.



Fig. 74 – Vista, do lado poente, do alçado posterior, exposto a sul.



Fig. 75 – Vista da varanda que prolonga para o exterior a área de estar da sala.



Fig. 76 – Pormenor da varanda, apoiada em pilares cónicos até à laje, com guardas em estrutura de ferro e elementos de madeira.



Fig. 77 – Escada de acesso à varanda e ao logradouro, situada no lado nascente da moradia.



Fig. 78 – Vista da varanda, vista do lado poente.



Fig. 79 – Vista da extremidade nascente da fachada posterior.



Fig. 80 – Vista da fachada posterior e do acesso à varanda.



Fig. 81 – Detalhe do remate do forro da cobertura, na varanda



Fig. 82 – Alçado lateral esquerdo, voltado a nascente.



Fig. 83 – Detalhe do forro do avançado da cobertura



Fig. 84 – Soco em pedra, alvenaria de tijolo à vista, madeira no forro da cobertura e no paramento do vão. Peças em ferro, fixadas à estrutura, de sustentação da calceira.

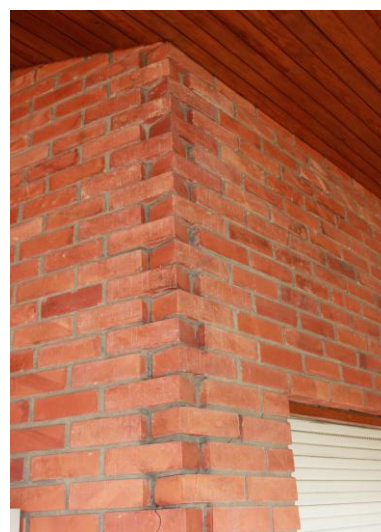


Fig. 85 – Detalhe da disposição do tijolo num cunhal de paredes não ortogonais.



Fig. 86 – Anexo da garagem, construído, posteriormente, no vértice nascente da propriedade, em alvenaria de pedra calcária e cobertura em betão armado.



Fig. 87 – Detalhe da entrada do anexo destinado a garagem.

3.2. Sobre a Obra de Vasco Cunha

Para melhor compreensão do conjunto da obra de Vasco Cunha, fez-se a sua análise, do ponto de vista quantitativo, partindo do estudo do arquivo daquele arquitecto, trabalhando e cruzando os dados aí existentes, de modo a poder atingir conclusões caracterizadoras da actividade profissional por ele desenvolvida⁶⁴.

Na realização desta tarefa contemplámos a totalidade dos projectos da autoria de Vasco Cunha, e não apenas aqueles que se concretizaram, pois entendemos que, mesmo daqueles que não foram executados, contribuem para o conhecimento e compreensão da sua obra.

No APVC constam oitocentas e cinquenta e sete fichas que registam a localização, nesse depósito, de elementos escritos e desenhados, de estudos e projectos, realizados durante toda a actividade profissional daquele arquitecto. Este número, apesar de muito próximo, não deverá ser o exacto da totalidade da sua laboração, que será, ainda, maior, pois tivemos oportunidade de detectar algumas obras cujas fichas não conseguimos localizar⁶⁵.

Através do estudo quantitativo, que efectuámos, conseguiu-se obter uma visão global do percurso profissional de Vasco Cunha, identificando, exactamente, os anos de maior actividade do arquitecto, os vários tipos de projecto que fez e, de entre eles, quais foram os predominantes. Foi igualmente possível estabelecer quais as tipologias de edifício mais recorrentes ao longo da sua carreira, bem como, os locais para onde, maioritariamente projectou.

3.2.1. Período de Elaboração dos Projectos

Da análise à cronologia das fichas guardadas no APVC⁶⁶, verifica-se que a actividade profissional de Vasco Cunha se prolongou por cerca de cinquenta anos. Isto, porque só se regista o arquivo de desenhos em 1962⁶⁷ e, não se assinalam projectos em 2011 e 2012. A

⁶⁴ O APVC encontra-se no *atelier* que começou por ser a residência do arquitecto, anteriormente estudado (3.1.5). Este acervo, que integra peças escritas e desenhadas, dos seus estudos e projectos, encontra-se referenciado em fichas, cuja análise permitiu a síntese que agora se apresenta.

⁶⁵ É exemplificativo dessa situação a intervenção do prédio localizado na Alta de Coimbra, que tratámos em 3.1.2.2, a casa vizinha à de Vasco Cunha, construída para Sigurd Keim que considerámos na relação das obras mais significativas, por indicação directa do arquitecto (1.9. do Anexo II) assim como, o edifício na Rua Figueira da Foz (1.45. do Anexo II), o conjunto dos edifícios na Estrada de Coselhas (1.59. do Anexo II), o conjunto de edifícios na Avenida da Guarda Inglesa (1.63. do Anexo II), o edifício localizado na Rua de Aveiro (1.72. do Anexo II) e a moradia unifamiliar na Urbanização do Carrascal (1.61. do Anexo II). Não se tiveram em conta as ocorrências aí patentes referentes ao filho Gustavo da Cunha, assim como outros elementos também guardados, tais como, desenhos do seu percurso académico e as conferências que proferiu.

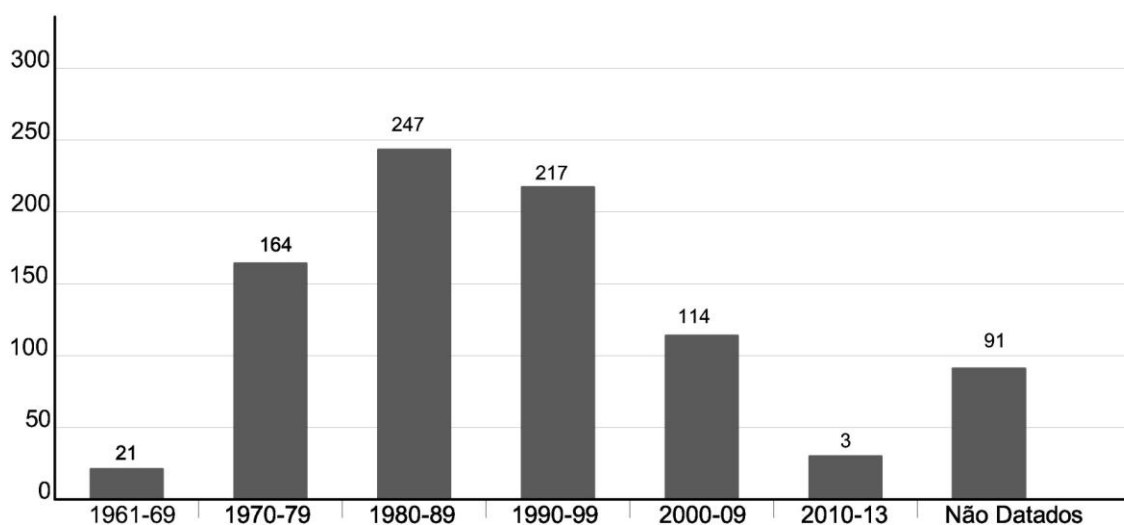
⁶⁶ Anexo I.

⁶⁷ Como se pode conferir no Anexo I, a primeira entrada no arquivo data de 1961. Trata-se de uma peça escrita, em nome de José Gouveia Monteiro. O segundo é do ano seguinte e refere-se a uma habitação plurifamiliar, tendo como promotor a Caixa Geral de Depósitos. Qualquer destes dois projectos só possuem, no arquivo, peças escritas, não se tendo conseguido confirmar qual o envolvimento exacto e a responsabilidade de Vasco Cunha, naqueles casos. Os primeiros estudos, de que se guardam desenhos e que levaram a uma concretização, embora tardia – realizada na década de 1970 – foram os desenvolvidos para Faveiro (1.2 Anexo II).

última entrada, data de 2013 refere-se a um empreendimento em que se encontra envolvido, quer como promotor, quer como arquitecto⁶⁸.

Como se depreende da leitura do Gráfico n.º 1, na década em que Vasco Cunha iniciou a sua actividade como arquitecto, a de 1960, com vinte e uma entradas, foi a que regista a menor elaboração de projectos. Terão sido esses os anos da sua afirmação profissional, principalmente, na cidade de Coimbra, tendo contribuído, para isso, a qualidade dos projectos e das obras deles resultantes, que tivemos oportunidade de analisar em 3.1.

Gráfico n.º 1: Número de projectos realizados pelo Arquitecto Vasco Cunha por Décadas



Na década de 70 verifica-se um substancial aumento do número de obras, comparando com a década anterior. Este valor será concerteza resultado de uma primeira década de trabalhos de grande qualidade, mas sobretudo da diferença introduzida na cidade de Coimbra através das suas primeiras obras propostas arquitectónicas, neste sentido diferenciadas igualmente.

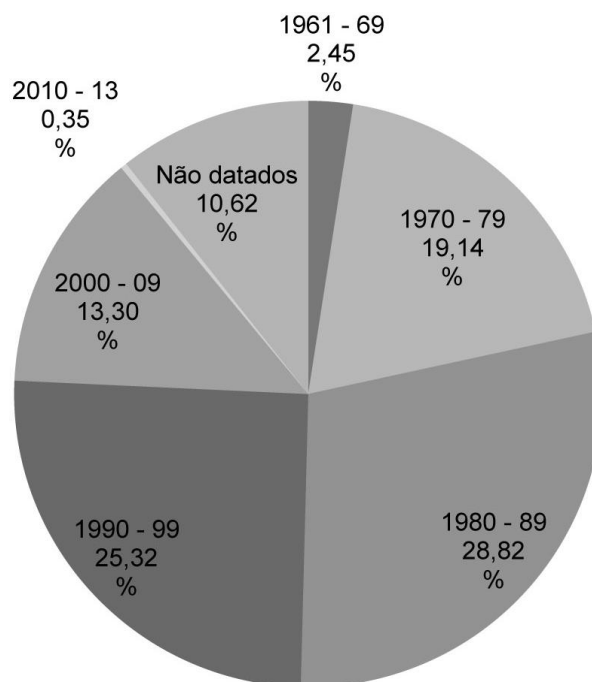
Na década de 80, o número de trabalhos atingiram o seu auge, com duzentos e quarenta e sete casos, reduzindo trinta entradas, nos anos noventa, e mais de cem, no presente século, quedando-se para os cento e catorze. Os três registos, dos últimos três anos têm expressividade. Noventa e uma fichas não têm patente a data do projecto. Refira-se, igualmente, que para os anos de 1966, 2010 e 2011, não existe qualquer ficha.

A leitura percentual dos valores anteriormente descritos, encontra-se descrita no gráfico seguinte, que dá a clara percepção de que o maior volume de trabalho projectual de Vasco Cunha ocorreu nas décadas de 1980 e 90, ultrapassando o somatório desses vinte anos, em mais de metade, dos restantes trinta anos da actividade projectual do arquitecto.

⁶⁸ É de um projecto pessoal e familiar, registado, no arquivo, em nome de Vasco Cunha – Empreendimentos Imobiliários, SA. Consiste num empreendimento turístico, em São Martinho de Árvore, Coimbra. Relatou-nos Vasco Cunha que, tendo encerrado o *atelier*, devido à crise económica em que nos encontramos, particularmente grave no sector da construção civil, desde o início da segunda década deste século, e havendo feito oitenta anos no dia 16 de Julho de 2013, decidiu, também, limitar toda a intervenção política, que mantinha.

Infere-se, igualmente, que nos últimos trinta anos do século XX, se concentram seiscentos e vinte e oito projectos, correspondendo a um total de 73,28% da obra daquele arquitecto, sendo, portanto, esse o principal período da sua actividade.

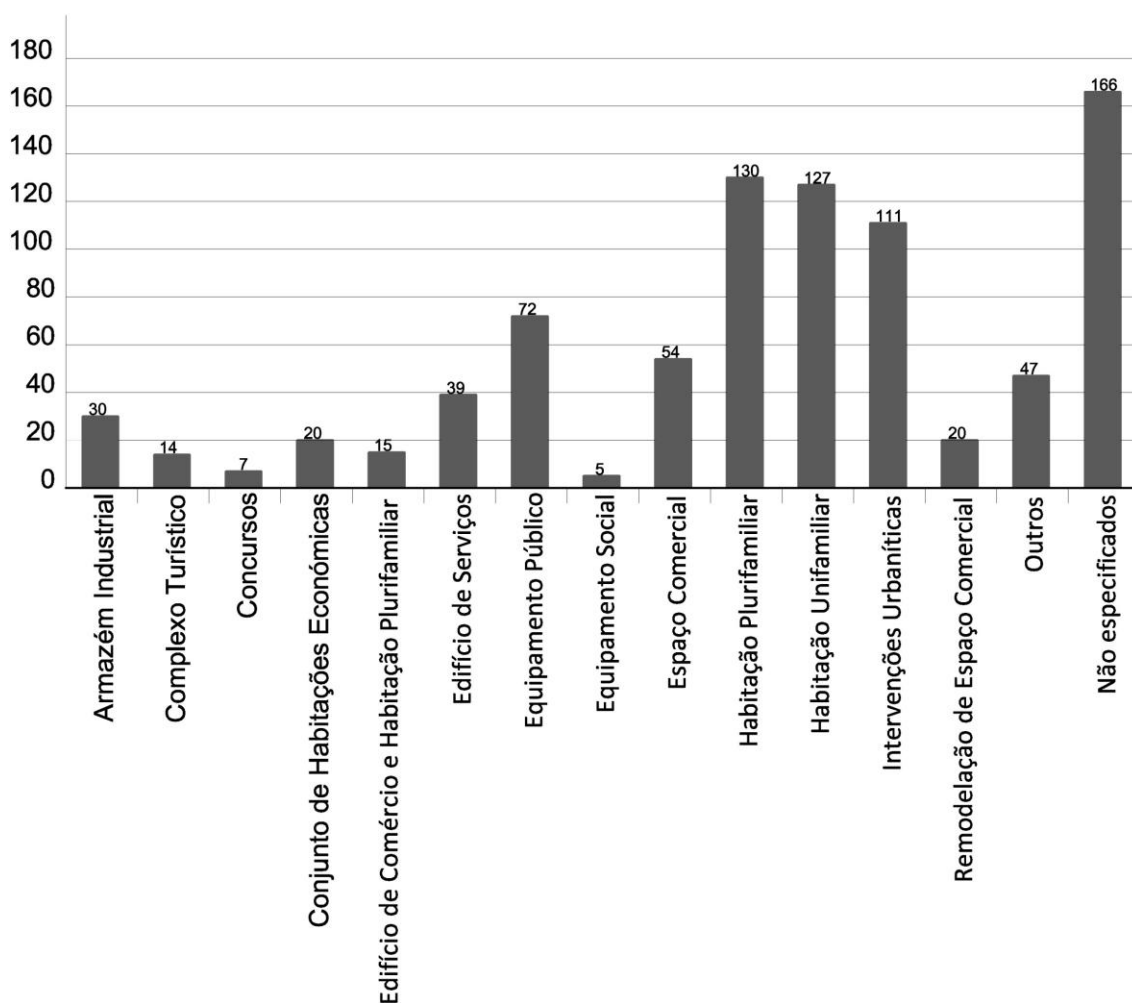
Gráfico n.º 2: Percentagem de projectos realizados pelo Arquitecto Vasco Cunha por Décadas



3.2.2. Tipologia dos Projectos

Verificando-se uma grande diversidade de programas de edifícios e de espaços urbanísticos, que foram alvo de desenvolvimento de estudos, por parte de Vasco Cunha, para se tornar viável a sua leitura gráfica, converteu-se essa multiplicidade, em treze categorias, de acordo com as características descritas nas fichas consultadas no APVC. Foi, justamente, esse universo, extremamente lato que conduziu à criação da décima quarta categoria – “Outros”, onde considerámos quarenta e sete ocorrências. Tivemos, ainda, de acrescentar a que designámos por “Não especificados”, em virtude de cento e sessenta e seis fichas não terem qualquer indicação quanto ao género de estudo ou projecto elaborado.

Gráfico n.º 3: Número de projectos realizados por Vasco Cunha entre 1960 e 2013, por tipologias



A leitura do gráfico n.º 3 revela que a tipologia predominante nos projectos do arquitecto foi a habitação plurifamiliar, com cento e trinta entradas, logo seguida da habitação unifamiliar, com cento e vinte e sete. Deverão ser, igualmente, acrescentados a esta função predominante, os quinze casos que aliam a função habitacional com a comercial, assim como, os vinte registos de conjuntos de habitações económicas. Portanto, os programas habitacionais são, claramente, preponderantes na produção realizada por Vasco Cunha. No conjunto da sua obra, ainda se destacam as cento e onze intervenções urbanísticas⁶⁹, que muitas vezes, lhes estão associadas, funcionando os loteamentos como primeira parte dos projectos arquitectónicos que vieram a ser construídos nas parcelas resultantes daquelas operações.

Não atingindo números tão elevados, mas não deixando de se destacar do conjunto, encontram-se setenta e dois equipamentos públicos e, também, cinquenta e quatro espaços comerciais, a que se podem, também, adicionar as vinte remodelações de lojas, bem como, os trinta casos de armazéns industriais.

⁶⁹ Considerámos nesta classificação os loteamentos urbanos, de iniciativa particular, e os planos, promovidos pelas autarquias.

Com menor manifestação, mas com números que indicam alguma constância, encontram-se catorze unidades turísticas, sete concursos e cinco equipamentos sociais.

Na categoria “Outros”, que atinge alguma expressão, colocaram-se projectos que não tinham enquadramento nas restantes classificações consideradas, o que revela a grande diversidade de programas e de usos. Para ilustrar isso mesmo, ficaram aí os seguintes exemplos: cemitério, garagens, fogão de sala, sala de ordenha e exploração leiteira, lavadouro e parque infantil, praça de touros, etc.

3.2.3. Tipologia dos Projectos *versus* Década de Execução

A avaliação dos tipos de edifício projectado, por década, sintetizado no Quadro n.º 1, permite chegar às seguintes conclusões: os armazéns industriais, as remodelações comerciais e o conjunto do que classificámos de “Outros”, bem como os “Não Especificados”, acompanharam a variação geral, sendo em maior número nas três últimas décadas do século XX; os complexos turísticos tiveram apenas maior expressão na década de 1980; os concursos e os equipamentos sociais, sempre foram esporádicos; os conjuntos destinados a habitações económicas tiveram particular destaque nos anos setenta; os edifícios que conjugaram espaços comerciais, com habitação, foram em maior quantidade nos anos oitenta e não se encontram fichas deles nos últimos vinte e três anos; os prédios destinados a serviços alcançaram os maiores índices nos últimos vinte anos do século XX; as construções destinadas a equipamentos públicos, com expressão nas três últimas décadas do século, constituíram, em média, uma unidade e meia por ano, até 1990, passando nessa década a duas anuais, reduzindo para menos de uma edificação, desta categoria, nos primeiros dez anos do novo século.

A habitação plurifamiliar e unifamiliar, as intervenções urbanísticas e os espaços comerciais, constituem os maiores e mais constantes números durante os principais quarenta anos em que se desenrolou a sua actividade, entre 1970 e 2009, tendo sido promovidos, maioritariamente, pela iniciativa privada.

Quadro n.º 1: Tipologia dos Projectos *versus* Década de Execução

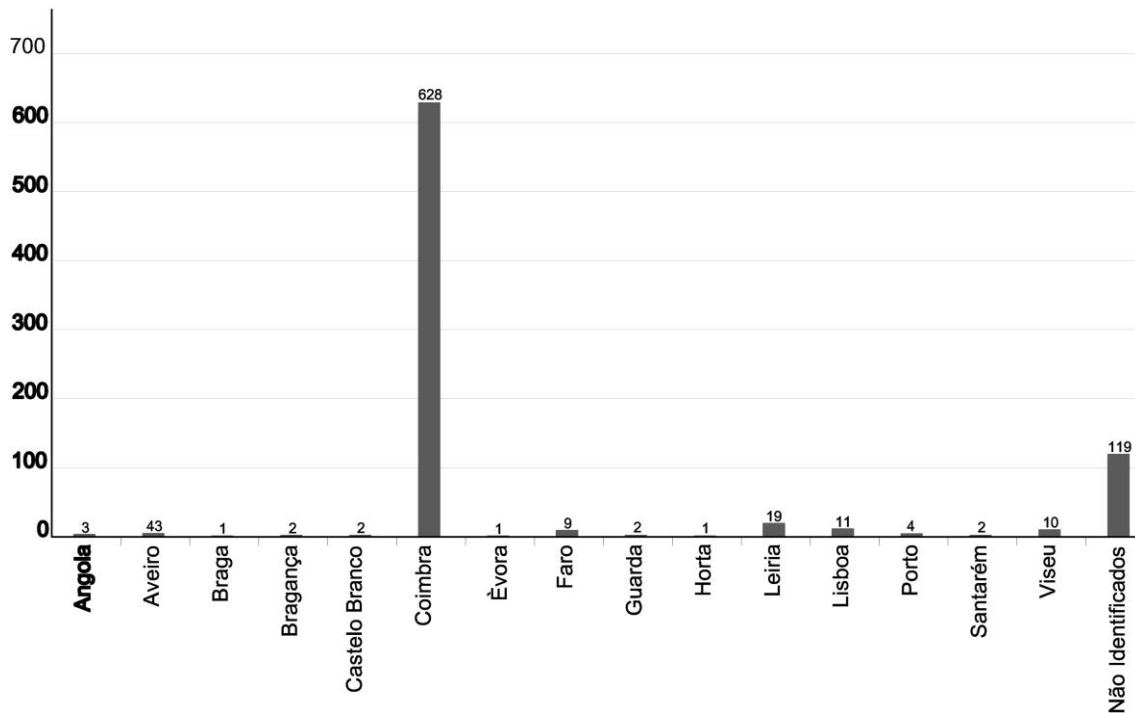
	1961-69	1970-79	1980-89	1990-99	2000-09	2010-13	Não datados	Total
Armazém Industrial	1	3	7	5	7	0	7	30
Complexo Turístico	0	3	7	2	1	1	0	14
Concursos	0	1	1	3	1	0	1	7
Conjunto de Habitações Económicas	0	12	3	2	0	0	3	20
Edifício de Comércio e Habitação Plurifamiliar	1	3	7	0	0	0	4	15
Edifício de Serviços	1	2	18	13	2	0	3	39
Equipamento Público	0	16	15	20	9	0	12	72
Equipamento Social	0	1	0	1	3	0	0	5
Espaço Comercial	0	6	12	14	14	1	7	54
Habitação Plurifamiliar	6	37	42	21	8	0	16	130
Habitação Unifamiliar	4	40	37	22	19	1	4	127
Intervenções Urbanísticas	2	28	30	28	13	0	10	111
Remodelação de Espaço Comercial	0 ⁷⁰	3	6	4	2	0	5	20
Outros	3	2	13	17	9	0	3	47
Não Especificados	3	7	49	65	26	0	16	166
Total	21	164	247	217	114	3	91	857

3.2.4. Distribuição geográfica dos Projectos

A distribuição geográfica dos projectos, concebidos por Vasco Cunha, foi realizada por distrito, pois o grande número de localidades abrangidas não tornava viável e legível, o tratamento dos dados. Feita a organização segundo este critério, percebemos que a obra daquele arquitecto se encontra espalhada por treze dos dezoito distritos de Portugal continental, pelos Açores e, ainda, em Angola. Assinala-se que cento e dezanove fichas não têm a identificação da localização.

Gráfico n.º 4: Localização dos Projectos por Distritos

⁷⁰ Este valor nulo, apesar de, em 3.1.2.1, se ter verificado que a sapataria Romeu foi remodelada em 1965, deve-se ao facto de, na ficha correspondente a esta obra, não constar a data discriminada pelo que, quando foi alvo de tratamento quantitativo, foi considerada na classificação de “Não datados”.



Na leitura do gráfico n.º 4, fica claramente evidenciado que a maior parte da intervenção do arquitecto ocorreu no distrito de Coimbra, que perfaz cerca de 73% da sua obra. Podemos acrescentar que, aquele número corresponde a quinhentas e sessenta e oito fichas onde se refere especificamente, a trabalhos desenvolvidos para o concelho de Coimbra.

Apesar de registarem uma grande diferença em relação a Coimbra, os distritos que, a seguir, assinalam maior porção de projectos – Aveiro, com quarenta e três, Leiria, com dezanove e o de Viseu, com dez – não deixam de ser os que se encontram na vizinhança do distrito dominante. Lisboa, com onze, também tem alguma expressão. Fora os referidos, só se destaca o do Faro com nove inscrições. Os restantes têm valores pouco significativos, revelando, no entanto, que a actividade projectual de Vasco Cunha abrangeu o país, de Norte a Sul, bem como as ilhas, alcançando, mesmo, Angola.

Concretamente, no espaço urbano da cidade de Coimbra, verifica-se que a obra de Vasco Cunha tem uma forte presença, em particular nas zonas periféricas ao núcleo mais antigo, desde a margem direita à oposta, como se pode observar na fig. 88, onde se localizaram, a vermelho, alguns dos edifícios e espaços urbanos implementados segundo os seus projectos e planos.



▪ Localização de alguns edifícios na cidade de Coimbra, da autoria de Vasco Cunha

Fig. 88 – *Fotografia aérea vertical de Coimbra*. Google Earth. Imagem capturada a 13 de Junho de 2012. [consult. 10 Setembro 2013].

3.2.5. As referências escritas à obra de Vasco Cunha

Como escrevemos na Introdução, apesar do arquitecto Vasco Cunha referir a não existência de trabalhos sobre a sua obra, no desenrolar da nossa investigação académica encontrámos três estudos que trataram edificações projectadas por aquele arquitecto, isto para além das referências que registam os projectos em que colaborou, enquanto estudante de arquitectura, nomeadamente, as feitas no livro *Fernando Távora*, dedicado a esse Mestre da Escola do Porto, que foi editado, em 1993, por Luiz Trigueiros, que assinala o contributo dado no Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (p.188), na reconstrução da Casa da Igreja de Mondim de Bastos (p. 190), e na Escola Primária do Cedro (p. 189), sendo, também, feita alusão

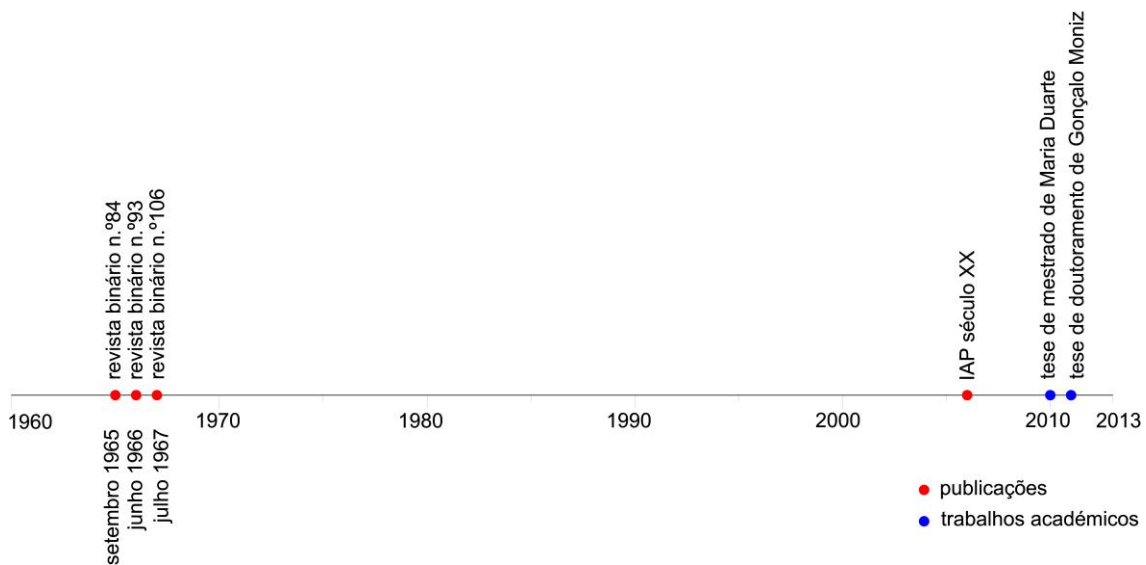
semelhante, para este equipamento, na p. 144, do livro de Fernandes e Cannatà, denominado *Guia da Arquitectura Moderna – Porto, 1925-2002*.

Entre os três trabalhos, atrás referidos, que trataram de edificações idealizadas por Vasco Cunha, encontra-se *O IAPXX – Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*, promovido e coordenado pela Ordem dos Arquitectos, que não deixou de incluir algumas obras daquele arquitecto, na versão disponível em linha, em <http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>, nomeadamente, a remodelação e ampliação do Banco de Portugal, em Coimbra; os blocos de habitação social promovidos pelo FFH, em Arganil; a moradia Celeste Sérgio, que identificámos como de Vasco Sobral Falhas, situada em Alvaiázere; a residência que Vasco Cunha delineou para si; o conjunto do Departamento de Engenharia Química, projectado com Francesco Marconi; o Edifício Panorama, localizado na Rua de Aveiro, situando-se estes três, em Coimbra; e o edifício de comércio, escritórios e habitação, desenhado em parceria com Rogério Alvarez, para Cantanhede.

Os outros dois estudos que mencionam a acção de Vasco Cunha são trabalhos académicos: a tese de doutoramento de Gonçalo Moniz, *O Ensino Moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*, redigida em 2011, que, dedicada às alterações da estrutura do curso de Arquitectura do Porto e as suas implicações, refere, nas pp. 283-284, um trabalho académico para a disciplina de Urbanologia, realizado por aquele arquitecto, enquanto estudante; e a dissertação de mestrado, da autoria de Maria Eduarda de Almeida Aleixo Duarte, sob o tema – *A Habitação Colectiva em Coimbra, Modelos de arquitectura residencial no período entre 1958 e 1974*, realizada para o Departamento de Arquitectura, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, em, 2010, não deixa de estudar algumas das obras mais evidentes daquele autor, nessa cidade, particularmente, a edificação situada na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 122, projectada em parceria com Rogério Alvarez; a “torre” do Edifício Panorama, na Rua de Aveiro; e o bloco construído em co-autoria com o engenheiro Carlos Mendes Veloso, localizado na Rua dos Combatentes da Grande Guerra e Rua General Humberto Delgado.

Como se depreende do gráfico seguinte, após a publicação de alguns projectos de 1965 a 1967, cujo carácter foi de divulgação para especialistas, seguiu-se um longo período em que, apesar de grande produção de planos, projectos e edificações, não regista publicações que se lhe refiram. Nos últimos anos, o interesse pela obra daquele arquitecto foi alvo, da atenção no Inquérito à Arquitectura do século XX, da responsabilidade da Ordem dos Arquitectos, e de estudos académicos.

Gráfico n.º 5: Cronologia nos meios editoriais



3.3. Caracterização da obra arquitectónica de Vasco Cunha e da sua evolução

A definição quantitativa efectuada no ponto anterior, é importante para compreender algumas tendências das características mais mensuráveis da obra de Vasco Cunha. Avança-se agora, com uma síntese da leitura da obra arquitectónica em si, como expressão do trabalho do arquitecto. Para isso a análise da sua obra, foi delimitada a um grupo de edifícios, que descrevemos nas fichas que formam o Anexo II, e que considerámos significativos para, a partir deles, estudar e caracterizar a evolução ocorrida durante as cinco décadas abrangidas pela sua actividade.

Essa selecção foi empreendida após o reconhecimento local das edificações. A sua identificação foi realizada através das fichas existentes no APVC, no Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra (ACMC) e com base em indicações dadas pelo autor dos projectos.

3.3.1. Obras da década de 1960

Tal como o verificado anteriormente, a década de 60, corresponde ao início da actividade do arquitecto e à sua afirmação, enquanto profissional liberal na cidade de Coimbra. Na leitura do Quadro n.º 1, apesar de já se verificar vários outros tipos de edifício, predominava nessa altura, a execução de projectos de programa habitacional e cujos principais casos tivemos oportunidade de estudar em 3.1.

Aos edifícios anteriormente analisados, podem-se acrescentar o bloco plurifamiliar na Rua Falcão Resende (Ficha 1.7 do Anexo II), não tão elaborado quanto o projectado para a rua Sá de Miranda (3.1.3), mas aproximado nas escolhas das texturas dos paramentos em tijolo; e a

habitação unifamiliar de Sigurd Keim (Ficha 1.9 do Anexo II), vizinha e, exteriormente, muito próxima à residência de Vasco Cunha (3.1.5), na Rua Aníbal de Lima, e com a casa de António Lucas Martins, na Rua Brigadeiro Correia Cardoso (3.1.1).

Como salientámos⁷¹, estas obras relevam grande cuidado na organização e distribuição do programa habitacional e recorrem, predominantemente, à utilização do tijolo, betão, madeira e pedra, aparentes, e cuidada pormenorização das serralharias e carpintarias.

As caixilharias em madeiras, utilizadas por Vasco Cunha nas construções dos primeiros projectos, eram provenientes do Porto. A sua resistência ao tempo é uma prova das suas qualidades materiais, bem como da sua sábia concepção⁷². Esse saber foi recolhido, em grande parte, quando trabalhou com o arquitecto Fernando Távora, quer com esse Mestre da Escola do Porto, quer com o arquitecto Luís Botelho Dias que, também lá colaborou e cujos conhecimentos haviam sido adquiridos por via familiar, pois o pai era proprietário de uma importante serração⁷³. Foi nessas oficinas do Porto, que maioritariamente se realizaram as carpintarias colocadas nos principais projectos de Vasco Cunha, da década de sessenta e setenta.

A utilização dos materiais na sua “verdade”, sem recobrimentos, valorizando e tirando partido plástico das suas texturas, é uma característica da fase final do Movimento Moderno, identificada por muitos como Brutalismo⁷⁴. Assim, a adopção daquelas opções, evidenciam o conhecimento e filiação, da tendência arquitectónica vigente na época, ao mesmo tempo que as soluções desenhadas procuram um certo regionalismo, escolhendo materiais oriundos da proximidade do local, o que em simultâneo, denota o espírito da época e o efeito das ideias que Távora perfilhava, assim como a influência do *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*.

Pertence aos projetos principiados na década de 60, um edifício de grande volume, projectado em parceria com Rogério Alvarez, situado em Coimbra, no gaveto da Rua General Humberto Delgado com a Rua dos Combatentes da Grande Guerra (Ficha 1.2 do Anexo II), que teve os seus estudos iniciados em 1962, mas a sua concretização aconteceu apenas na década

⁷¹ Cf. 3.1 deste trabalho.

⁷² É exemplo disso, o edifício Lídio de Oliveira, datado de 1979, localizado na Praça Marquês de Pombal, 27, em Cantanhede, que mantém em bom estado as madeiras que foram a parte inferior do avançado, enquanto a recente construção vizinha, que pretendeu dar continuidade a esse acabamento, já se encontra, com aquele revestimento, em muito mau estado.

⁷³ Segundo nos contou Vasco Cunha, Siza Vieira resolveu as delicadas questões da utilização de madeira numa situação tão perto do mar, como foi o caso da Casa de Chá da Boa Nova, 1954-1963, através do acompanhamento técnico obtido naquela serração, que foi a fornecedora da afzélia africana, de tons quentes e avermelhados, que dominam o interior daquele edifício (Trigueiros, 1997, pp. 53-65).

⁷⁴ A origem desta palavra está em “béton brut”, termo francês utilizado por Le Corbusier para descrever os materiais escolhidos para as edificações que projectou. É particularmente revelador dessas opções a Unité d’Habitation e outros edifícios posteriores, da autoria daquele mestre modernista. O crítico inglês Reyner Baham adoptou o conceito descrevendo-o, em inglês, como *brutalism*, com ele identificando a tendência do final do modernismo, que perdurou nas décadas de 1950 a 1970. Se o betão armado, exposto à vista com as texturas da cofragem, foi um dos elementos que caracterizou, arquitectonicamente, essa época, nem todos os edifícios, classificados como brutalistas, foram realizados com esse tipo estrutural. Essa identificação abrange, igualmente, as construções que evidenciam os materiais com que foram realizados, tais como tijolo, pedra, aço, vidro, etc. (Khan, 2001, pp. 162-165).

seguinte e, como tal, adoptando elementos de composição arquitectónica e revestimentos distintos, dos descritos até agora, mas já característicos dos anos setenta.

Data de 1969, o processo de licenciamento camarário⁷⁵ do edifício de três pisos destinado a comércio no térreo e a serviços, nos níveis superiores, situado em Coimbra, na Avenida Fernão de Magalhães (Ficha 1.10 do Anexo II), tal como o anterior, projectado em parceria com Rogério Alvarez. Este exemplo, com galeria ao nível do arruamento e a fachada principal marcada pela horizontalidade obtida pelos porções de paramentos, desde a laje até ao parapeito, e pelos envidraçados, daí até à base da laje, dispostos, continuamente ao longo da fachada, adopta, nas opções arquitectónicas utilizadas, elementos que se encontrarão na década de 70.

3.3.2. Obras da década de 1970

Como testemunham os casos de habitações unifamiliares que seleccionámos – a de José Augusto Almeida Pereira, na Rua Gil Vicente, n.º 120, em Coimbra (Ficha 1.12 do Anexo II); a de António José Chorão Aguiar, na Rua Rodrigues Gusmão, n.º 2, em Coimbra (Ficha 1.13 do Anexo II); a de Vasco Sobral Falhas, na Rua Conselheiro Furtado dos Santos, n.º 118, em Alvaiázere (Ficha 1.16 do Anexo II); a de Marcial Martins Oliveira, na Rua Bissaya Barreto, n.º 346, em Coimbra (Ficha 1.23 do Anexo II); e a de Rui César Castro Reis, na Rua Rodrigues Gusmão, n.º 26, em Coimbra (Ficha 1.21 do Anexo II) – as moradias deste período mantêm características arquitectónicas semelhantes às que Vasco Cunha havia projectado na década anterior.

Se, como já tivemos oportunidade de analisar em 3.2.3, esta década, mantendo os valores altos nas unidades de projectos de edifícios destinados a habitação, destaca-se pelo inusual número de Equipamentos Públicos, de que é exemplo o pavilhão Gimnodesportivo do Clube Académico de Coimbra (Ficha 1.19 do Anexo II), e, também, de Habitações Económicas, com carácter social, direccionado para a população mais desfavorecida⁷⁶.

Dentro daquele último género de projecto, merecem distinção o conjunto da Cooperativa de Habitação Económica Mondego SRL, localizada na Rua Dr. Fernando Martins, em Coimbra (Ficha 1.30 do Anexo II) e, também, o grupo de vinte e quatro habitações, promovido pelo Fundo de Fomento da Habitação, para a Rua Professor José Eduardo Ferrão, em Côja, concelho de Arganil (Ficha 1.18 do Anexo II), claramente influenciado, no seu desenho, pela tradição da arquitectura popular portuguesa⁷⁷.

Alguns projectos plurifamiliares e de habitação com comércio ou serviços, dos anos setenta, deram continuidade à linguagem arquitectónica das fachadas com elementos arquitectónicos

⁷⁵ A ficha do APVC, referente a esta edificação, tem a data de 1971.

⁷⁶ Cf. Quadro n.º 1.

⁷⁷ Vasco Cunha partilhou connosco que *no conjunto habitacional, em Côja, as vivendas com pátios eram sui generis, viravam as costas à rua e voltavam-se para um pátio, que estiquei até lá acima.*

de marcação horizontal, já experimentada, no final da anterior década na Avenida Fernão Magalhães, n.ºs 401 a 411, no edifício de comércio e serviços atrás referido (Ficha 1.10 do Anexo II). O conjunto que lhe deu continuidade, promovido pela Neocivil, é um claro exemplo da consolidação dessa linguagem, aqui aplicada, dez anos depois, em volumes ortogonalmente dispostos, em paralelo e perpendicular à via daquela avenida, formando uma imagem marcante em Coimbra nessa época (Ficha 1.25 do Anexo II).

Dentro das opções estéticas em que nos elementos arquitectónicos utilizados, predominam as marcações horizontais, destacam-se outros três edifícios, que antecederam o grande conjunto da Avenida Fernão Magalhães: o construído para Abílio Gomes de Almeida, na Rua Antero de Quental, em Coimbra (Ficha 1.11 do Anexo II), datando o licenciamento de 1970, e cuja volumetria se adapta e faz a transição entre as duas edificações contíguas, com um volume de dois pisos em galeria, acompanhando a frente do arruamento, a nascente, e os restantes cinco pisos num corpo recuado, alinhado com a edificação existente, no lado oposto, e onde as varandas fazem a acentuação horizontal; desenvolvido para Rui Garcia dos Reis, situado na Rua Manutenção Militar, n.º 3, em Coimbra, projectado em 1974 (Ficha 1.14 do Anexo II), onde a predominância compositiva horizontal é, de certo modo, contrabalançada por quatro elementos verticais que dividem a fachada em cinco partes; e o bloco de habitação, elevado sobre *pilotis*, que utiliza o piso térreo como estacionamento, projectado em 1975, para Gentil dos Santos e Luís Nobre da Cruz, situado na Travessa Alberto de Oliveira, n.º 11, em Coimbra, onde as frentes se dividem horizontalmente, em cada um dos pavimentos – equilibradas pelos sete alinhamentos de vãos e correspondentes paramentos, que os dividem – com os topos assumindo distinta composição: com menor expressão das linhas horizontais, que se reduzem em altura, e acentuação das verticais, conseguida com os vãos centrais a serem abertos até ao pavimento (Ficha 1.15 do Anexo II).

Ainda da década de 1970, identificámos um grupo de três edifícios, projectados por Vasco Cunha, cuja composição privilegiou a direcção vertical: aquele destinado a comércio e a habitação, situado em gaveto, na Rua Antero de Quental, n.º 73, em Coimbra, desenhado, em 1973, para Fernando Maia de Carvalho, que foi revestido a azulejo e a chapa de alumínio, com finos elementos verticais, a toda a altura – desde a base do primeiro andar até ao coroamento – onde enquadra as janelas (Ficha 1.20 do Anexo II); o edifício projectado, em 1977, para Humberto Teles Gonçalves, Ld.^a, na Rua Carlos Seixas, n.ºs 255 a 261, que recorreu à utilização de azulejo, elementos estruturais e alinhamentos de vãos, para esse efeito (Ficha 1.17 do Anexo II); e o edifício de comércio e serviços, situado, numa posição de esquina, na Praça Marquês de Pombal, em Cantanhede, desenhado, em 1979, em parceria com Rogério Alvarez, para Gentil dos Santos Cruz, cujos paramentos dos níveis superiores, à semelhança com o da Rua Antero de Quental, atrás referido, foram ritmados por finos alinhamentos, a prumo, enquadrando os vãos ou placas de betão aparente subdivididas com linhas verticais, contribuindo essa textura para a acentuação geral dessa direcção (Ficha 1.24 do Anexo II).

O edifício da Laborcol, na Avenida Fernão de Magalhães, n.º 574, cujo licenciamento data de 1978, é um caso particular, sendo dominante a marcação vertical na composição geral, essa é conseguida pela estrutura aparente dos pilares, que são rematados em semicírculo quando suportam os volumes superiores que sobressaem, e pela disposição das janelas, de proporção vertical, colocadas entre si com o mesmo espaçamento (Ficha 1.22 do Anexo II).

3.3.3. Obras da década de 1980

No princípio dos anos oitenta, regista-se alguma continuidade na utilização de composições arquitectónicas de preponderância vertical, na linha das que se registaram na década anterior, embora com maior empobrecimento nos materiais de revestimento e nas caixilharias utilizadas, que passaram a ser em alumínio. É o caso do conjunto habitacional de quatro lotes, promovido em 1982-83, por Francisco José Castilho Fernandes Martins, situado na Estrada da Quinta das Lágrimas (Ficha 1.33 do Anexo II).

Na década de oitenta, tal como na primeira década do século XXI, entre os programas não habitacionais, assumem maior expressão os projectos destinados a armazéns industriais (ver Quadro n.º1). Foi o caso da Adega Vinícola, promovido pela Vinexport, Caves de Coimbra, SA, na Rua das Areias, em Trouxemil, desenhada de 1984-85 (Ficha 1.34 do Anexo II), onde o volume das escadas helicoidais, construído em betão armado pintado de branco, se destaca do pavilhão principal, que tomou forma paralelepípedica e foi revestido, inferiormente, com tijolo à vista e, na parte superior, com chapa metálica, de cor branca.

Na década de oitenta do século passado, embora diminuindo de doze para três, mantiveram-se os projectos destinados a habitação económica, destacando-se, entre eles, o conjunto dos blocos de habitação social, de 1980, situado na Rua Doutor Armando Vasconcelos de Carvalho, em Arganil (Ficha 1.26 do Anexo II). Apesar das fortes condicionantes financeiras inerentes a este tipo de intervenção, o desenho do projecto conseguiu valorizar o grupo das edificações, através da visibilidade dos elementos estruturais, dos vãos, de dimensão contida, de um tratamento plástico na varanda e zona complementar da cozinha, e da marcação e protecção da entrada, com um telheiro, em balanço, coberto por três águas.

De entre as habitações unifamiliares, cujo número produzido se manteve significativo nos anos oitenta (Quadro n.º1), destaca-se a moradia, de claro enquadramento urbano, desenhada para o relevante promotor imobiliário, particularmente activo em Coimbra, Joaquim do Patrocínio Tavares, situada na Avenida Afonso Henriques, n.º 35, torneja com a Rua Correia Teles, com a data de 1981, de acordo com o registo no APVC (Ficha 1.29 do Anexo II). Com algumas das características e tipos de revestimentos comuns com os exemplos da década de sessenta e setenta, tem a particularidade possuir portadas exteriores em sistema deslizante, um nível destinado a comércio, com frente para a Rua Correia Teles, no piso abaixo da soleira, e a

acentuação da direcção horizontal, na composição, obtida pelos remates e coroamentos de cada um dos três níveis em que a residência se desenvolve.

Em meados e finais deste período é notória a construção de edifícios de influência pós-moderna⁷⁸, quer em edifícios isolados, como é o caso do realizado para Patrocínio Tavares, na esquina do Largo da Cruz de Celas, em 1980 (Ficha 1.27 do Anexo II), ou o desenvolvido para Avelino da Cruz, na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 131, com Ficha de 1974 e licenciamento de 1980 (Ficha 1.28 do Anexo II); ou em vários conjuntos de edifícios, dispostos em banda, por vezes de dimensão apreciável, inseridos em loteamentos delineados por Vasco Cunha.

Nessa situação encontram-se o conjunto desenhado para a Arenatum, na Avenida Fernão de Magalhães e Rua João Machado, em 1982 (Ficha 1.32 do Anexo II); o realizado para C. C. Messias de Carvalho & Filhos, Ld.^a, na Avenida Afonso Henriques, n.º 45, em 1986 (Ficha 1.35 do Anexo II); o promovido por Messias Construções, Ld.^a, para a Rua Virgílio Correia, n.ºs 8 a 34, em 1987 (Ficha 1.43 do Anexo II); o feito para a Laburcol, Sociedade de Empreendimentos, Ld.^a, para a mesma rua, n.ºs 11 a 83, em 1988 (Ficha 1.37 do Anexo II); os destinados a esta última empresa, localizados na Rua Nicolau Chanterene, n.ºs 230, 242 e 260, de 1987 (Ficha 1.36 do Anexo II); e os delineados para C. C. L. Construções Civas e Obras Públicas, Ld.^a, correspondendo aos lotes 53 a 64 da Rua Machado de Castro, em 1986-88 (Ficha 1.38 do Anexo II). Predominam nas edificações, dos três últimos casos descritos, o uso de tijolo e betão à vista assim como a utilização de varandas, salientes ou recuadas e referências a elementos arquitectónicos clássicos, como o arco e o frontão. Nos três primeiros o tijolo e o betão à vista foram substituídos por reboco pintado, introduzindo-se elementos cilíndricos, quer em remates ou corpos que se destacam dos volumes principais, quer em varandas que tomam essa forma.

Com estas últimas características e desenho, que compensa a depuração de referências arquitectónicas históricas, com um investimento no tratamento dos volumes e na composição, salienta-se o conjunto dos quatro lotes concretizados por C. C. Messias de Carvalho & Filhos, Ld.^a, na Urbanização Quinta da Estrela, de 1970-89 (Ficha 1.39 do Anexo II).

É, ainda, de 1982 o edifício projectado para Joaquim Patrocínio Tavares, na Rua da Sofia, n.º 75, cuja solução mostra sensibilidade ao contexto onde se integra, mantendo na fachada o ritmo de vãos que é corrente na arquitectura legada na cidade tradicional (Ficha 1.31 do Anexo II).

3.3.4. Obras da década de 1990

⁷⁸ Sobre os aspectos diversificados que a linguagem arquitectónica assumiu em Portugal na década de oitenta e noventa, retomando elementos históricos e clássicos no vocabulário utilizado, que variou entre releituras dos primeiros exemplos modernistas a estilizações neoclássicas, vejam-se os exemplos constantes nos catálogos da exposição «Depois do Modernismo», que ocorreu, em Lisboa, de 7 a 30 de Janeiro de 1983, e o da «2.ª Exposição Nacional de Arquitectura – Anos 80», promovida pela Associação dos Arquitectos Portugueses, em Abril de 1989, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa.

Como se pode verificar no Quadro n.º1, foi na década de 90 que Vasco Cunha projectou o maior número de Equipamentos Públicos, como foi o caso do Palácio de Justiça de Tábua, um edifício distinto e sóbrio, como requer a sua função, ao mesmo tempo que assume adequada escala na Praceta onde se enquadra (Ficha 1.41 do Anexo II). Colocámos, igualmente, nesta categoria o conjunto, de dimensão apreciável, que alberga o Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (FCTUC), projectado, em parceria com Francesco Marconi, entre 1989 e 96, localizado na Rua Sílvio Lima e Luís Reis dos Santos, no Pólo II, da Universidade de Coimbra (Ficha 1.50. do Anexo II).

Embora não atingindo os valores da década anterior, nos anos noventa encontram-se, no APVC, treze edifícios destinados a serviços. De entre eles, destacamos as instalações da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Coimbra, situado na EN 111, em S. Silvestre (Ficha 1.57 do Anexo II), e a remodelação e ampliação, de 1998, efectuada na vetusta agência do Banco de Portugal, localizada no Largo da portagem, em Coimbra, que teve projecto inicial, de 1913, do arquitecto Adães Bermudes (1864-1948), introduzindo-lhe, um novo volume que, respeitando linhas horizontais da edificação pré-existente, se demarcou, radicalmente, dela, assumindo-se como uma construção metálica, com a estrutura aparente, implantada, na Rua do Sargento Mor, alinhada com a construção vizinha. O piso térreo do volume acrescentado, em galeria, garante o percurso pedonal sob ele e, desse modo, a não redução do espaço público (Ficha 1.56 do Anexo II).

Ainda no grupo dos edifícios de serviços, destaca-se a sede da EDP – Centro, localizado na Avenida Cónego Urbano Duarte, n.º 100, traçado em 1995. Este conjunto merece particular menção, não só pela sua dimensão, pois, só ele, constituiu uma unidade urbana com três frentes, permitindo o usufruto público no interior do “quarteirão”, mas também pela qualidade e modernidade dos materiais de revestimento que ostenta, que remetem já para uma linguagem que alia a arquitectura e a tecnologia, característica do final do século XX (AAVV, 2006, pp. 211-225), utilizando pedra, painéis de chapa de alumínio, vidro com estrutura oculta e grelhas metálicas de sombreamento (Ficha 1.49 do Anexo II).

Em representação dos vários conjuntos turísticos projectados por Vasco Cunha, na década anterior e na de noventa (ver Quadro n.º1), seleccionámos o Hotel e Aparthotel, realizado para a Mogal Investimentos Hoteleiros e Turísticos, SA, datado de 1996 e localizado na Avenida Infante Dom Henrique, em Monte Gordo (Ficha 1.53 do Anexo II).

Quanto às construções que acolheram programas, predominantemente, habitacionais plurifamiliares, mantêm-se, na generalidade, as opções arquitectónicas, mais depuradas, já registadas na década de oitenta, e onde predomina a solução mais económica do reboco pintado, conjugando-a com o tijolo – que é, por vezes, substituído por forras de tijoleira – o betão e a pedra, já usuais na sua obra das décadas anteriores. Enquadram-se nesta situação o edifício projectado em 1991 para Agostinho Esteves Ferreira de Araújo, localizado na Rua Combatentes da Grande Guerra, n.º 136 (Ficha 1.42 do Anexo II); o gizado para a Silvires – Construções Residenciais, Ld.ª, situado na Rua Paulo Quintela (Ficha 1.44 do Anexo II); a

edificação promovida, em 1996, pela Imobiliária Patrocínio Tavares, SA, para a Rua Augusta, n.º 13 (Ficha 1.52 do Anexo II); e o conjunto de sete lotes, arquitectado em 1997, para Júlio Lopes e Albino Pascoal, para a Alameda Dr. Armando Gonçalves (Ficha 1.54 do Anexo II). Todas as construções referidas inserem-se na cidade de Coimbra.

Integrado no grupo de edifícios habitacionais plurifamiliares projectados nos anos noventa, anteriormente descrito, deve destacar-se o bloco habitacional delineado, em 1998, para a Imobiliária Patrocínio Tavares, SA, e implantado na Avenida Doutor Dias da Silva, n.º 2, também, em Coimbra. Neste exemplo, a composição dos vãos, o jogo de volumes, das palas e das varandas, apontam para as soluções que irão ser desenvolvidas nos anos seguintes (Ficha 1.55 do Anexo II).

Recorrentemente, os edifícios projectados por Vasco Cunha que, além da habitação dos pisos superiores, possuem, nos inferiores, espaços comerciais, adoptaram a solução de galeria, beneficiando as lojas e o espaço público que lhes dá acesso com uma maior protecção aos percursos exteriores que acompanham a frente. Exemplificam esta situação o edifício de comércio e habitação, localizado na Rua do Carmo, n.º 86, em Coimbra, projectado em 1990 (Ficha 1.40 do Anexo II); o conjunto de blocos, projectados de 1989 a 1994, para a Laburcol, Sociedade de Empreendimentos, Ld.^a, na Rua Urbanização Panorama, no Monte Formoso, em Coimbra (Ficha 1.47 do Anexo II); e os sete lotes, projectados, de 1991 a 1996, para a Construções Residenciais Progresso Coimbra, Ld.^a, situados na Rua Feitoria dos Linhos (Ficha 1.51 do Anexo II). Embora com menor extensão, enquadram-se, ainda, neste grupo, o edifício traçado para a Dimar – Construções e Urbanizações, Ld.^a, localizado na Rua da Figueira da Foz, n.º 1, em Coimbra (Ficha 1.45 do Anexo II), e o delineado, em 1995, para Luís Miguel e José Eduardo Cruz Simões, na Rua dos Combatentes, n.º 67, naquela mesma cidade (Ficha 1.48 do Anexo II).

Neste grupo de edificações, que alia a habitação, nos pisos superiores, com espaços comerciais, no térreo, destaca-se, pela solução, a dimensão e qualidade geral alcançada, no Atrium-Solum, projectado, em 1994, para a Imobiliária Patrocínio Tavares, Ld.^a, e que podemos encontrar na Rua Infanta Dona Maria, n.º 10, em Coimbra (Ficha 1.46 do Anexo II). Neste caso, o conjunto habitacional recua, formando um bloco de sete pisos e o bloco das lojas forma a frente sobre o arruamento. A galeria fica protegida e destacada, por uma pala continua, suportada por elegantes *pilotis*. As novas opções na linguagem que este conjunto assume, integram-no claramente, nas opções de expressão da arquitectura dos anos noventa, e que perdurarão nos anos seguintes.

Da mesma época, mas assumindo uma linguagem arquitectónica de maior influência da dita Escola do Porto, o que constitui uma excepção na obra de Vasco Cunha, é o conjunto de três lotes, de dois pisos, com comércio no rés-do-chão e habitação, no elevado, desenhado, em 1995, para Nelson Francisco Lima, e localizado em Ceira, nos arredores de Coimbra (Ficha 1.58 do Anexo II). Neste caso, os volumes paralelepípedicos, de cobertura plana, destacam-se pelo efeito de massa. Na parte superior, a composição dos vãos tem ritmo certo e contido, e é

acompanhada por varandas individuais. A esses elementos contrastam em baixo, com uma ampla área envidraça, que assinala o comércio, na frente da construção.

3.3.5. Obras do novo século

Na continuidade da década antecessora, de 2000 até ao presente, constata-se o prosseguimento da utilização das características dominantes no anterior percurso, ao mesmo tempo que às opções de revestimento eleitas nas obras, das duas primeiras décadas de actividade de Vasco Cunha, surgem conjugadas com materiais mais contemporâneos.

Fora dos programas habitacionais, entre as obras planeadas neste século, destaca-se o equipamento denominado *Domus Vitae*, destinado a creche e lar de idosos, projectado, entre 2004 e 2010, para a Fundação Beatriz Santos, situado na Avenida José R. Sousa Fernandes, em Lordemão, Coimbra (Ficha 1.73 do Anexo II); a Casa dos Pobres em Coimbra, projectado entre 2000 e 2005, situado na Rua da Misericórdia, em S. Martinho do Bispo (Ficha 1.62 do Anexo II); o armazém industrial, desenhado, em 2005, para Dionísio Seíça, instalado no Lote 11, do Parque Industrial de Eiras (Ficha 1.69 do Anexo II); e o edifício destinado a comércio e serviços, traçado, em 2004, para a Corporation Dermoestetica, SA, localizado na Rua João Machado, n.ºs 21 e 23, em Coimbra, que contrapõe, numa composição de fachada plana, um conjunto de vãos regularmente dispostos, numa organização “tradicional”, um revestimento em painéis de chapa de alumínio, assumidamente contemporâneo, que, acentuando a posição horizontal, modela e rege a dimensão dos vãos (Ficha 1.65 do Anexo II).

Perpetuam os tipos compositivos já encontrados nas duas décadas anteriores, o conjunto das edificações coimbrãs destinadas a comércio e a habitação plurifamiliar, delineadas, em 2000, para Arménio de Lemos Simões, situadas na Estrada de Coselhas, na Quinta da Conchada (Ficha 1.59 do Anexo II); o grupo dos blocos habitacionais, traçados em 2004, para Júlio Lopes, correspondendo aos lotes 6 a 11, na Rua de S. Teotónio, em Coimbra (Ficha 1.67 do Anexo II); ou, com uma maior actualização da linguagem, os onze lotes, desenhados em 2004, e que a Lusopascal – Construções, Ld.^a, construiu na Estrada de Eiras (Ficha 1.68 do Anexo II); os cinco lotes projectados, em 2002, para Soares & Lopes Construção Civil, Ld.^a, para a Avenida da Guarda Inglesa (Ficha 1.63. do Anexo II); o grupo de edificações destinadas a comércio e a habitação, projectada em 2001, para Ilabeli – Empreendimentos Imobiliários, Ld.^a, implantada no Nó dos Olivais, Rua Flávio Rodrigues, 51 a 57 (Ficha 1.60 do Anexo II); e o bloco de comércio e serviços, feito, entre 1999 e 2004, para Júlio Lopes/Voimarães – Empreendimentos Imobiliários, Ld.^a, formando quatro lotes na Avenida Bissaya Barreto, em Celas (Ficha 1.66 do Anexo II).

Entre as habitações unifamiliares definidas por Vasco Cunha, no novo século, destaca-se o conjunto de moradias isoladas ou geminadas, projectadas, entre 2000 e 2006, para a Laborcol

– Sociedade de Empreendimentos, Ld.^a, na Rua de S. Lourenço, em Ribeira de Frades (Ficha 1.70 do Anexo II); e a residência isolada, desenhada por Vasco Cunha em parceria com o arquitecto José Júlio Cabral Dias, para Jorge Fernandes Rodrigues Bernardino, implantada no lote 2 da Urbanização Carrascal (Ficha 1.61. do Anexo II). De linguagem neo-modernista, este projecto fez uma revisitação aos trabalhos de Le Corbusier, da década de 1920, em particular, à fachada principal da Villa Stein, em Garches (Cohen, 2006, pp. 35-41). A edificação, sobrelevada em pilares, tem a sua imagem marcada pela fachada que foi “rasgada” num vão contínuo, a todo o comprimento, em cada um dos dois pisos superiores, para usufruir das vistas panorâmicas. No lado direito do nível mais alto, sobressai um volume escuro, construído em estrutura metálica, que contrasta com a parede branca do fundo.

Entre os projectos que evidenciam uma maior adesão a linguagens arquitectónicas do princípio do século XXI, destacam-se a edificação que acolheu o Coimbra i Parque – Parque de Inovação em Ciência, localizado no Parque Tecnológico i Parque, desenhado entre 2004 e 2007, marcada por uma proteção de sombreamento metálica, a proteger as frentes nascente e sul (Ficha 1.71 do Anexo II); o conjunto habitacional, com projecto de 2004, promovido por Construções Correia Marques, Ld.^a, que ocupa três lotes na Rua Jorge Anjinho (Ficha 1.64 do Anexo II); e o bloco realizado para a firma FM Santos, Ld.^a, em 2006, situado na Rua de Aveiro (Ficha 1.72 do Anexo II).

4. Conclusões

Quando nos propusemos elaborar esta dissertação, tínhamos a percepção que Vasco Cunha havia projectado, nas últimas cinco décadas, muitos e marcantes edifícios, construídos em Coimbra. No entanto, a investigação desenvolvida foi, particularmente, reveladora desses números, que totalizam oitocentos e cinquenta e sete projectos registados no arquivo e que, na década de maior intensidade a de 1980, tem a impressionante média de, praticamente, vinte e cinco projectos por ano. O que faz dele, senão quem mais desenhou planos urbanísticos e edifícios e construiu, naquela cidade, nas últimas décadas do século XX, com certeza, um dos que mais contribuiu para isso.

O seu percurso biográfico, os anos de formação e o facto de ter colaborado, enquanto estudante e nos primeiros anos da sua acção profissional, com os arquitectos Fernando Távora, os associados Arménio Losa e Cassiano Barbosa e Lixa Filgueiras, foram muito influenciadores das obras iniciais, de sua inteira responsabilidade. Essas primeiras realizações deram-lhe o reconhecimento profissional, em Coimbra, que lhe proporcionou o desenvolvimento dos trabalhos nas décadas seguintes.

Como vimos, se o distrito e a cidade de Coimbra é, de longe, onde, geograficamente, predominam as suas obras, estas não deixam de se espalhar por quase todos os distritos continentais, das ilhas e, ainda, em Angola. E se os programas habitacionais preponderam na sua obra, é, também, caracterizador da sua actividade a grande diversidade de tipos de ocupação nas edificações que traçou.

Se a quantidade de planos e projectos concretizados por Vasco Cunha foi alvo de destaque nesta investigação, não pudemos deixar de salientar a qualidade arquitectónica que, frequentemente, assumiram e da qual destacámos mais de setenta edifícios, que serviram para delinear as principais características das suas edificações.

Como pudemos analisar, as primeiras obras na década de 60, caracterizam-se pela utilização do tijolo, betão, pedra e madeira aparentes, reveladora de uma tendência que embora não fosse maioritária no âmbito da arquitectura daquela época, revela uma influência da arquitectura que se fazia no Porto. Tendo sido muito influenciadora dessas escolhas, as visitas aos empreendimentos das habitações sociais dos arquitectos lisboetas, principalmente as experiências nos Olivais Sul. Ao mesmo tempo, que as influências da passagem pelo *atelier* de Fernando Távora terão reforçado os aspectos e as opções de carácter regionalista. Nas duas décadas seguintes, a essas constantes – que se mantiveram, principalmente nas habitações familiares – juntaram-se elementos da época, com algumas opções pela marcação horizontal nas composições arquitectónicas e a utilização de materiais menos nobres, como o reboco pintado e as caixilharias de alumínio, não deixando de se notar a procura de soluções preocupadas com a integração da volumetria, na envolvente, entre as qualidades das edificações, então, realizadas. Nos anos noventa os seus projectos adoptam elementos arquitectónicos com uma linguagem que articula e destaca, na edificação, os aspectos

tecnológicos, ao mesmo tempo que retoma a utilização de materiais mais nobres, em sínteses refinadas e elegantes, que caracterizam as melhores obras do final do século XX e dos primeiros anos do seguinte.

Em suma, ao longo de toda a obra de Vasco Cunha, além das soluções urbanísticas, e arquitectónicas que acompanharam a contemporaneidade, regista-se a existência de uma linha de pensamento constante, que articulou as sólidas regras de projecto que assumiu como correctas, desde o princípio – como a disposição da compartimentação em relação à exposição solar e os revestimentos em tijolo, pedra e madeira à vista – com a evolução de novas técnicas e linguagens, sabendo conciliar os interesses dos promotores privados, que predominam entre os clientes, com os do usufruto e vantagens que as suas intervenções pudessem aportar para o interesse público.

Se a obra de Vasco Cunha não estava, propriamente, esquecida, esta investigação revelou a quantidade e qualidade que atingiu, contribuindo para a divulgação e o reconhecimento da actividade deste arquitecto, de grande presença em Coimbra, cidade que o acolheu e onde desenvolveu cerca de cinquenta anos de projectos.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes

- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2969/58», 1958.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 1360/64», 1964.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 1683/64», 1964.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 547/65», 1965.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3605/68», 1968.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 7500/68», 1968.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2224/69», 1969.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6891/69», 1969.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6929/70», 1970.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 835/73», 1973.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3918/73», 1973.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 5447/74», 1974.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 91/75», 1975.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 4374/76», 1976.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 446/77», 1977.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3608/78», 1978.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 4482/78», 1978.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 25/DHC/80», 1980.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 1499/80», 1980.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2312/80», 1980.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 418/82», 1982.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 20632/82», 1982.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 21203/82», 1982.
- ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 18806/83», 1983.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 8267/85», 1985.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 18371/86», 1986.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 29663/87», 1987.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 9729/88», 1988.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 30218/88», 1988.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 15386/90», 1990.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 34947/91», 1991.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 1864/92», 1992.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 40496/93», 1993.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 5756/94», 1994.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 20369/94», 1994.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 34162/94», 1994.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6494/95», 1995.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 24114/95», 1995..

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 13095/96», 1996.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 17526/96», 1996.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 26075/96», 1996.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 12333/97», 1997.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 26239/98», 1998.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 40469/98», 1998.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 1189/00», 2000.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3644/01», 2001.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2430/02», 2002.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 4036/02», 2002.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2585/04», 2004.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3137/04», 2004.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 5531/04», 2004.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 6954/04», 2004.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 4967/05», 2005.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 5227/05», 2005.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 3239/06», 2006.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 866/07», 2007.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 511/09», 2009.

ACMC – Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, «Processo n.º 2203/10», 2010.

APVC – Arquivo Pessoal Vasco Cunha, «Projecto 1/64 – Vivenda de António Lucas Martins», Maio de 1964.

APVC – Arquivo Pessoal Vasco Cunha, «Projecto 6/65 – Edifício Panorama», s.d.

APVC – Arquivo Pessoal Vasco Cunha, «Projecto 7/63 – Edifício de Habitação – António Campos», Setembro de 1964.

APVC – Arquivo Pessoal Vasco Cunha, «Projecto da Residência de Vasco Cunha», Outubro de 1969.

CARTA 230-3/5-5/1 do Levantamento Aerofotogramétrico de Coimbra. Escala 1:1000. [Setembro de 1978]. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Fotografia aérea vertical de Coimbra. Google Earth. Imagem capturada a 13 de Junho de 2012. [consult. 10 Setembro 2013].

CASTRO, Francisco – *Vista aérea da cidade, com o antigo Banco Nacional Ultramarino (à direita), o edifício Montegiro (à esquerda) e a Igreja de Nossa Senhora do Livramento (1972-1973).* [Documento fotográfico]. [Quelimane-Moçambique: s.n., 1972-73]. p & b.

PLANTA Topográfica de Coimbra. Escala 1:1000. [1960]. Folha 8E. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Referências Bibliográficas

AA.VV. – **1º Congresso Nacional de Arquitectura: Relatório da comissão executiva, teses, conclusões e votos do congresso**. Lisboa: Sociedade Nacional dos Arquitectos, 1948. 293 p.

AA.VV. – **2.ª Exposição Nacional de Arquitectura – Anos 80**. Coord. de Ana Silva Dias. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1989. 216 p. Catálogo de exposição realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Abril de 1989.

AAVV. – **Arquitectura Popular em Portugal**. 2.ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980. 763 p.

AA.VV. – Arte Contemporânea. In NAVARRO, Francesc (dir.) – *História da Arte*. [S.l.]: Editorial Salvat, S.L., 2006. vol. 18. 287 p. ISBN: 84-471-0474-5.

AA.VV. – **Caminhos do património**. Margarida Alçada, Maria Inácia Teles de Brito (coords.) Lisboa: DGEMN: Livros Horizonte, 1999. 254 p. ISBN 972-97638-2-8.

AA.VV. – **Depois do Modernismo**. Coord. de Luís Serpa. Lisboa: [s.e.], 1983. 224 p. Catálogo de exposição realizada de 7 a 30 de Janeiro de 1983.

ALMEIDA, Pedro Vieira de [et.al.] – **Arquitectura do Século XX: Portugal**. Munique: Prestel; Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum, 1997. 352 p. ISBN 3-7913-1910-8.

AUZELLE, Robert – **A la mesure des hommes**. Paris: Massin, 1980.

___ **Clefs pour l'urbanisme**. [S.l.]: Seghers, 1971.

___ **L'architecte**. Paris: Ed. Vincent, Fréal et Cie., 1965.

___ **323 citations sur l'urbanisme**. Colab. de Jean Gohier e Pierre Vetter. Paris: Ed. Vincent, Fréal et Cie., 1964.

___ **Plaidoyer pour une organisation consciente de l'espace**. Paris: Ed. Vincent, Fréal et Cie., 1962.

___ **Technique de L'urbanisme**. Paris: PUF, 1953.

AUZELLE, Robert; JANKOVIC – **Encyclopédie de l'Urbanisme**. Paris: Vicent, Fréal et Cie., 1947-1963.

BANDEIRINHA, José António – Cem Anos de Arquitectura no Centro de Portugal. In João Afonso, ed., org. – *IAP XX. Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006. ISBN 972-8897-14-6. p. 272-274.

BARATA, Paulo Martins – *Construction and Representation in Portuguese Architecture. An inquiry on the works of Fernando Távora, Álvaro Siza and Eduardo Souto de Moura*. Zurique: Technische Wissenschaften ETH University, 2000. Tese de doutoramento.

BENEVOLO, Leonardo – **História da Arquitectura Moderna**. Ed. Brasileira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. 813 p. Tít. orig.: Storia dell'architettura moderna.

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS – **Uma homenagem a Arménio Losa**. Porto: Câmara Municipal de Matosinhos; Porto: Edições Afrontamento, 1995. ISBN 972-36-0363-2.

CASTANHEIRA, Joana; PEREIRA, Jaime; BASTOS, Diogo – **Raul Hestnes Ferreira: projectos 1959-2002**. Porto: Edições ASA, D.L. 2002. 318 p. ISBN 972-41-3172-6.

CASTRO, Francisco – *Vista aérea da cidade, com o antigo Banco Nacional Ultramarino (à direita), o edifício Montegiro (à esquerda) e a Igreja de Nossa Senhora do Livramento (1972-1973)*. [Documento fotográfico]. [Quelimane-Moçambique: s.n., 1972-73]. p & b. [consult. 31 Julho 2013]. Disponível na Internet: <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra/Imagens/Fotografia?a=2191>.

COHEN, Jean-Louis – **Le Corbusier 1887-1965 – Lirismo da Arquitectura da Era da Máquina**. Colónia: Taschen; Lisboa: Público, 2006. 96 p. ISBN-13: 978-3-8228-3736-8; ISBN-10: 3-8228-3736-9.

COSTA, Alexandre Alves [et.al.] – **Guia de arquitectura moderna: Porto 1901/2001**. Porto: Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitectos: Civilização Editora, 2001. 30 f. desdobr. ISBN 972-26-2061-4.

CUNHA, Vasco – *Entrevista cedida a Nuno Lopes*. [Registo sonoro]. Coimbra, 2013. (MP3) (136 min.)

___Prémio Secil Arquitectura 1996. *Jornal Arquitectos*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. ISSN 0870-1504 0. 165 (1996) 49-50.

CURTIS, William – **Modern Architecture since 1900**. 3ª ed. Londres: Phaidon, 1996. 736 p. ISBN 0-7148-3356-8.

DUARTE, Maria Eduarda de Almeida Aleixo – *A Habitação Colectiva em Coimbra, Modelos de arquitectura residencial no período entre 1958 e 1974*. Coimbra: [s.n.], 2010. 268 p. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Fátima, e CANNATÀ, Michele – **Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002**. Porto: Asa, 2003. 329 p. ISBN 972-41-3175-0.

FERNANDES, José Manuel – **Geração Africana; arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925 – 1975**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002. 118p. ISBN 972-24-1220-5.

___**Arquitectura Portuguesa: uma síntese**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000. 226 p. ISBN 972-27-1038-9.

FERNANDES, José Manuel; MAIA, Maria Helena; ALMEIDA, Pedro Vieira de – A Arquitectura Moderna. In FERNANDES, José Manuel; ALMEIDA, Pedro Vieira de (coords.) – *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. 14.

FERNANDEZ, Sérgio – *Percurso: arquitectura portuguesa, 1930-1974*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto Publicações, 1985. Tese para provas de habilitação para professor agregado do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

FERRAZ, Nuno – Hotel Chuabo. In *Ferraz no Índico* [Mensagem em linha]. Maputo, 16 Outubro 2007. [Consult. 26 Julho 2013]. Disponível em <http://ferraznoindico.blogs.sapo.pt/7239.html>.

FERREIRA, Carolina Conceição – *Coimbra aos Pedços: uma abordagem ao espaço urbano da cidade*. Coimbra: [s.n.], 2007. 113 p. Tese de licenciatura.

FERREIRA, Alfredo Durão de Matos – **Aspectos da Organização do Espaço Português**. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto Publicações, 1995. 143 p.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa – **Da Função Social do Arquitecto, para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada**. 2ª ed. Porto: Escola Superior de Belas-Artes do Porto, 1985. 141 p.

___Barcos. In Fernando de Castro Pires de Lima (dir.). *A Arte Popular em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 1963. vol. 3.

FRAMPTON, Kenneth – **História Crítica da Arquitectura Moderna**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. Ed. Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 470 p. Tít. orig.: *Modern Architecture – a critical view*.

FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX (1911-1961)**. 3ª ed. Venda Nova: Bertrand, 1991. 660 p. ISBN 972-25-0045-7.

___ **História da Arte Ocidental: 1780-1980**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. 455 p.

___Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura. In FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. *Os anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982. vol. I.

___Arquitectura do Estado Novo: 1930-1948. *Arquitectura: planeamento, design, construção, equipamento*. Lisboa. ano III, 4ª série, 142 (Jul.1981) 18-19.

___ **A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX: (1910-1980)**. 2ª ed. Lisboa: Livros horizonte, 1980. 83 p.

GIDDENS, Anthony – **As conseqüências da modernidade**. Trad. de Fernando Luís Machado, Maria Manuela Rocha. 2ª ed. Ed. Portuguesa. Oeiras: Celta, 1995. 148 p. Tít. orig.: *The consequences of modernity*. ISBN 972-8027-27-3.

GIEDION, Siegfried – **La Mecanización toma el Mando**. Trad. de Rimbau i Suarí Esteve.

Ed. Espanhola. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978. 731 p. Tít. orig.: Mechanization takes command: a contribution to anonymous history. ISBN 84-252-0720-7.

GOMES, Paulo Varela – *Arquitectura, os últimos vinte e cinco anos*. In Paulo Pereira (ed.) – *História da Arte Portuguesa*, vol. 3. Lisboa: Temas e Debates, 1995. ISBN 972-759-009-8. p. 547-591.

GONÇALVES, José Fernando – *Edifícios Modernos de Habitação Colectiva – 1948/61: Desenho e Standard na Arquitectura Portuguesa*. Barcelona: [s.n.], 2007. 439 p. Tese de doutoramento.

___ **Ser ou não Ser Moderno: Considerações sobre a Arquitectura Modernista Portuguesa**. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2002. 167 p. ISBN 972-97383-8-6.

GUIMARÃES, Carlos [et.al.] – **A Arquitectura da Indústria, 1925-1965**. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico, 2005. 276 p. ISBN 84-609-4295-3.

HITCHCOCK, Henry-Russell – **Architecture: Nineteenth and Twentieth Centuries**. Harmondsworth: Penguin Books, 1958. 498 p.

JODIDIO, Philip – **Novas Formas na Arquetctura – A Arquitectura dos anos 90**. Colónia: Taschen, 1997. 237 p. ISBN 3-8228-8487-1.

KHAN, Hasan-Uddin – **Estilo Internacional – Arquitectura Modernista de 1925 a 1965**. Colónia: Taschen, 2001. 237 p. ISBN 3-8228-1269-2.

LEI n.º 2092/58. *Diário do Governo I Série*. 72 (58-04-09). 213-216.

LAND, Carsten; HÜCKING, Klaus J.; TRIGUEIROS, Luiz – **Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974**. Lisboa: Editorial Blau, 2005. 719 p. ISBN 972-8311-17-6.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – **Património arquitectónico e arqueológico – cartas, recomendações e convenções internacionais**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. 351 p. ISBN 972-24-1307-4.

MESQUITA, Marieta Dá – Fontes para a história da arquitectura contemporânea portuguesa – um primeiro olhar sobre a construção moderna. *GEHA - Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo*. Lisboa: GEHA. ISSN 0874-2898. 3/2 (1999) 105-118.

MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto – *O Ensino Moderno da Arquitectura. A reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2011. Tese de doutoramento.

NEUFERT, Ernest – **A Arte de Projectar em Arquitectura**. 7ª ed. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 1981. 432 p. ISBN: 84-252-0737-1.

NEVES, José Manuel das, ed.lit. – **Manuel Tainha: projectos (1954-2002)**. Porto: Edições ASA, 2002. 286 p. ISBN 972-41-3113-0.

NP 405-1. 1994. *Informação e Documentação*. IPQ.

NP 405-2. 1998. *Informação e documentação. Referências bibliográficas. Parte 2: Materiais não livro*. IPQ.

NP 405-3. 2000. *Informação e documentação. Referências bibliográficas. Parte 3: Documentos não publicados*. IPQ.

NP 405-4. 2002. *Informação e documentação. Referências bibliográficas. Parte 4: Documentos electrónicos*. IPQ.

OLIVEIRA, Filipa Raquel Roque – *Habitacões Económicas - Federação de Caixas de Previdência. Casas de Renda Económica em Coimbra*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012. 205 p. Tese de mestrado.

PEDREIRINHO, José Manuel – **Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade**. Porto: Edições Afrontamento, 1994. ISBN 972-36-0348-9.

PEREIRA, Nuno Teotónio – O Congresso de 1948. O que fazer com estes 50 anos?. *Jornal dos Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. ISSN 0870-1504. 186 (Setembro 1998) 35-37.

PEREIRA, Paulo – **2000 anos de arte em Portugal**. Lisboa: Temas e Debates, 1999. 349 p. ISBN 972-759-173-6.

POMAR, Alexandre – O caso do Hotel Chuabo, Quelimane (2). In *Alexandre Pomar* [Mensagem em linha]. 7 Julho 2011. [Consult. 26 Julho 2013]. Disponível em http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2011/06/hotel-chuabo-quelimane.html.

___Hotel Chuabo, Quelimane. In *Alexandre Pomar* [Mensagem em linha]. 6 Julho 2011. [Consult. 31 Julho 2013]. Disponível em http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/2011/06/hotel-chuabo-quelimane.html.

RAGAZZI, Graça Correia – **Ruy Jervis d’Athougua – A modernidade em aberto**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2008. 359 p. ISBN 978-989-8129-39-0.

Recuperação de um prédio, na alta de Coimbra. *Binário*. [S.l.] 106 (Julho de 1967) 10-11.

REIS, Cândido – *Maurício de Vasconcellos. A obra entre 1950-1970. Um percurso na carreira*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2010. Tese de mestrado.

R. F. Os Planos do Porto - dos Almadás aos nossos dias 8 (II parte). In *Do Porto e Não Só* [Mensagem em linha]. Porto, 13 Abril 2011. [Consult. 26 Julho 2013]. Disponível em <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos.html>.

___ Os Planos do Porto - dos Almadás aos nossos dias 8 (I parte). In *Do Porto e Não Só* [Mensagem em linha]. Porto, 12 Abril 2011. [Consult. 26 Julho 2013]. Disponível em <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/04/os-planos-para-o-portodos-almadas-aos.html>.

RODRIGUES, Maria João Madeira – **Arquitectura**. Lisboa: Quimera Editores, 2002. 103 p. ISBN 972-589-074-4.

___ Valor. Introdução ao estudo da história da arquitectura e do urbanismo. *GEHA - Revista de História, Estética e Fenomenologia da Arquitectura e do Urbanismo*. Lisboa: GEHA. ISSN 0874-2898. 1 (1998) 56-60.

ROSA, Joseph – **Louis I. Kahn 1901-1974 – Espaço Iluminado**. [S.l.]: Taschen, 2006. 96 p. ISBN-13: 978-3-8228-2000-1; ISBN-10: 3-8228-2000-8.

SEGUNDO SEMINÁRIO DOCOMOMO IBÉRICO, Sevilha, 1999 – *Arquitectura e Indústria Modernas 1900-1965: actas*. Barcelona: DOCOMOMO, 2000. ISBN 84-920495-1-0.

SOUSA, Fernando; ALVES, Jorge Fernandes – **Leixões, uma história portuária**. Porto: APDL, 2002. 367 p.

TAVARES, Maria Fernanda Gaspar – Leituras da produção [moderna] da casa: as HE nos anos 50 e 60 em Portugal. *Resdomus* [Em linha]. (2010). [Consult. 31 Julho 2013]. Disponível na Internet: <http://resdomus.blogspot.pt/2011/03/leituras-da-producao-moderna-da-casa-as.html>. ISSN 1647-6395.

___ *Federação de Caixas de Previdência – Habitações Económicas: Um percurso na História da Arquitectura da Habitação em Portugal*. Lisboa: [s.n.], 2003. Tese de mestrado.

TOSTÕES, Ana – **Arquitectura e cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. Lisboa: Quimera, 2004. 311 p. ISBN 972-589-127-9.

___ **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. 349 p. ISBN 972-9483-30-2.

TOSTÕES, Ana [et.al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. Lisboa: Quimera Editores, 2004. 331 p. ISBN 972-589-127-9.

TOSTÕES, Ana; OLIVEIRA, Maria Manuel – Moderno Transcontinental: o Complexo Monteiro & Giro em Quelimane, Moçambique. *DOCODOMO Journal* [Em linha]. (2010/12). [Consult. 6 Agosto 2013]. Disponível na Internet: http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/177_M18_RM-Moderno%20Transcontinental_ART_ana_tostoes.pdf.

TOUSSAINT, Michel – De dentro para fora na década de 50. *Jornal dos Arquitectos*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. ISSN: 0870-1504. 212 (2003) 48-57.

___ Casa entre pinheiros. In Luiz Trigueiros (ed.). *Casa de Férias em Ofir*. Lisboa: Editorial Blau, 1992. ISBN-560107300371-00003.

___ **Francisco da Conceição Silva, arquitecto: 1922-1982**. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1987. 193p.

TRIGUEIROS, Luiz, ed. lit. – **Álvaro Siza 1954-1976**. Lisboa: Editorial Blau, 1997. 216 p. ISBN 972-8311-11-7.

___ ed. lit. – **Fernando Távora**. Lisboa: Editorial Blau, 1993.

Um estabelecimento (Coimbra). *Binário*. [S.l.] 84 (Setembro de 1965) 922-923.

Vivenda em Coimbra. *Binário*. [S.l.] 93 (Junho 1966) 305-308.

Sítios em Linha

FRANÇA. Centre d'archives de l'Ifa – **Archiwebture** [Em linha]. Paris: Centre d'archives de l'Ifa, 2001. [consult. 30 Julho 2013]. Disponível em http://archiwebture.citechailot.fr/fonds/FRAPN02_AUZRO.

MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO – *Museu Marítimo de Ílhavo* [em linha]. Ílhavo: CMI, act. 2012. [consult. 2 Agosto 2013] Disponível na Internet: <http://www.museumaritimo.cm-ilhavo.pt>.

PORTUGAL. Fundação Calouste Gulbenkian – **Heritage of Portuguese Influence/ Património de Influência Portuguesa** [Em linha]. Lisboa: FCG, 2012. [consult. 30 Julho 2013]. Disponível em www.hpip.org.

PORTUGAL. Ordem dos Arquitectos– *Inquérito à Arquitectura Portuguesa do Século XX* [em linha]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. [Consult. 18 Setembro 2013] Disponível na Internet: <http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>.

PORTUGAL. Universidade do Porto – *Universidade do Porto* [em linha]. Porto: UP, act. 2013. [consult. 2 Agosto 2013] Disponível na Internet: http://sigarra.up.pt/up/pt/web_page.inicial.

Créditos Fotográficos

Todas as fotografias, salvo se indicação contrária, são da autoria de Nuno Miguel Godinho Correia Lopes e foram captadas durante o ano de 2013. A recolha de imagens de interiores e sua utilização foram autorizadas para a realização do presente trabalho académico.

**VASCO CUNHA, CINQUENTA ANOS DE OBRA ARQUITECTÓNICA EM
COIMBRA – 1962 a 2012**

ANEXOS

Índice de Anexos

Anexo I: Cronologia da Obra Completa do Arqt.º Vasco Cunha.....	1
Índice do anexo II.....	59
Anexo II: Ficha descritiva das obras mais significativas.....	61
Índice do anexo III.....	135
Anexo III: Conjunto de desenhos de quatro projectos da década de 60.....	139

Índice do Anexo II

1.1.	1964, Rua Brigadeiro Correia Cardoso 63, Coimbra	61
1.2.	1964, Rua dos Combatentes da Grande Guerra 100, Coimbra.....	62
1.3.	1965, Rua Sá de Miranda 16, Coimbra.....	63
1.4.	1965, Rua Couraça de Lisboa 59 e 61, Coimbra.....	64
1.5.	1965, Rua Visconde da Luz 16, Coimbra.....	65
1.6.	1968, Rua de Aveiro 11, Coimbra.....	66
1.7.	1968, Rua Falcão de Resende 32, Coimbra.....	67
1.8.	1969, Rua Aníbal de Lima 163, Coimbra.....	68
1.9.	1969, Rua Aníbal de Lima 165, Coimbra.....	69
1.10.	1969, Av. Fernão de Magalhães 401 a 411, Coimbra.....	70
1.11.	1970, Rua Antero de Quental 42, Coimbra.....	71
1.12.	1973, Rua Gil Vicente 120, Coimbra.....	72
1.13.	1973, Rua Rodrigues Gusmão 2, Coimbra.....	73
1.14.	1974, Rua da Manutenção 3, Coimbra.....	74
1.15.	1975, Travessa Alberto de Oliveira 11, Coimbra.....	75
1.16.	1976, Rua Conselheiro Furtado Santos 118, Alvaiázere.....	76
1.17.	1977, Rua Carlos Seixas 255 a 261, Coimbra.....	77
1.18.	1977, Rua Professor José Eduardo Ferrão, Côja-Arganil.....	78
1.19.	1977, Rua Infanta Dona Maria 23, Coimbra.....	79
1.20.	1978, Rua Antero de Quental 73, Coimbra.....	80
1.21.	1978, Rua Rodrigues Gusmão 26, Coimbra.....	81
1.22.	1978, Avenida Fernão de Magalhães 574, Coimbra.....	82
1.23.	1979, Avenida Bissaya Barreto 346, Coimbra.....	83
1.24.	1979, Praça Marquês de Pombal 27, Cantanhede.....	84
1.25.	1979, Avenida Fernão de Magalhães 465, Coimbra.....	85
1.26.	1980, Rua Doutor Armando Vasconcelos de Carvalho, bloco E,F,G,H, Arganil... ..	86
1.27.	1980, Rua Gomes Freire 6, Coimbra.....	87
1.28.	1980, Rua dos Combatentes da Grande Guerra 131, Coimbra.....	88
1.29.	1981, Avenida Afonso Henriques 35, Coimbra.....	89
1.30.	1982, Rua Dr. Fernando Martins, Coimbra.....	90
1.31.	1982, Rua da Sofia 175, Coimbra.....	91
1.32.	1983, Avenida Fernão Magalhães 3, Coimbra.....	92
1.33.	1983, Estrada Quinta das Lágrimas, lotes A,B,C,D, Coimbra.....	93
1.34.	1985, Rua das Areias, Trouxemil, Coimbra.....	94
1.35.	1986, Avenida Afonso Henriques 45, Coimbra.....	95
1.36.	1987, Rua Nicolau Chanterrene 230 a 260, Coimbra.....	96
1.37.	1988, Rua Virgílio Correia 11 a 83, Coimbra.....	97
1.38.	1988, Rua Machado de Castro, lotes 53 a 64, Coimbra.....	98
1.39.	1989, Urbanização Quinta da Estrela, lotes 1,2,3,4, Coimbra.....	99
1.40.	1990, Rua do Carmo 86, Coimbra.....	100
1.41.	1990, Praceta do Palácio da Justiça, Tábua.....	101
1.42.	1991, Rua dos Combatentes da Grande Guerra 136, Coimbra.....	102
1.43.	1992, Rua Virgílio Correia 8 a 34, Coimbra.....	103
1.44.	1993, Rua Paulo Quintela, lote 2, Coimbra.....	104
1.45.	1994, Rua Figueira da Foz 1, Coimbra.....	105
1.46.	1994, Rua Infanta Dona Maria 10, Coimbra.....	106
1.47.	1994, Rua Urbanização Panorama, lotes 1,2,3, Coimbra.....	107
1.48.	1995, Rua dos Combatentes da Grande Guerra 67, Coimbra.....	108
1.49.	1995, Avenida Cónego Urbano Duarte 100, Coimbra.....	109
1.50.	1996, Rua Sílvio Lima-Pólo II, Coimbra.....	110
1.51.	1996, Rua Feitoria dos Linhos, lotes A a H, Coimbra.....	111

1.52.	1996, Rua Augusta 13, Coimbra.....	112
1.53.	1996, Avenida Infante Dom Henrique, Monte Gordo.....	113
1.54.	1997, Alameda Dr. Armando Gonçalves, lotes 13 a 19, Coimbra.....	114
1.55.	1998, Avenida Dias da Silva 2, Coimbra.....	115
1.56.	1998, Largo da Portagem 16, Coimbra.....	116
1.57.	1998, Estrada Nacional 111, S. Silvestre, Coimbra.....	117
1.58.	1998, Estrada da Beira, lotes 1,2,3, Ceira, Coimbra.....	118
1.59.	2000, Estrada de Coselhas, Coimbra.....	119
1.60.	2001, Rua Flávio Rodrigues 51 a 57, Coimbra.....	120
1.61.	2001, Urbanização do Carrascal, lote 2, Coimbra.....	121
1.62.	2000, Rua da Misericórdia, S. Martinho do Bispo, Coimbra.....	122
1.63.	2002, Avenida da Guarda Inglesa, Coimbra.....	123
1.64.	2004, Rua Jorge Anjinho, lotes 1,2,3, Coimbra.....	124
1.65.	2004, Rua João Machado 21 a 23, Coimbra.....	125
1.66.	2004, Avenida Bissaya Barreto, lotes 1 a 4, Coimbra.....	126
1.67.	2004, Rua S. Teotónio, lote 6 a 11, Coimbra.....	127
1.68.	2005, Estrada de Eiras, lote 1 a 11, Coimbra.....	128
1.69.	2005, Parque Empresarial de Eiras, lote 11, Coimbra.....	129
1.70.	2006, Rua S. Lourenço, Ribeira de Frades, Coimbra.....	130
1.71.	2007, Parque Tecnológico i Parque, Coimbra.....	131
1.72.	2009, Rua de Aveiro 90, Coimbra.....	132
1.73.	2010, Avenida José R. Sousa Fernandes, Coimbra.....	133

ANEXO II – Ficha Descritiva das Obras mais Significativas

1.1. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Este edifício encontra-se referenciado em
“Vivenda em Coimbra”,
Binário, n.º93, 1966,
pp.305-306

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

António Pereira Lucas Martins

Rua Brigadeiro Correia Cardoso, 63

Arquivo VC:

Arquivo morto (AM): Pasta 14 –Gaveta 5

Ref.ª 1/64

Data do projecto/Obra:

Maio de 1964 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º1360/64

Descrição:

Edificação de dois pisos, com cobertura de quatro águas, que avançam no perímetro fazendo alpendre em balanço. O exterior é marcado pelo revestimento de tijolo à vista e caixilharia de madeira de cuidada pormenorização, que é levada até às suas serralharias (ver ponto 3.1.1. da dissertação).

GPS. 40° 13'01.55" N 8° 24'01.59" O



1.2. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Rogério Alvarez

Este edifício encontra-se referenciado em
Duarte, 2010, pp.202

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Victor António Duarte Faveiro

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 100

GPS. 40° 12'11.96" N 8° 24'58.41" O

APVC:

(AM): Arquivo n.º 2 - Rolo 5

Arquivo vivo (AV): – Pasta 14

Ref.ª 8/62

Data do projecto/Obra:

1962 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º1683/64

Descrição:

Edifícios de comércio e habitação que se desenvolvem ao longo do gaveto formado pela rua General Humberto Delgado e rua dos Combatentes da Grande Guerra.



1.3. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

António Campos Bento Rodrigues

Rua Sá de Miranda, 16

GPS. 40° 12'51.19" N 8° 24'37.58" O

APVC:

(AM): Rolo 111 – Mesa 3

Data do projecto/Obra:

Setembro de 1964 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º547/65

Descrição:

Bloco de habitações de quatro pisos, cobertura de várias águas que anulou o terraço original. O exterior é marcado pelo revestimento de tijolo à vista, painéis de azulejo, rebocos branco e cinza nos paramentos das varandas, e serralharia de cuidada pormenorização. (ver ponto 3.1.3. da dissertação).



1.4. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Plurifamiliar

João de Castro Corte-Real

Rua Couraça de Lisboa, 59 e 61

GPS. 40° 12'23.69"N 8° 25'37.13'O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

1965 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Recuperação de um edifício de habitação plurifamiliar com uma frente de reduzida dimensão, cuja engenhosa reabilitação permitiu preservar o património arquitectónico do conjunto urbano (ver ponto 3.1.2.2. da dissertação).

Este edifício encontra-se referenciado em "Recuperação de um prédio, na Alta de Coimbra", *Binário*, n.º 106, 1967, p. 10.



1.5. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Espaço Comercial

Silvina & Romeu Lda (Sapataria Romeu)

Rua Visconde da Luz, 16

APVC:

(AM): Arquivo n.º2 – Rolo 7

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Espaço comercial localizado na rua Visconde da Luz. A fachada do estabelecimento destaca-se pelo paramento ao nível do primeiro andar em forma de quadrado, onde, inferiormente, foi feito um recorte, com um efeito de semi-círculo em cada extremidade que, estilizadamente, marca como que um lintel da porta (ver ponto 3.1.2.1. da dissertação).

GPS. 40° 12'37.73"N 8° 25'45.00'O



Este edifício encontra-se referenciado em "Estabelecimento (Coimbra)", *Binário*, n.º84, 1965, pp.922

1.6. COIMBRA

Arquitectura
Vasco da Cunha

Este edifício encontra-se referenciado em
Duarte, 2010, pp.196-201

Identificação/Localização

Habitação Plurifamiliar
Cofre das Finanças
Rua de Aveiro, 11

GPS. 40° 12' 51.73" N 8° 25' 45.02" O

APVC:

(AM): Pasta n.º17 - Rolo 22 – Sótão- Ref.
6/65

Data do projecto/Obra:

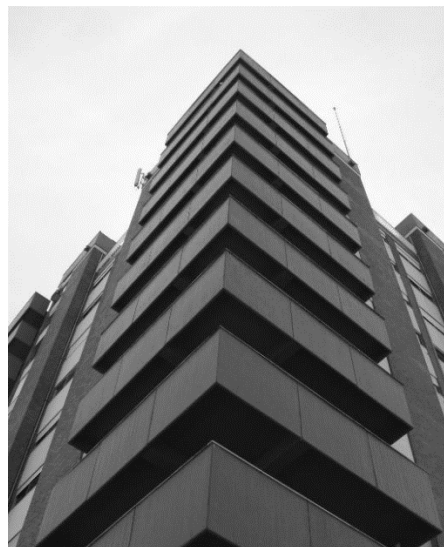
1965 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º7500/68

Descrição:

Edifício com frente para as ruas de Aveiro e Infante Dom Henrique. Na materialização do edifício, ressaltam como materiais, o tijolo na sua expressividade natural e o betão armado, na cor cinzenta que o distingue (ver ponto 3.1.4. da dissertação).



1.7. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Plurifamiliar

Fernando Alberto Serra de Oliveira

Rua Falcão Resende, 32

APVC:

(AM): Arquivo n.º3 – Pasta n.º17 – Gaveta
n.º2 – Rolo 82

Data do projecto/Obra:

1968 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3605/68

Descrição:

Edificação composto por quatro pisos habitacionais. Na materialização do edifício, ressaltam como materiais, o tijolo na sua expressividade natural e o betão armado dos elementos em balanço.

GPS. 40° 12'35.19" N 8° 24'25.53" O



1.8. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Este edifício encontra-se referenciado no IAP XX. <http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Vasco Jorge Antunes da Cunha

Rua Aníbal de Lima, 163

GPS. 40° 11' 20.00' N 8° 24' 50.41' O

APVC:

(AM): Rolo 81 - Sótão

Arquivo vivo (AV): Pasta n.º0

Data do projecto/Obra:

Outubro de 1969 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º6891/69

Descrição:

Residência unifamiliar do arqt.º Vasco Cunha. Nesta edificação os materiais e cores dominantes: o tijolo à vista, a utilização do betão armado com expressividade natural, as madeiras exóticas nos forros das lajes e a pedra calcária da região.



1.9. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Sigurd Keim

Rua Aníbal de Lima, 165

GPS. 40° 13'19.94"N 8° 24'51.63"O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

Final da década de 1960

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Edificação unifamiliar de dois pisos com cobertura de águas.

O exterior é marcado pela utilização do tijolo à vista, do betão armado com expressividade natural e a pedra calcária da região.



1.10. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Rogério Alvarez

Identificação/Localização

Edifício de Comércio e Serviços

Manuel de Castro Corte Real

Av. Fernão de Magalhães, 401 a 411

APVC:

(AM): Arquivo n.º3 – Pasta n.º17 – Rolo 84

Data do projecto/Obra:

1971 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2224/69

Descrição:

Edifício de comércio e serviços composto por três pisos. A composição arquitectónica da fachada principal equilibra as linhas horizontais dominantes, obtidas por cheios e vazios de massas, e por alinhamentos, ao mesmo tempo que é reforçada pela disposição de materiais de revestimento.

GPS. 40° 12' 49.84" N 8° 26' 03.76" O



1.11. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Abílio Gomes de Almeida

Rua Antero de Quental, 42

GPS. 40° 12'41.54'N 8° 25'02.31'O

APVC:

(AM): Arquivo n.º2 – Rolo 23

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º6029/70

Descrição:

Edifício de comércio e habitação composto por sete pisos. A forma de desenvolvimento volumétrico do edifício acompanha o desfasamento de alinhamentos das edificações contíguas. A composição arquitectónica da fachada principal define uma leitura de linhas horizontais reforçada pela disposição de materiais de revestimento.



1.12. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

José Augusto Almeida Pereira

Rua Gil Vicente, 120

APVC:

(AM): Pasta n.º19 – Rolo 42 - Sótão

Data do projecto/Obra:

1972 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3918/73

Descrição:

Edificação unifamiliar de dois pisos com cobertura de duas águas que avançam no perímetro fazendo alpendre em balanço. O exterior é marcado pela utilização do tijolo à vista, do betão armado com expressividade natural. O exterior marcado pelo revestimento de tijolo e elementos em betão de cuidada pormenorização, em particular o conjunto da chaminé da sala, e zona da dobra do telhado.

GPS. 40° 12'40.89"N 8° 24'28.80"O



1.13. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

António José Chorão Aguiar

Rua Rodrigues Gusmão, 2

APVC:

(AM): Arquivo n.º2 – Pasta n.º20 – Rolo 34
– Módulo 3

Data do projecto/Obra:

1973 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º835/73

Descrição:

Edificação unifamiliar de dois pisos com cobertura de águas.

O exterior é marcado pela utilização do tijolo à vista, do betão armado com expressividade natural, pela madeira nas guardas dos vãos de iluminação.

GPS. 40° 13'14.71" N 8° 24'31.11" O



1.14. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Rui Garcia dos Reis

Rua da Manutenção, 3

GPS. 40° 12'43.23"N 8° 25'27.34"O

APVC:

(AM): Pasta n.º1 – Rolo 60 – Mesa 1

Data do projecto/Obra:

1974 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º5447/74

Descrição:

Edifício de habitação plurifamiliar de cinco pisos. A fachada principal de malha rectangular reforça uma leitura das linhas horizontais, obtidas por cheios e vazios de massas, e pela disposição de materiais de revestimento. Os elementos verticais que correspondem à estrutura estão revestidos a pastilha de cor esverdeada escura.



1.15. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar
Gentil dos Santos e Luís Nobre da Cruz
Travessa Alberto de Oliveira, 11

GPS. 40° 12'32.61"N 8° 24'29.06"O

APVC:

(AM): Arquivo n.º2 – Sótão

Data do projecto/Obra:

1975 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º91/75

Descrição:

Edifício de habitação composto por quatro pisos. O piso térreo vazado é constituído por um conjunto de pilares com pé direito de reduzida dimensão. Exteriormente é marcado pela leitura horizontal de alçados



1.16. ALVAIÁZERE

Arquitectura

Vasco da Cunha

Este edifício encontra-se referenciado no IAP XX. <http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Vasco Sobral Falhas

Rua Conselheiro Furtado Santos, 118

GPS. 39° 49' 06.29" N 8° 22' 41.99" O

APVC:

(AM): Arquivo n.º3 – Pasta n.º6 – Rolo 97

Data do projecto/Obra:

1976 (ficha)

Identificação camarária:

Não identificado

Descrição:

Edificação de piso térreo com cobertura de duas águas. A relação da moradia com o espaço exterior resulta do prolongamento das empenas do telhado. O revestimento em tijolo e betão é outro aspecto de relevo.



1.17. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Humberto Teles Gonçalves Lda

Rua Carlos Seixas, 255 a 261

GPS. 40° 11'37.79'N 8° 25'09.54'O

APVC:

(AM): Pasta n.º1 – Rolo 18 – Mesa 1

Data do projecto/Obra:

1977 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º446/77

Descrição:

Edifício de comércio e habitação, composto por cinco pisos que acompanham a banda edificada da rua. Exteriormente os painéis de azulejo de tom esverdeado de formato rectangular estão colocados na vertical, reforçando a leitura de alçado.



1.18. ARGANIL

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Conjunto de Habitação Económica

Fundo de Fomento da Habitação

Rua Prof. José Eduardo Ferrão – Côja

GPS. 40° 16'20.88"N 7° 59'23.69"O

APVC:

(AM): Pasta n.º32 – Rolo 121 – Sótão

(AV): Pasta nº.41

Data do projecto/Obra:

1977 (ficha)

Identificação camarária:

Não identificado

Descrição:

Bairro de habitação social composto por 24 fogos de tipologia T3. A organização espacial do conjunto contempla um corredor/pátio longitudinal do conjunto, beneficiando a relação interior-exterior das casas.



1.19. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Equipamento Público

C.A.C. – Clube Académico de Coimbra

Rua Infanta Dona Maria, 23

APVC:

(AM): Pasta n.º32 - Rolo 82 – Mesa 1

GPS. 40° 12'20.92"N 8° 24'07.40"O

Data do projecto/Obra:

1977 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Pavilhão Gimnodesportivo que acolhe as actividades desportivas da Associação Académica de Coimbra.



1.20. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e habitação Plurifamiliar

Fernando Maia de Carvalho

Rua Antero de Quental, 73

GPS. 40° 12'39.41" N 8° 25'04.75" O

APVC:

(AM): Pasta n.º19

Data do projecto/Obra:

1973(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Registo n.º4374/78

Processo n.º 1371/76

Descrição:

Edifício de quatro pisos, que resolve o gaveto das ruas confinantes, através de volumes desfasados. Exteriormente o edifício revestido a peças de azulejo de cor esverdeada e elementos em chapa de alumínio, revelam uma cuidada pormenorização na leitura de alçado.



1.21. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Rui César Castro Reis

Rua Rodrigues Gusmão, 26

APVC:

(AM): Arquivo n.º3 – Pasta n.º13 – Rolo 114

Data do projecto/Obra:

1978 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Morada unifamiliar de duas águas que se prolongam além do perímetro estrutural. A composição de revestimentos com tijolo de cor natural, elementos em betão, panos de parede rebocado e pintado a branco, conjugam uma unidade valorizada pelo elemento recuado de ângulo pronunciado

GPS. 40° 13'16.42" N 8° 24'30.95" O



1.22. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Escritórios

Laburcol – Soc. de Empreendimentos Lda

Avenida Fernão de Magalhães, 574

GPS. 40° 12'55.47'N 8° 26'07.75'O

APVC:

(AM): Pasta n.º23 – Rolo E - Sótão

(AV): Pasta n.º19

Data do projecto/Obra:

1980(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3608/78

Descrição:

Edifício de escritórios de oito pisos de base rectangular, marcado pelo recuo do duplo pé direito dos dois primeiros pisos. Exteriormente o edifício é marcado pelo ritmo de vãos de igual espaçamento.



1.23. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Marcial Martins Oliveira

Avenida Bissaya Barreto, 346

GPS. 40° 13'22.03"N 8° 24'32.94"O

APVC:

(AM): Pasta n.º11 – Rolo 59 - Sótão

Data do projecto/Obra:

1979 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Edificação que se desenvolve no piso térreo com cobertura de duas águas. Exteriormente a moradia é revestida a tijolo na cor natural. Com o objectivo de quebrar a leitura de fachada, os vãos de iluminação formam um ângulo de 45°.



1.24. CANTANHEDE

Arquitetura

Vasco da Cunha

Este edifício encontra-se referenciado no IAP XX. <http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>

Identificação/Localização

Edifício de Comércio e Serviços

Gentil dos Santos Cruz

Praça Marquês de Pombal, 27

APVC:

(AM): Pasta n.º60 – Rolo 125 – Mesa 3

(AV): Arquivo n.º3 – Pasta n.º24

Data do projecto/Obra:

1979(ficha)

Identificação camarária:

Não identificado

Descrição:

Edifício de serviços, localizado no gaveto da Praça e Rua Marquês de Pombal. Exteriormente o edifício é definido verticalmente por placas de betão rectangulares e linguetes de pedra. A mesma pedra é utilizada no paramento do gaveto.

GPS. 40° 20'51.48" N 8° 35'40.08" O



1.25. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Comércio, Serviços e Habitação

Neocivil – Soc. Construções Civas SARL

Avenida Fernão Magalhães, 465

APVC:

(AM): Pasta n.º16 – Rolo A - Sótão

Data do projecto/Obra:

1979 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º4482/78

Descrição:

Edifícios de serviços composto por sete pisos, com forma geométrica rectangular. Exteriormente a marcação horizontal dos elementos em betão à vista definem a leitura de alçado.

GPS. 40° 12'51.61'N 8° 26'06.16'O



1.26. ARGANIL

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Fundo de Fomento da Habitação

Rua Doutor Armando Vasconcelos de
Carvalho, bloco E,F,G,H

GPS. 40° 13'12.71"N 8° 03'10.94'O

APVC:

(AM): Pasta n.º27 – Rolo 120 - Sótão

Data do projecto/Obra:

1980(ficha)

Identificação camarária:

Processo n.º 25/DHC/80

Descrição:

Dois blocos de dois edifícios de habitação social, composto por três pisos com tipologias tipo T3. De realçar a pormenorização da zona de apoio às cozinhas, que é em placas de betão armado à vista.



1.27. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Francesco Marconi

Identificação/Localização

Edifício Serviços e habitação Plurifamiliar

Joaquim do Patrocínio Tavares

Rua Gomes Freire,6

GPS. 40° 12'47.29'N 8° 24'47.56'O

APVC:

(AM): Pasta n.º51 - Rolo 148ª - Mesa 4

(AV): Arquivo n.º2

Data do projecto/Obra:

1980(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º1499/80

Descrição:

Edifício de sete pisos localizado no Largo da Cruz de Celas, que faz remate entre a Rua Augusto Rocha e Rua Gomes Freire. O exterior é marcado pelo envidraçado da esquina do edifício para o largo, numa proporção crescente em sentido ascendente.



1.28. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Avelino da Cruz

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 131

GPS. 40° 12' 11.96" N 8° 24' 58.41" O

APVC:

(AM): Pasta n.º4 – Rolo 132 - Sótão

Data do projecto/Obra:

1974(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2312/80

Descrição:

Edifício composto por comércio no piso térreo e habitação plurifamiliar nos cinco pisos superiores. O exterior é marcado pelo revestimento de tijolo e betão.



1.29. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Joaquim do Patrocínio Tavares

Avenida Afonso Henriques, 35

GPS. 40° 12'30.05"N 8° 24'54.10'O

APVC:

(AM): Pasta n.º58 – Rolo 129 – Mesa 4

(AV): Pasta n.º67

Data do projecto/Obra:

1981(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Edifício de três pisos com andar recuado. Para a rua Correia Teles localiza-se o espaço comercial. Exteriormente o edifício é marcado pelo revestimento em tijolo na cor natural e nos elementos horizontais em betão. Os vãos de iluminação possuem um sistema de portadas deslizantes.



1.30. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Económica

Cooperativa de Habitação Económica

Mondego, SRL

Rua Dr. Fernando Martins

GPS. 40° 12'37.14"N 8° 24'12.28"O

APVC:

(AM): Pasta n.º25 – Gaveta n.º5

Data do projecto/Obra:

1977 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º21203/82

Descrição:

Conjunto de edifícios de habitação de quatro pisos, implantados, num bairro criado para a população mais carenciada.

O planeamento urbanístico do conjunto, determinou de uma forma regrada; distâncias entre fachadas, dimensão de arruamentos, passeios, zona de estacionamento, espaços verdes.



1.31. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Comércio e Serviços

Joaquim do Patrocínio Tavares

Rua da Sofia, 175

GPS. 40° 11'09.74"N 8° 25'05.26'O

APVC:

(AM): Pasta n.º135 – Rolo 198 – Mesa 1

(AV): Arquivo n.º1 – Pasta n.º29

Data do projecto/Obra:

1980(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º418/82

Descrição:

Edifício composto por comércio no piso térreo e quatro pisos de serviços nos pisos superiores. A fachada principal do edifício para a Rua da Sofia, apresenta um desenho simétrico de vãos e é revestida a pedra.



1.32. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Comércio e Escritórios

Arenatum-Empreendimentos Imobiliários

Avenida Fernão Magalhães, 3

APVC:

(AM): Pasta n.º75 – Rolo 165 - Sótão

(AV): Pasta n.º75

Data do projecto/Obra:

Sem descrição

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º18806/83

Descrição:

Edifício de comércio e escritórios, de volumetria variável, possuindo um máximo de nove pisos para a avenida Fernão Magalhães e de seis pisos para a Rua João de Machado. A galeria no piso térreo percorre todo o perímetro do conjunto.

GPS. 40° 12'51.05"N 8° 26'00.56"O



1.33. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifícios de Habitação Plurifamiliar

Francisco José Castilho Fernandes Martins

Estrada Quinta das Lágrimas, lotes A,B,C,D

GPS. 40° 11' 59.02' N 8° 25' 57.00' O

APVC:

(AM): Pasta n.º65 – Rolo 146 – Mesa 4

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º40

Data do projecto/Obra:

1982(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º18806/83

Descrição:

Edifícios, de volumetria variável, que rematam o gaveto de duas ruas. A frente do Liceu possui a volumetria mais baixa.

O exterior é marcado por uma leitura vertical intercalado, de panos de parede e mosaico na cor de tijolo.



1.34. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Adega Vinícola

Vinexport - Caves de Coimbra SA

Rua das Areias - Trouxemil

APVC:

(AM): Pasta n.º89 – Sótão

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º89

Data do projecto/Obra:

1984(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º8267/85

Descrição:

Adega Vinícola e espaços associados. A fachada Norte que corresponde à entrada e saída de mercadoria, é pautada pelo paramento em tijolo à cor natural, chapa na cor branca.

GPS. 40° 16'21.39"N 8° 26'47.10"O



1.35. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

C.C. Messias de Carvalho & Filhos Lda

Avenida Afonso Henriques, 45

GPS. 40° 12'13.52"N 8° 24'18.04"O

APVC:

(AM): Pasta n.º105

(AV) Arquivo n.º3 - Pasta n.º84

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º18371/86

Descrição:

Conjunto de três edifícios de comércio e habitação de cinco pisos. O polígono de base rectangular de cada edifício assenta sobre uma plataforma comum a todos os lotes destinada às garagens. Os espaços exteriores de circulação pedonal assumem uma importância de relevo.



1.36. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Laburcol – Soc. de Empreendimentos Lda

Rua Nicolau Chanterrene, 230 a 260

APVC:

(AM): Pasta n.º82 – Gaveta n.º3

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º27

Data do projecto/Obra:

1987(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º29663/87

Descrição:

Conjunto de três edifícios de habitação plurifamiliar de seis pisos. Exteriormente o revestimento em tijoleira de cor natural, os elementos das varandas em betão à vista, e as zonas envidraçadas dos espaços de serviço em balanço determinam a imagem do conjunto.

GPS. 40° 12'51.75"N 8° 25'14.81'O



1.37. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifícios de habitação Plurifamiliar

Laburcol – Soc. de Empreendimentos Lda

Rua Virgílio Correia, 11 a 83

GPS. 40° 12'56.38"N 8° 25'07.31'O

APVC:

(AM): Pasta n.º139

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º68

Data do projecto/Obra:

1988(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º30218/88

Descrição:

Conjunto de edifícios de habitação plurifamiliar em banda de seis e oito pisos. O revestimentos exterior em tijoleira na cor natural, pontuado pelo betão à vista pintado na cor branco, constituem a leitura dominante do conjunto.



1.38. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifícios de Habitação Plurifamiliar
C.C.L. Const. Cíveis e Obras Públicas Lda
Rua Machado de Castro, lotes 53 a 64

GPS. 40° 12'58.11" N 8° 25'24.31" O

APVC:

(AM): Pasta n.º83

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º38

Data do projecto/Obra:

1986(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º9729/88

Descrição:

Ao longo da Rua Machado de castro em ambas as frentes, existem um conjunto de edifícios de habitação plurifamiliar de linguagem semelhante, caracterizada pelo revestimento em tijolo, elementos em betão á vista e paramentos de acrílico.



1.39. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifícios de Habitação Plurifamiliar

C.C. Messias de Carvalho & Filhos Lda

Urb. Quinta da Estrela, lotes 1,2,3,4

APVC:

(AM): Pasta n.º169 - Sótão

(AV): Arquivo n.º3 – Pasta n.º8

Data do projecto/Obra:

1989(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Conjunto de quatro edifícios de habitação plurifamiliar. A implantação deste conjunto em forma de cruz deu origem a um amplo pátio interior de usufruto dos residentes.

GPS. 40° 11'47.46"N 8° 25'12.69"O



1.40. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Arménio de lemos Simões

Rua do Carmo, 86

GPS. 40° 12'42.49"N 8° 25'55.46"O

APVC:

(AM): Pasta n.º115 - Rolo199 - Mesa 1

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º12

Data do projecto/Obra:

1990(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º15386/90

Descrição:

Edifício com galeria comercial no piso térreo e cinco pisos de habitação. No edifício revestido a pedra é definida uma malha quadrada correspondente aos balanços das varandas.



1.41. TÁBUA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Equipamento Público

Palácio da Justiça de Tábua

Praceta do Palácio de Justiça - Tábua

GPS. 40° 21' 41.26" N 8° 01' 50.05" O

APVC:

(AM): Rolo P – Sótão

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º83

Data do projecto/Obra:

1990(ficha)

Identificação camarária:

Não identificado

Descrição:

Edifício institucional revestido a pedra de granito. A arcada principal de duplo pé direito suporta o piso do edifício mais avançado.



1.42. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Agostinho Esteves Ferreira de Araújo

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 136

GPS. 40° 12'11.96"N | 8° 24'58.41'O

APVC:

(AM): Pasta n.º120 – Rolo 188 - Mesa 1

(AV): Arquivo n.º1 - Pasta n.º54

Data do projecto/Obra:

1991(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º34947/91

Descrição:

Edifício de habitação com cinco pisos. Todo o edifício é revestido a mosaico de tonalidade clara, à excepção de algumas faixas horizontais na cor cinza. De relevo o ângulo de fachada, que a reparte em duas, resolvendo a transição de alinhamentos.



1.43. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Messias Construções Lda

Rua Virgílio Correia, 8 a 34

APVC:

(AM): Pasta n.º138 – Gaveta n.º2

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º59

Data do projecto/Obra:

1987(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º1864/92

Descrição:

Edifício de comércio e habitação de quatro pisos, que formam um conjunto contínuo desde, a praça machado de Assis, até ao final da Rua Virgílio Correia.

GPS. 40° 12'53.66"N 8° 25'04.46"O



1.44. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Silvires - Construções Residências Lda

Rua Paulo Quintela, lote 2

GPS. 40° 11' 46.75" N 8° 24' 25.59" O

APVC:

(AM): Pasta n.º150 - Rolo 249 - Mesa 4

(AV): Arquivo n.º1 - Pasta n.º135

Data do projecto/Obra:

1993(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º40496/93

Descrição:

Edifício de habitação plurifamiliar de três pisos que formam um conjunto encaixado na banda já edificada.



1.45. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Dimar - Construções & Urbanizações Lda

Rua Figueira da Foz, 1

GPS. 40° 12'54.85" N 8° 25'59.81" O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º34162/94

Descrição:

Edifício de comércio e habitação de cinco pisos. Os elementos estruturais do corpo mais saliente do edifício, constitui o elemento charneira na transição de alinhamentos.



1.46. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Imobiliária Patrocínio Tavares Lda

Rua Infanta Dona Maria, 10

GPS. 40° 12'24.11"N | 8° 24'03.86"O

APVC:

(AM): Pasta n.º.175-175ª

(AV): Arquivo n.º1 – Pasta n.º111

Data do projecto/Obra:

1994(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º20369/94

Descrição:

Galeria Comercial que acompanha o gaveto nascente/sul. Recuado de ambas as ruas desenvolve-se o edifício habitacional com sete pisos. O exterior é pautado pela marcação ritmada das varandas em balanço na dimensão dos vãos.



1.47. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Blocos de Habitação Plurifamiliar

Laburcol, Soc. de Empreendimentos Lda

Rua Urbanização Panorama, lote 1 a 10

APVC:

(AM): Pasta n.º131- Cave

(AV): Arquivo n.º2 – Pasta n.º108

Data do projecto/Obra:

1989(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º5756/94

Descrição:

Conjunto de edifícios de oito pisos localizado no loteamento da autoria do arquitecto vasco Cunha. O exterior é marcado pela galeria virada a sul de pé direito duplo.

GPS. 40° 13'18.78"N 8° 26'09.88'O



1.48. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Luís Miguel Cruz Simões e José Eduardo

Cruz Simões

Rua dos Combatentes da G. Guerra, 67

GPS. 40° 12'11.91"N | 8° 24'44.56"O

APVC:

(AM): Pasta n.º165 – Rolo 241 – Mesa 4

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º133

Data do projecto/Obra:

1995(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º24114/95

Descrição:

Edifício de comércio e habitação, composto por quatro pisos. Exteriormente o edifício é revestido a tijolo cor clara, marcado pontualmente por paramentos de tijolo na cor natural.



1.49. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício sede EDP-Centro

Cenel – Electricidade do Centro SA

Avenida Cónego Urbano Duarte, 100

APVC:

(AM): Pasta n.º161-161ª-161B

(AV): Arquivo n.º1 – Pasta n.º128

Data do projecto/Obra:

1995(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º6494/95

Descrição:

Edifício implantado num quarteirão com três frentes de arruamento, com predominância para a avenida Urbano Duarte. O exterior é marcado pelo revestimento em pedra, painéis em vidro e estrutura metálica de sombreamento.

GPS. 40° 11'43.72"N 8° 24'14.19"O



1.50. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Francesco Marconi

Este edifício encontra-se referenciado no IAP XX.

<http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>

Identificação/Localização

Departamento de Química - FTUC

Rua Sílvio Lima – Pólo II

GPS. 40° 11'09.74" N 8° 25'05.26" O

APVC:

(AM): Arquivo da sala de reuniões

(AV): Pasta n.º13

Data do projecto/Obra:

1989(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º13095/96

Descrição:

Edifício que se desenvolve ao longo da meia encosta, com frente para as ruas Sílvio Lima e Luís Reis dos santos. O exterior é marcado pelo jogo de volumes, embasamento e ritmo de vãos de cuidada composição.



1.51. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

António Costa

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Construções Residenciais Progresso Lda

Rua Feitoria dos Linhos, lotes A a H

APVC:

(AM): Pasta n.º130 – Rolo 95 – Mesa 2

(AV): Arquivo n.º1 – Pasta n.º5

Data do projecto/Obra:

1991(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º17526/96

Descrição:

Conjunto de edifícios de comércio e habitação. A galeria comercial que percorre todas a frente edificada, jogos de panos de parede em tijolo cor clara e natural, definem a unidade do conjunto.

GPS. 40° 12'08.86"N 8° 26'06.04'O



1.52. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Imobiliária Patrocínio Tavares

Rua Augusta, 13

APVC:

(AM): Pasta n.º147 – Rolo 232 – Mesa 4

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º49

Data do projecto/Obra:

1996(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º26075/96

Descrição:

Edifício de quatro pisos. O embasamento do piso térreo correspondente às garagens, assume também funções de muro limítrofe com a rua. O exterior é marcado pelo revestimento em tijolo e varandas em balanço na dimensão dos vãos.

GPS. 40° 12'44.52"N 8° 24'56.18"O



1.53. MONTE GORDO

Arquitectura

Vasco da Cunha

Gustavo da Cunha

Identificação/Localização

Hotel e Aparthotel

Mogal - Investimentos Hoteleiros e
Turísticos SA

Avenida Infante Dom Henrique

APVC:

(AM): Pasta n.º155 – Mesa 4, Rolo 236

(AV): Pasta n.º97

Data do projecto/Obra:

1996(ficha)

Identificação camarária:

Não identificado

Descrição:

Hotel e Aparthotel localizado sobre a zona dunar da praia de Monte Gordo. O edifício, de seis pisos, possui uma forma geométrica em U virada para o mar, libertando o espaço interior para as actividades de lazer.

GPS. 37° 10'43.42" N 7° 26'38.98" O



1.54. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Júlio Lopes e Albino Pascoal

Alameda Dr. Armando Gonçalves, lotes 13
a 19

GPS. 40° 13'01.49"N 8° 24'46.81"O

APVC:

(AM): Pasta n.º132

(AV): Pasta n.º1

Data do projecto/Obra:

1997(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º12333/97

Descrição:

Conjunto de edifícios de comércio e habitação plurifamiliar, que formam um U virado para a alameda Dr. Armando Gonçalves.



1.55. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Habitação Plurifamiliar

Imobiliária Patrocínio Tavares SA

Avenida Dias da Silva, 2

APVC:

(AM): Pasta n.º158 – Rolo 229

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º18

Data do projecto/Obra:

1998(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º26239/98

Descrição:

Edifício de habitação plurifamiliar de quatro pisos. Inserido no gaveto das ruas confinantes, o edifício toma como referência o alinhamento das construções a Norte e define uma ligeira curvatura de fachada tendo a referência do edifício a Sul, do outro lado da rua do Cidral.

GPS. 40° 12'24.78"N 8° 24'51.01'O



1.56. COIMBRA

Arquitectura

Adães Bermudes (projecto original)

Vasco da Cunha (remodelação/ampliação)

Este edifício encontra-se referenciado no
IAP XX.

<http://www.iap20.pt/Site/FrontOffice/default.aspx>

Identificação/Localização

Edifício de Serviços Bancários

Banco de Portugal

Largo da Portagem, 16

GPS. 40° 12'27.19"N 8° 25'47.51'O

APVC:

(AM): Pasta n.º157

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º4

Data do projecto/Obra:

1998(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2969/58

Descrição:

Reformulação organizacional dos espaços interiores do edifício, com introdução de novos acessos verticais interiores. A ampliação para a Rua Sargento-Mor é constituída em estrutura metálica.



1.57. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Serviços Bancários

Caixa Crédito Agrícola Mútuo de Coimbra

Estrada Nacional 111, S. Silvestre

GPS. 40° 13'35.78"N 8° 31'53.74'O

APVC:

(AM): Pasta n.º159 – Sótão

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º22

Data do projecto/Obra:

1998(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Não identificado

Descrição:

Edifício de serviços composto por dois pisos com cobertura plana. Pela exposição solar a Sul, o controlo da luz, para tal, o piso térreo é recuado formando uma galeria interior e no piso superior os vãos de iluminação são protegidos por uma estrutura metálica de sombreamento.



1.58. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Nelson Francisco Lima

Estrada da Beira. Lotes 1,2,3 – Ceira

APVC:

(AM): Pasta n.º15 – Mesa 3 – Rolo 166

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º15

Data do projecto/Obra:

1995(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º40469/98

Descrição:

Edifício de comércio e habitação de dois pisos. Exteriormente o edifício é marcado pelo ritmo dos vãos com a correspondente varanda em balanço. A zona de entrada das habitações está resguardada pelo avanço do piso superior.

GPS. 40° 10'20.70"N 8° 23'13.32'O



1.59. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Arménio de Lemos Simões

Estrada de Coselhas-Quinta da Conchada

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º1189/00

Descrição:

Edifício misto de comércio e habitação composto por três pisos. O conjunto é revestido com tijolo de cor clara e panos de parede em reboco pintado. De salientar os corpos da zona das cozinhas que se encontram em balanço sobre o espaço público.

GPS. 40° 13'08.74"N 8° 26'03.57'O



1.60. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar
Ilabeli – Empreendimentos Imobiliários Lda
Rua Flávio Rodrigues, 51 a 57

GPS. 40° 13'04.81"N 8° 24'24.12"O

APVC:

(AM): Pasta n.º184

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º27

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3644/01

Descrição:

Conjunto de edifícios de quatro pisos, que se desenvolvem em gaveto. O exterior do edifício caracteriza-se pelo conjunto de varandas em balanço.



1.61. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Habitação Unifamiliar

Jorge Fernandes Rodrigues Bernardino

Urbanização do Carrascal, lote 2

GPS. 40° 11'27.27"N 8° 26'02.24'O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º35612/95

Descrição:

Edifício de Habitação unifamiliar de dois pisos, localizado na encosta nascente da Urbanização do Carrascal com vistas panorâmicas sobre a cidade. Para vencer o desnível do terreno, o edifício possui um piso vazado recuado.



1.62. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Equipamento Social

Casa dos Pobres de Coimbra

Rua da Misericórdia, S. Martinho do Bispo

APVC:

(AM): Pasta n.º201 - Cave

(AV): Arquivo n.º2 - Pasta n.º132

Data do projecto/Obra:

2000(ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º4419/00 e n.º6412/05

Descrição:

Edifício de carácter social, composto por dois pisos. A clareza na linguagem introduzida revela um cuidado no desenvolvimento do edifício, assim como, no tratamento dos espaços envolventes.

GPS. 40° 12'25.38"N 8° 27'19.62'O



1.63. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Soares & Lopes Construção Civil, Lda

Avenida da Guarda Inglesa,

lotes A,B,C,D,E

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2430/02

Descrição:

Edifícios de comércio e habitação de volumetria variável de dois a cinco pisos. Exteriormente o conjunto é revestido a tijolo de cor clara, à excepção dos elementos em balanço de betão armado na cor branca, e demarcação dos níveis de pisos em tijolo na cor mais escuro dispostos na vertical.

GPS. 40° 12'32.97"N 8° 26'22.16"O



1.64. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Construção Correia Marques Lda

Rua Jorge Anjinho, lotes 1,2,3

GPS. 40° 12'05.03"N 8° 24'02.55'O

APVC:

(AM): Pasta n.º192 - Sótão

(AV): Pasta n.º91

Data do projecto/Obra:

2004 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3137/2004

Descrição:

Conjunto de três edifícios habitacionais. A forma rectangular do conjunto é interrompida pela face triangular do topo sul/poente, constituindo uma nova frente de rua. Os corpos salientes do edifício correspondentes aos acessos verticais estão revestidos a pedra, destacando-se do restante revestido a tijolo na cor clara.



1.65. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício de Comércio e Serviços

Corporation Dermoestetica SA

Rua João Machado, 21 a 23

GPS. 40° 12'49.64"N 8° 25'59.67'O

APVC:

(AM): Pasta n.º187 – Cave

(AV): Pasta n.º147

Data do projecto/Obra:

2004 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º6954/04

Descrição:

Edifício de serviços de quatro pisos contíguo aos edifícios adjacentes. Exteriormente é marcado pelo revestimento em placas de alumínio.



1.66. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Júlio Lopes – Voimarães Lda

Avenida Bissaya Barreto, lote 1 a 4

GPS. 40° 13'00.99"N 8° 24'37.30"O

APVC:

(AM): Pasta n.º204

(AV): Pasta n.º59

Data do projecto/Obra:

1999 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º5531/04

Descrição:

Conjunto de edifícios em banda acompanhando a directriz em curva do arruamento. O revestimento das fachadas em tijolo na cor natural é dominante, assim como, os balanços das varandas à dimensão dos vãos.



1.67. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Habitação Plurifamiliar

Júlio Lopes

Rua S. Teotónio, lote 6 a 11

APVC:

(AM): Pasta n.º 128

(AV): Arquivo n.º1 - Pasta n.º148

Data do projecto/Obra:

Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2585/04

Descrição:

Conjunto de três blocos de habitações com oito pisos, dispostos de forma perpendicular relativamente à Rua S. Teotónio.

GPS. 40° 13'01.61"N 8° 24'42.11'O



1.68. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Edifício Comércio e Habitação Plurifamiliar

Lusopascal – Construções Lda

Estrada de Eiras, lotes 1 a 11

GPS. 40° 14'07.00"N 8° 26'04.94'O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

1999 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º4967/05

Descrição:

Conjunto de edifícios de seis pisos, que percorrem o perímetro exterior do quarteirão. Exteriormente é marcado pelo revestimento em tijolo de tonalidade clara e a fachada do gaveto em pedra.



1.69. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Armazém Industrial

Dionísio Seíça

Parque Empresarial de Eiras, lote 11

GPS. 40° 14'18.99"N 8° 25'58.02'O

APVC:

(AM): Pasta n.º197

(AV): Pasta n.º40

Data do projecto/Obra:

2005 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º5227/05

Descrição:

Edifício de gaveto que revolve os ângulos de alinhamentos determinados pelas ruas confluentes. Espaço industrial revestido exteriormente a placas de alumínio na cor cinza, interrompidos pelos vãos.



1.70. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Identificação/Localização

Edifício Habitação Unifamiliar

Laburcol – Soc. Empreendimentos Lda

Rua S. Lourenço - Ribeira de Frades

APVC:

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º85

Data do projecto/Obra:

2000 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º3239/06

Descrição:

Conjunto de moradias unifamiliares de dois pisos. O jogo de volumes determina a forma de materialização do conjunto.

GPS. 40° 12'20.69"N 8° 29'45.79'O



1.71. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Helena Costa

Identificação/Localização

Equipamento Público

Coimbra i Parque – Parque de Inovação
em Ciência

Parque Tecnológico i Parque

GPS. 40° 10' 46.33"N 8° 27' 57.81"O

APVC:

(AM): Pasta n.º 89

(AV): Pasta n.º 4

Data do projecto/Obra:

2004 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º 866/07

Descrição:

Edifício de forma geométrica regular composto por três pisos, com funções administrativas do parque tecnológico. Nas fachadas, nascente e sul estão aplicadas um conjunto de grelhas metálicas de protecção solar das áreas envidraçadas.



1.72. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

José Júlio Cabral Dias

Identificação/Localização

Edifício Habitação Plurifamiliar

FM Santos Lda

Rua de Aveiro, 90

GPS. 40° 12'56.32"N 8° 25'53.15'O

APVC:

Não identificado

Data do projecto/Obra:

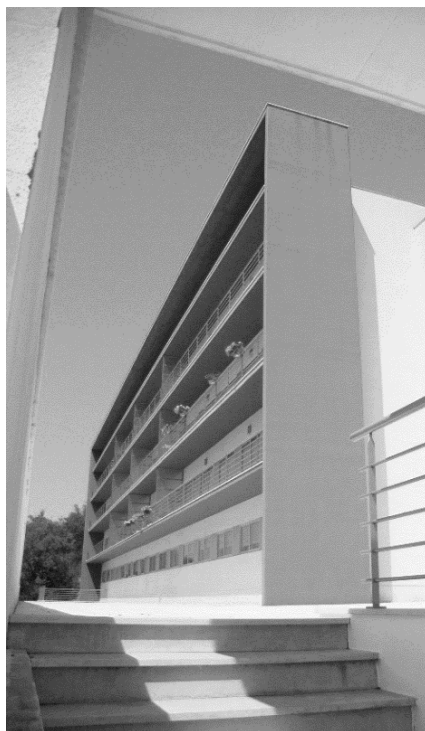
Não identificado

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º511/09

Descrição:

Edifício de habitação plurifamiliar de quatro pisos, sobre uma plataforma destinada às garagens à cota da Rua de Aveiro. O conjunto das varandas na fachada principal, estão inseridas, num volume em balanço, materializado em betão à vista pintado na cor natural.



1.73. COIMBRA

Arquitectura

Vasco da Cunha

Vasco Filipe Cunha

Identificação/Localização

Equipamento Social de Creche e Lar

Fundação Beatriz Santos

Avenida José R. Sousa Fernandes

GPS. 40° 14'08.79"N 8° 25'00.85"O

APVC:

(AM): Pasta n.º206 - Sotão

(AV): Arquivo n.º3 - Pasta n.º134

Data do projecto/Obra:

2004 (ficha)

Identificação do arquivo da CMC:

Processo n.º2203/010

Descrição:

Equipamento público repartido por dois corpos autónomos que correspondem às valências de creche e residência para população sénior.



Índice Anexo III

1. A vivenda de António Pereira Lucas Martins

1.1.Desenho da planta topográfica.....	139
1.2.Desenho das plantas, cortes e alçados.....	140
1.3.Desenho dos pormenores dos armários de cozinha e copa, cortes C1,C2,C3,C4.....	141
1.4.Desenho dos pormenores das carpintarias.....	142
1.5.Desenho dos pormenores de ferro.....	143
1.6.Desenho dos pormenores de janelas e portas.....	144
1.7.Desenho dos pormenores das carpintarias.....	145
1.8.Desenho dos pormenores dos armários de cozinha e copa, cortes C5,C6,C7,C8,C9.....	146
1.9.Desenho de pormenores diversos.....	147

2. Edifício de Habitação de António Campos

2.1.Desenho das plantas de fundações e garagens.....	148
2.2.Desenho da planta do rés-do-chão.....	149
2.3.Desenho da planta tipo.....	150
2.4.Desenho da planta da cobertura.....	151
2.5.Desenho do corte C1.....	152
2.6.Desenho dos cortes C2 e C3.....	153
2.7.Desenho do alçado poente.....	154
2.8.Desenho do alçado norte e sul.....	155
2.9.Desenho do alçado nascente.....	156
2.10.Desenho de pormenores de portas e janelas de uma e duas folhas de correr, janela de cozinha e casa de banho, porta principal.....	157
2.11.Desenho do pormenor da janela de correr de uma folha de embainhar na parede, portas de correr P1 a P21.....	158
2.12.Desenho dos pormenores de janelas de cozinha e quartos: P3 a P17.....	159
2.13.Desenho dos pormenores de janelas da casa de banho, marquises e portões P9 a P35.....	160
2.14.Desenho dos pormenores das cozinhas.....	161
2.15.Desenho dos pormenores de armários roupeiros.....	162
2.16.Desenho do mapa de acabamentos.....	163
2.17.Desenho da planta do hall de entrada e pormenores das caixas do correio.....	164
2.18.Desenho dos pormenores da porta de acesso ao terraço e às habitações.....	165
2.19.Desenho dos pormenores de varandas e escadas.....	166
2.20.Desenho dos pormenores de varandas.....	167
2.21. Desenho dos pormenores gerais.....	168

3. Edifício Panorama

3.1.Desenho da implantação e levantamento geral.....	169
3.2.Desenho da implantação e arranjo exterior.....	170
3.3.Desenho da planta da cave.....	171
3.4.Desenho da planta do rés-do-chão.....	172
3.5.Desenho da planta tipo.....	173
3.6.Desenho da planta dos estúdios.....	174
3.7.Desenho da planta do terraço e casa das máquinas.....	175
3.8.Desenho do corte CC.....	176
3.9.Desenho do corte C1C1.....	177
3.10.Desenho do alçado norte.....	178
3.11.Desenho do alçado sul.....	179
3.12.Desenho do alçado nascente.....	180
3.13.Desenho do alçado poente.....	181

3.14.Desenho dos pormenores de construção.....	182
3.15.Desenho do alçado e plantas de cozinhas.....	183
3.16.Desenho do alçado e pormenores de cozinhas.....	184
3.17.Desenho dos alçados e pormenores de armários, pormenores de cozinhas.....	185
3.18.Desenho do alçado e pormenores da porta P9,J3,J4,J5,J8.....	186
3.19.Desenho do alçado e pormenores da J6,J7,J9,V1 e J10.....	187
3.20.Desenho do alçado e pormenores da P1,P2,P3,P6 e P8.....	188
3.21.Desenho do alçado e pormenores da P10 e P11.....	189
3.22.Desenho do alçado e pormenores da P12.....	190
3.23.Desenho do alçado e pormenores da J7, armários dos contadores de água/luz	191
3.24.Desenho do corte pela rampa que dá acesso à garagem, alçados e pormenores da J1 e J2.....	192
3.25.Desenho do alçado, planta e pormenores da escada e grades.....	193

4. Residência de Vasco Cunha

4.1.Desenho do levantamento topográfico.....	194
4.2.Desenho de plantas, corte e alçados	195
4.3.Desenho da planta do rés-do-chão.....	196
4.4.Desenho das plantas da cave e sótão.....	197
4.5.Desenho de cortes.....	198
4.6.Desenho de cortes.....	199
4.7.Desenho de alçados.....	200
4.8.Desenho do alçado poente e nascente.....	201
4.9.Desenho dos alçados dos muros.....	202
4.10.Desenho dos alçados e pormenores da J1.....	203
4.11.Desenho do alçado e pormenores da J2.....	204
4.12.Desenho dos alçados e pormenores da J3.....	205
4.13.Desenho dos pormenores da J3.....	206
4.14.Desenho do alçado e pormenores da J4.....	207
4.15.Desenho dos pormenores e alçado da J5.....	208
4.16.Desenho dos alçados e pormenores da J10 e J6.....	209
4.17.Desenho do alçado e pormenor da J7.....	210
4.18.Desenho do alçado e pormenores da J8.....	211
4.19.Desenho dos pormenores da J8.....	212
4.20.Desenho dos pormenores da J9.....	213
4.21.Desenho do pormenor de cozinha.....	214
4.22.Desenho dos alçados e pormenores da P1.....	215
4.23.Desenho dos alçados e pormenores da P4 e P2.....	216
4.24.Desenho do alçado e pormenores da J11.....	217
4.25.Desenho do alçado exterior e interior e pormenores da P3.....	218
4.26.Desenho do pormenor e alçado da P5.....	219
4.27.Desenho dos pormenores e alçado do P6.....	220
4.28.Desenho dos pormenores da P6.....	221
4.29.Desenho de plantas e alçados dos armários e alçados da P7,P8,P9.....	222
4.30.Desenho da vista em alçado dos interiores dos armários.....	223
4.31.Desenho dos pormenores dos armários.....	224
4.32.Desenho dos pormenores das portas.....	225
4.33.Desenho dos pormenores dos armários, alçados parciais do arrinquado e corrimão da galeria.....	226
4.34.Desenho dos alçados e pormenores da varanda e caleira.....	227
4.35.Desenho dos pormenores da cozinha.....	228
4.36.Desenho do pormenor dos armários de cozinha.....	229
4.37.Desenho da planta, alçados e pormenores do fogão do recanto do fogo.....	230
4.38.Desenho da planta, corte, alçado e pormenores do fogão da galeria.....	231
4.39.Desenho dos pormenores da casa de banho.....	232
4.40.Desenho dos pormenores dos alçados da casa de banho.....	233
4.41.Desenho do mapa de vãos.....	234
4.42.Desenho do pormenor do armário do contador de água.....	235

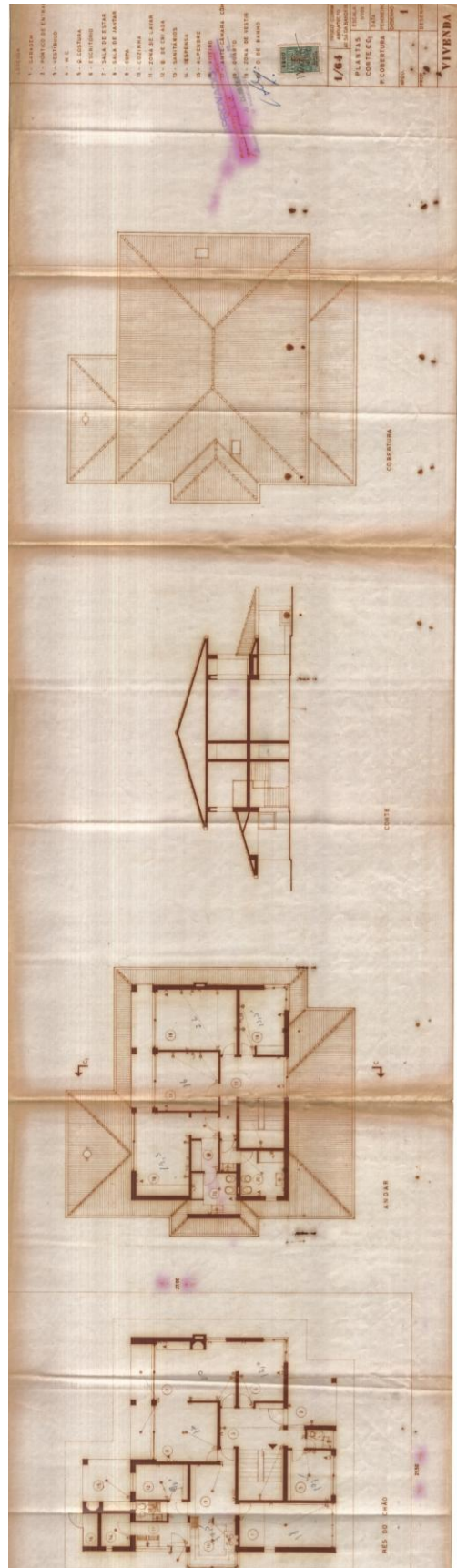
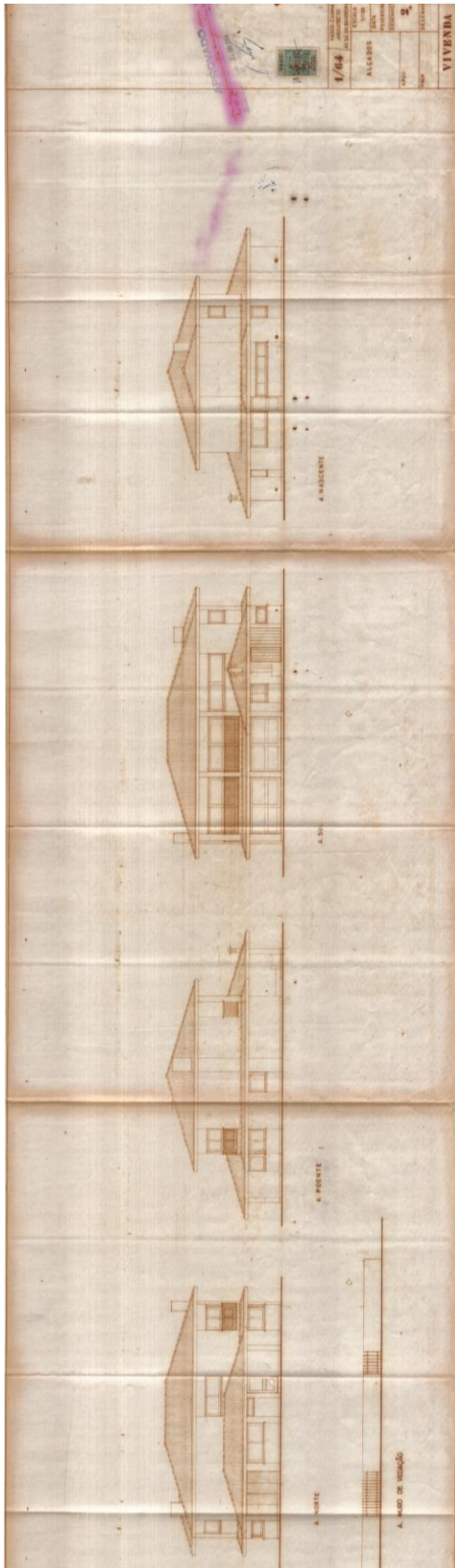
4.43.Desenho do pormenor dailharga.....	236
4.44.Desenho do alçado e pormenor das almofadas das portas interiores.....	237
4.45.Desenho do pormenor do balaústre.....	238
4.46.Desenho do pormenor do micho.....	239
4.47.Desenho De pormenores da iluminação.....	240

ANEXO III – Conjunto de desenhos de quatro projectos da década de 1960

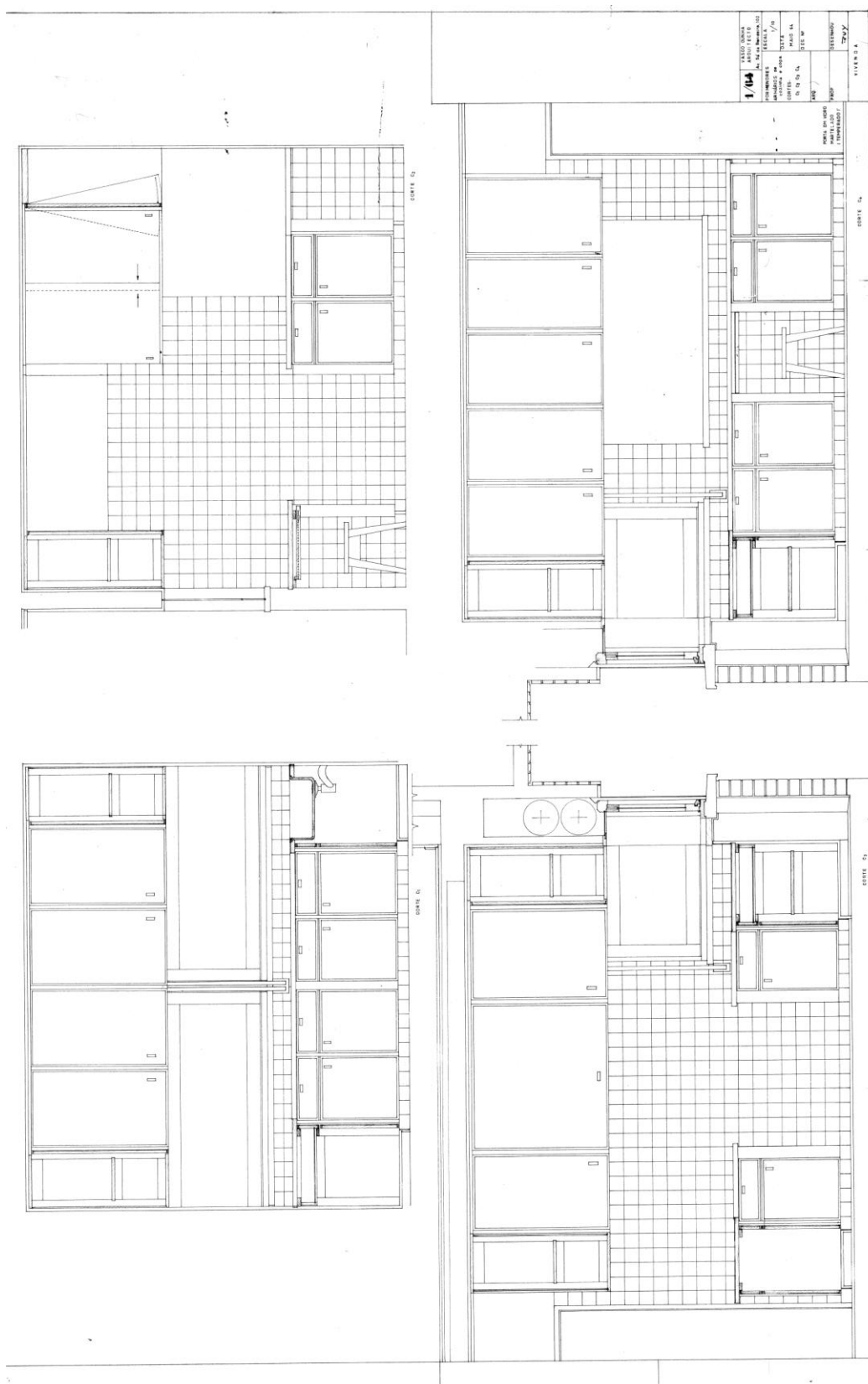
1.A vivenda de António Pereira Lucas Martins



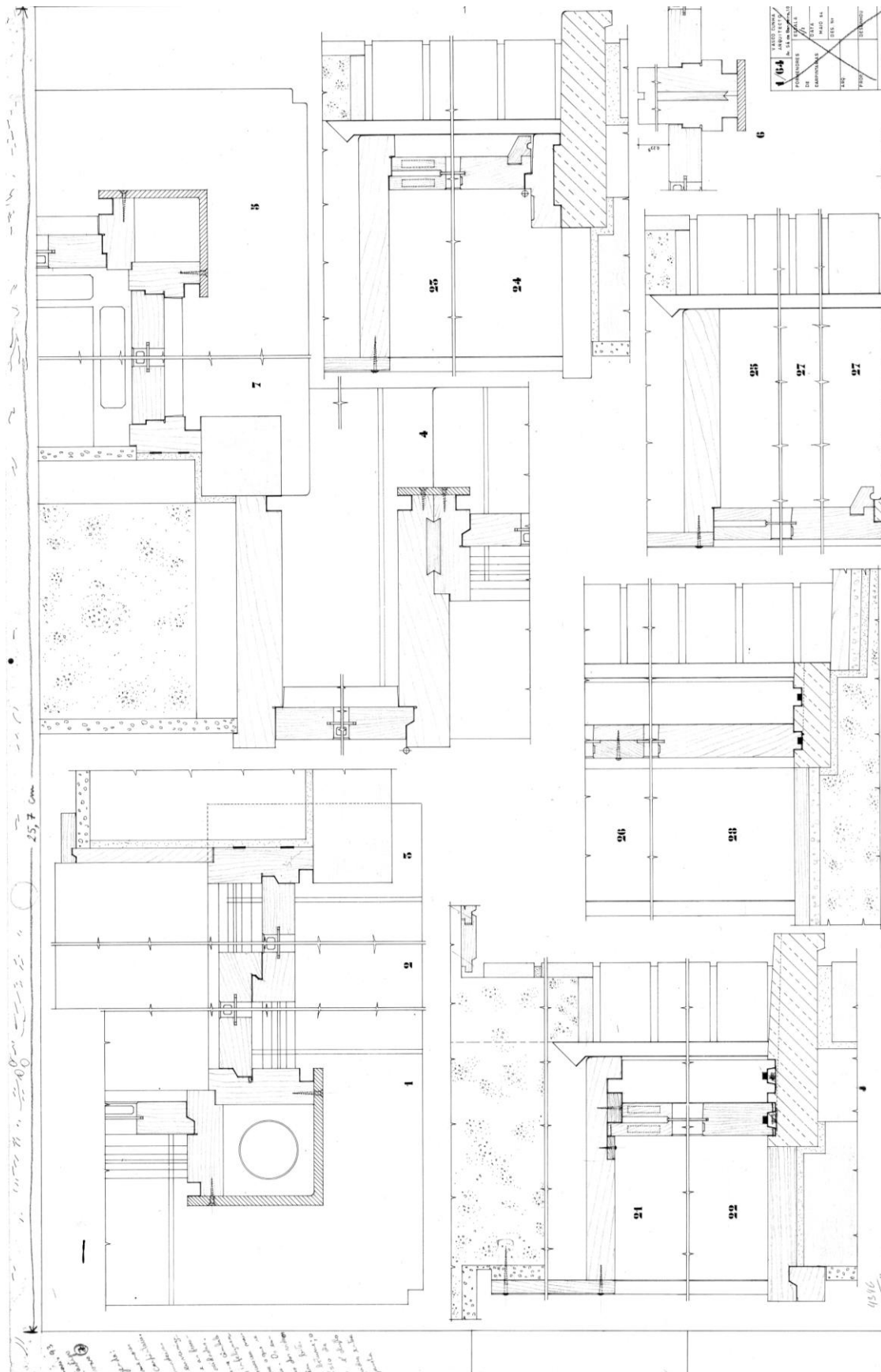
1.1.Desenho da planta topográfica. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC, «Projecto 1/64 – vivenda de António Lucas Martins», Maio de 1964.



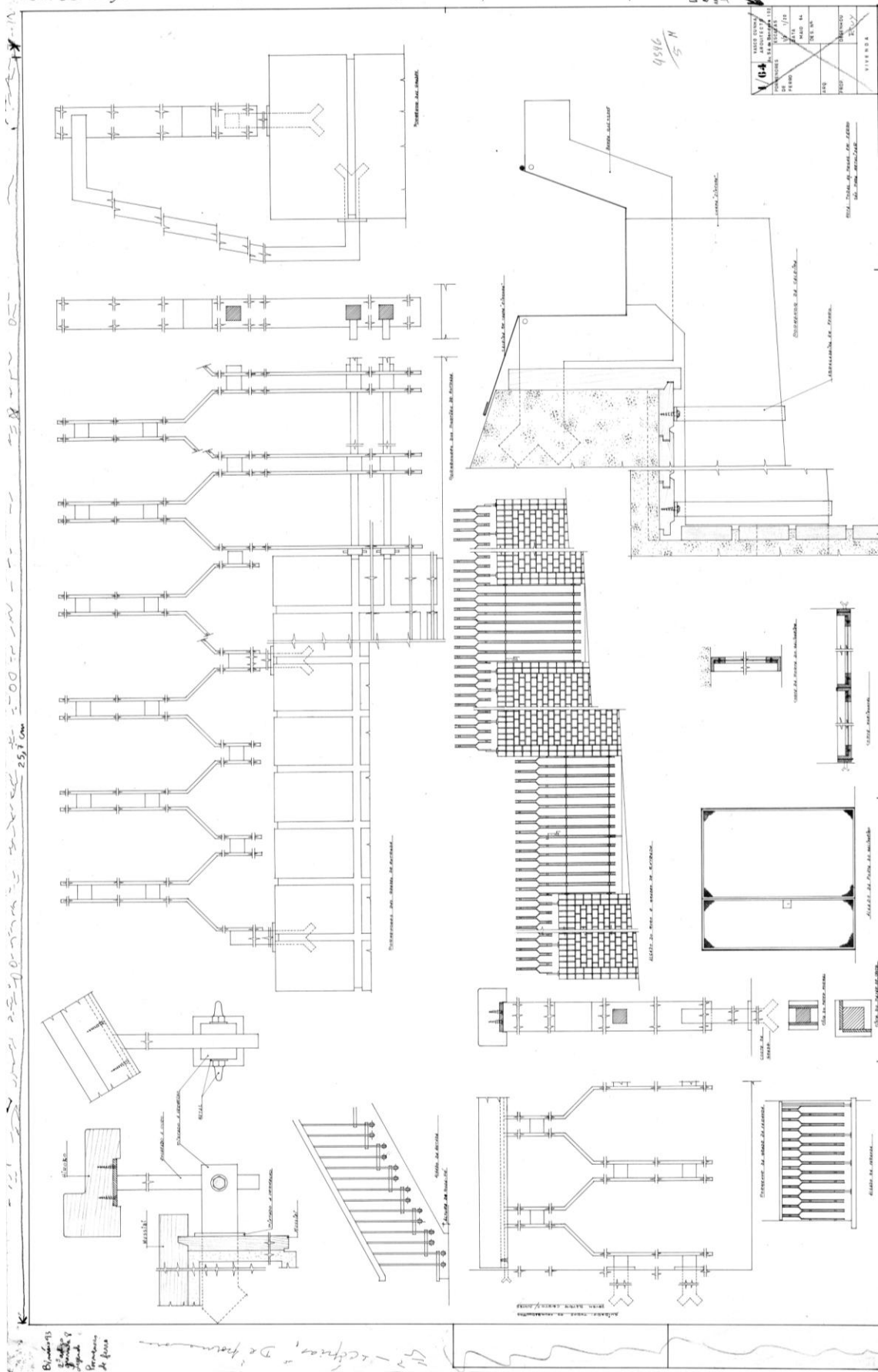
1.2.Desenho das plantas, cortes e alçados. Desenho nº1 e nº.2, 5ª Gaveta, APVC.



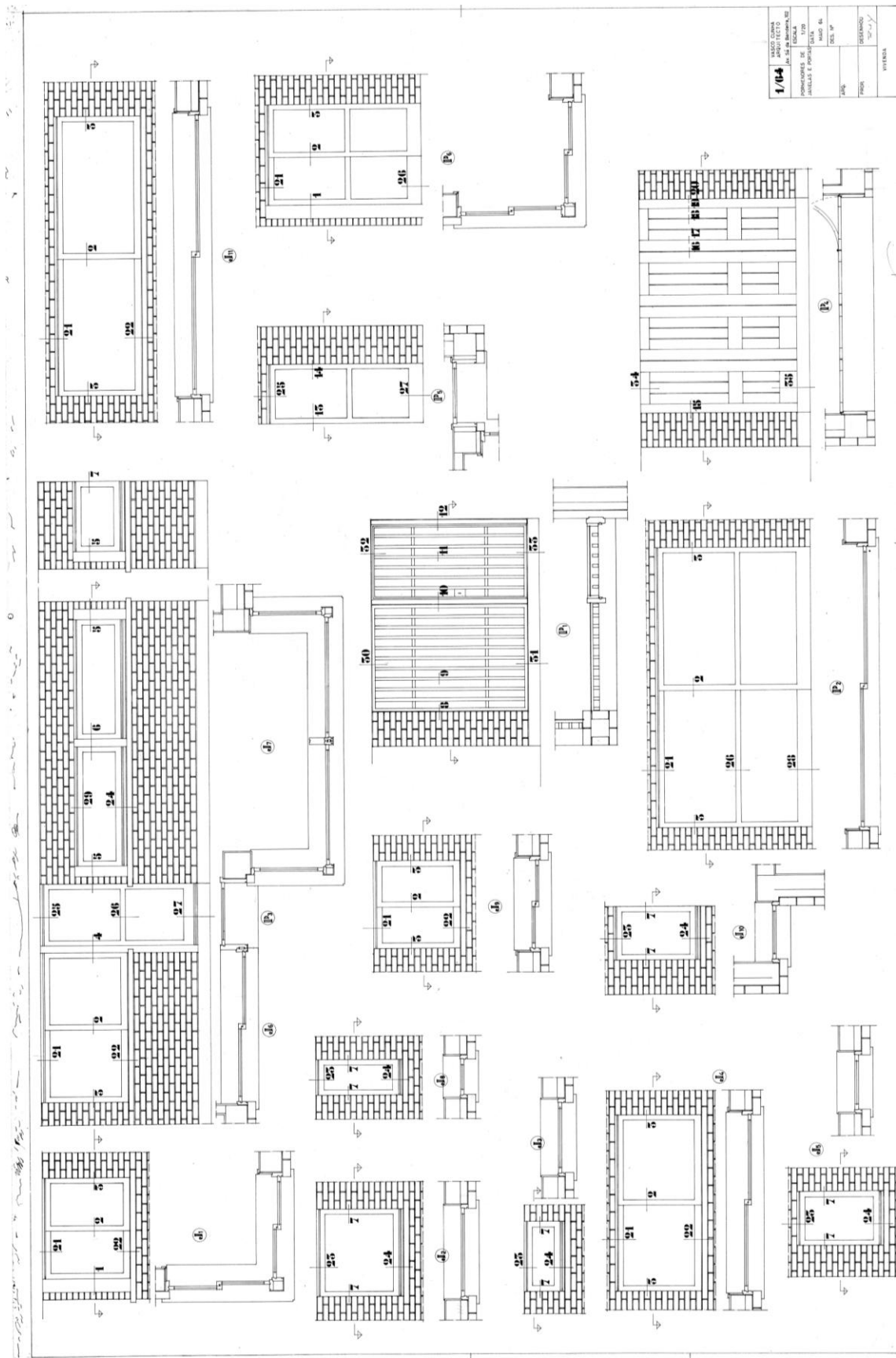
1.3. Desenho dos pormenores dos armários de cozinha e copa, cortes C1,C2,C3,C4. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC



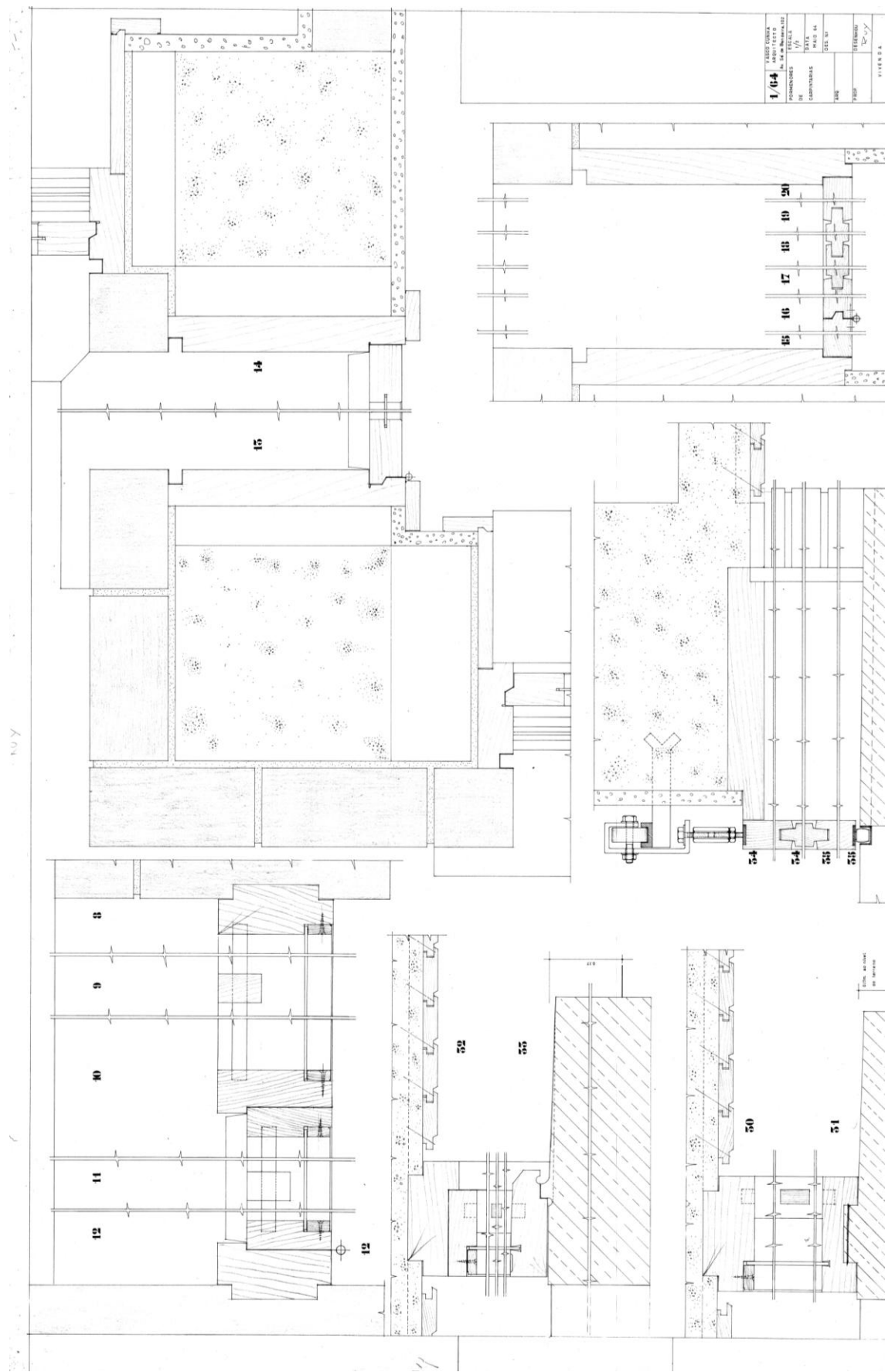
1.4. Desenho dos pormenores das carpintarias. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC.



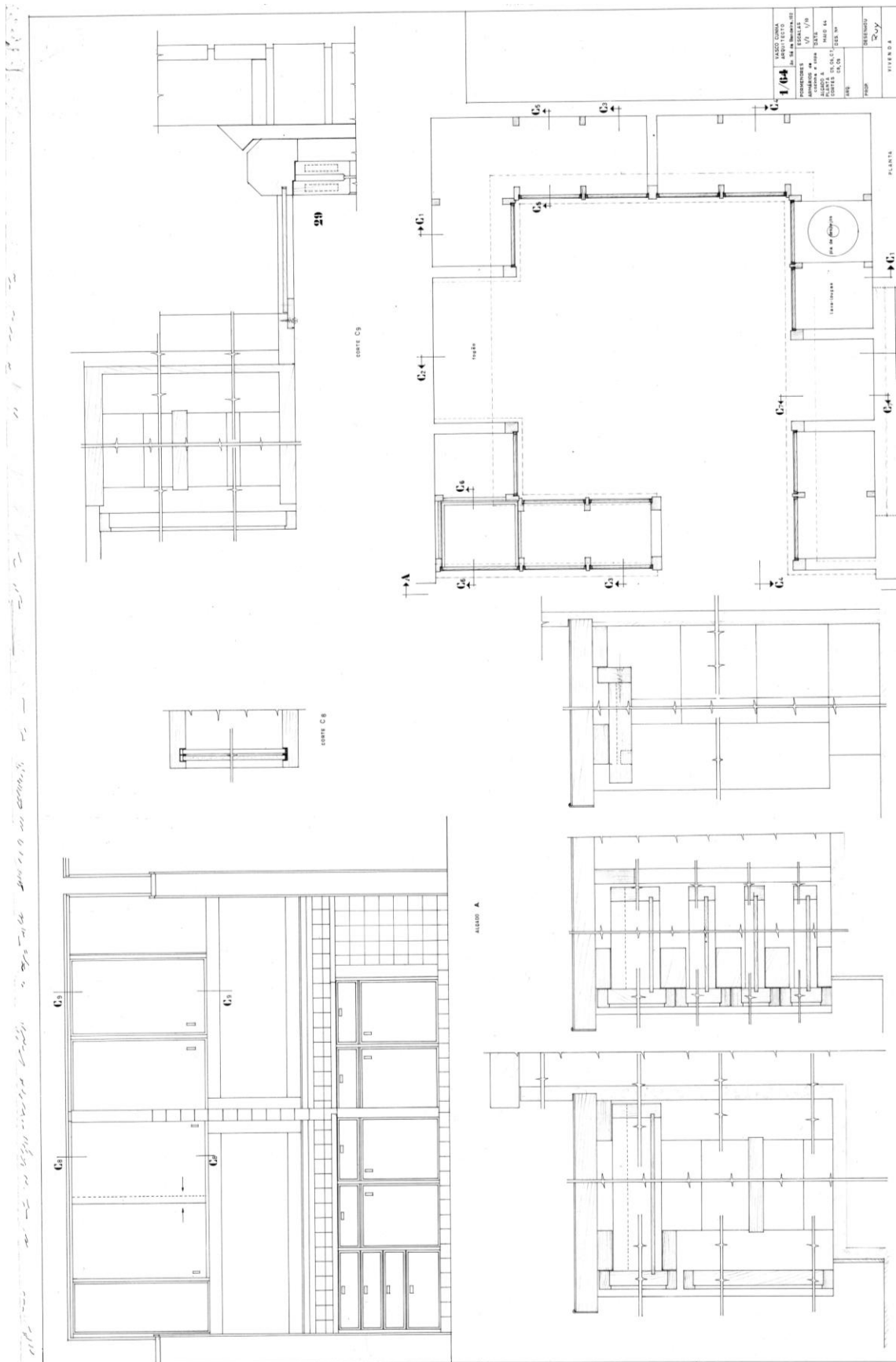
1.5. Desenho dos pormenores de ferro. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC.



1.6. Desenho dos pormenores de janelas e portas. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC.

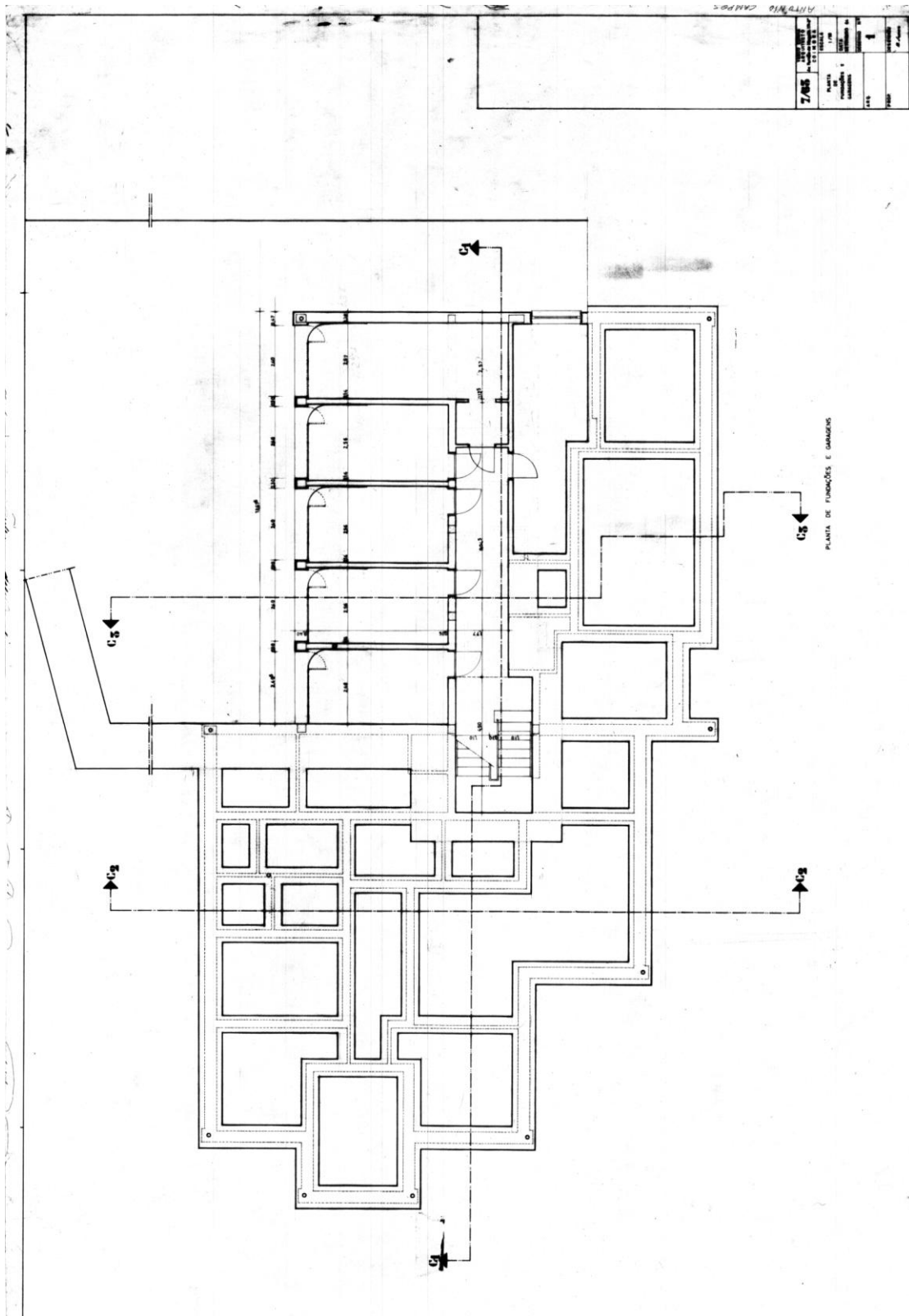


1.7.Desenho dos pormenores das carpintarias. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC.

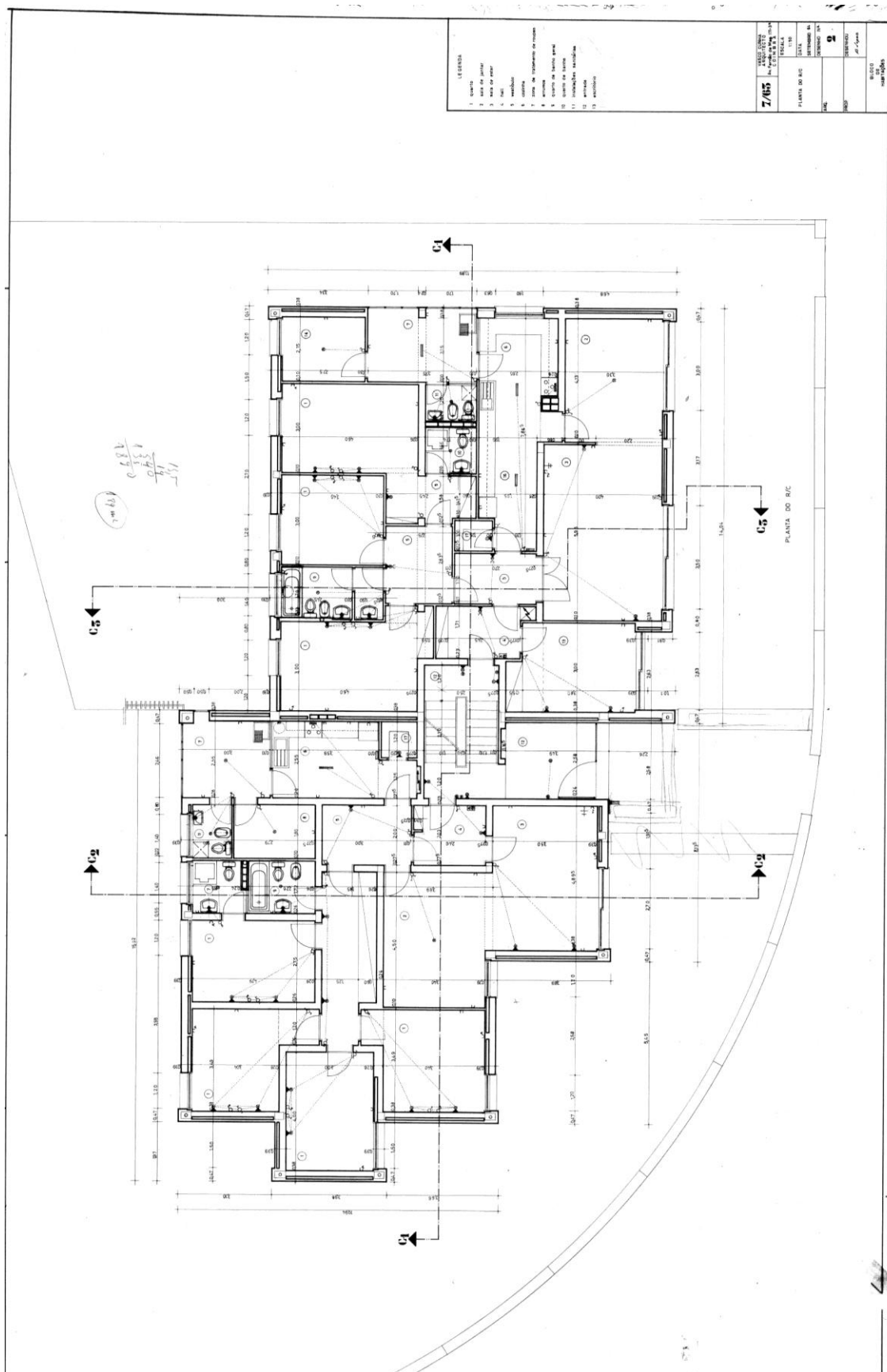


1.8. Desenho dos pormenores dos armários de cozinha e copa, cortes C5, C6, C7, C8, C9. Desenho s/n, 5ª Gaveta, APVC.

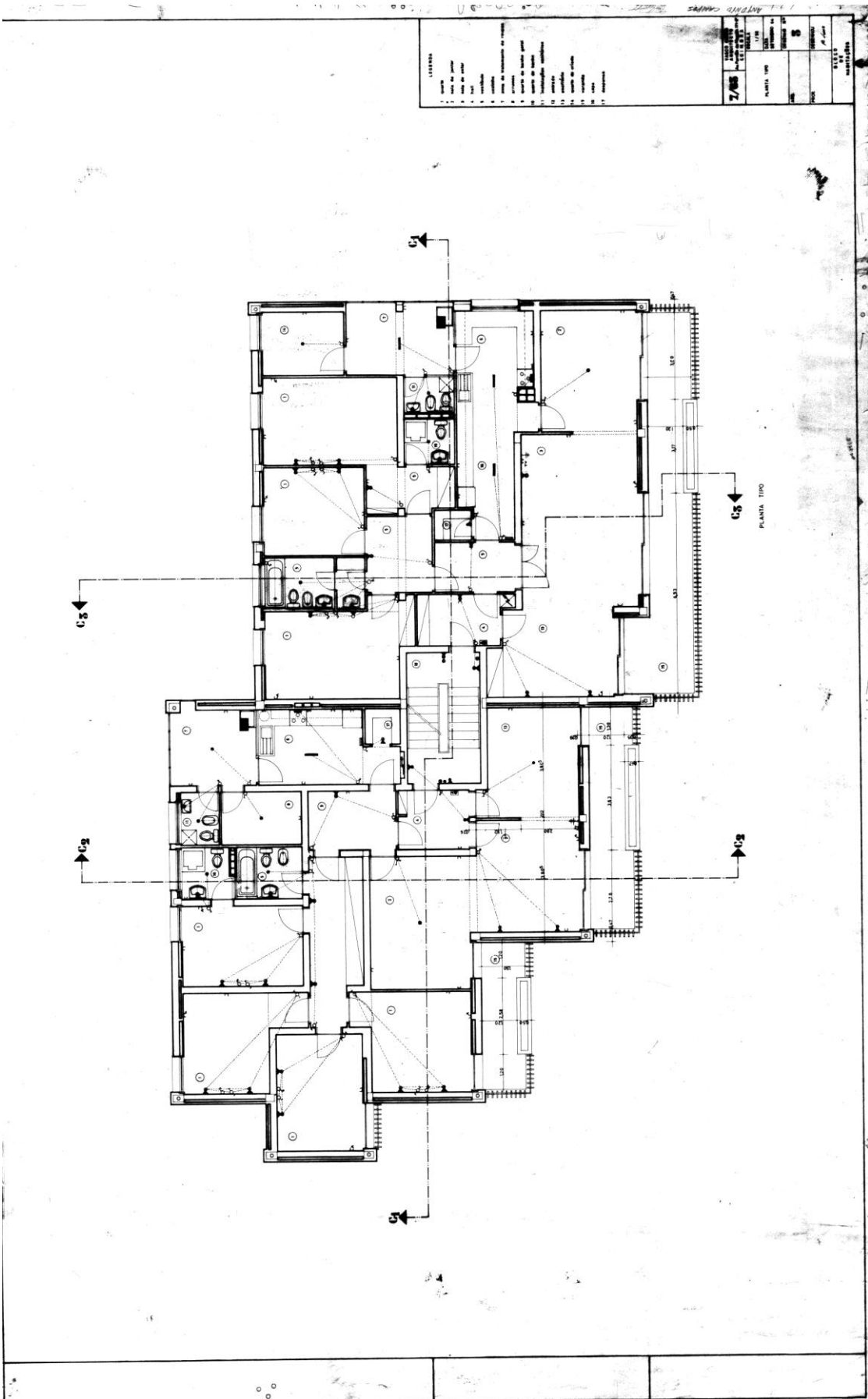
2. Edifício de Habitação de António Campos



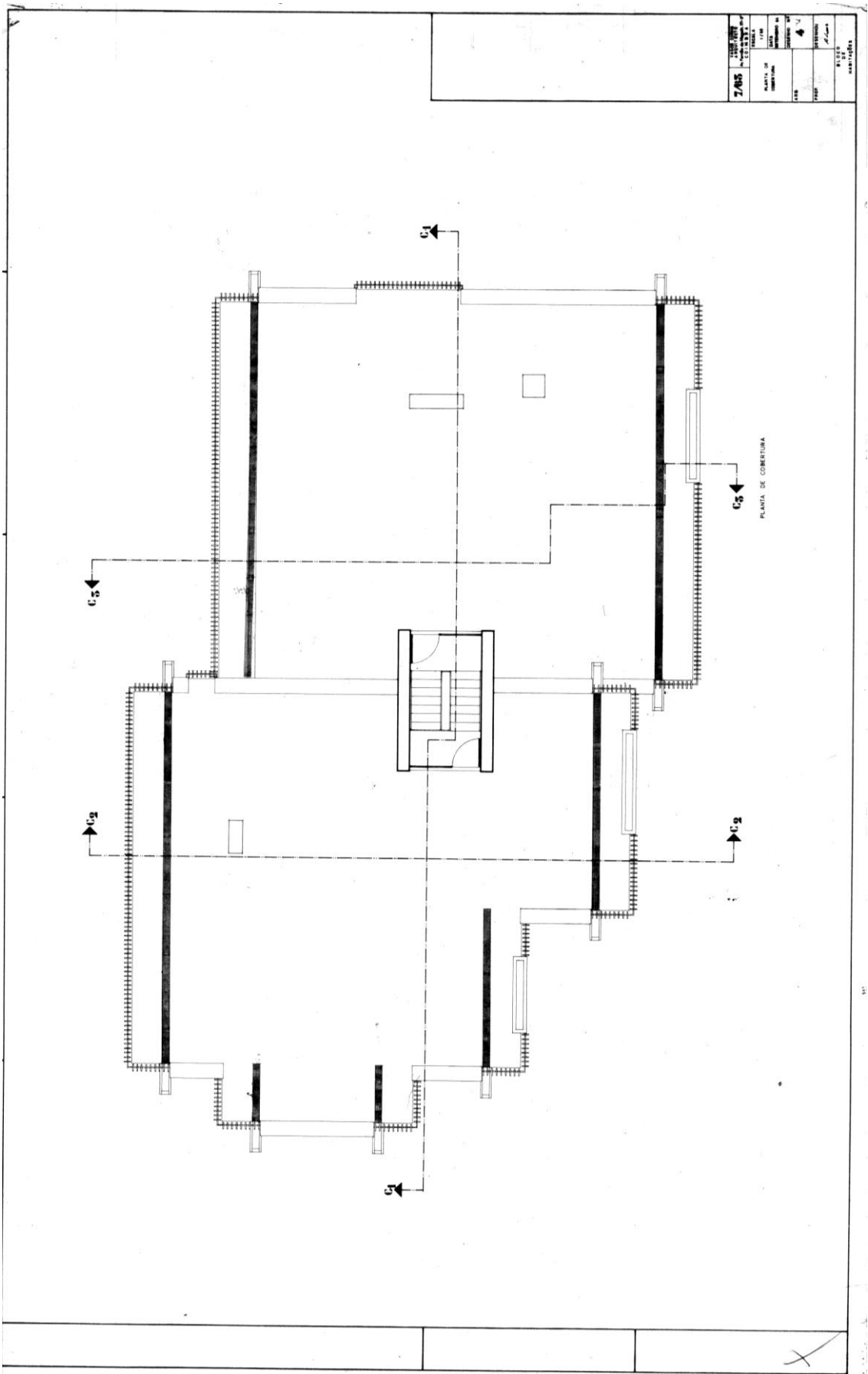
2.1. Desenho das plantas de fundações e garagens. Desenho nº.1, Rolo 111, Mesa 3, APVC, «Projecto 7/63 – Edifício de Habitação de António Campos», Setembro de 1964.



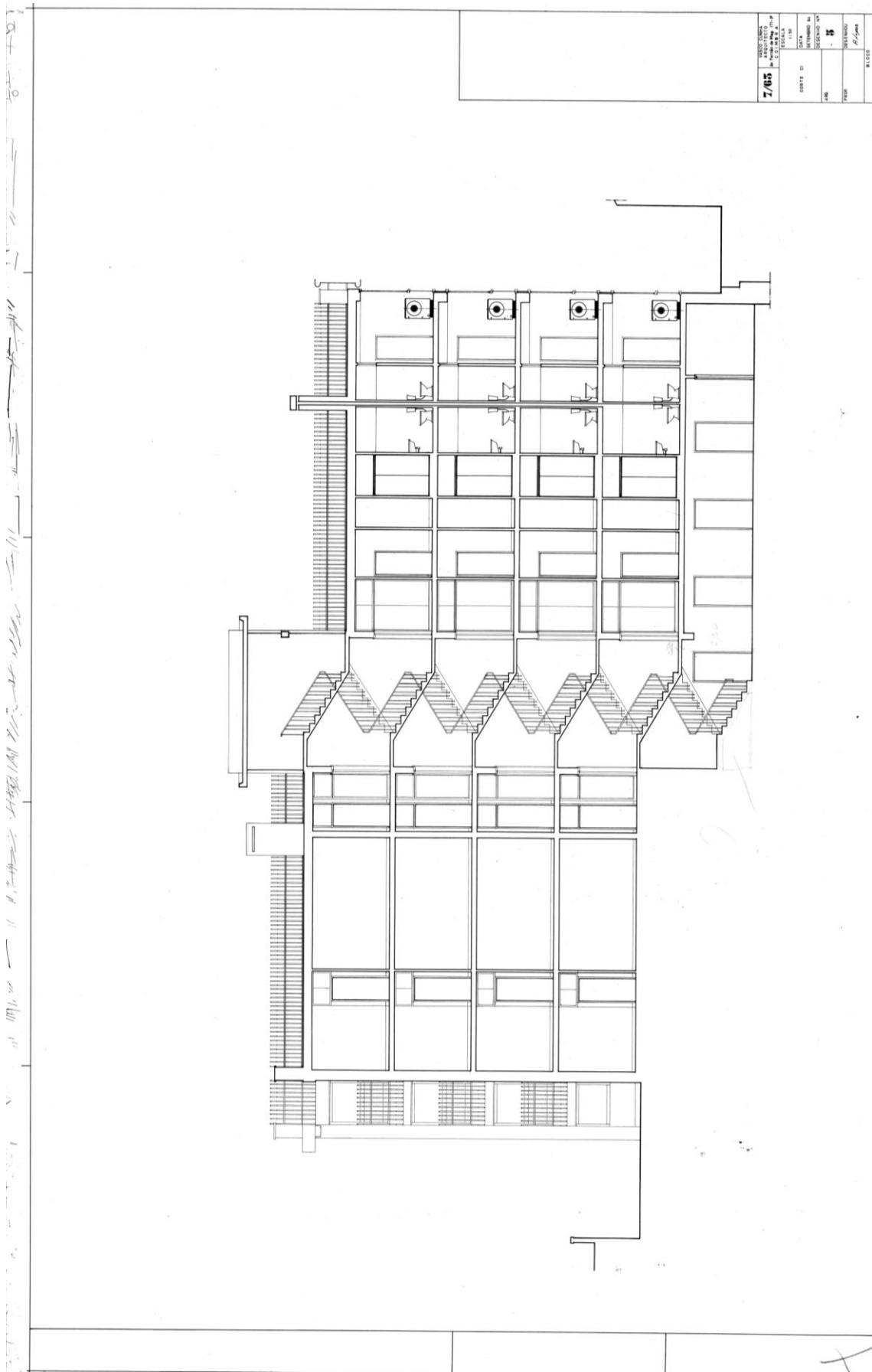
2.2. Desenho da planta do rés-do-chão. Desenho n.º 2, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



2.3. Desenho da planta tipo. Desenho n.º.3, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

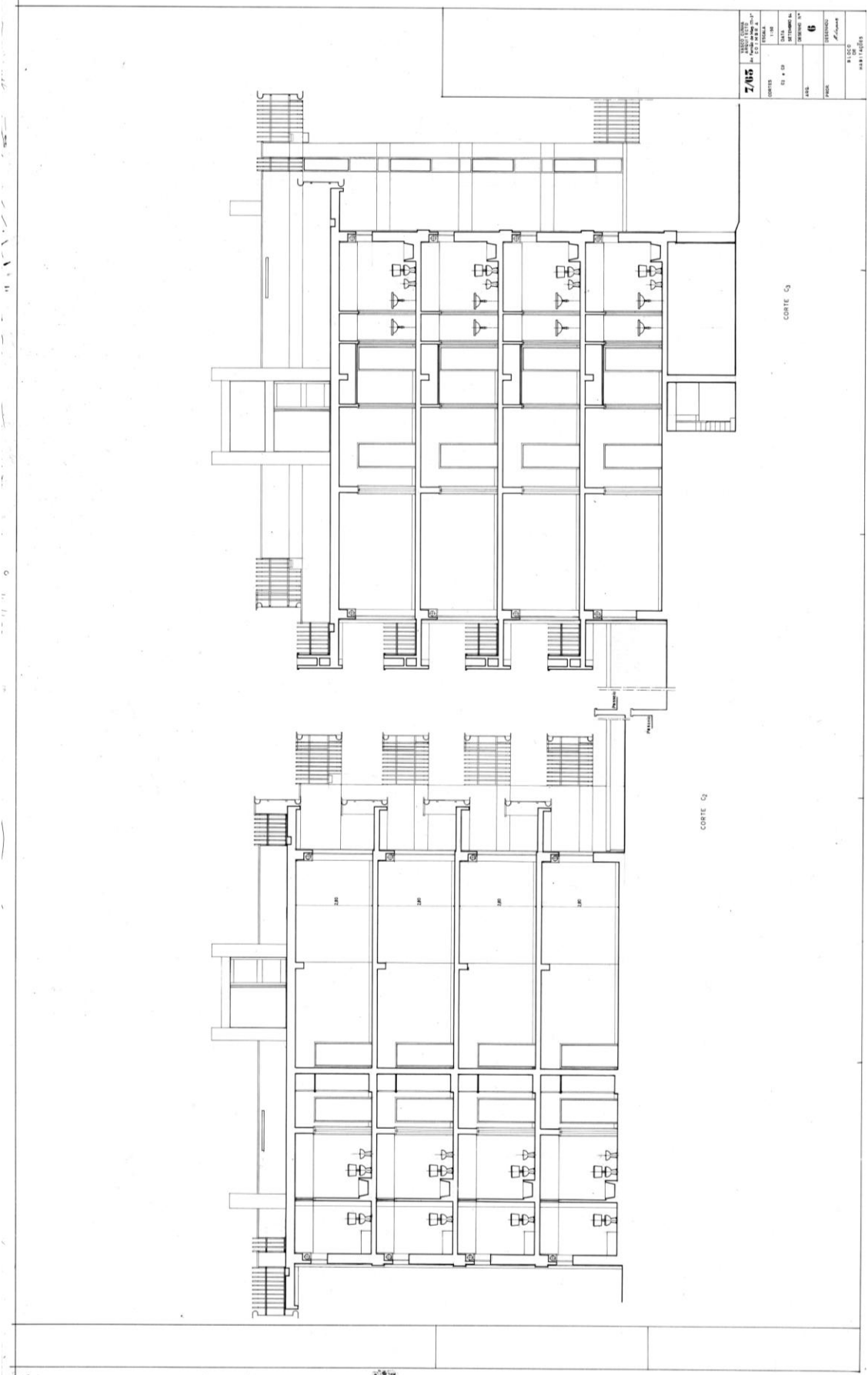


2.4. Desenho da planta da cobertura. Desenho nº.4, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



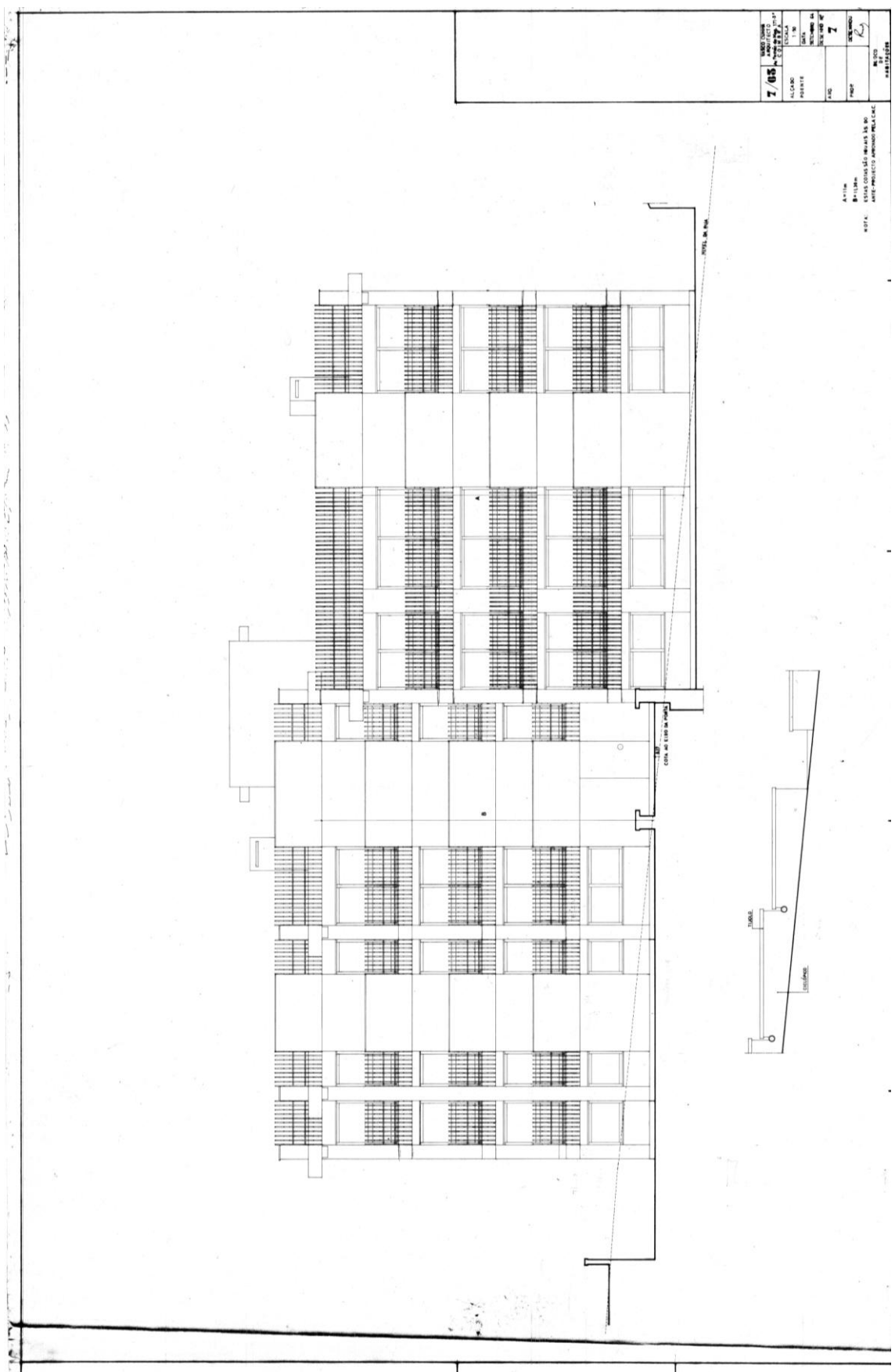
7/85		PROJETO DE ARQUITETURA	
LIVRO Nº 111		FOLHA Nº 5	
CORTE Nº	C1/A	INTERNO AL	INTERNO AL
AVO	-	PROJ. ARQ.	-
PROJ.	ALVARO SIZA	PROJ. ENG.	-
1958		1958	

2.5.Desenho do corte C1. Desenho nº.5, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



Z/NS		PROJETO DE ARQUITETURA	
CORTE		1:100	
SALA		21 x 13	
PASSAGEIO		21 x 13	
ESCADA		21 x 13	
PAGE		6	
PROJ. ARQUITETURA		APVC	
R. 111		Mesa 3	
R. 111		Mesa 3	

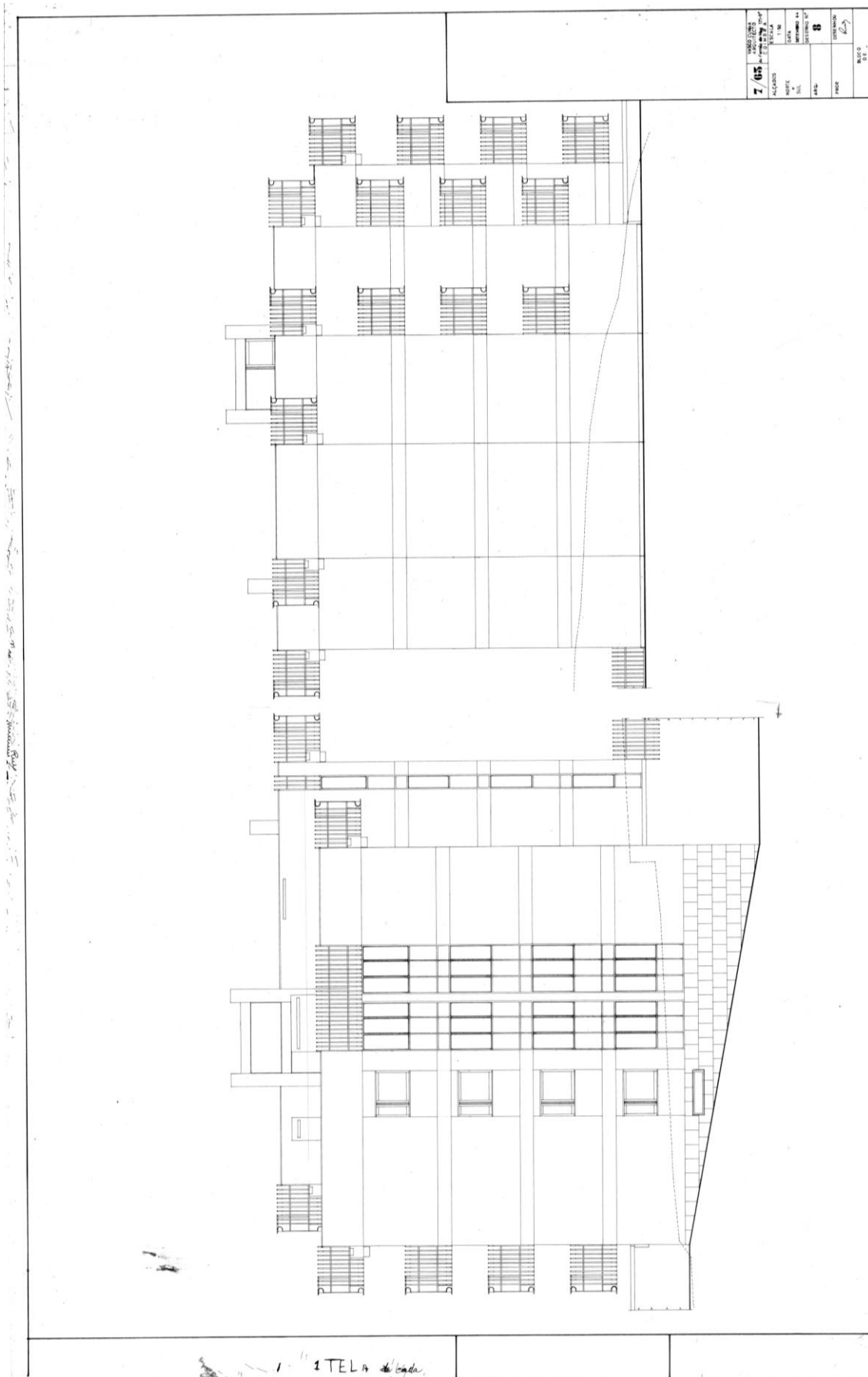
2.6.Desenho dos cortes C2 e C3. Desenho nº.6, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



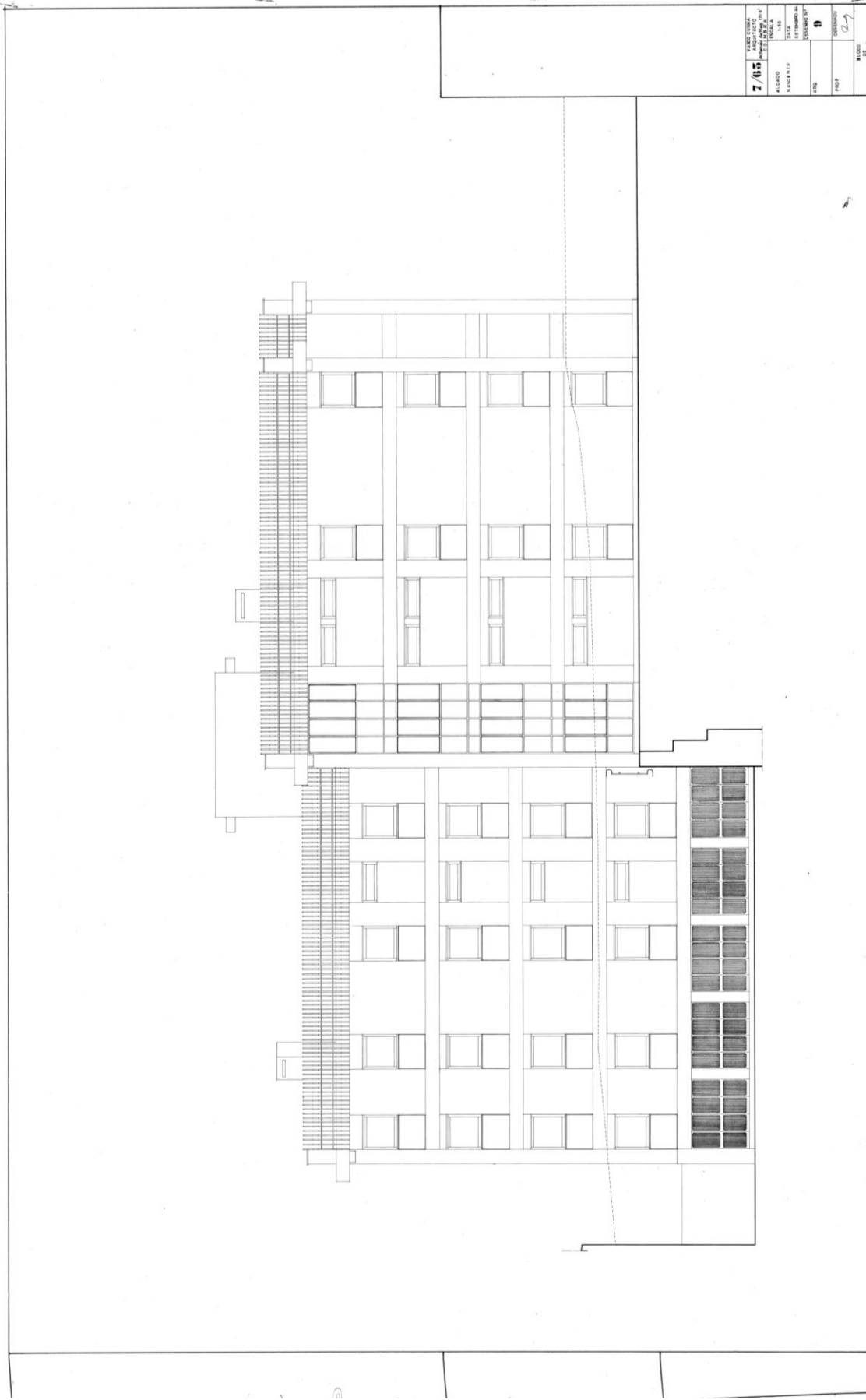
7/05	
ALÇADO POENTE	
PROJETE	
ELABORADO	
CORRETORES	
PROF. 7	
R. 020	
- 88723208	

ACTIV
Módulo
RPTA. ESTAB. CONS. SAG. MEL. P. S. S. 80
ANTE-PROJECTO ANOMINO-PUBLICO

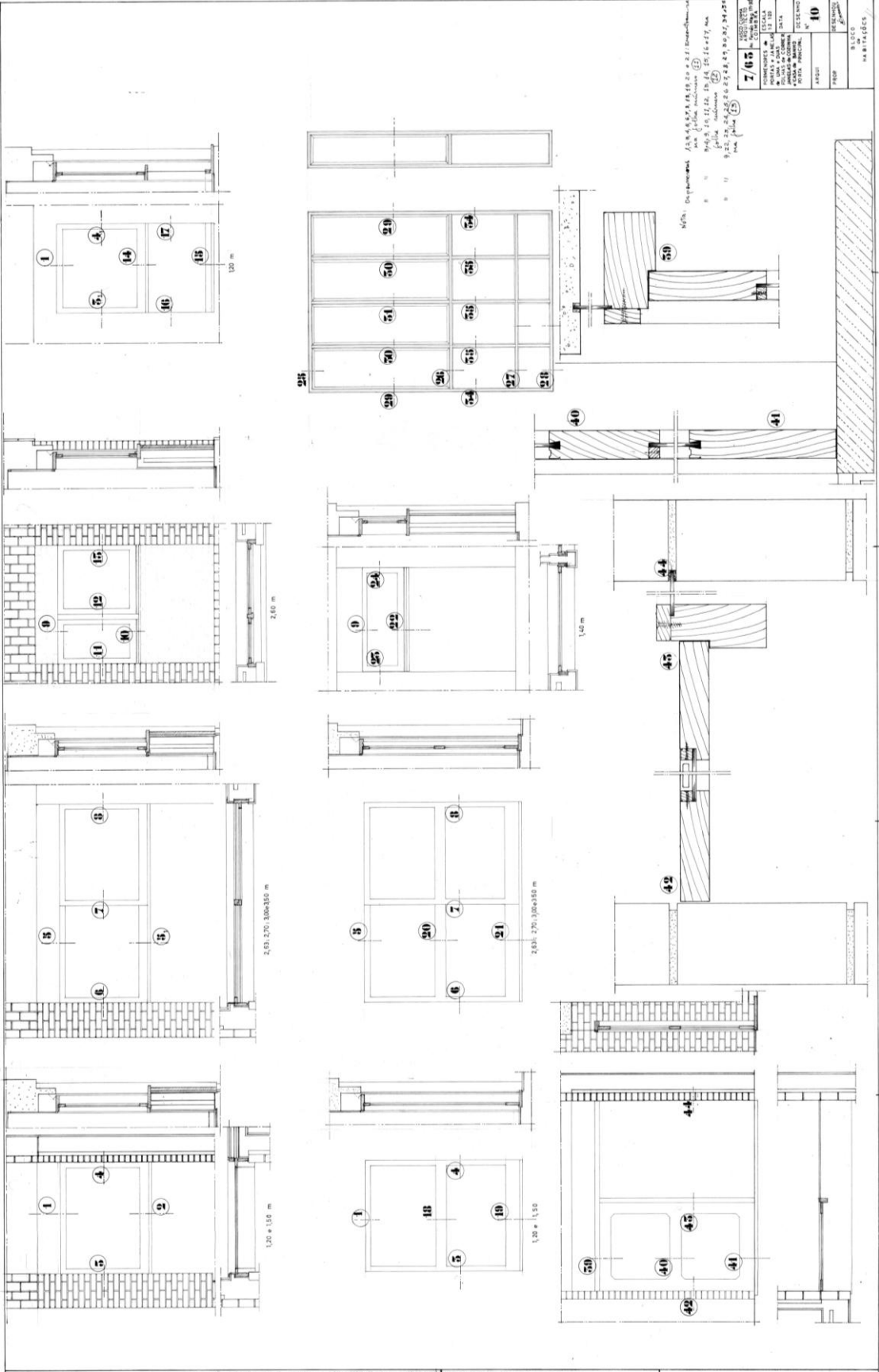
2.7. Desenho do alçado poente. Desenho nº.7, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



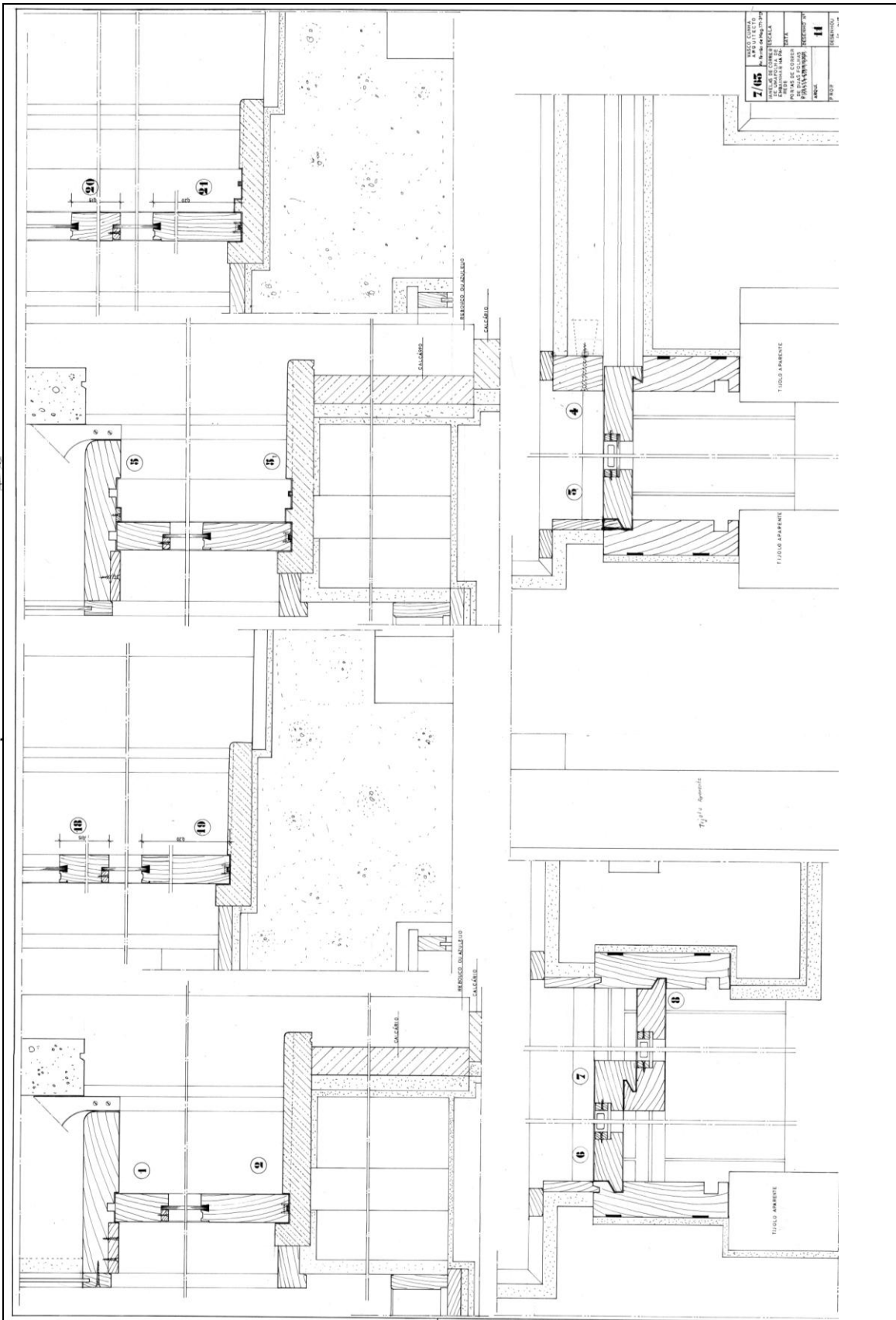
2.8. Desenho do alçado norte e sul. Desenho nº.8, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



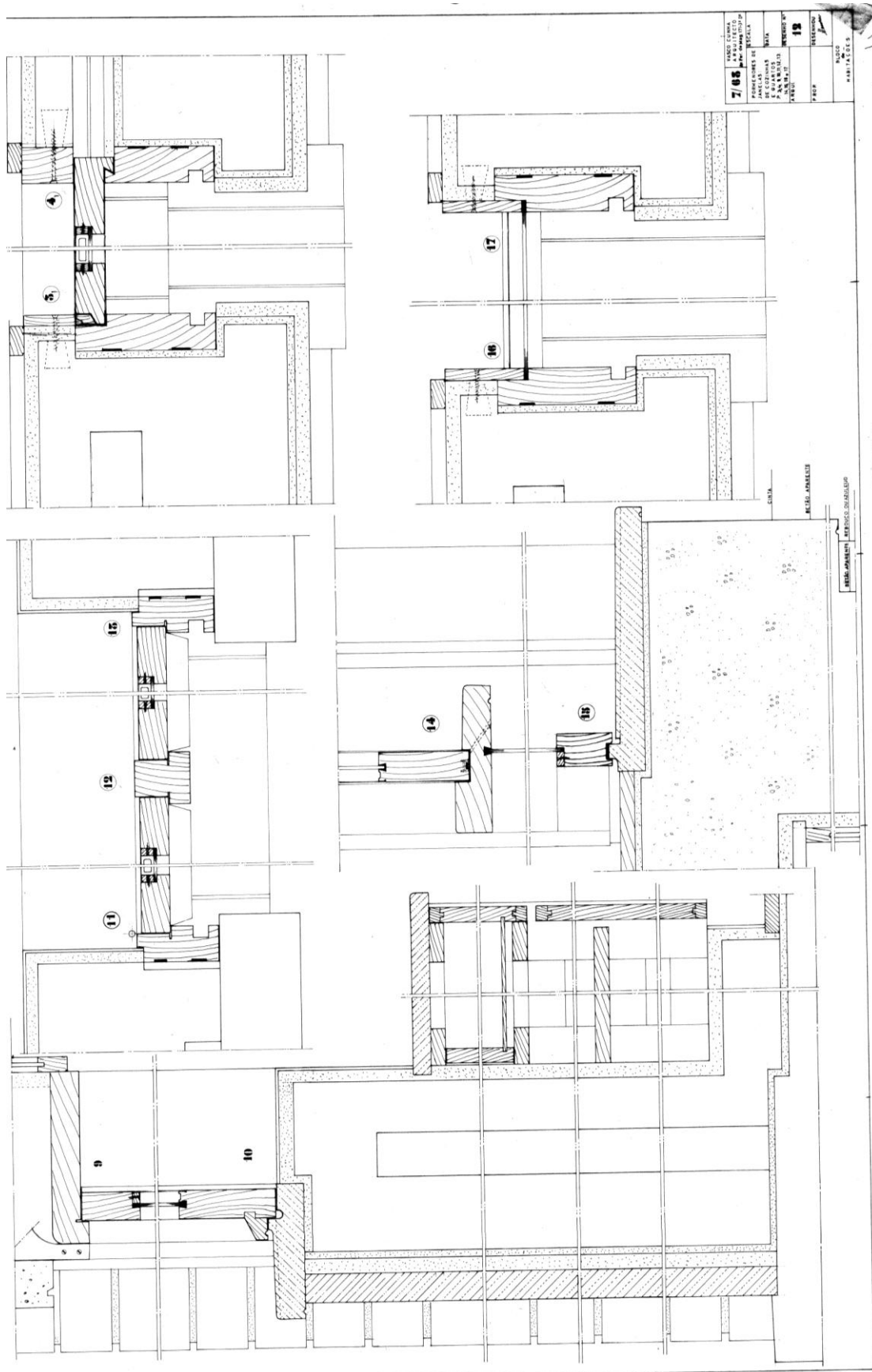
2.9.Desenho do alçado nascente. Desenho nº.9, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



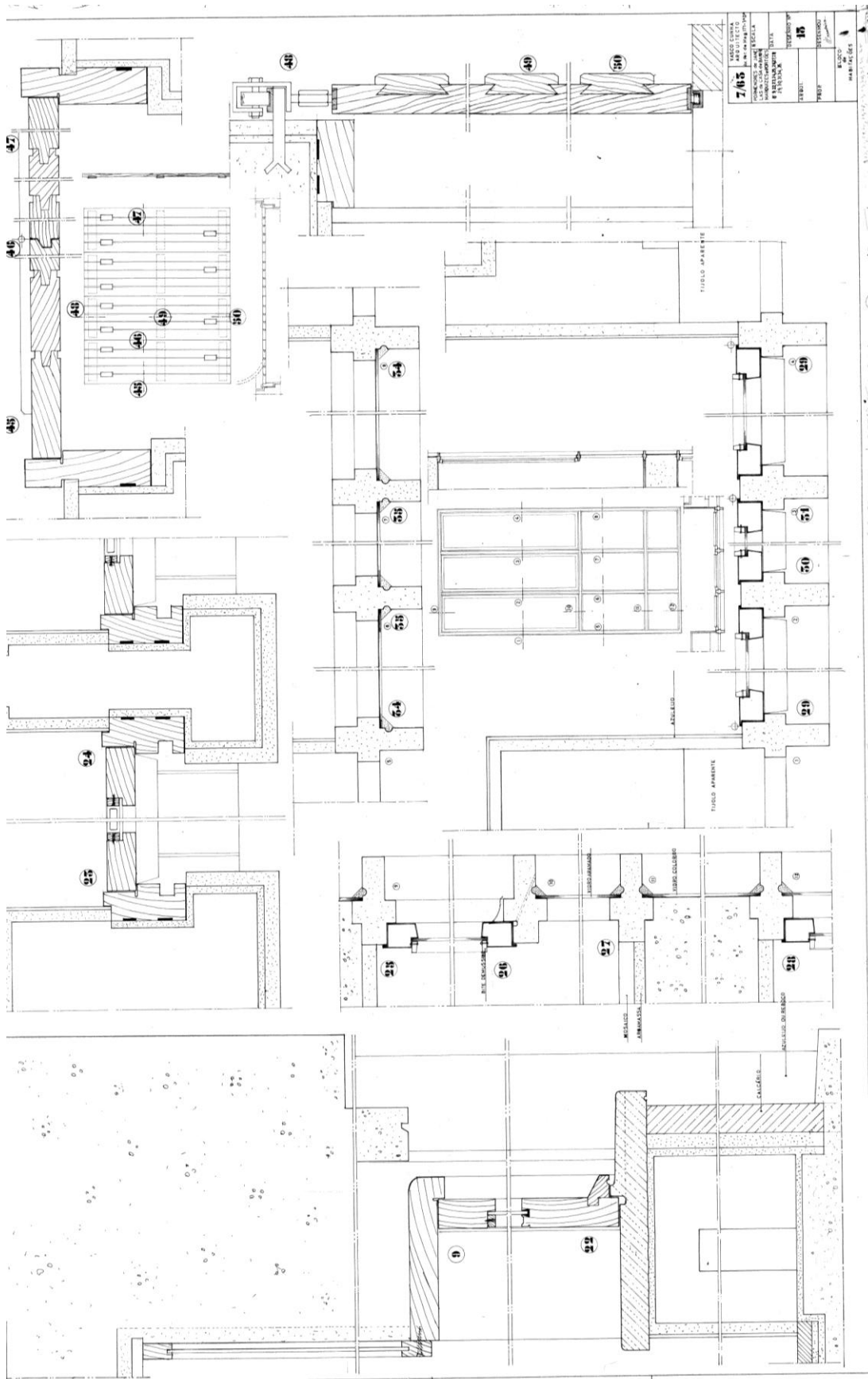
2.10. Desenho de pormenores de portas e janelas de uma e duas folhas de correr, janela de cozinha e casa de banho, porta principal. Desenho nº.10, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



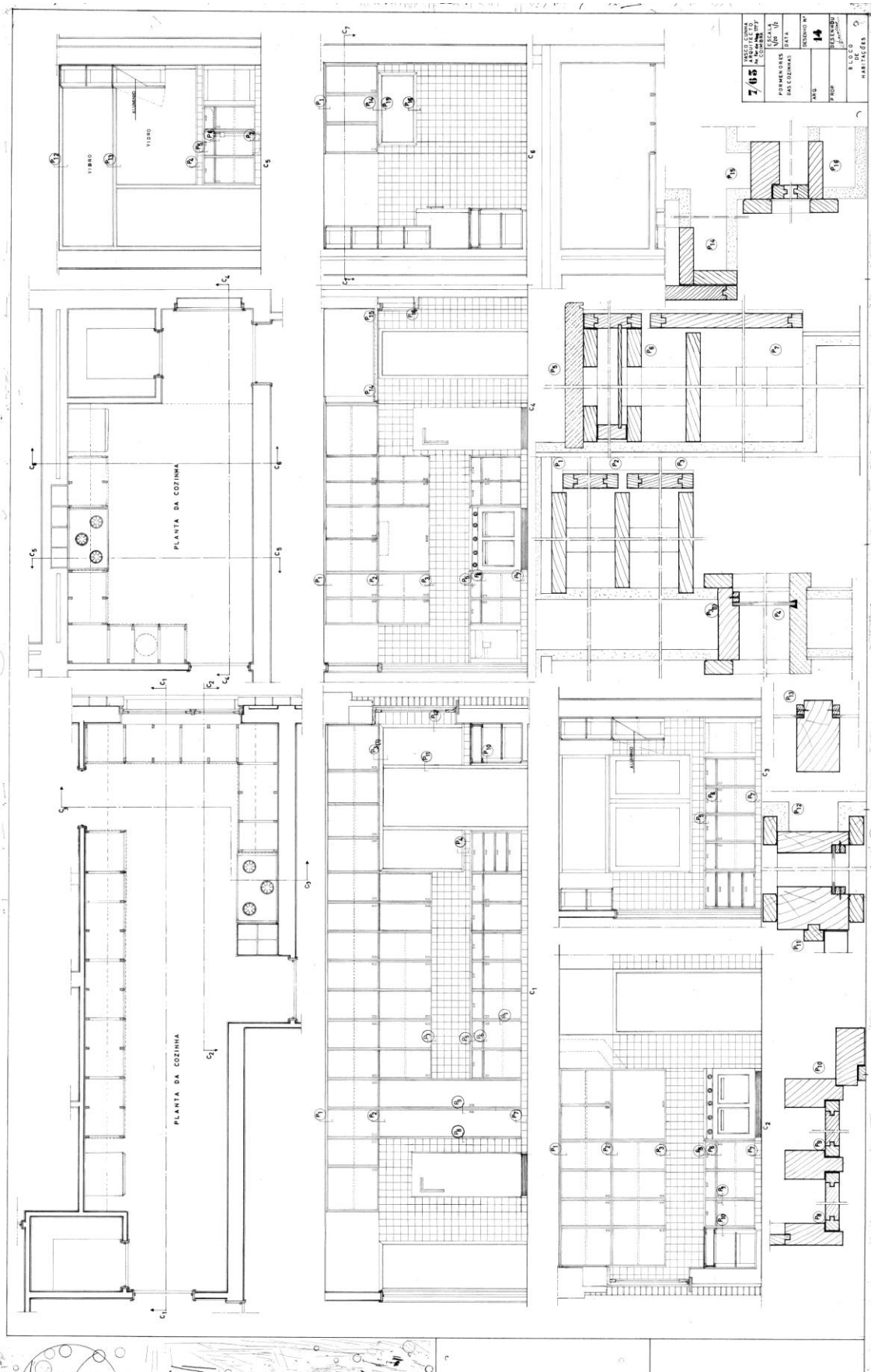
2.11. Desenho do pormenor da janela de correr de uma folha de embainhar na parede, portas de correr P1 a P21. Desenho nº.11, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



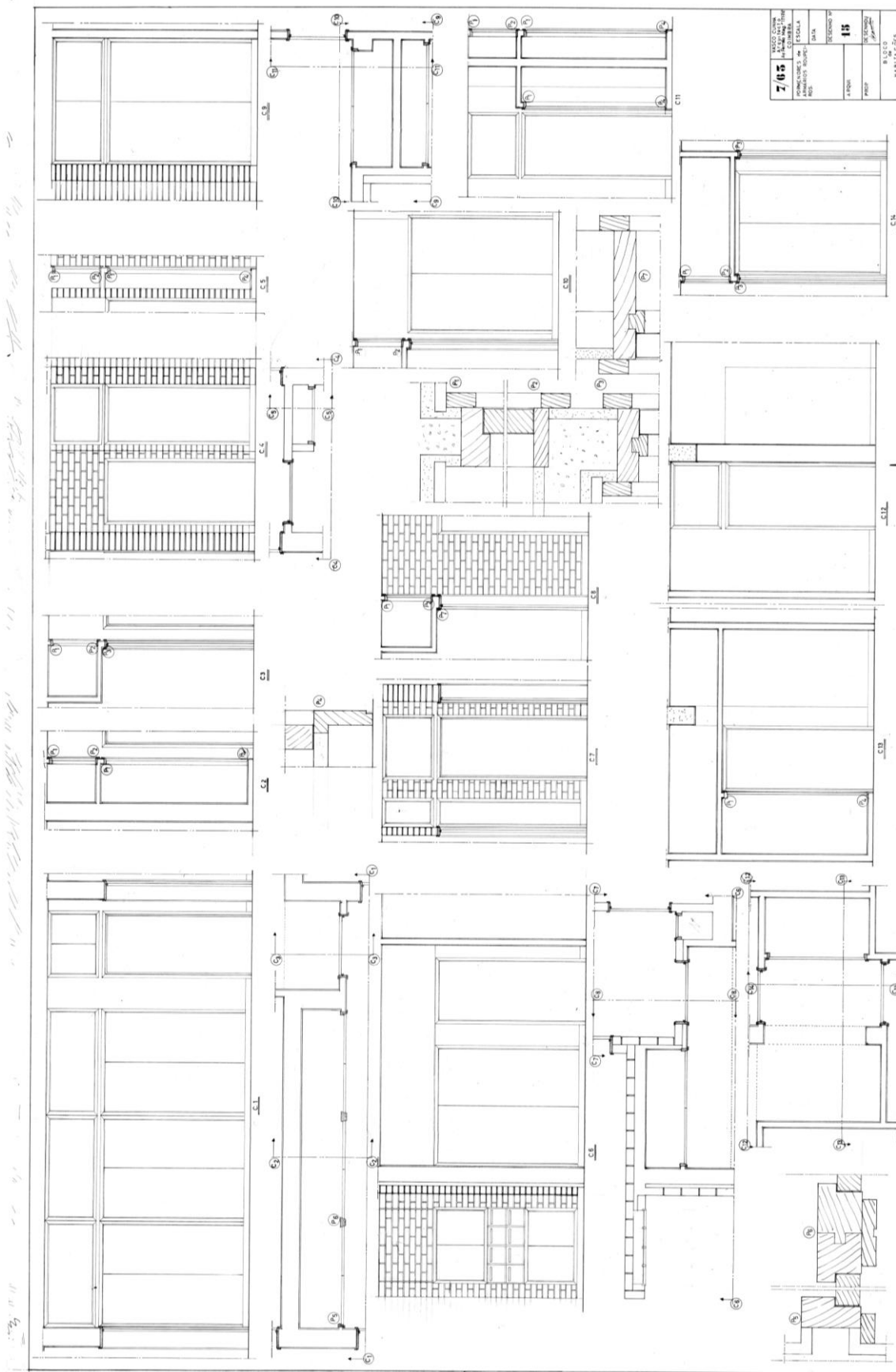
2.12.Desenho dos pormenores de janelas de cozinha e quartos: P3 a P17. Desenho n.º.12, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



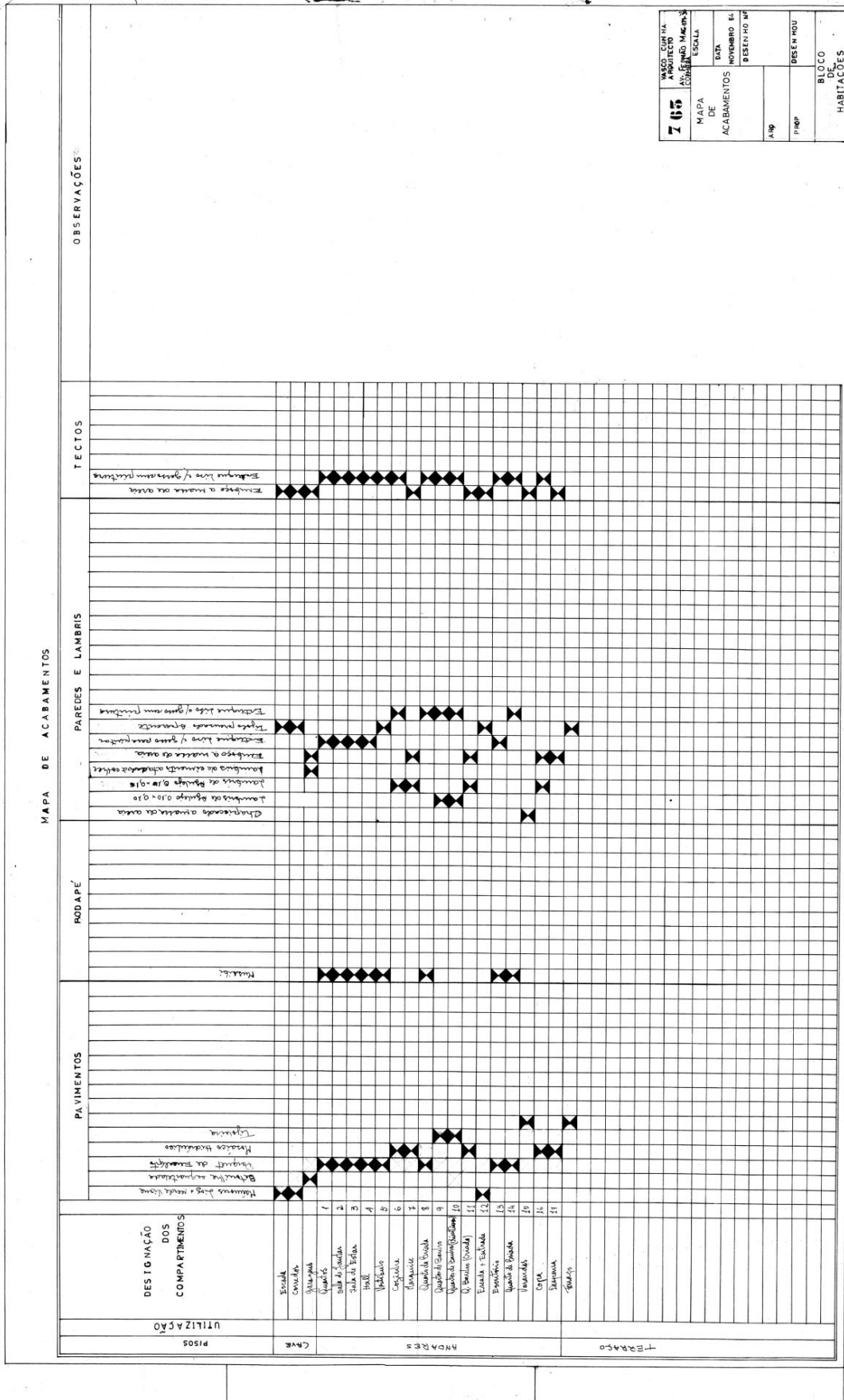
2.13. Desenho dos pormenores de janelas da casa de banho, marquises e portões P9 a P35. Desenho nº.13, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



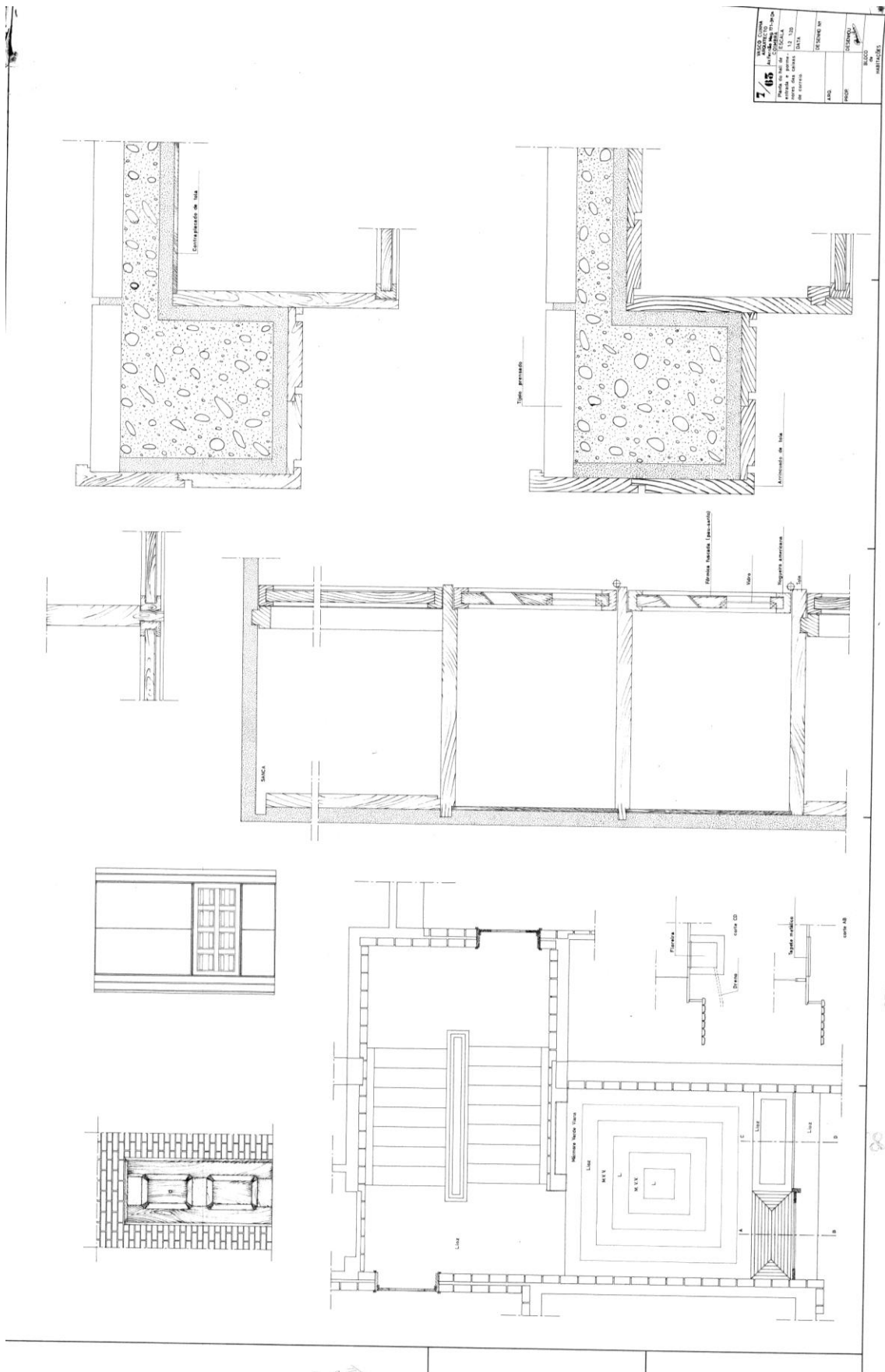
2.14. Desenho dos pormenores das cozinhas. Desenho nº.14, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



2.15.Desenho dos pormenores de armários roupeiros. Desenho nº.15, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

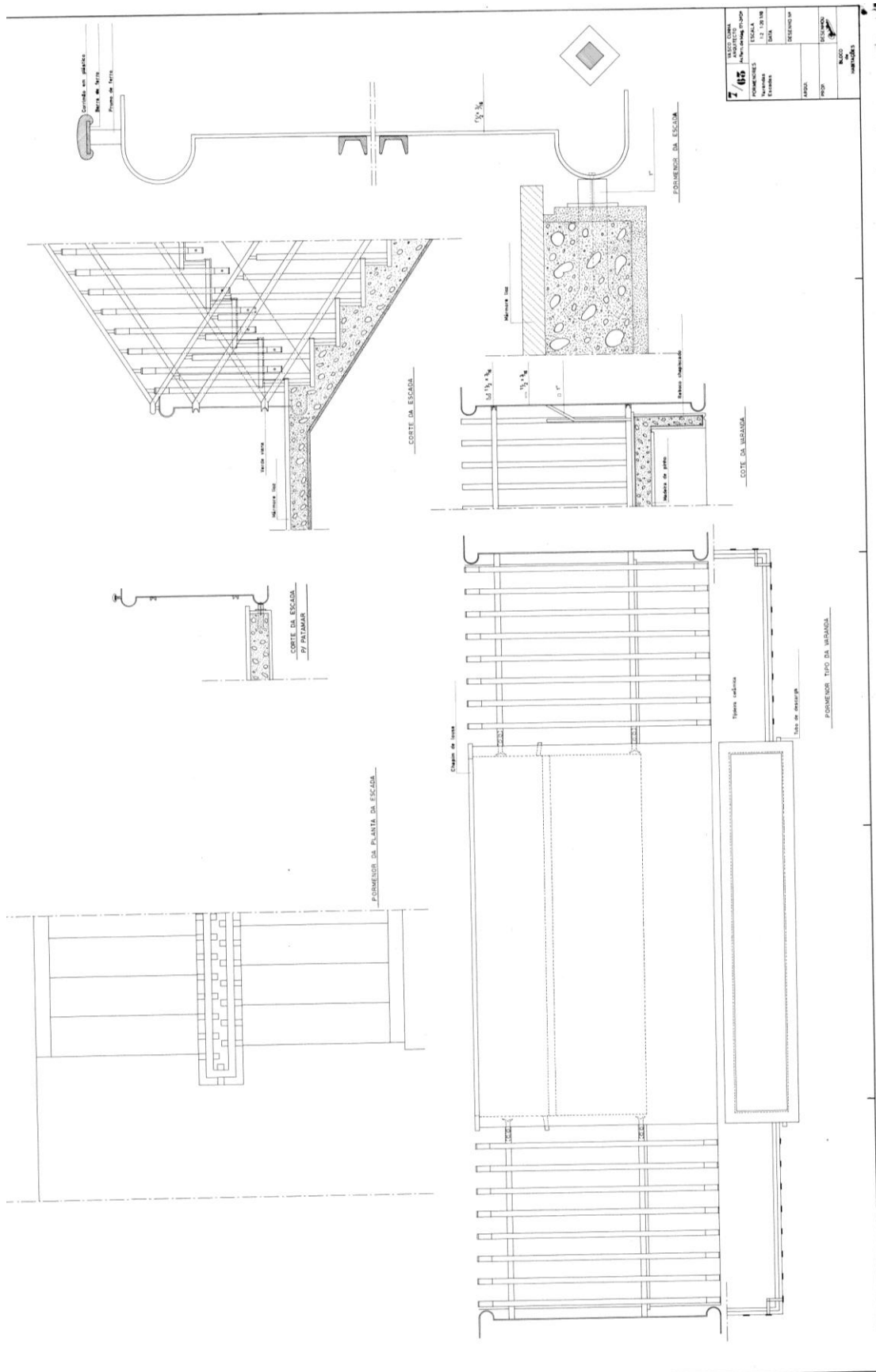


2.16.Desenho do mapa de acabamentos. Desenho s/n, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

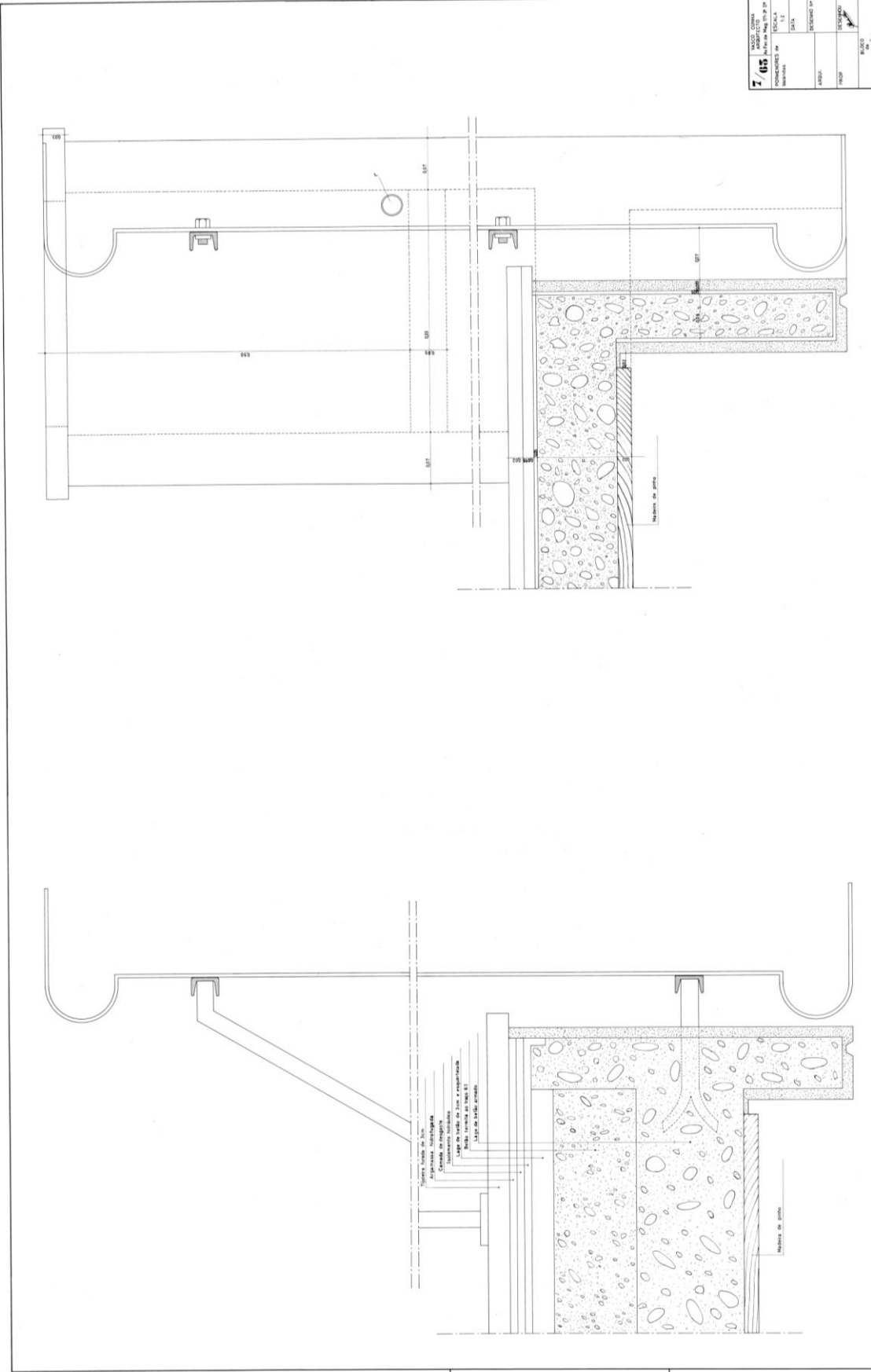


7/05		12/05/2010	
APVC		Mesa 3	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	
PROJ. 1.1		PROJ. 1.1	

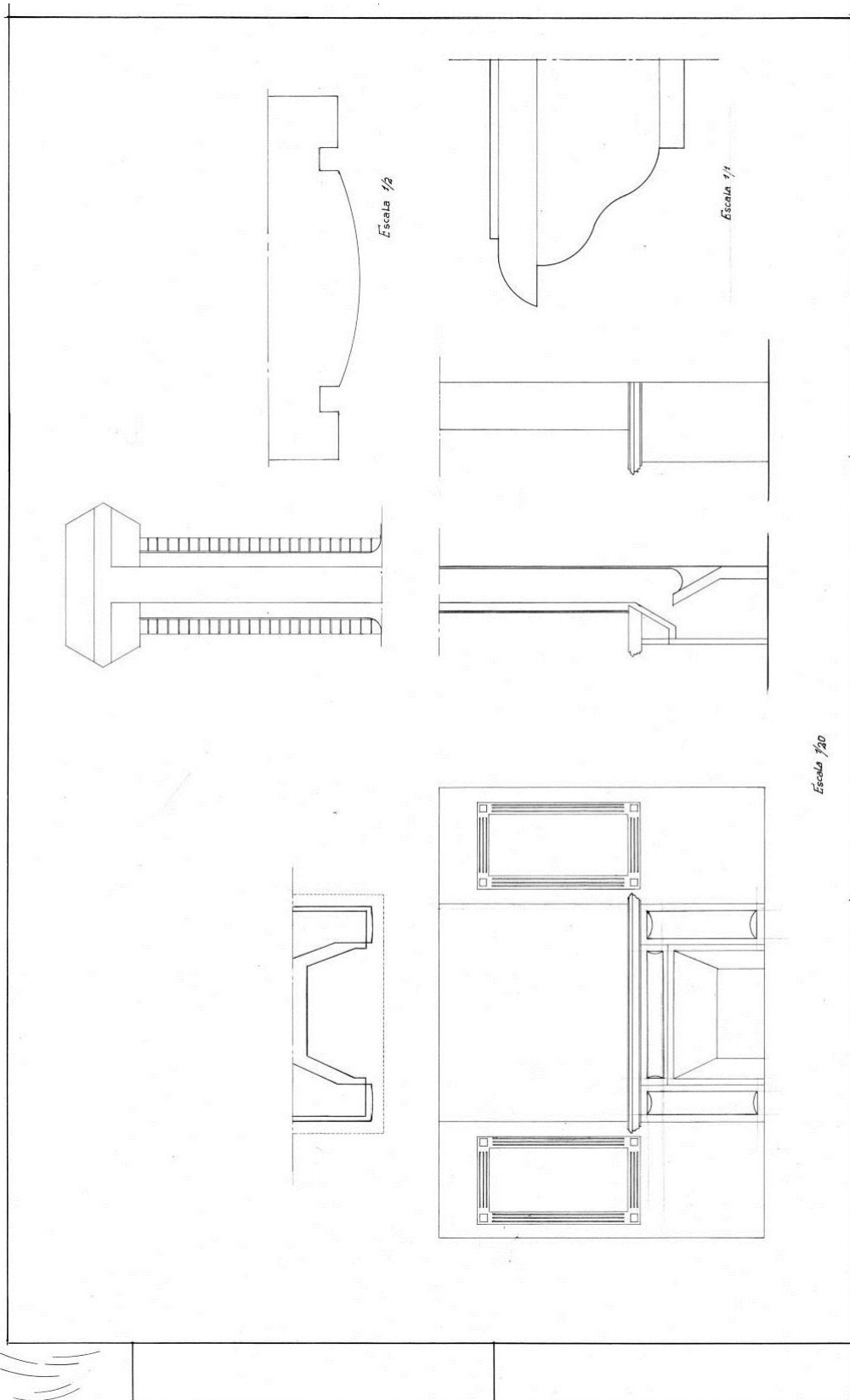
2.17. Desenho da planta do hall de entrada e pormenores das caixas do correio. Desenho s/n, Rolo 111, Mesa 3, APVC.



2.19. Desenho dos pormenores de varandas e escadas. Desenho s/n, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

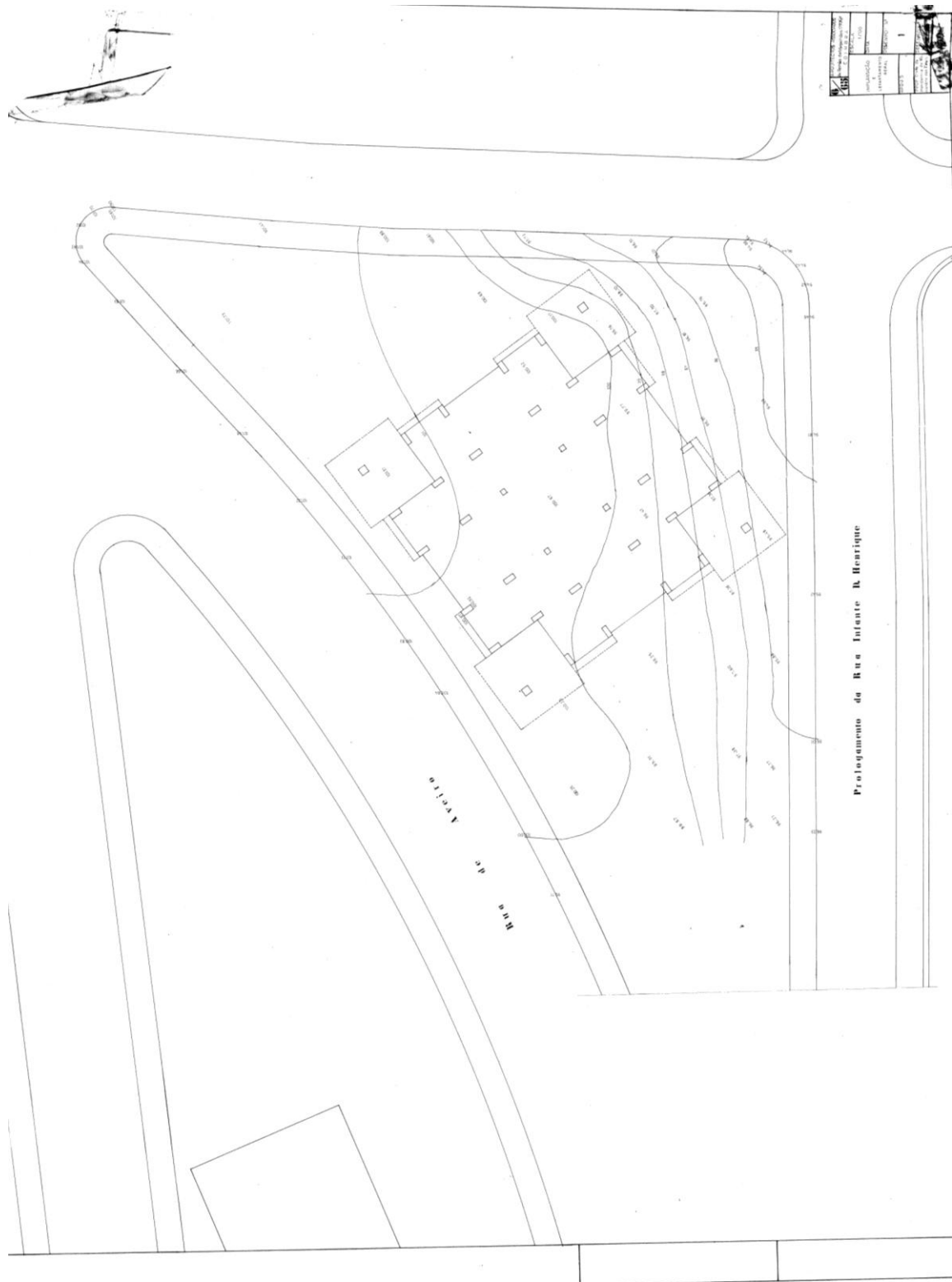


2.20. Desenho dos pormenores de varandas. Desenho s/n, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

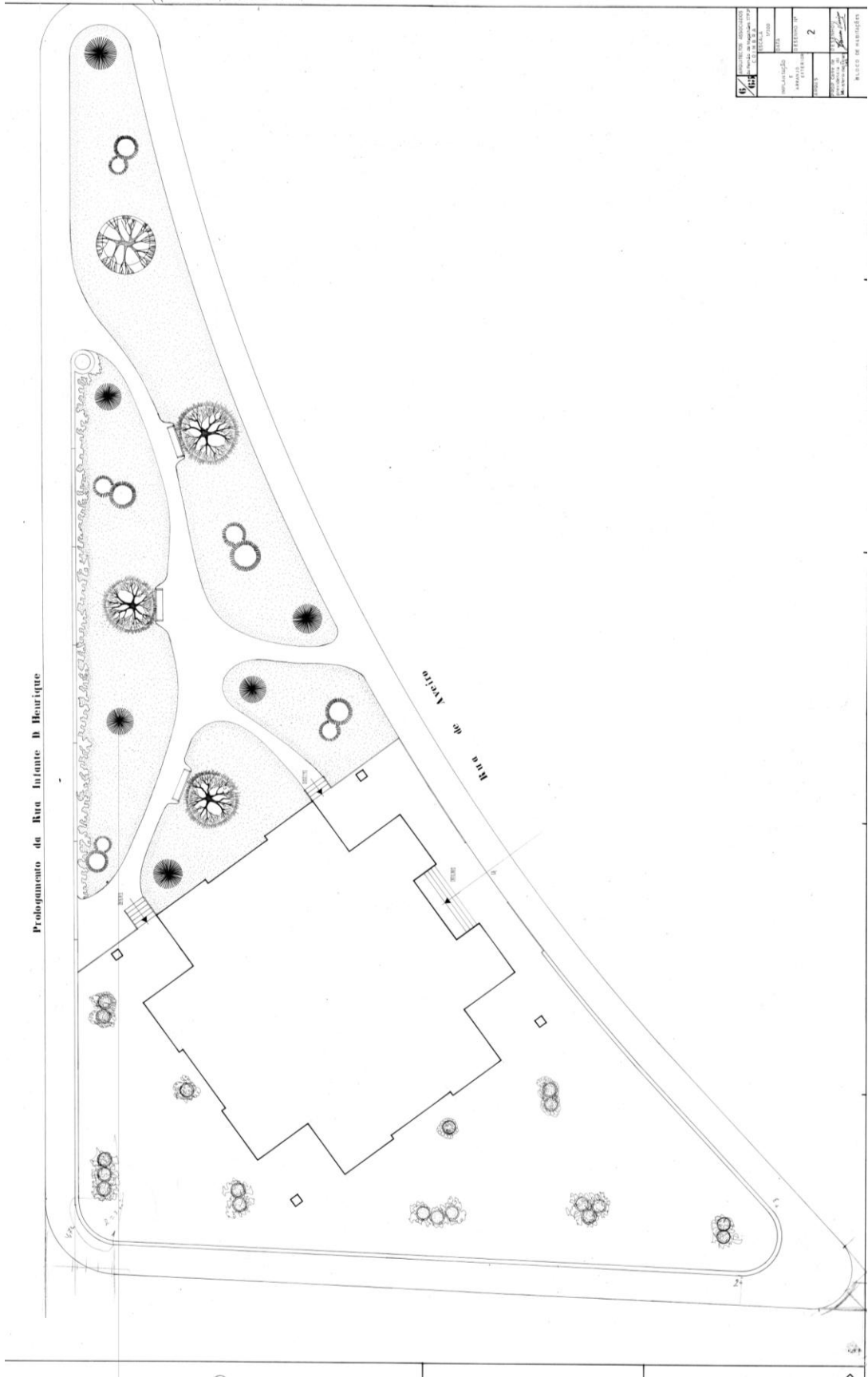


2.21. Desenho dos pormenores gerais. Desenho s/n, Rolo 111, Mesa 3, APVC.

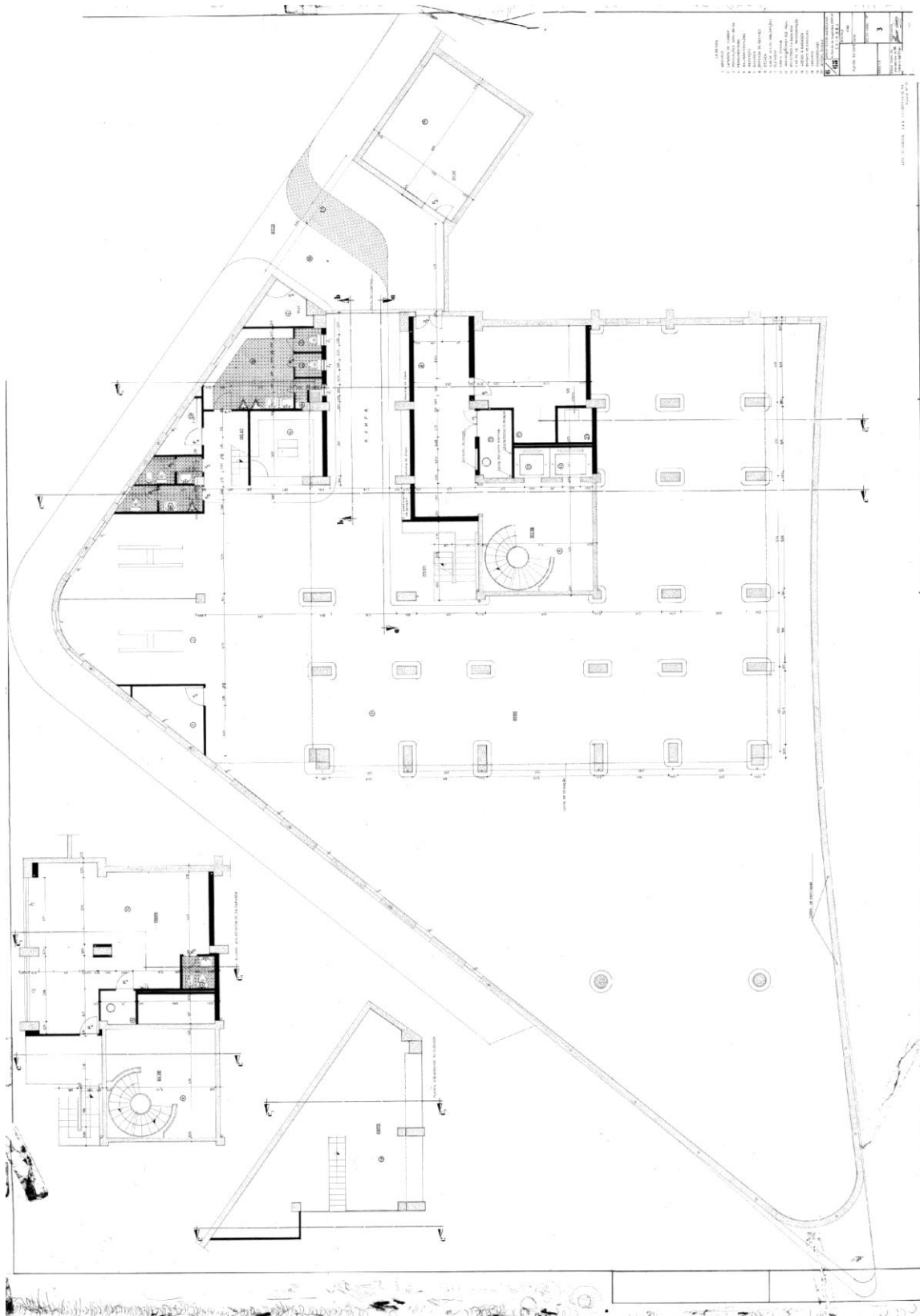
3.Edifício Panorama



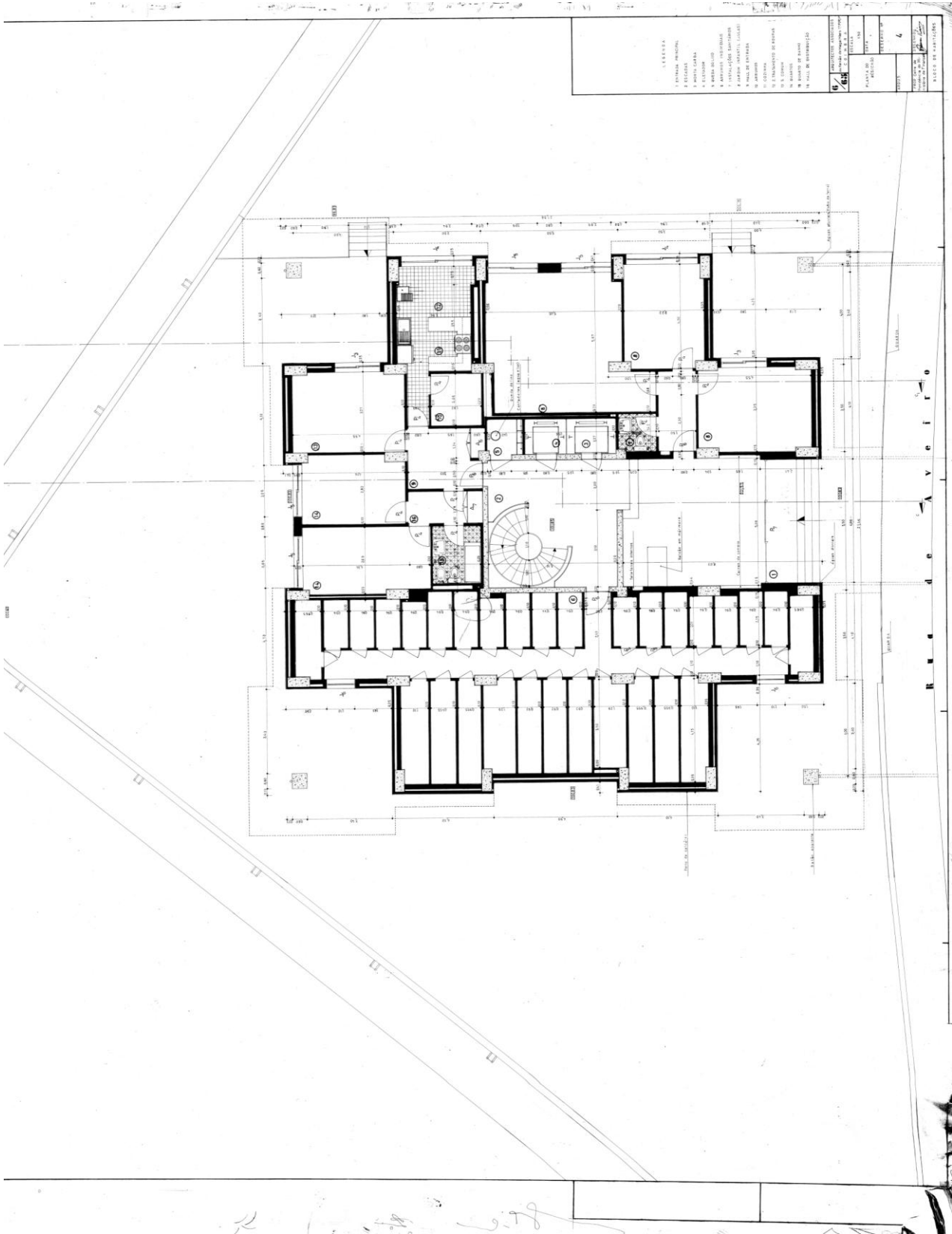
3.1.Desenho da implantação e levantamento geral. Desenho nº1, Rolo 22, sótão, APVC, «Projecto 6/65 – edifício Panorama», s.d.



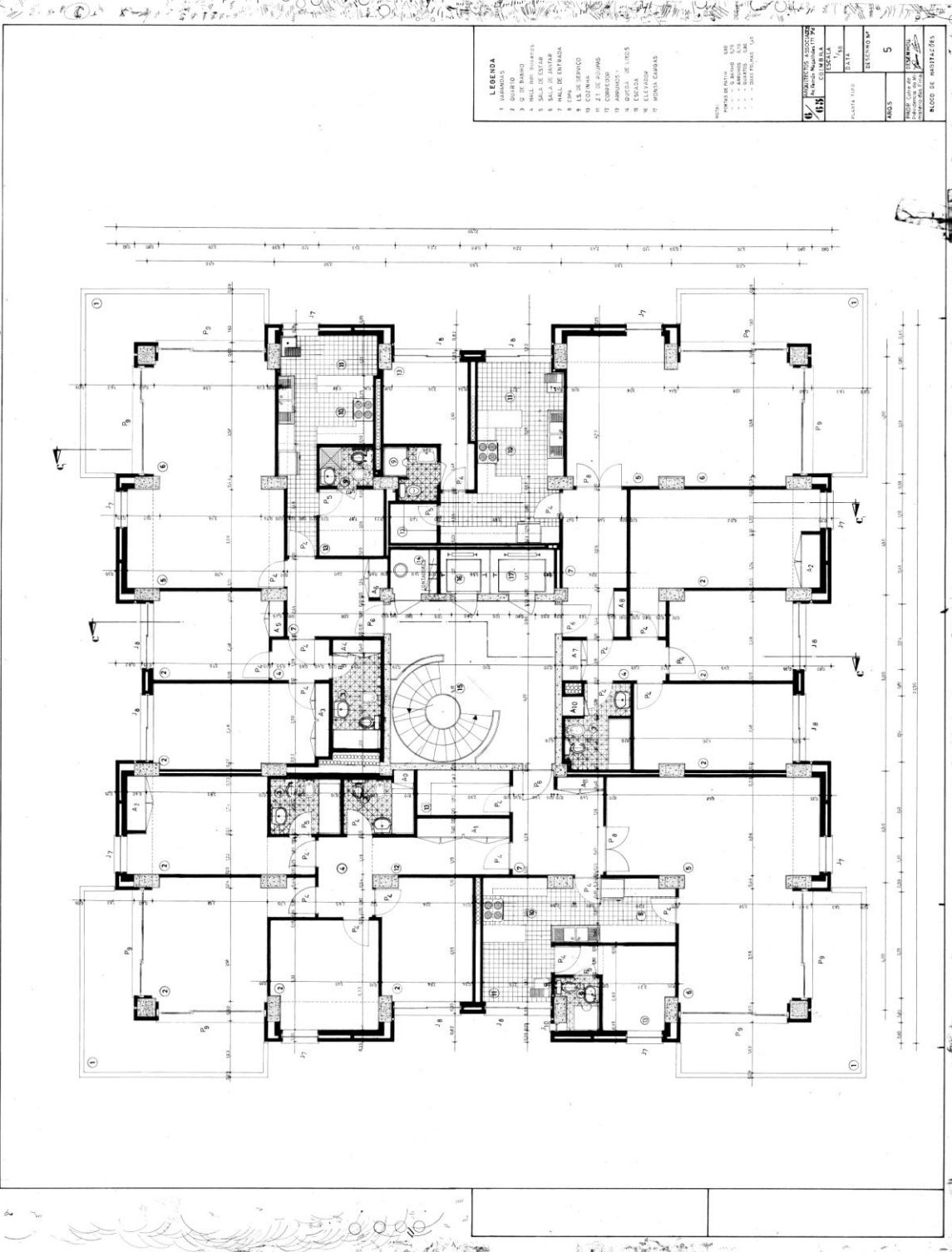
3.2.Desenho da implantação e arranjo exterior. Desenho nº2, Rolo 22, sótão, APVC.



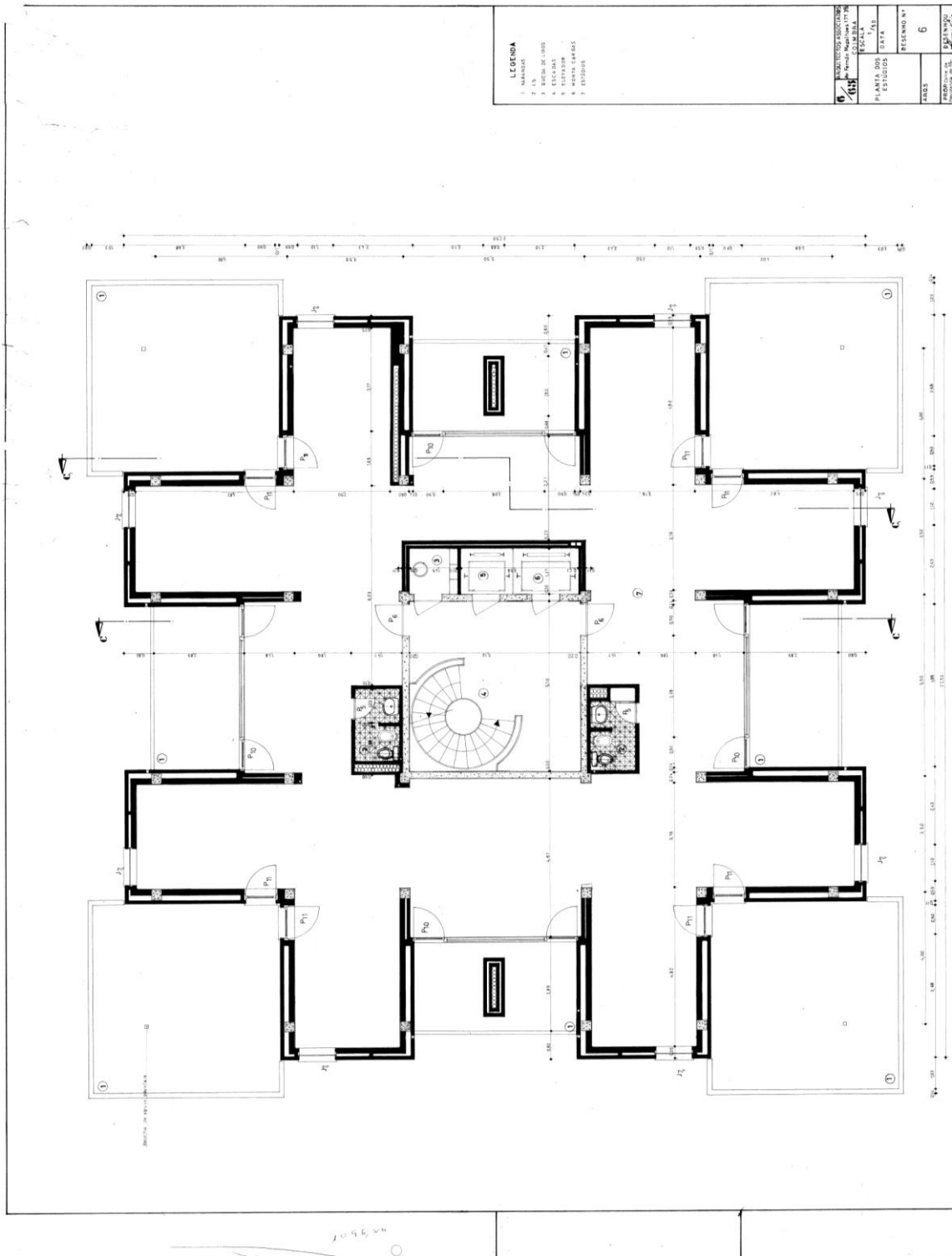
3.3.Desenho da planta da cave. Desenho nº3, Rolo 22, sótão, APVC.



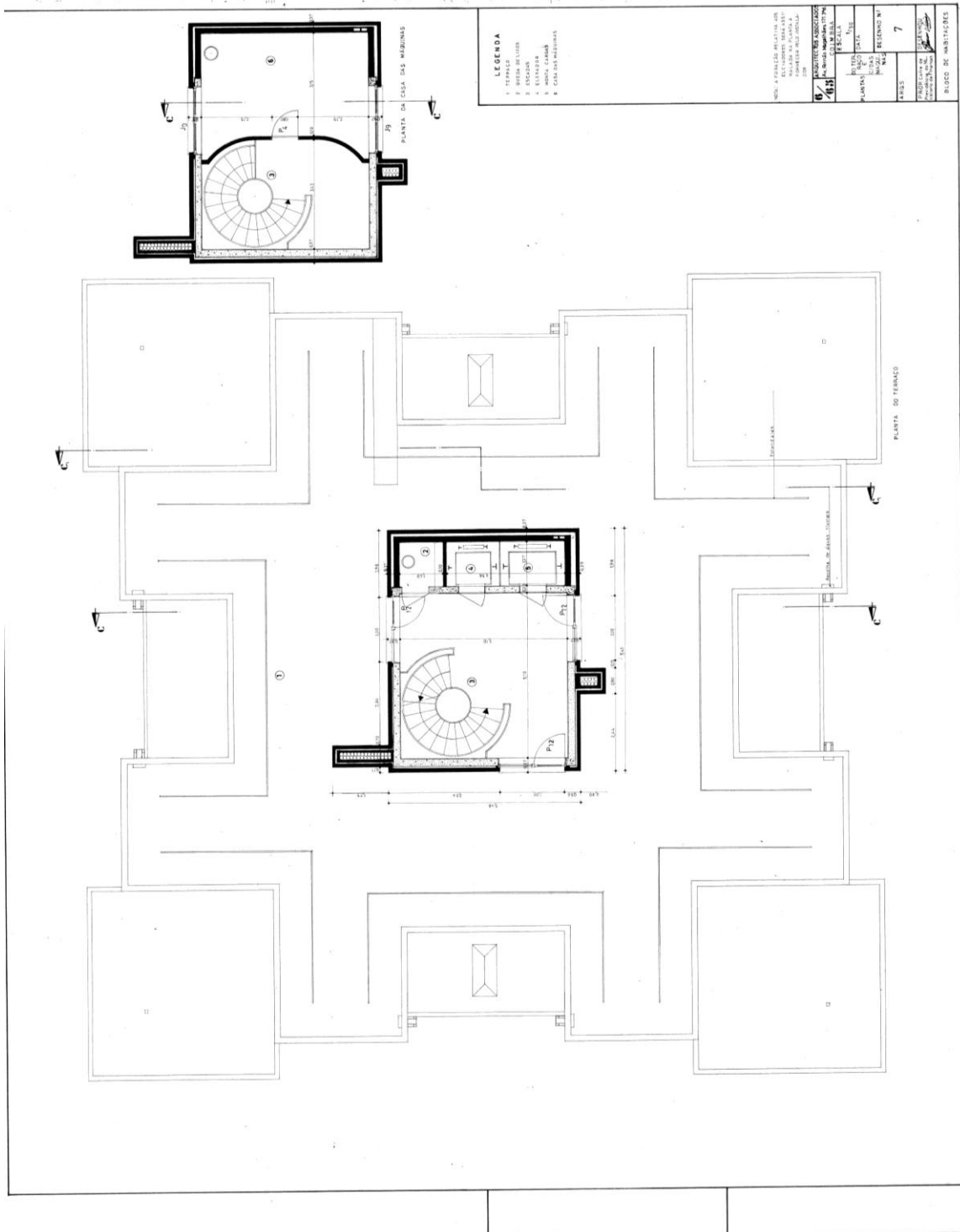
3.4.Desenho da planta do rés-do-chão. Desenho n°4, Rolo 22, sótão, APVC.



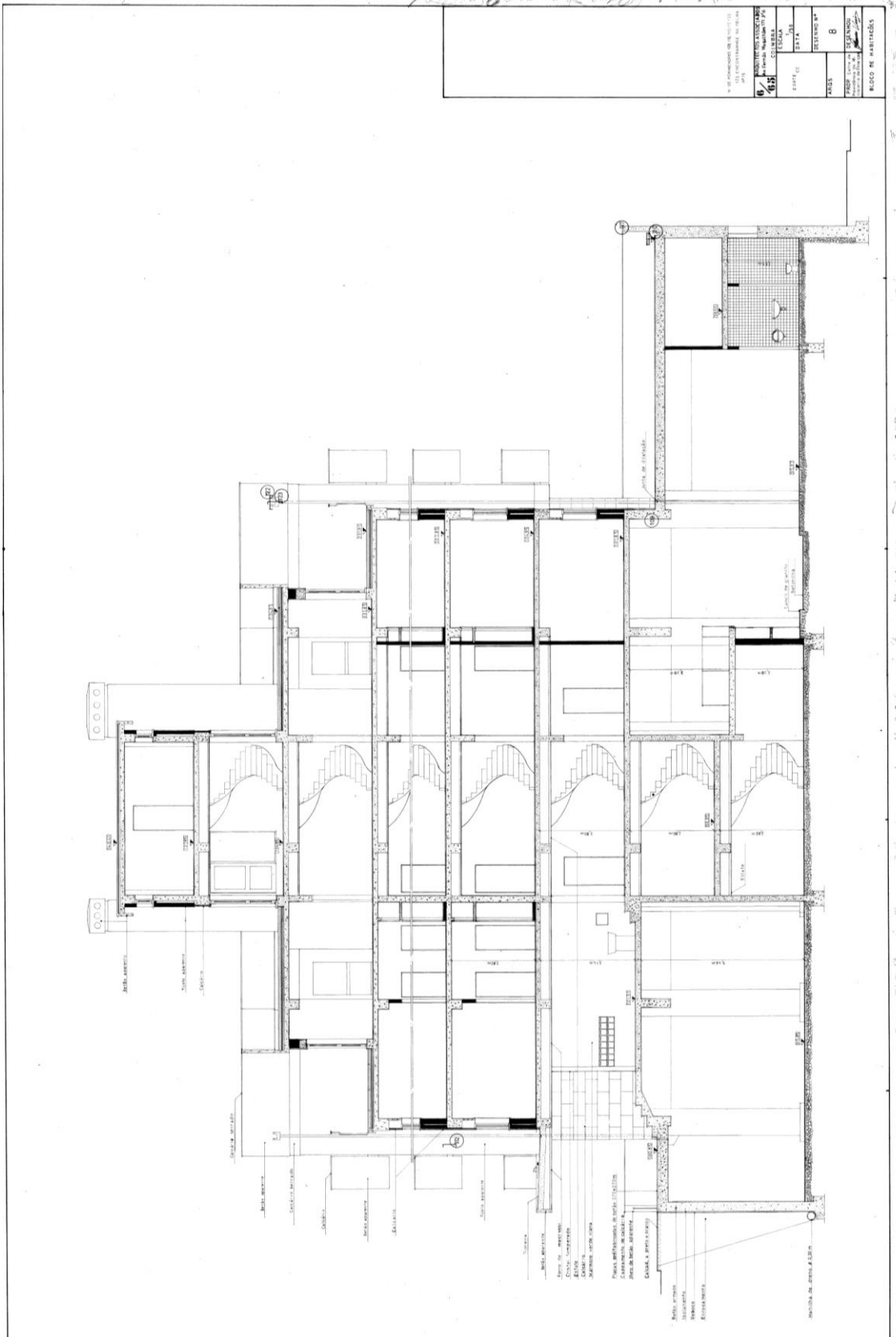
3.5.Desenho da planta tipo. Desenho n°5, Rolo 22, sótão, APVC.



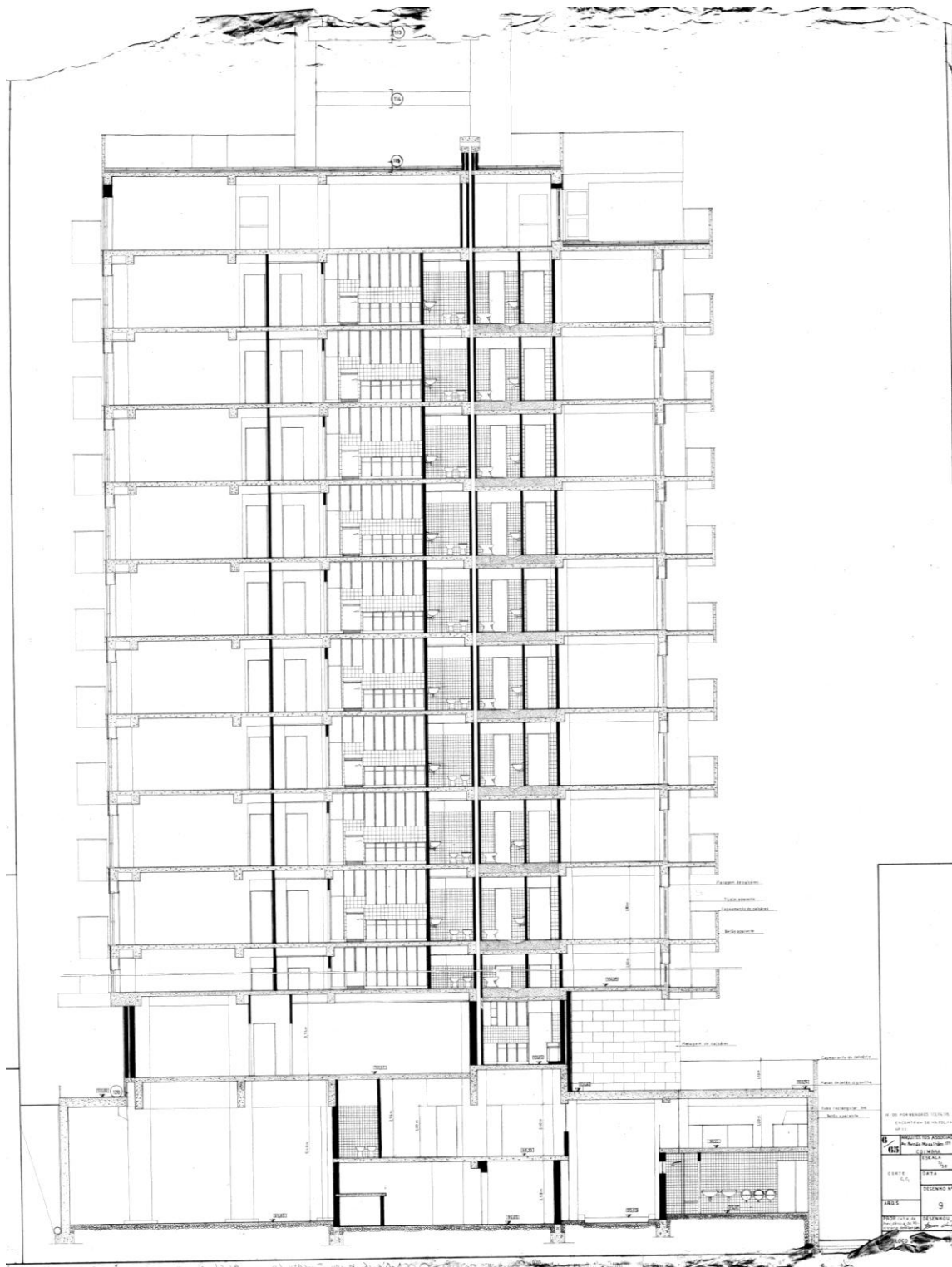
3.6.Desenho da planta dos estúdios. Desenho nº6, Rolo 22, sótão, APVC.



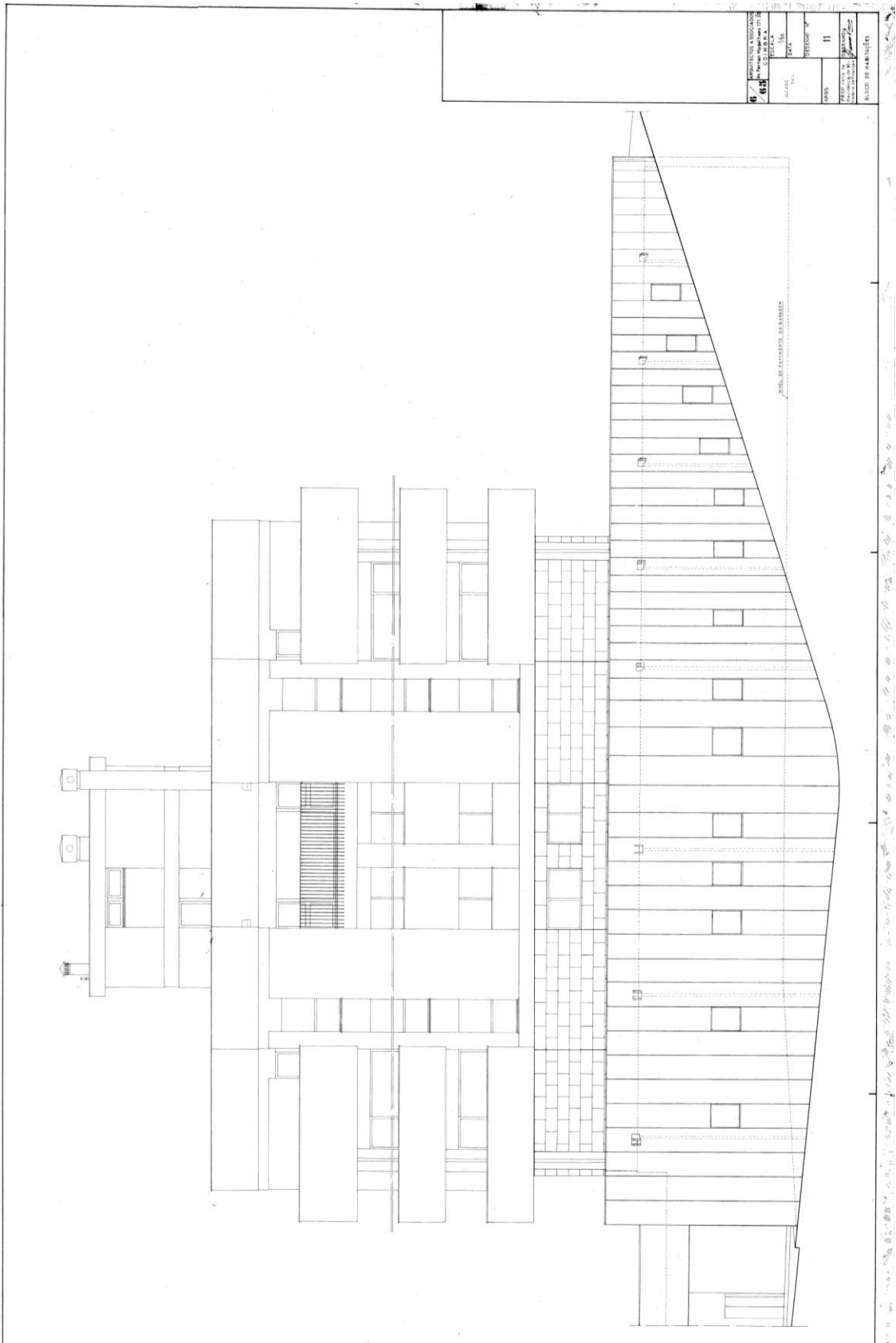
3.7. Desenho da planta do terraço e casa das máquinas. Desenho nº7, Rolo 22, sótão, APVC.



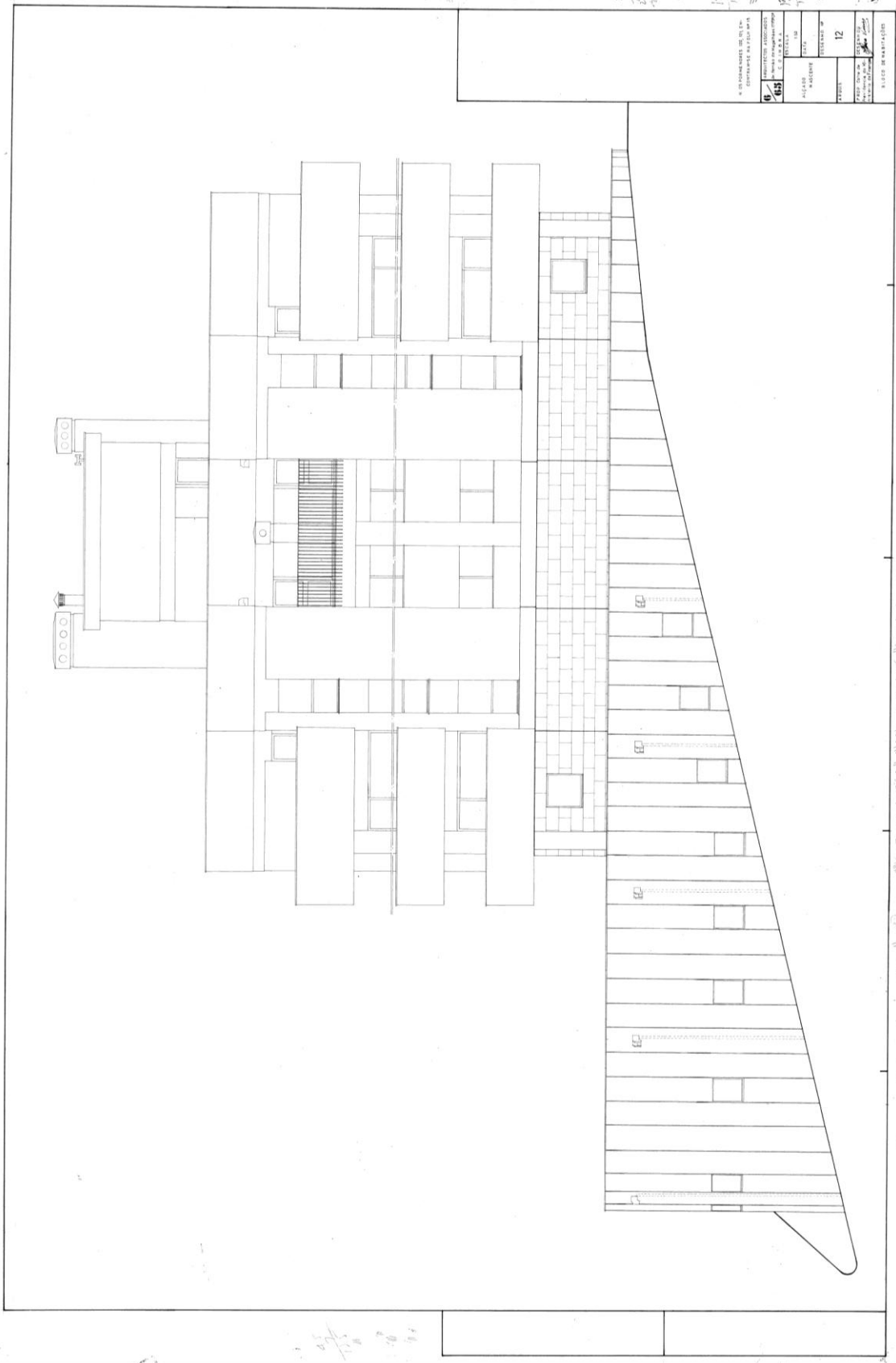
3.8.Desenho do corte CC. Desenho nº8, Rolo 22, sótão, APVC.



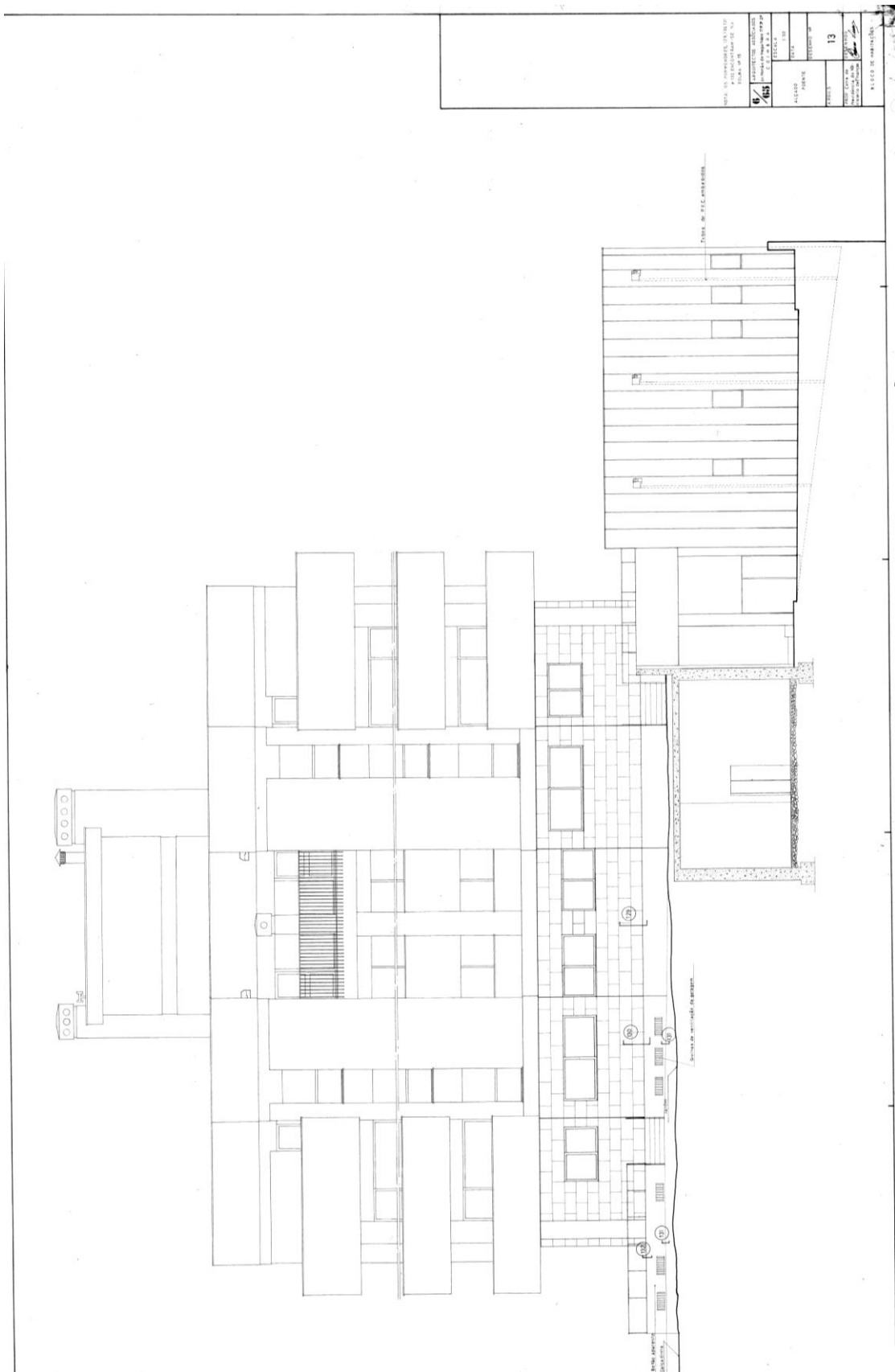
3.9.Desenho do corte C1C1. Desenho nº9, Rolo 22, sótão, APVC.



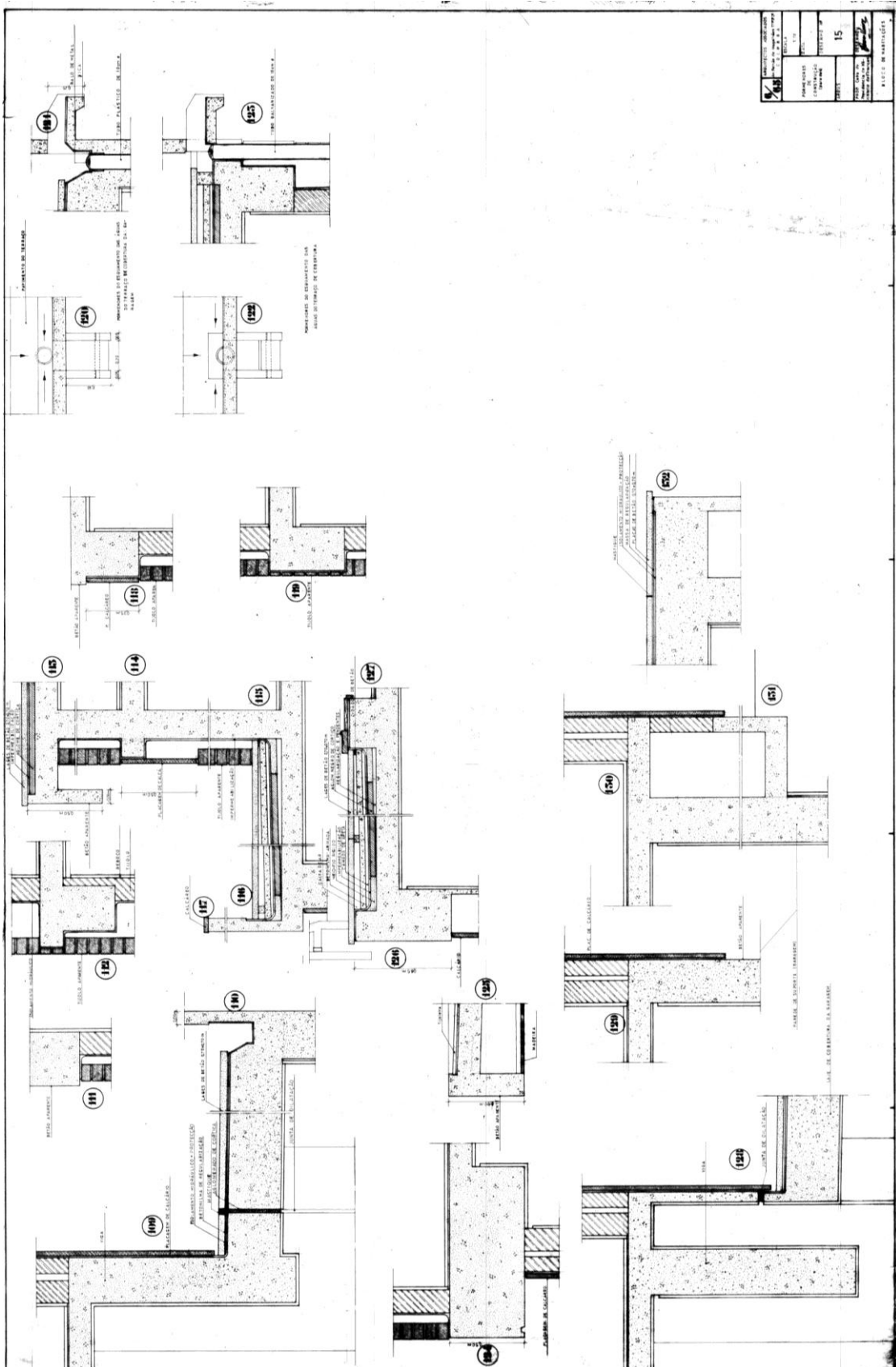
3.11. Desenho do alçado sul. Desenho nº11, Rolo 22, sótão, APVC.



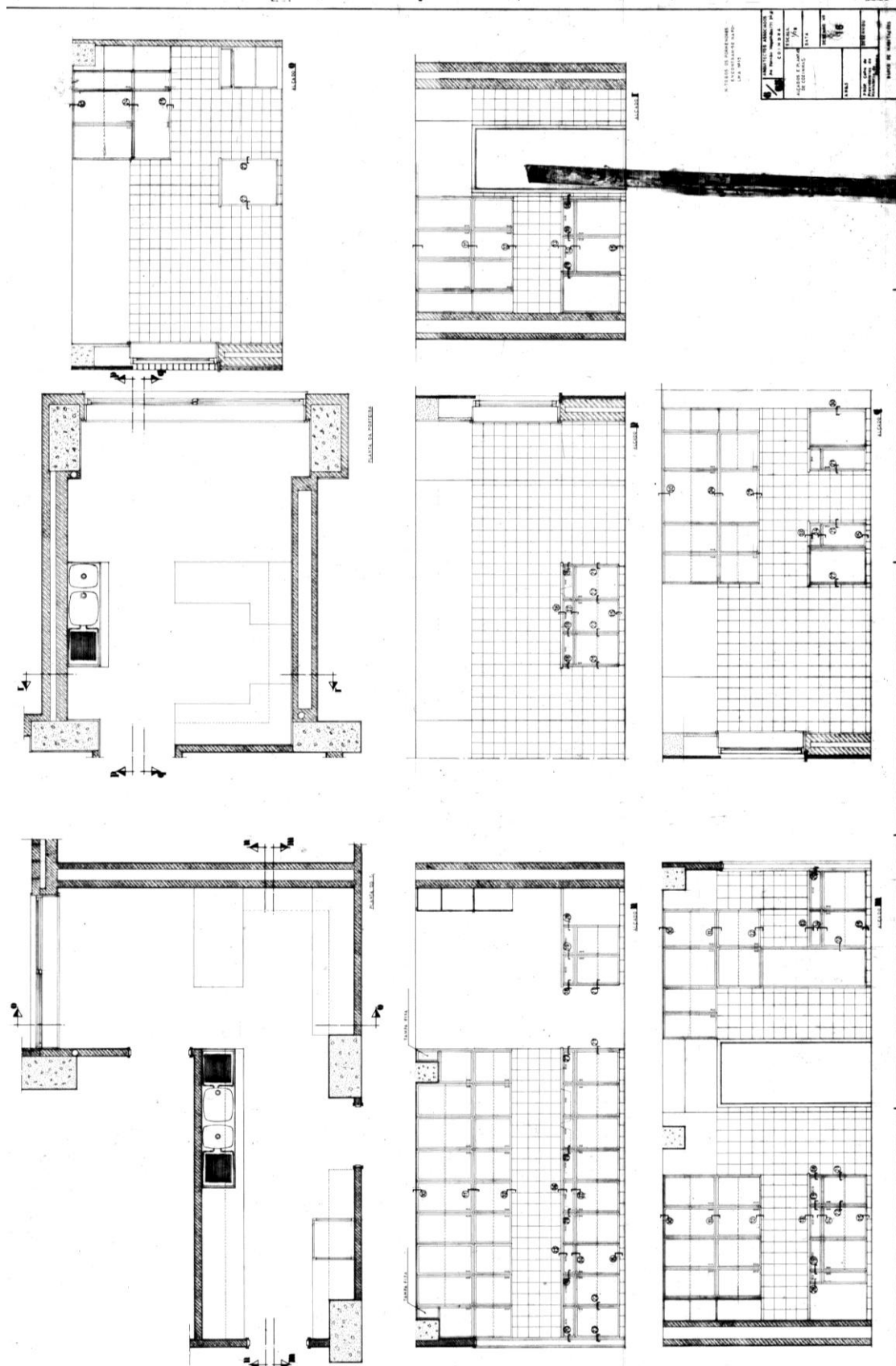
3.12. Desenho do alçado nascente. Desenho nº12, Rolo 22, sótão, APVC.



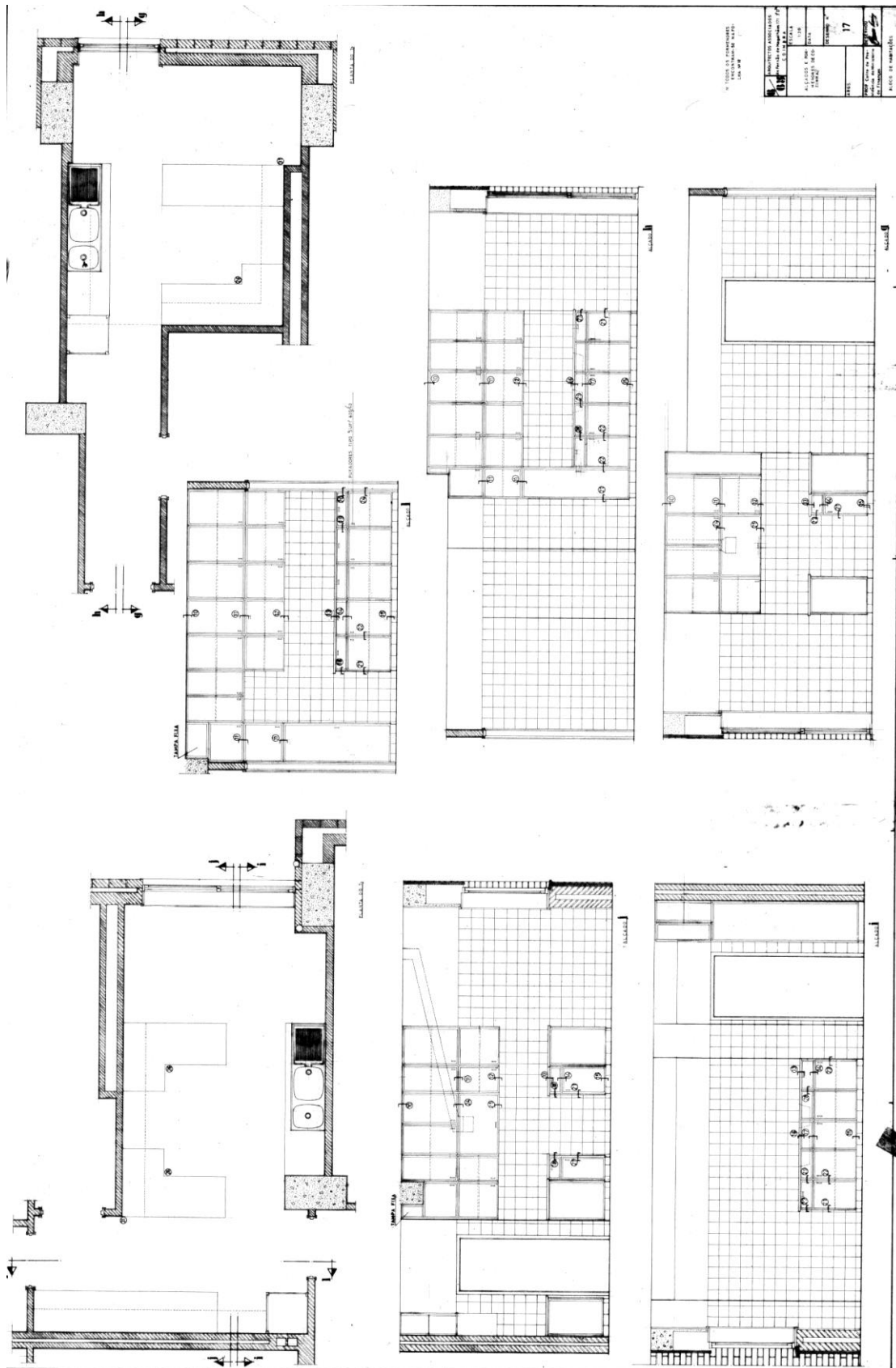
3.13. Desenho do alçado ponte. Desenho nº13, Rolo 22, sótão, APVC.



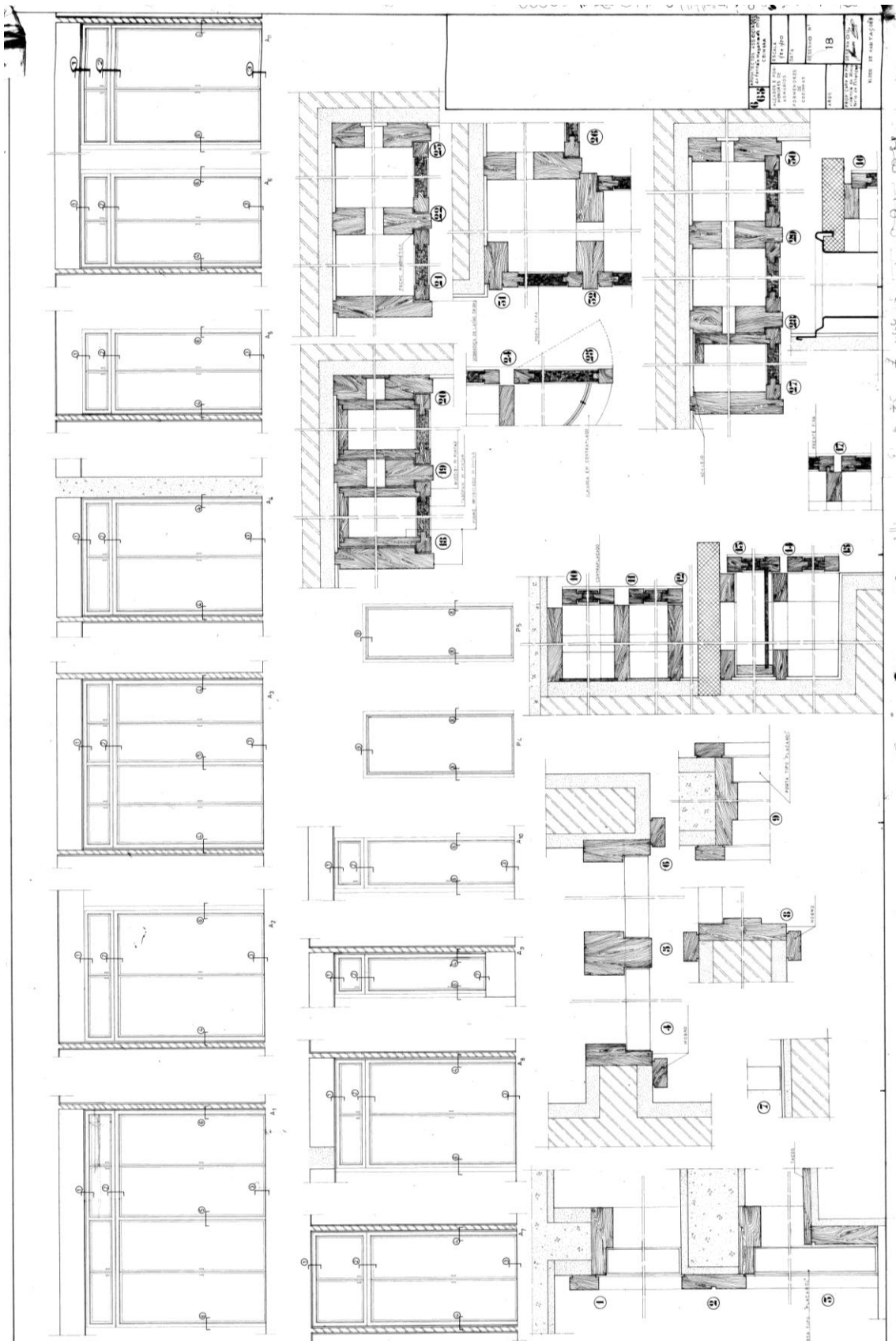
3.14. Desenho dos pormenores de construção. Desenho nº15, Rolo 22, sótão, APVC.



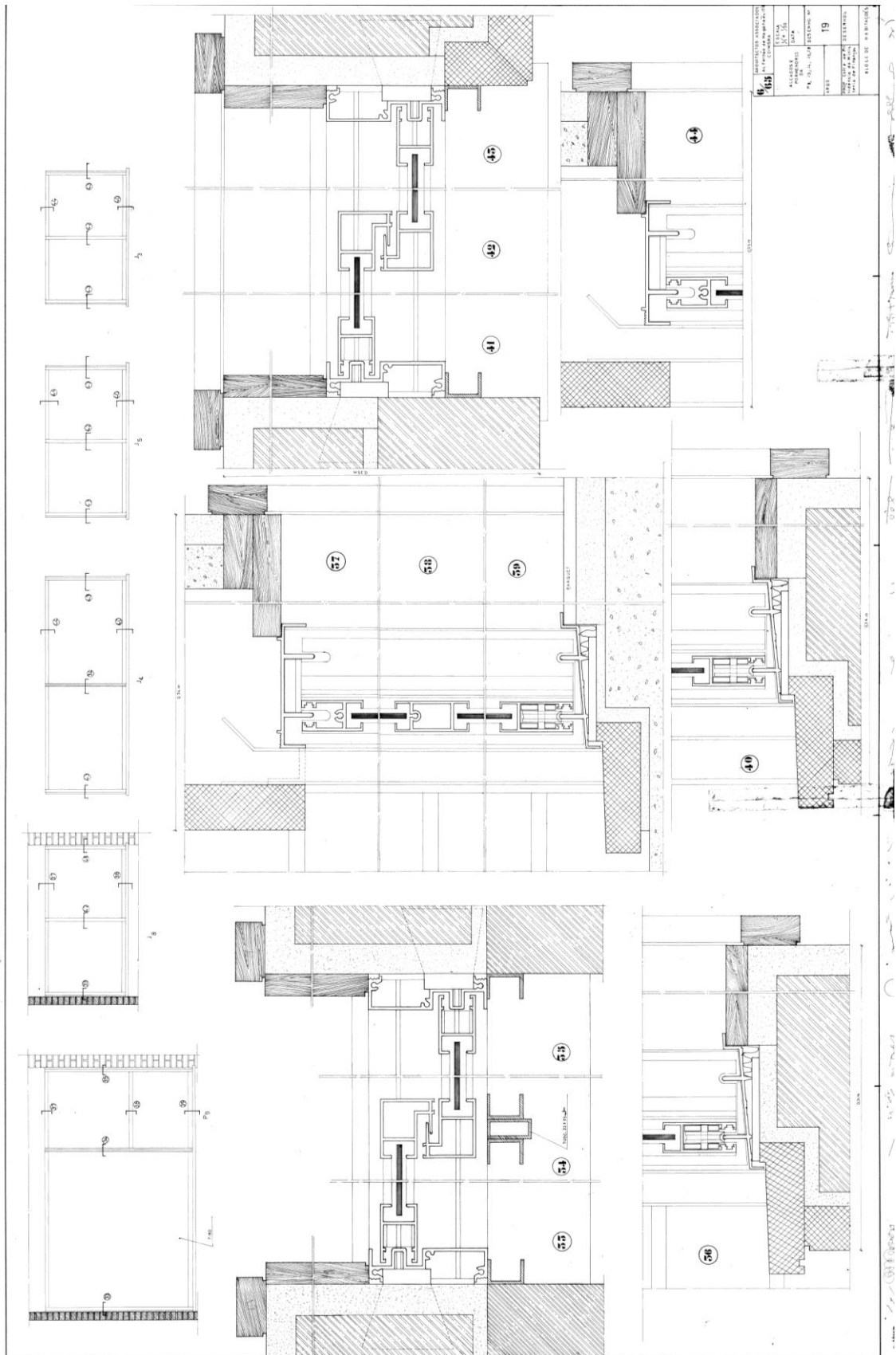
3.15. Desenho do alçado e plantas de cozinhas. Desenho nº16, Rolo 22, sótão, APVC.



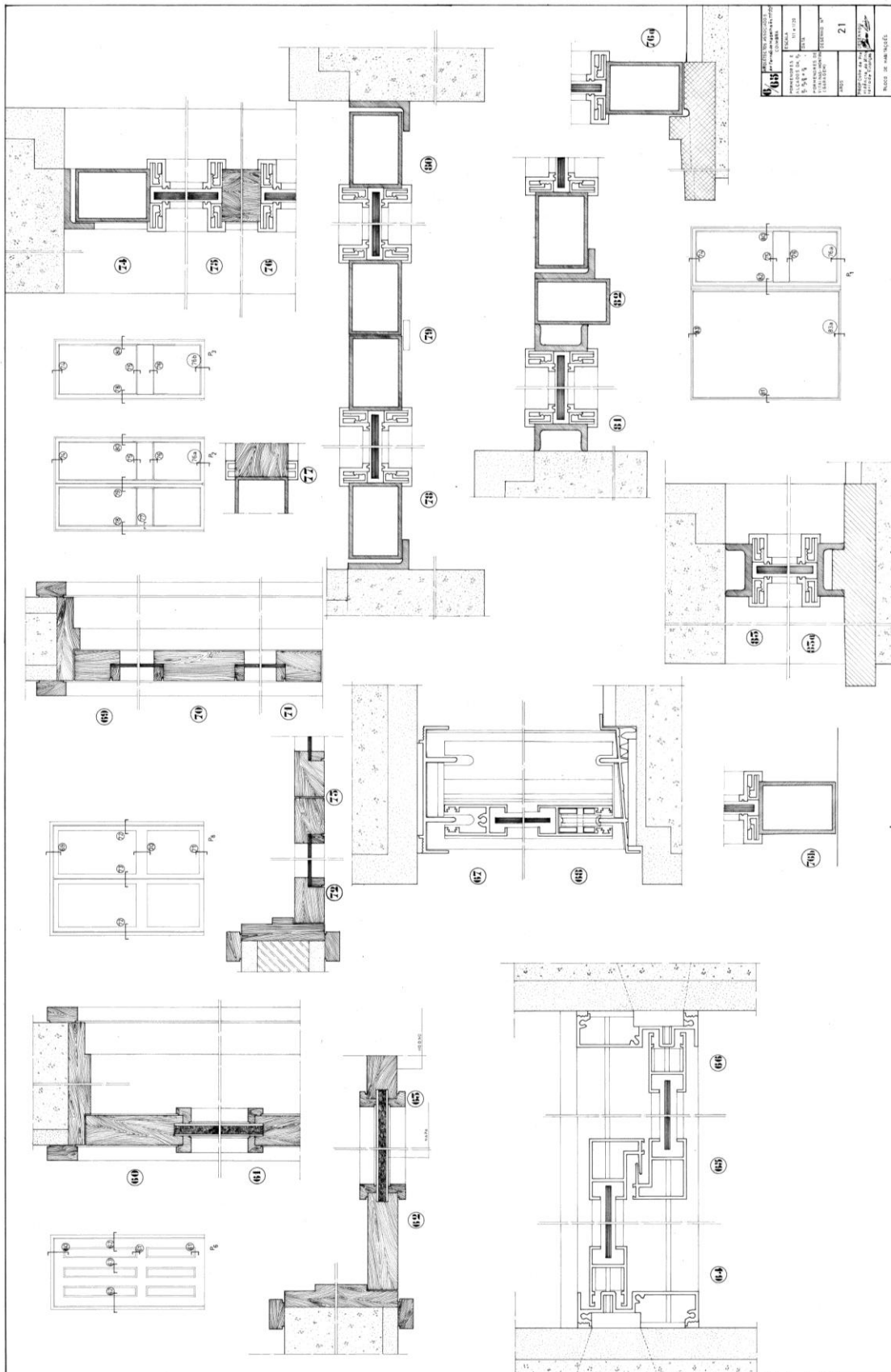
3.16. Desenho do alçado e pormenores de cozinhas. Desenho nº17, Rolo 22, sótão, APVC.



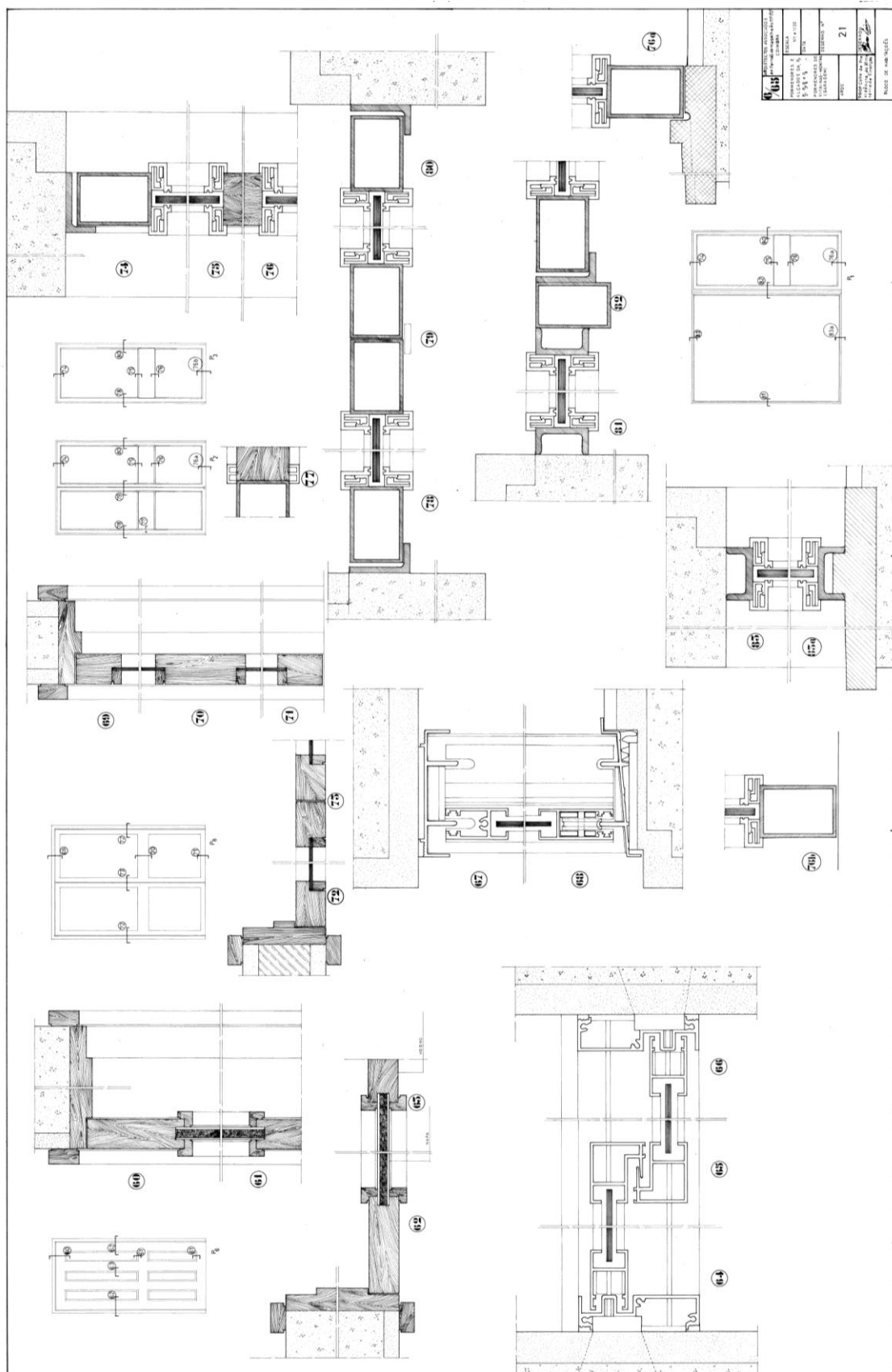
3.17. Desenho dos alçados e pormenores de armários, pormenores de cozinhas. Desenho nº18, Rolo 22, sótão, APVC.



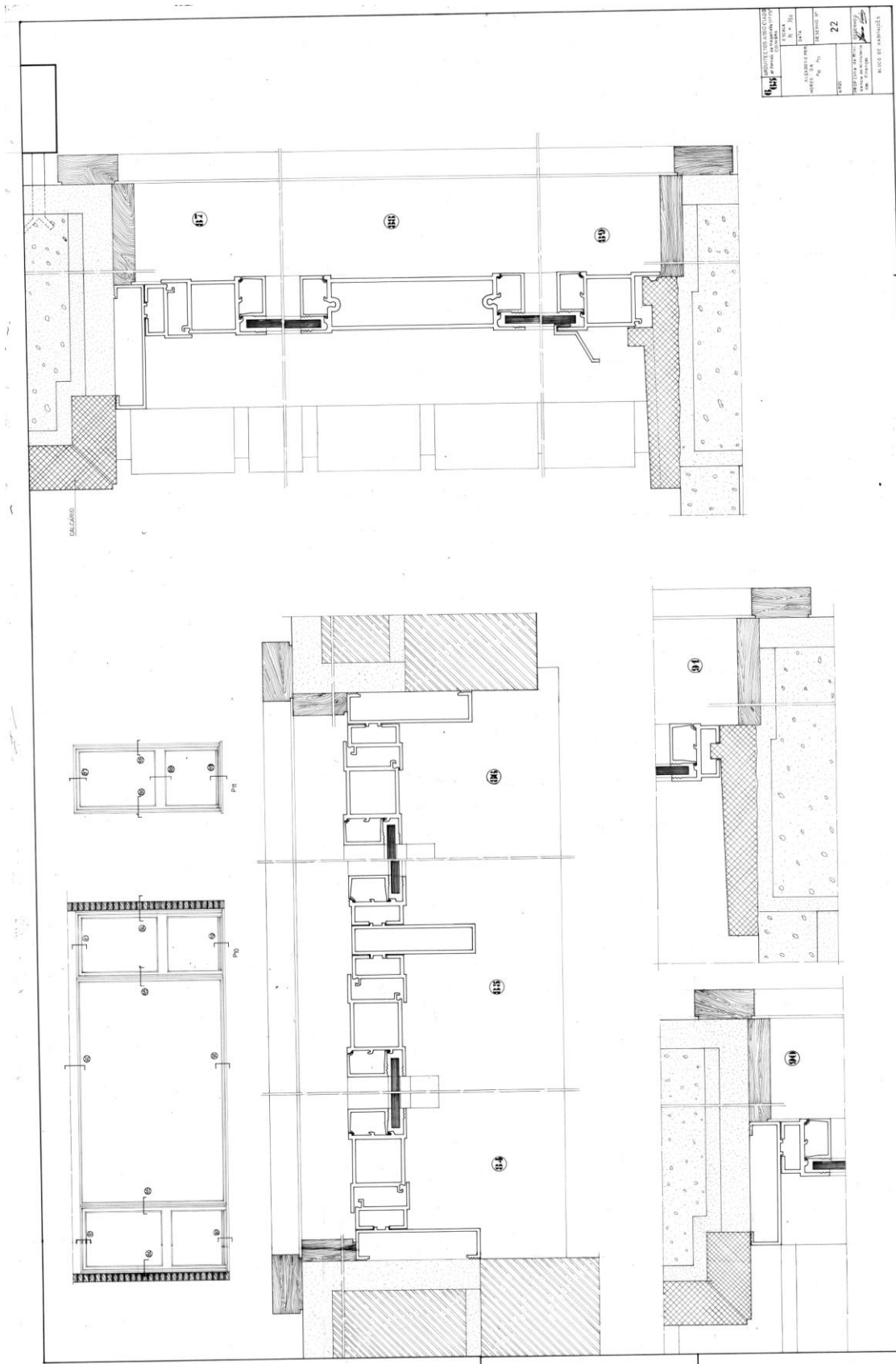
3.18.Desenho do alçado e pormenores da porta P9,J3,J4,J5,J8. Desenho nº19, Rolo 22, sótão, APVC.



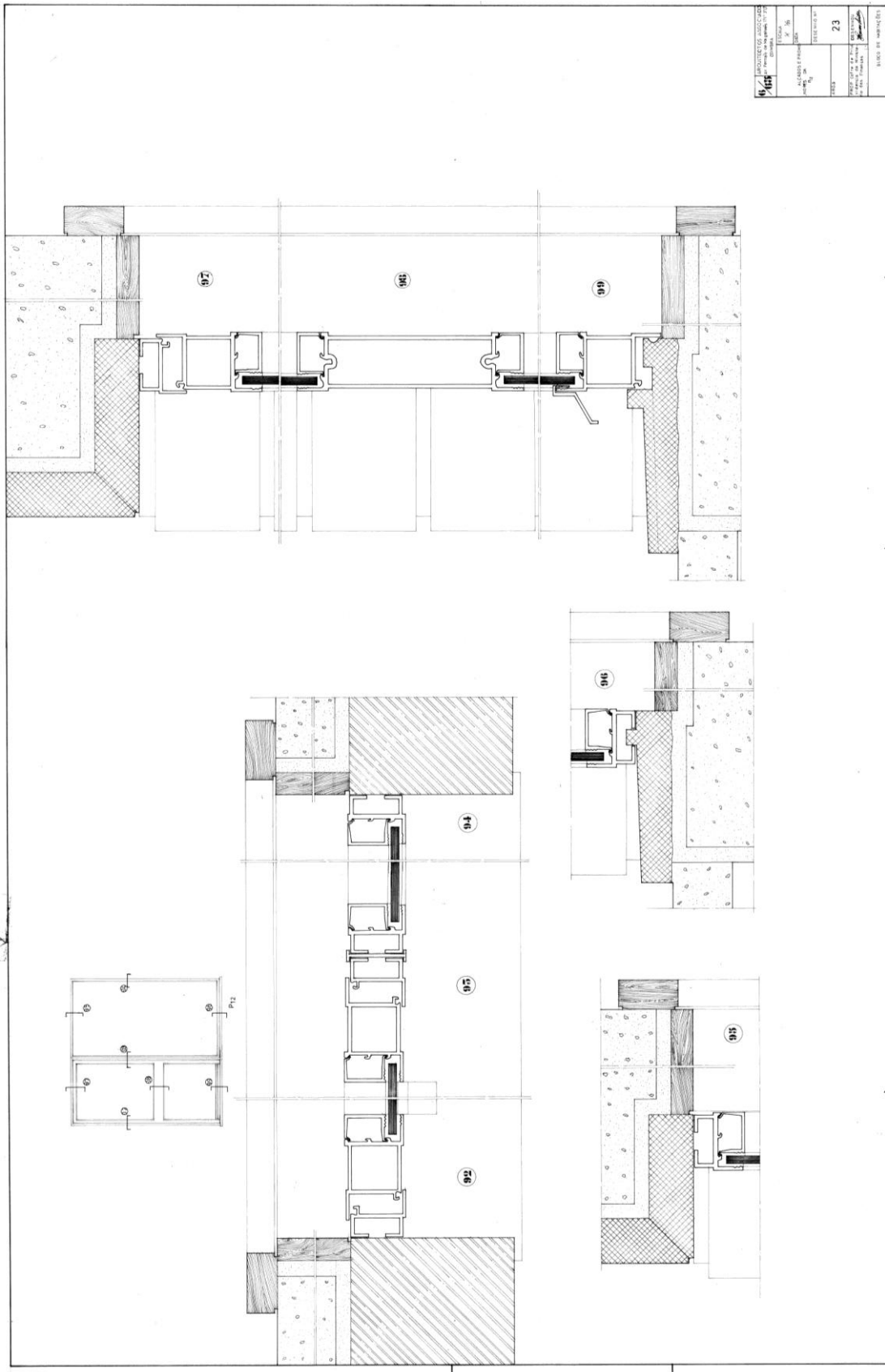
3.19. Desenho do alçado e pormenores da J6, J7, J9, V1 e J10. Desenho nº20, Rolo 22, sótão, APVC.



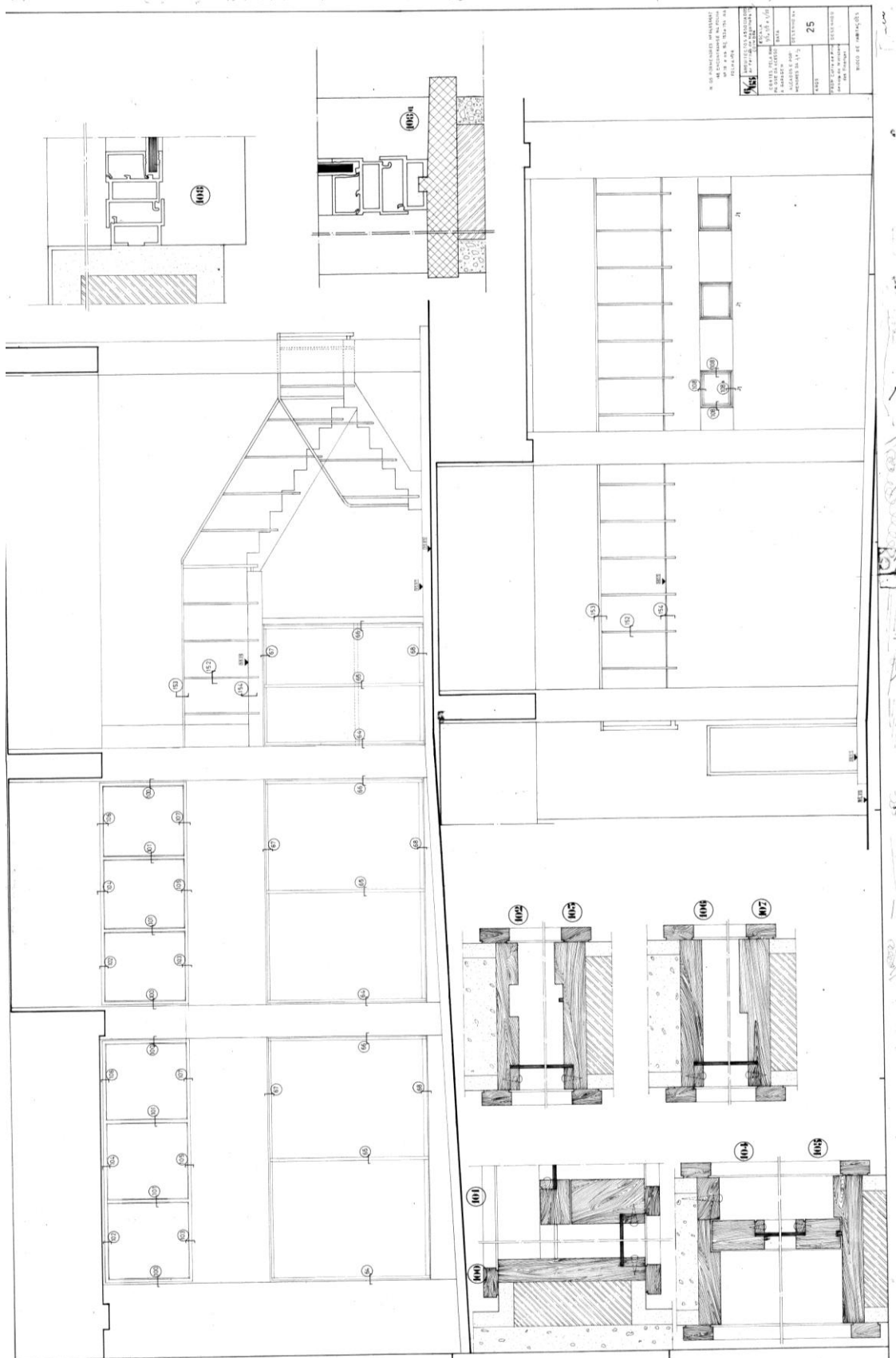
3.20. Desenho do alçado e pormenores da P1,P2,P3,P6 e P8. Desenho nº21, Rolo 21, sótão, APVC.



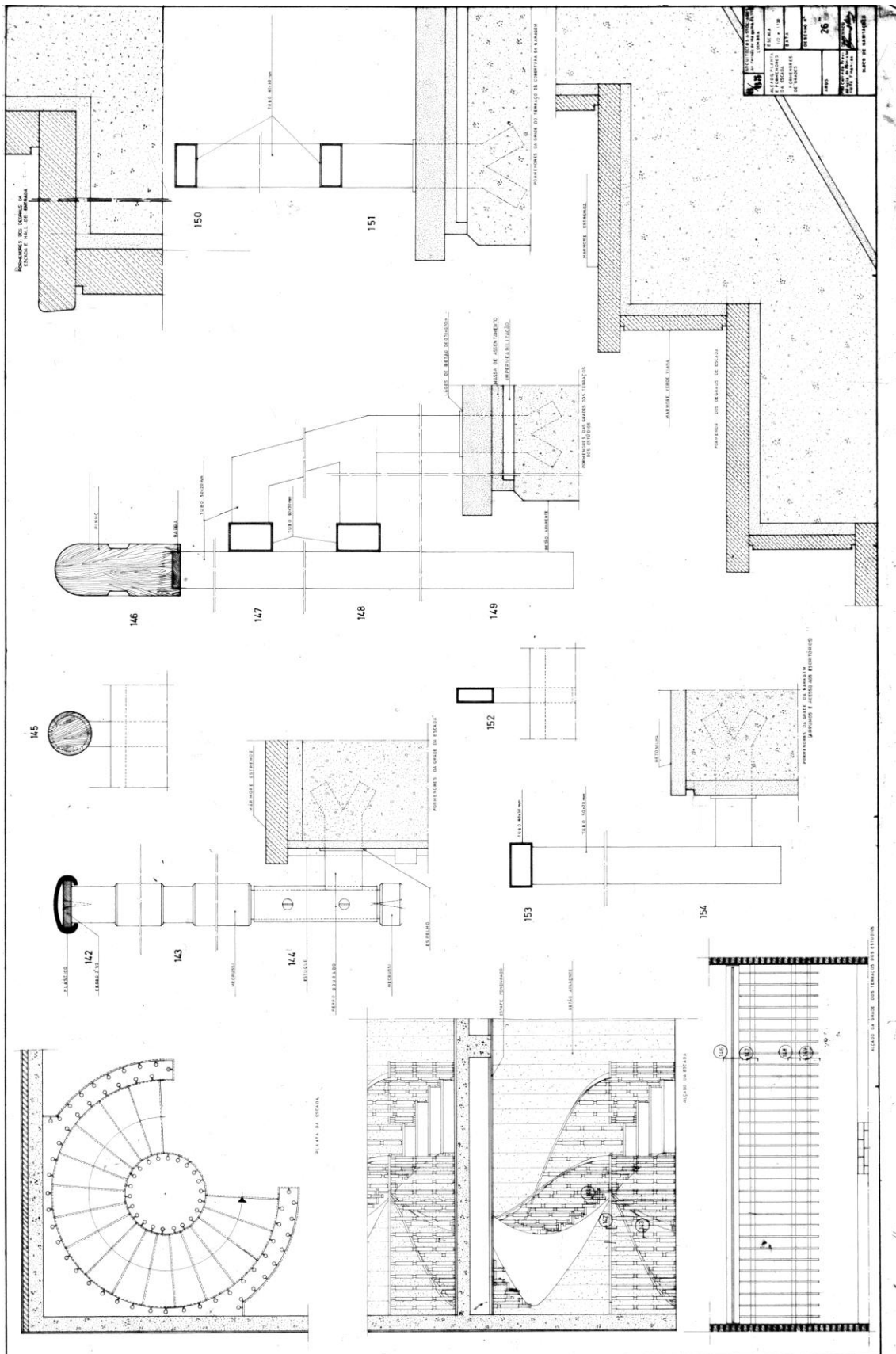
3.21.Desenho do alçado e pormenores da P10 e P11. Desenho nº22, Rolo 21, sótão, APVC.



3.22.Desenho do alçado e pormenores da P12. Desenho nº23, Rolo 21, sótão, APVC.

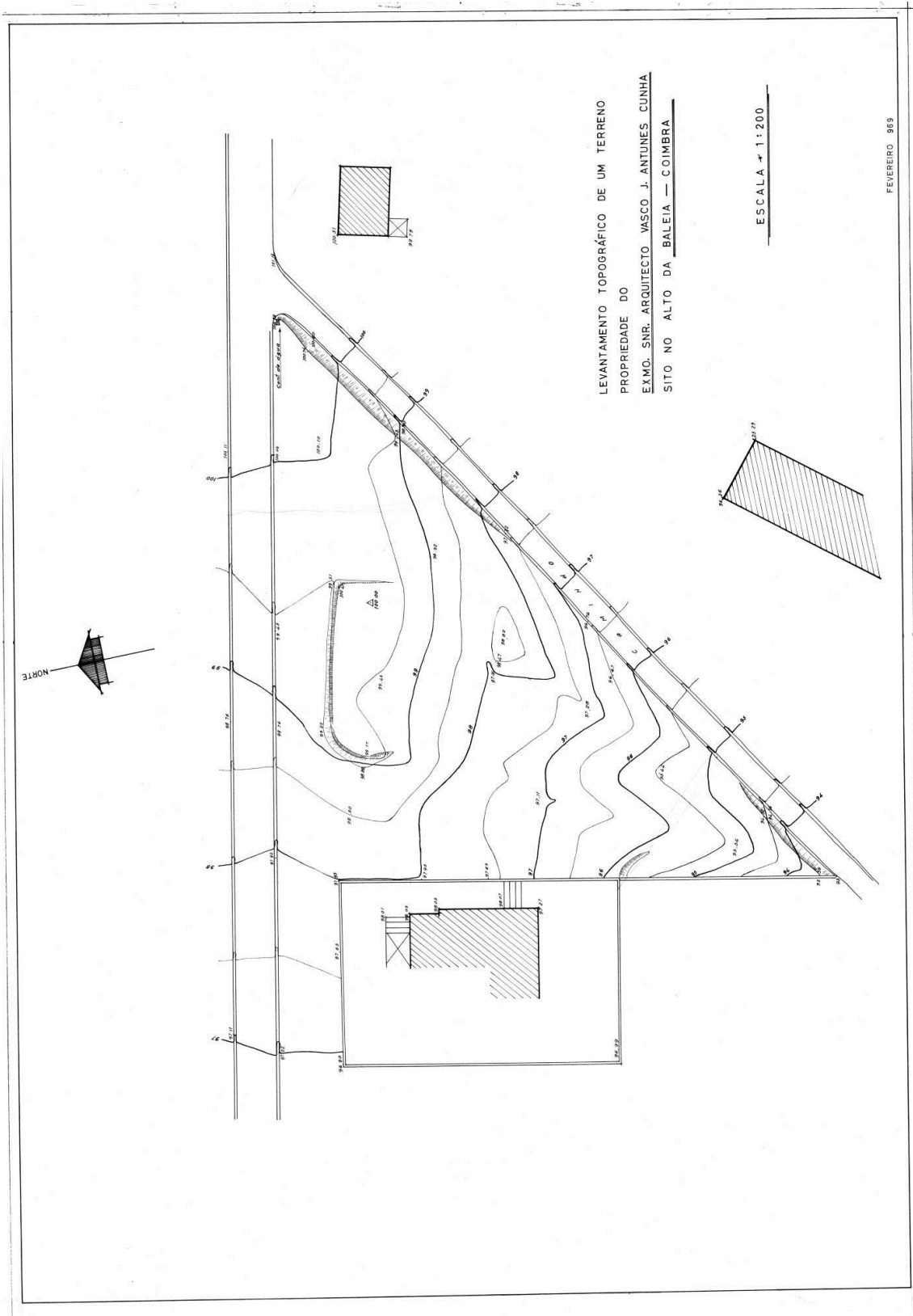


3.24. Desenho do corte pela rampa que dá acesso à garagem, alçados e pormenores da J1 e J2. Desenho nº25, Rolo 21, sótão, APVC.

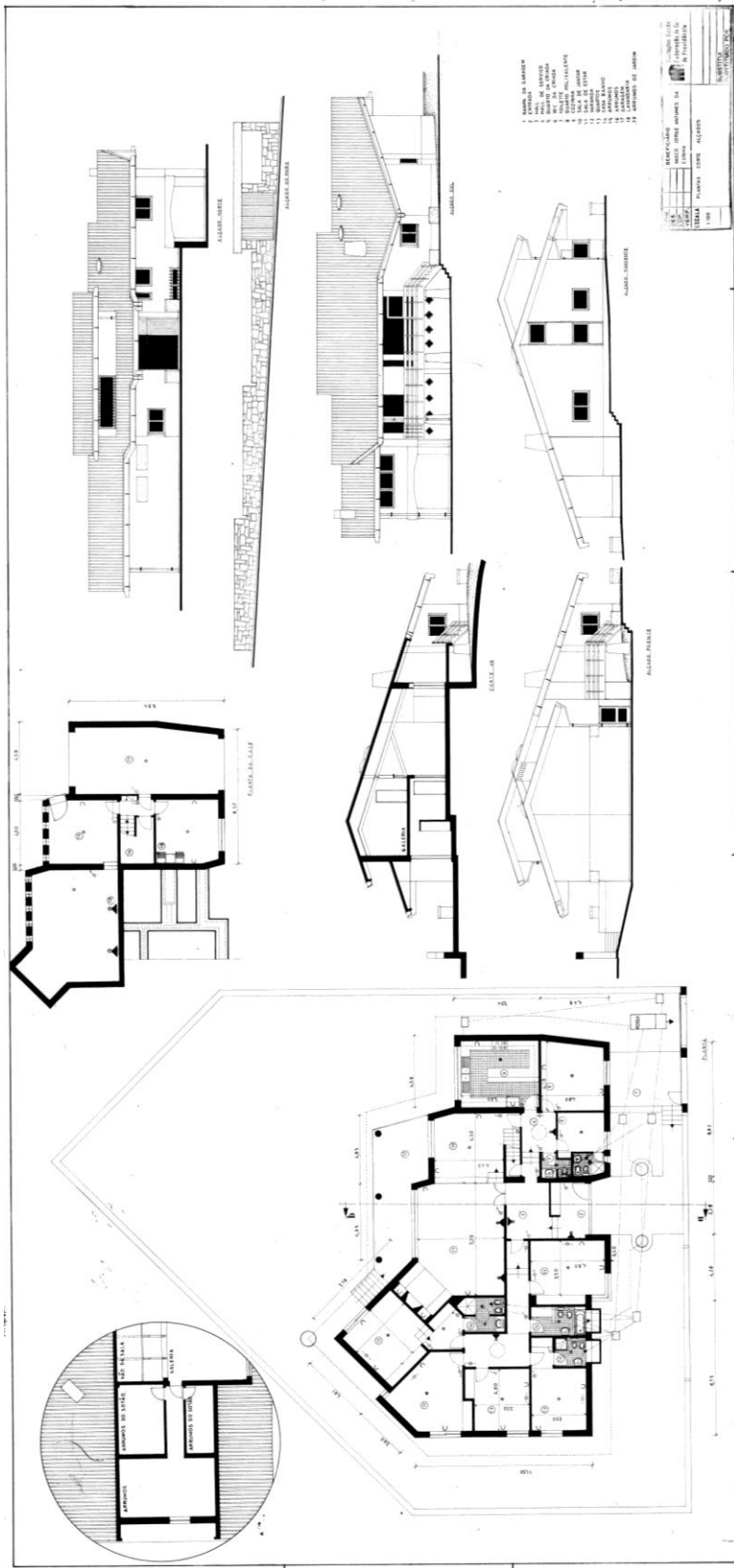


3.25. Desenho do alçado, planta e pormenores da escada e grades. Desenho nº26 Rolo 21, sótão, APVC.

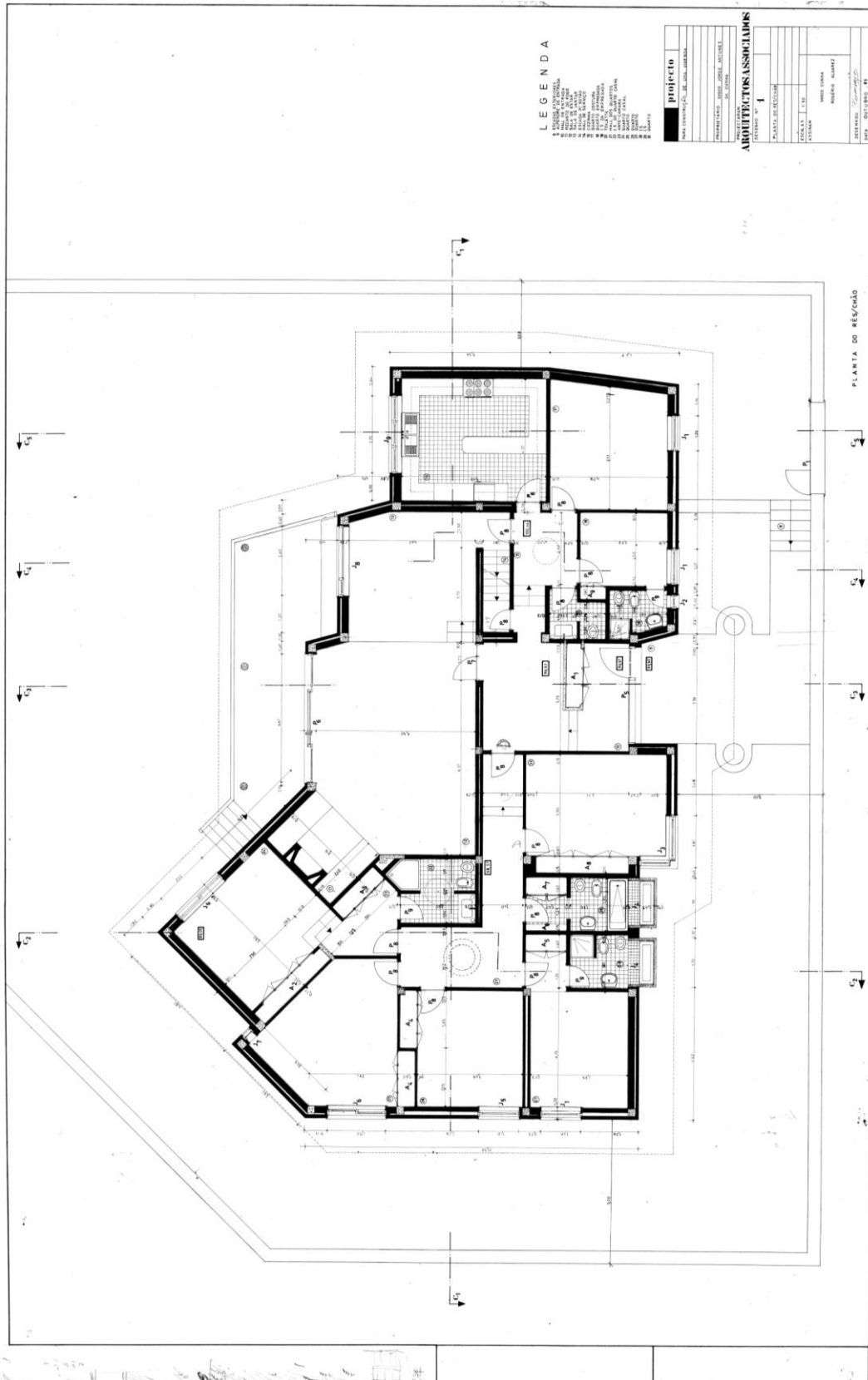
4. Residência de Vasco Cunha



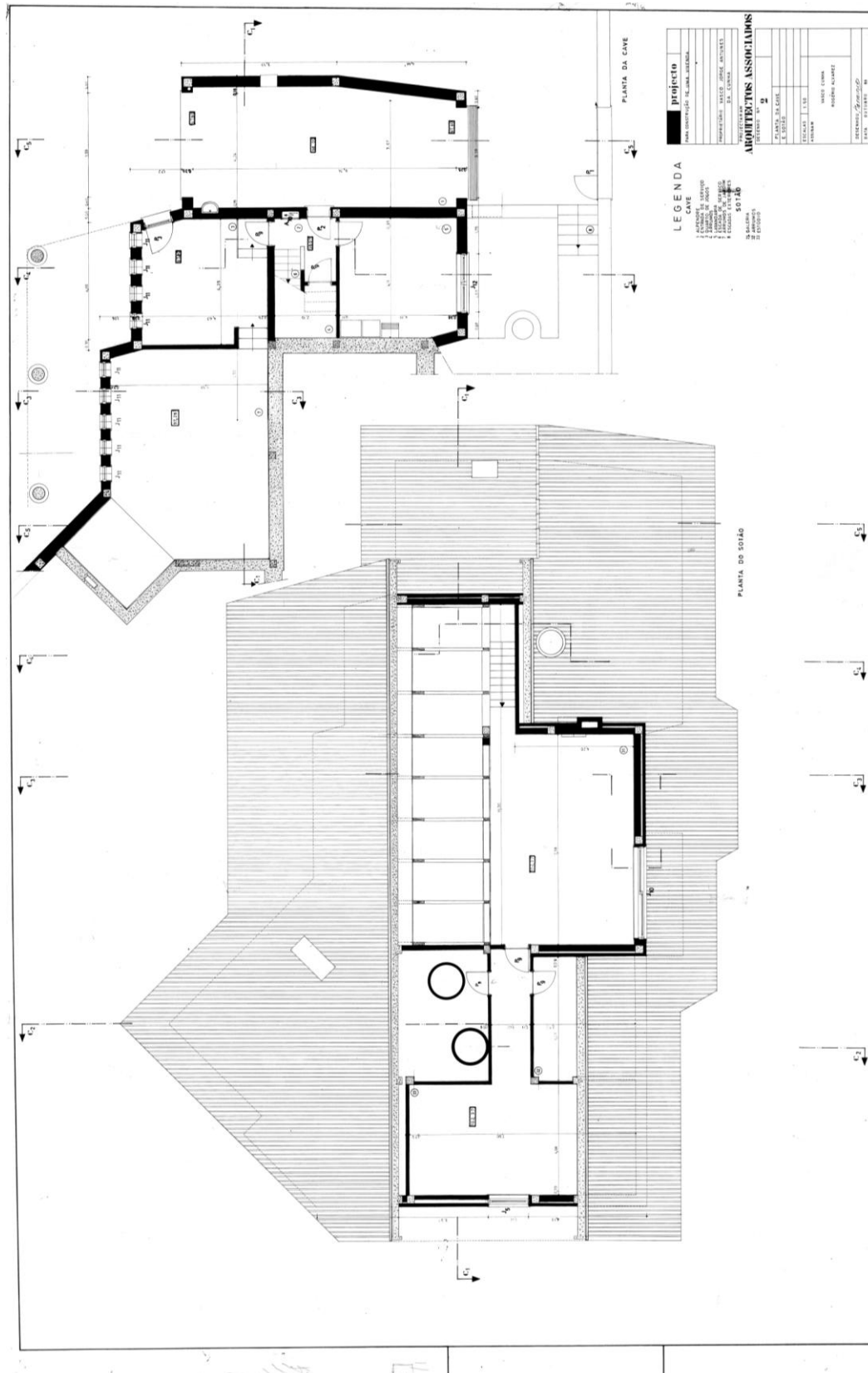
4.1. Desenho do levantamento topográfico. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



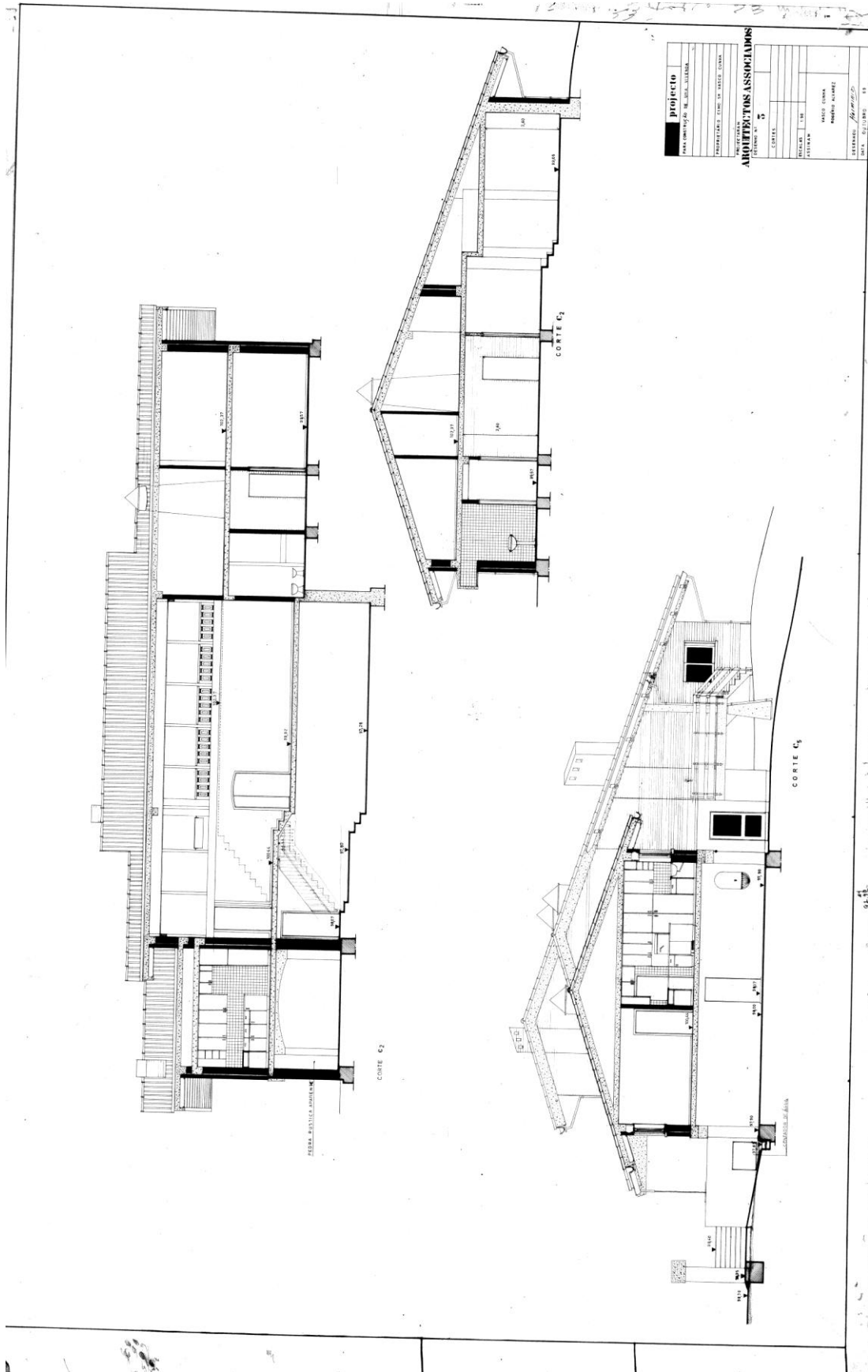
4.2.Desenho de plantas, corte e alçados. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



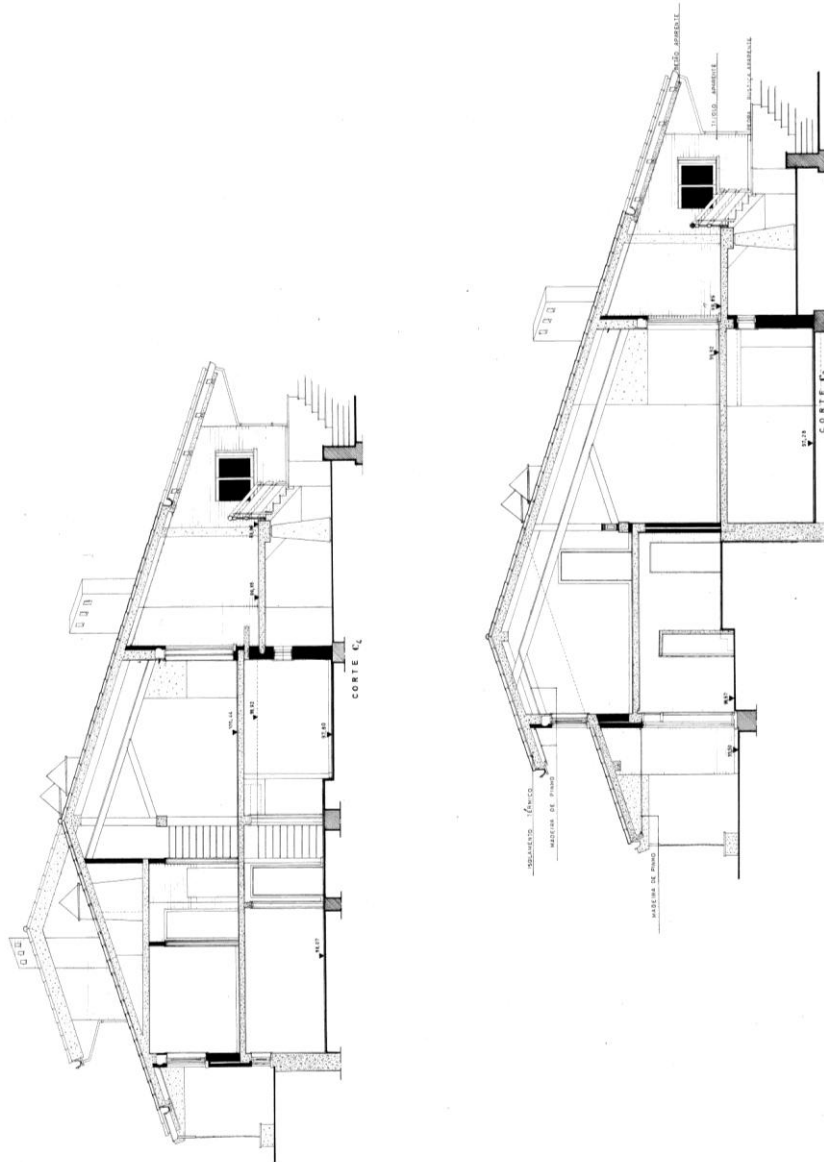
4.3.Desenho da planta do rés-do-chão. Desenho nº.1, Rolo 81, APVC.



4.4. Desenho das plantas da cave e sótão. Desenho nº.2, Rolo 81, APVC.



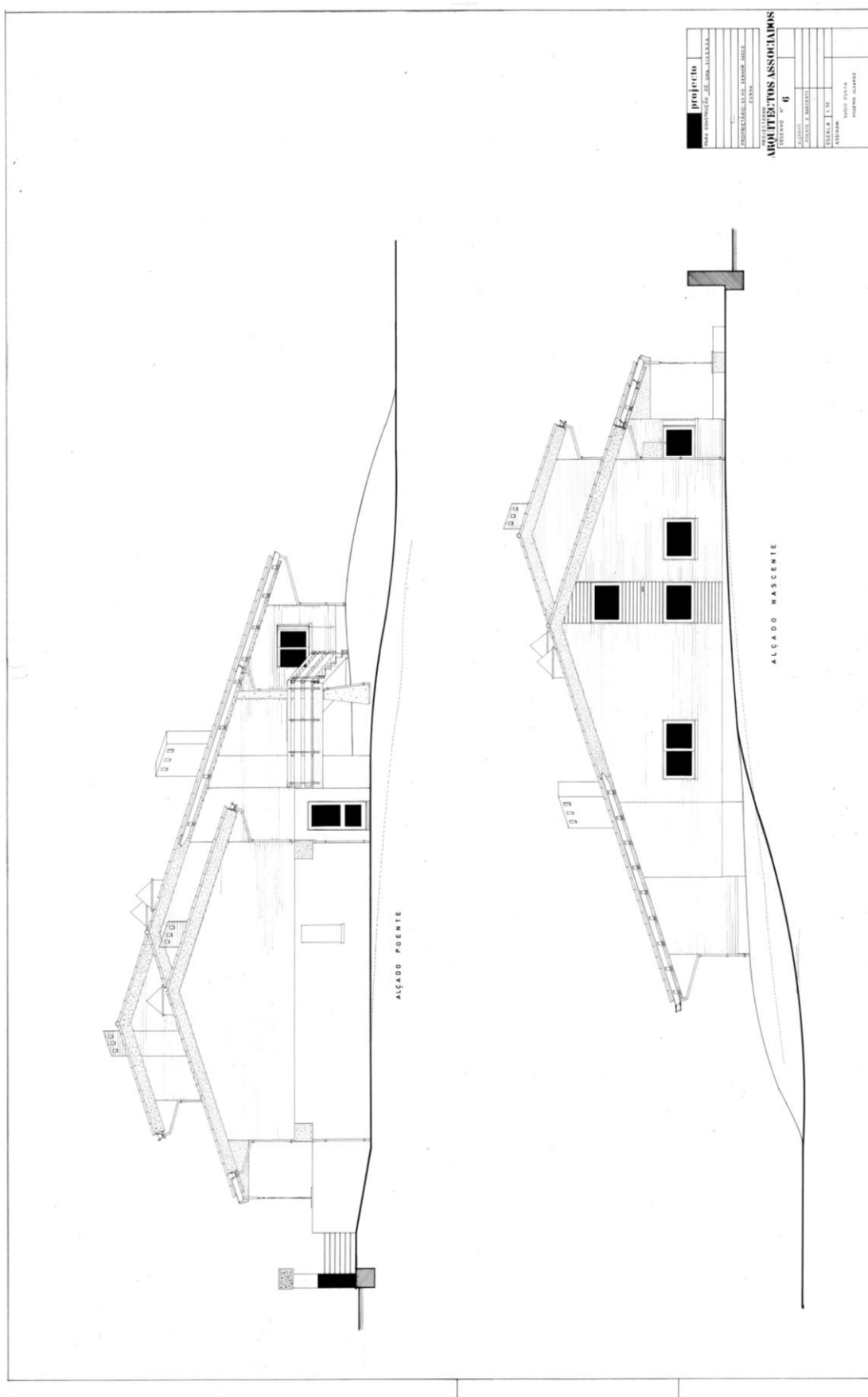
4.5.Desenho de cortes. Desenho nº.3, Rolo 81, APVC.



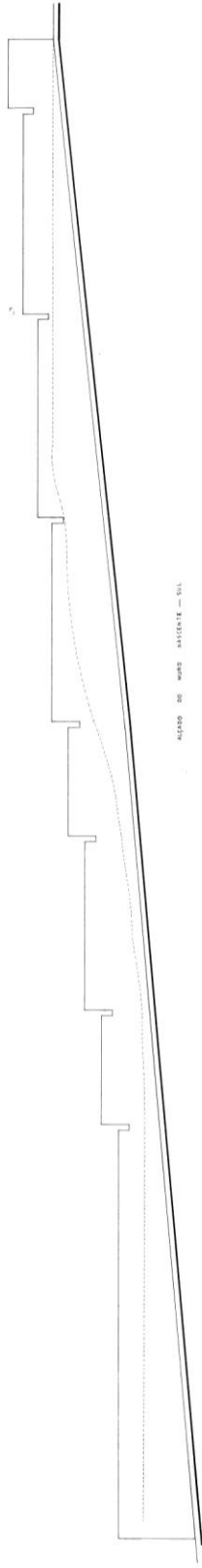
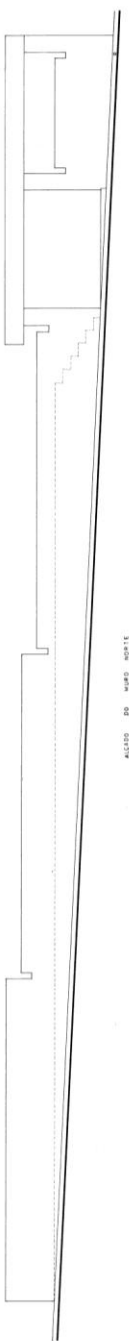
Projeto	
TÍTULO: CONTRATO DE OBRA - 00000000	
PROFESSOR: ED. S. VASZ	ALUNO:
CARGAS:	
DESENHO: 1/20	DATA: 20/03/2018
PROFESSOR: ED. S. VASZ	ALUNO: EDUARDO ROCHA
INSTITUTO: APVC	
CAMPUS: Rolo 81	
DISCIPLINA: Desenho Técnico	

ARQUITECTOS ASSOCIADOS

4.6.Desenho de cortes. Desenho nº.4, Rolo 81, APVC.

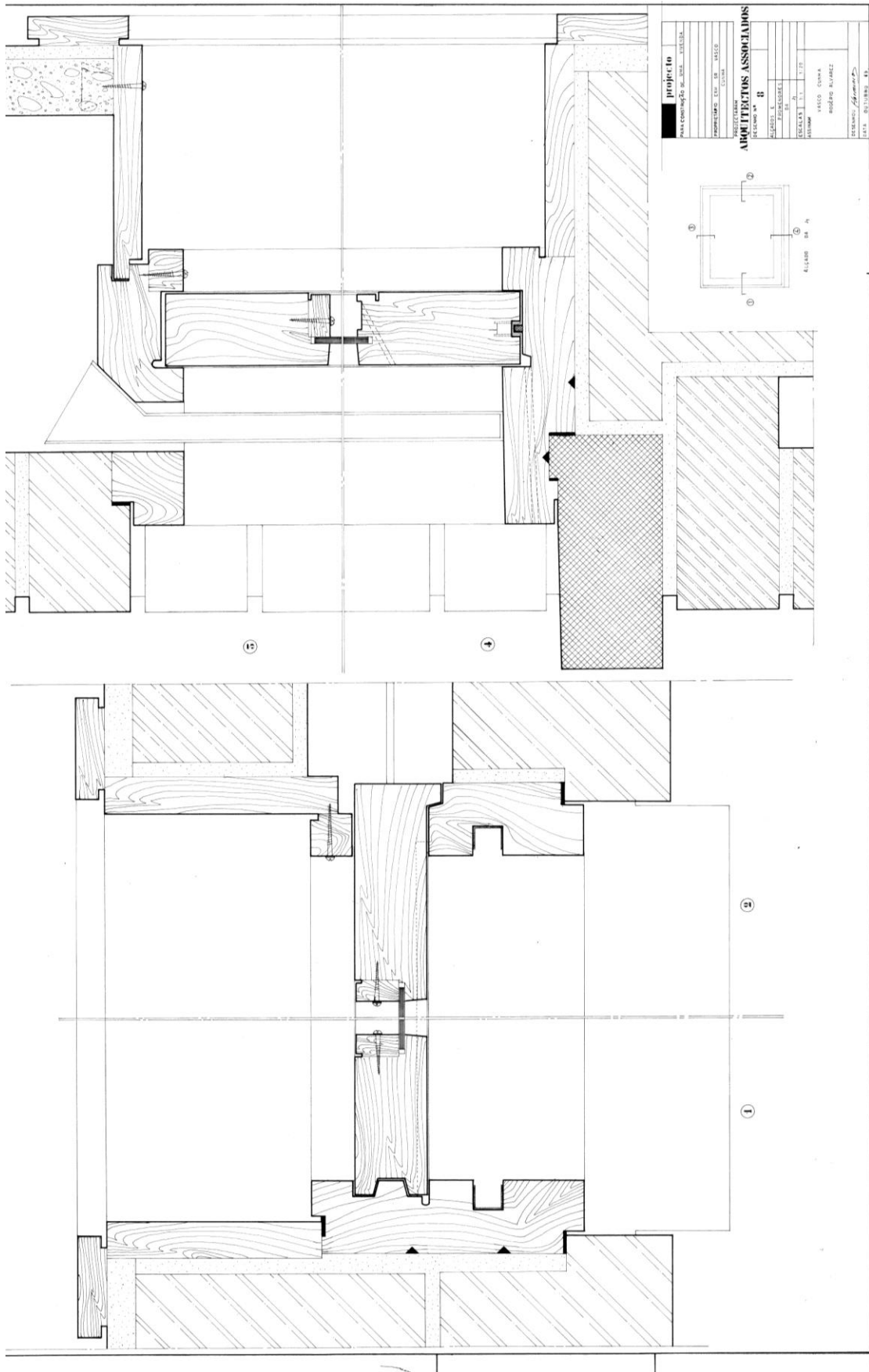


4.8.Desenho do alçado poente e nascente. Desenho nº.6, Rolo 81, APVC.

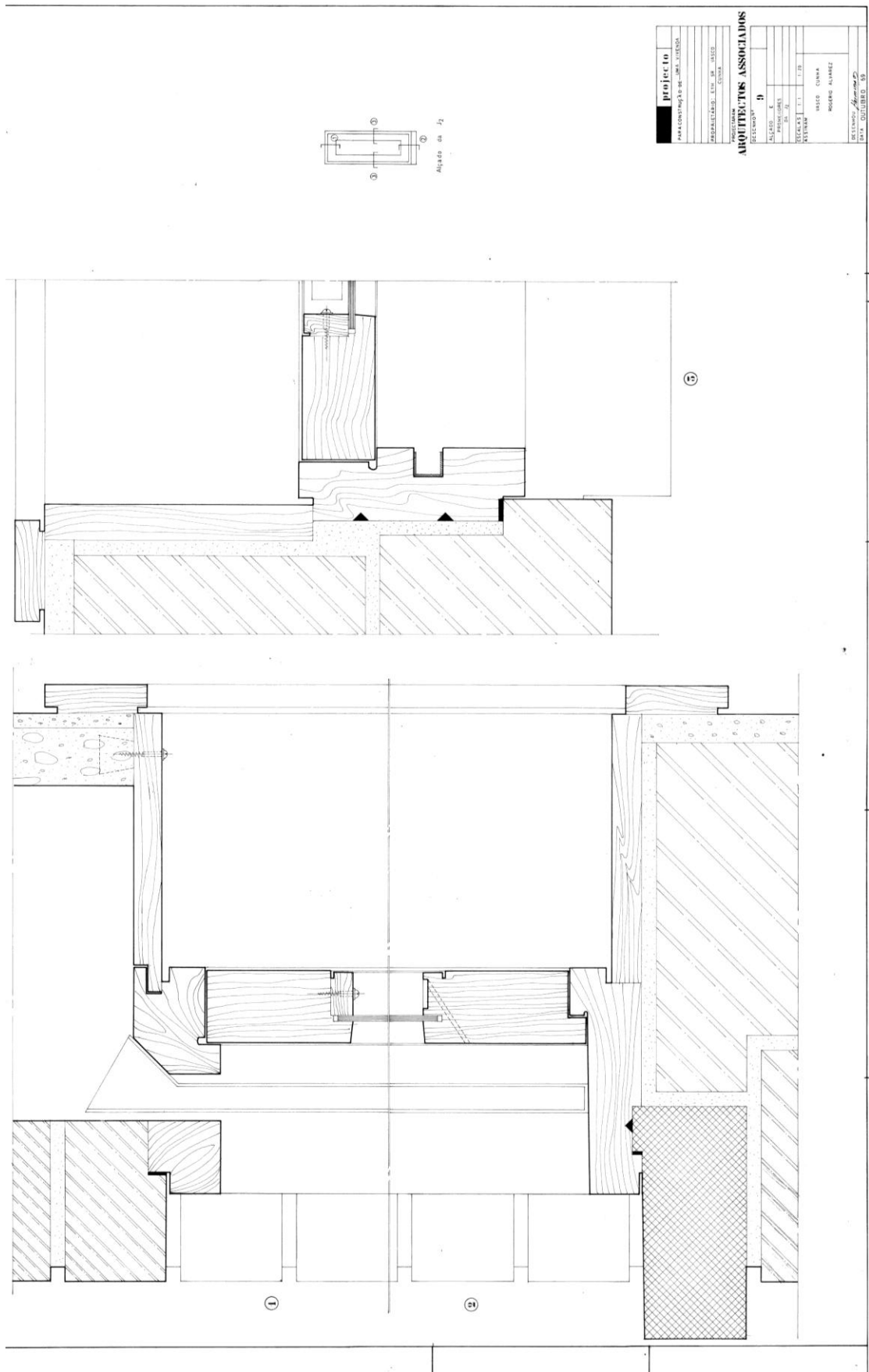


Projecto	APVC - CONTRATO DE OBRA - SUELO
EMPREENHADA EM	VITÓRIA
COMUNIDADE	CANARÁ
REGISTRO Nº 7	
ARQUITETOS ASSOCIADOS	
ARQUITETO	MASCO CANAL
ARQUITETA	ROSARIO ALVAREZ
MUNI. B. Nº 12	

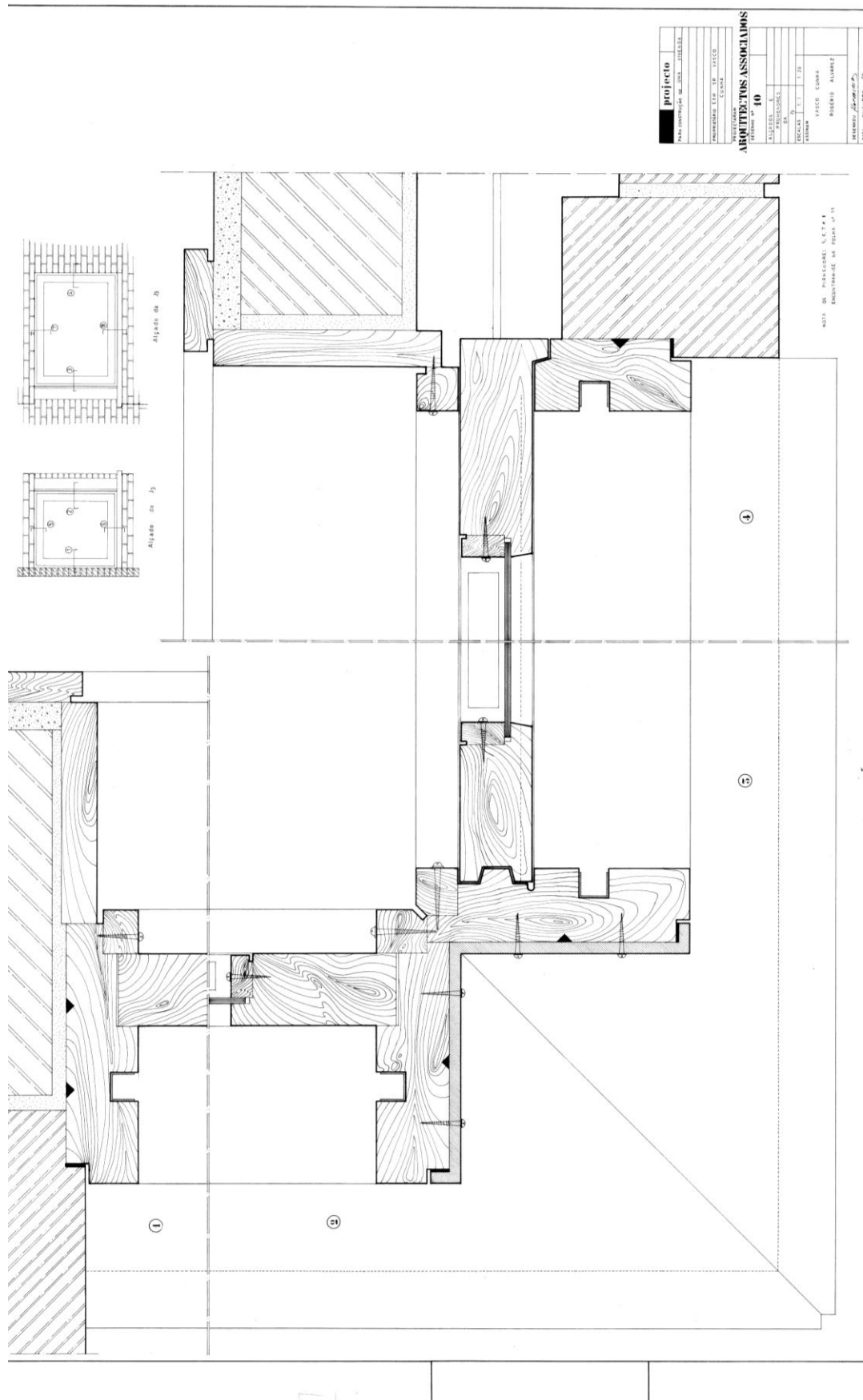
4.9. Desenho do alçado dos muros. Desenho nº.7, Rolo 81, APVC.



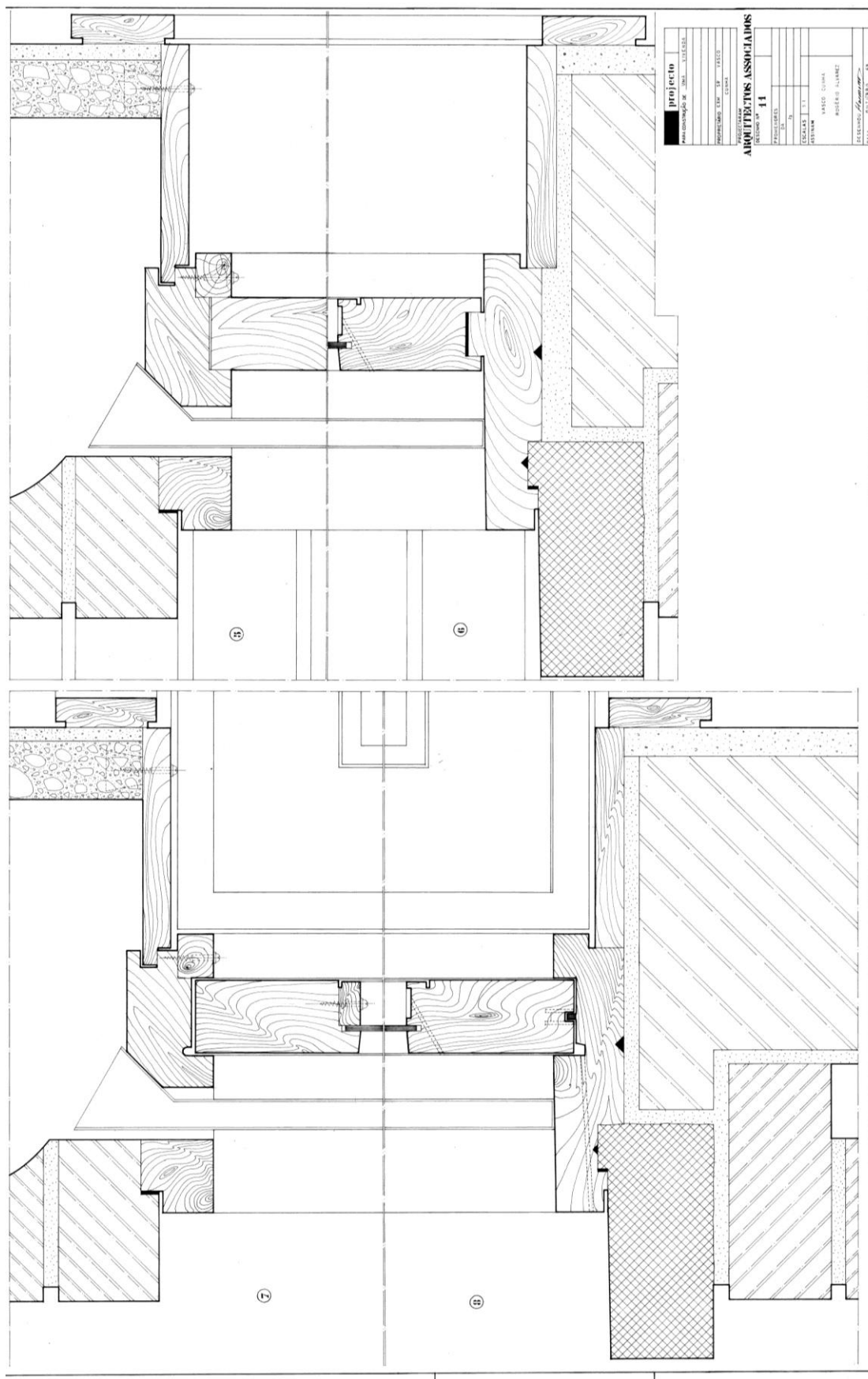
4.10. Desenho dos alçados e pormenores da J1. Desenho nº.8, Rolo 81, APVC.



4.11. Desenho do alçado e pormenores da J2. Desenho nº.9, Rolo 81, APVC.

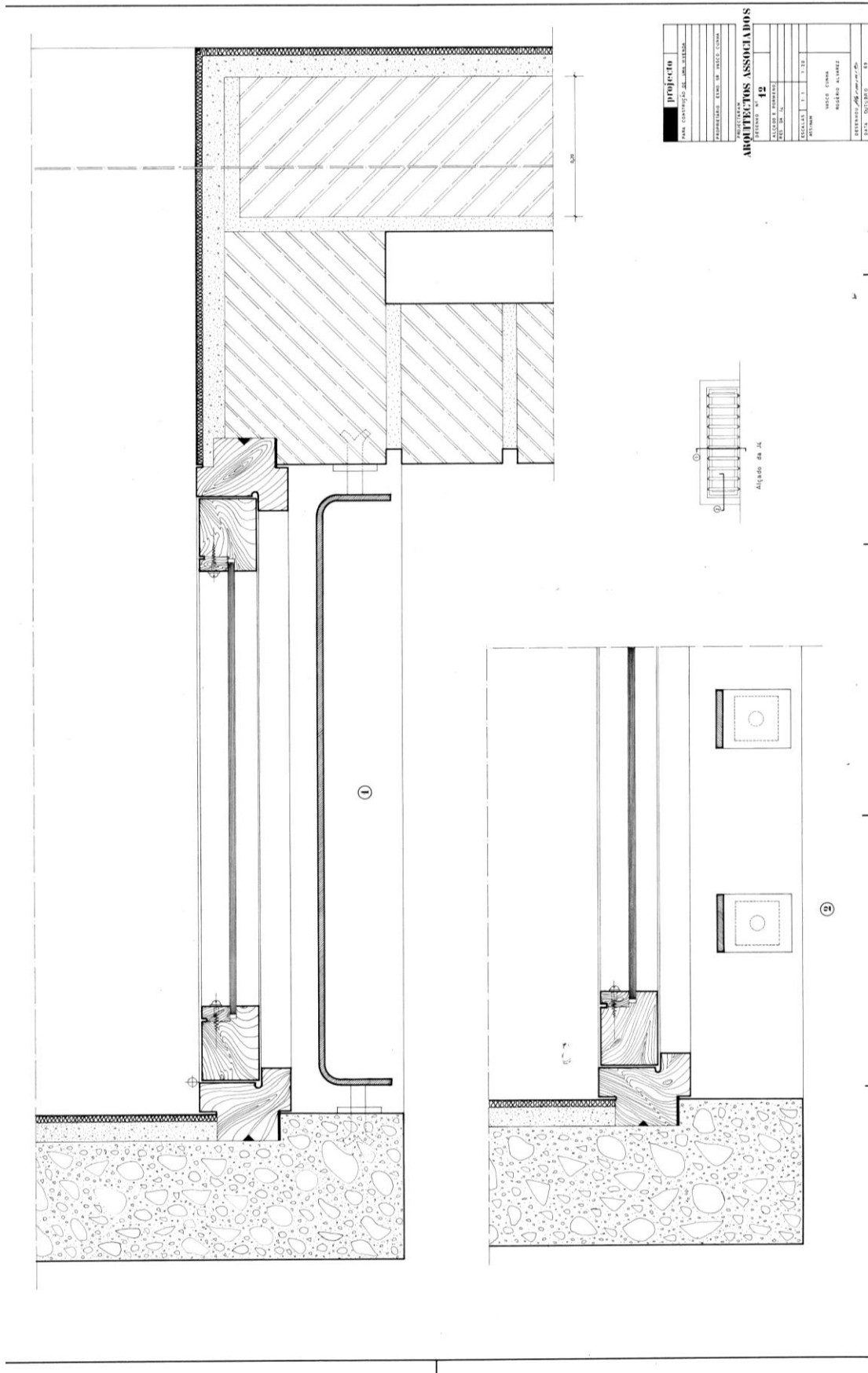


4.12. Desenho dos alçados e pormenores da J3. Desenho nº.10, Rolo 81, APVC.

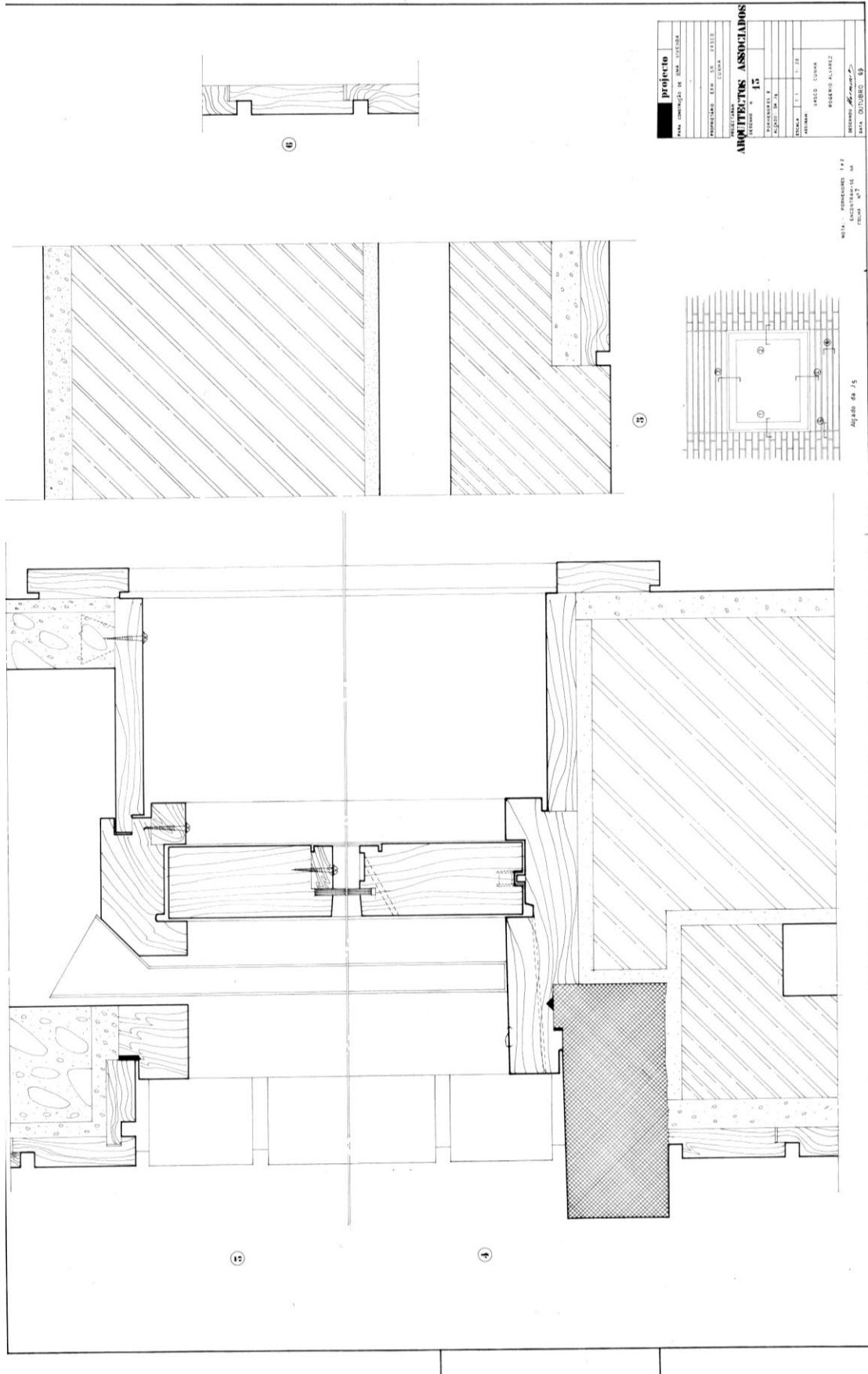


PROJECTO	PAISAGIUM DE 2001 - 13E ESEL
PROJETISTA	ARQUITECTOS ASSOCIADOS
PROJETO	REVISION Nº 11
FECHA	2001
ESCALA	1:1
PROYECTADO	RODRIGO LAMARCA
REVISADO	RODRIGO LAMARCA
FECHA DE REVISIÓN	2001

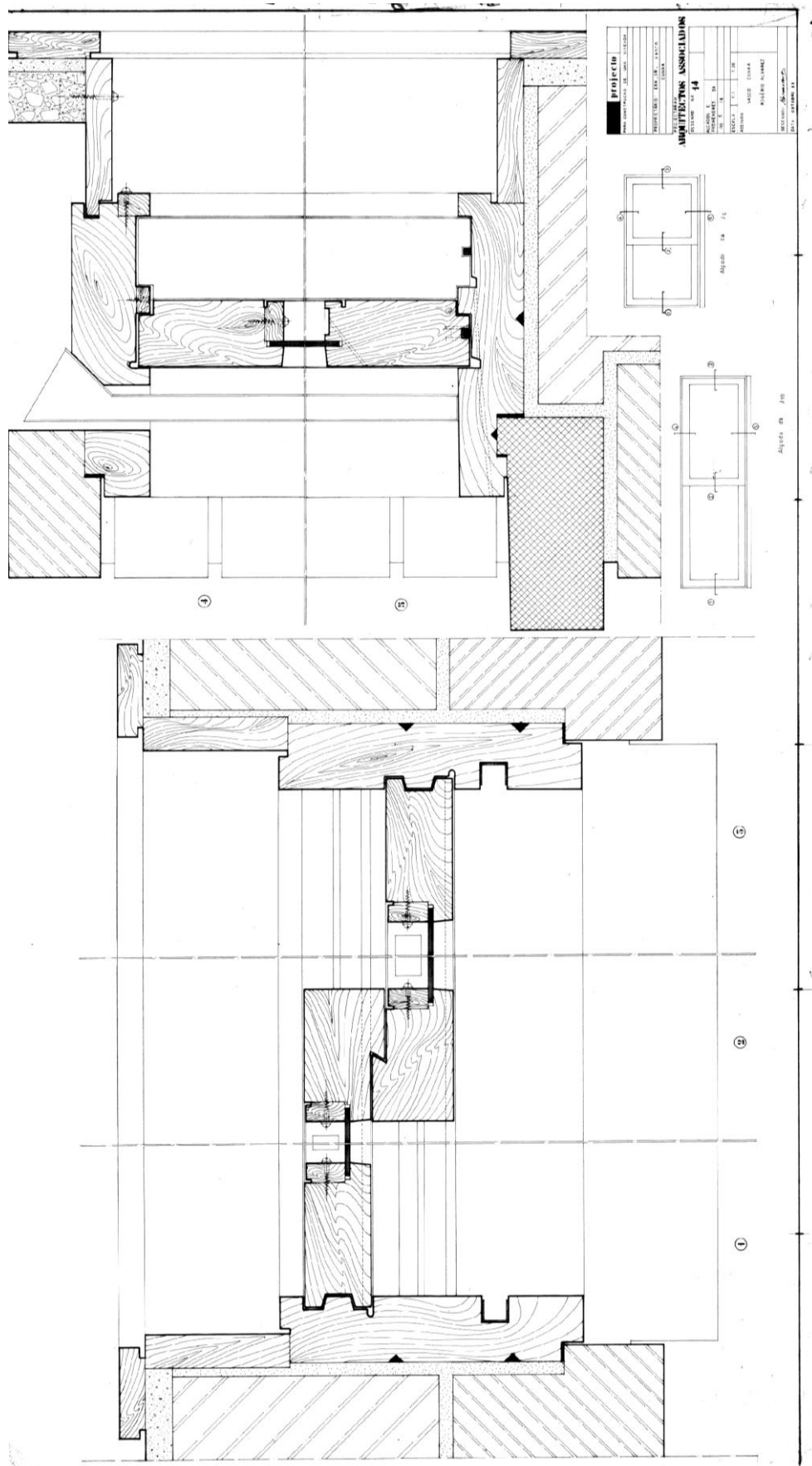
4.13.Desenho dos pormenores da J3. Desenho nº.11, Rolo 81, APVC.



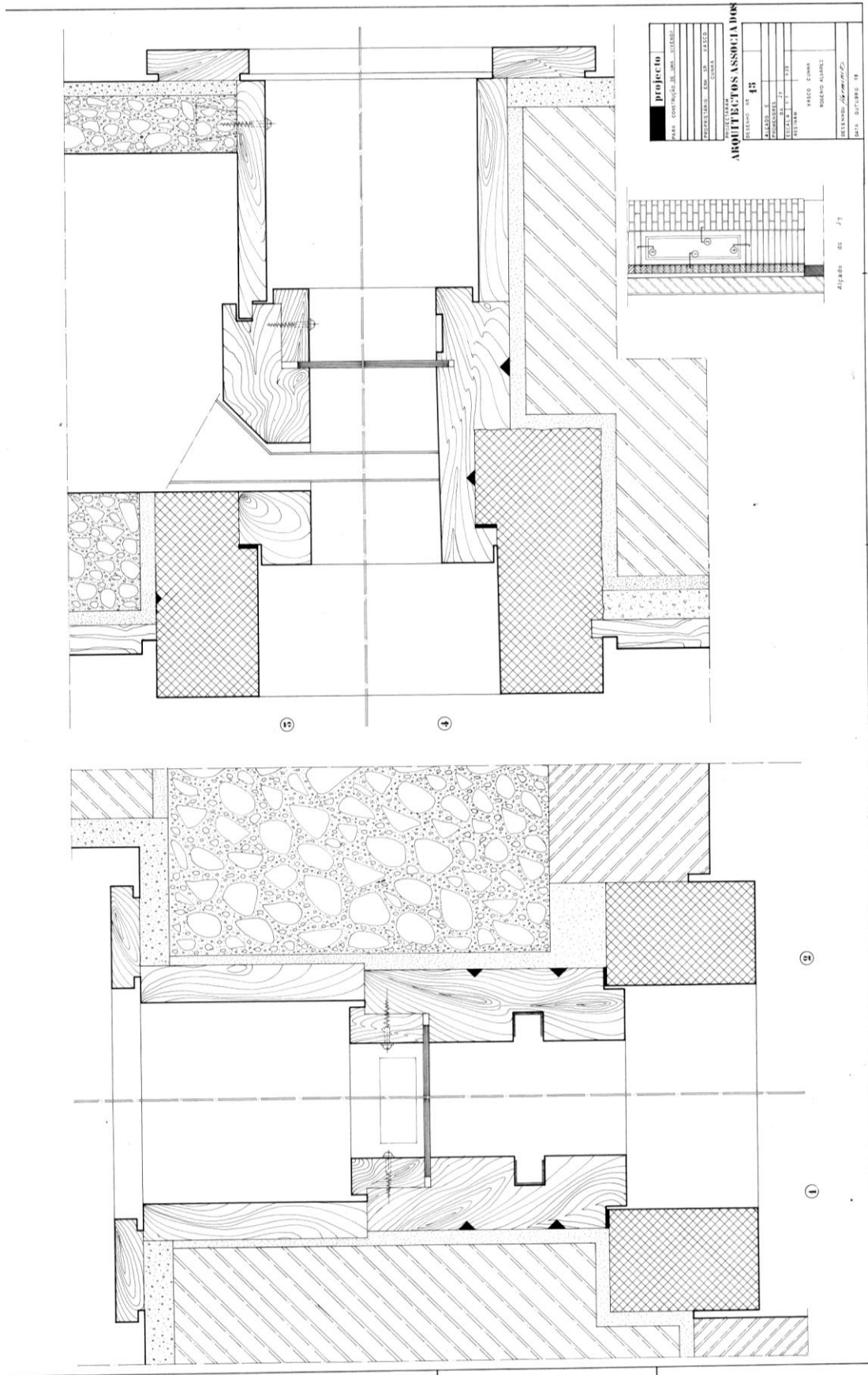
4.14. Desenho do alçado e pormenores da J4. Desenho nº.12, Rolo 81, APVC.



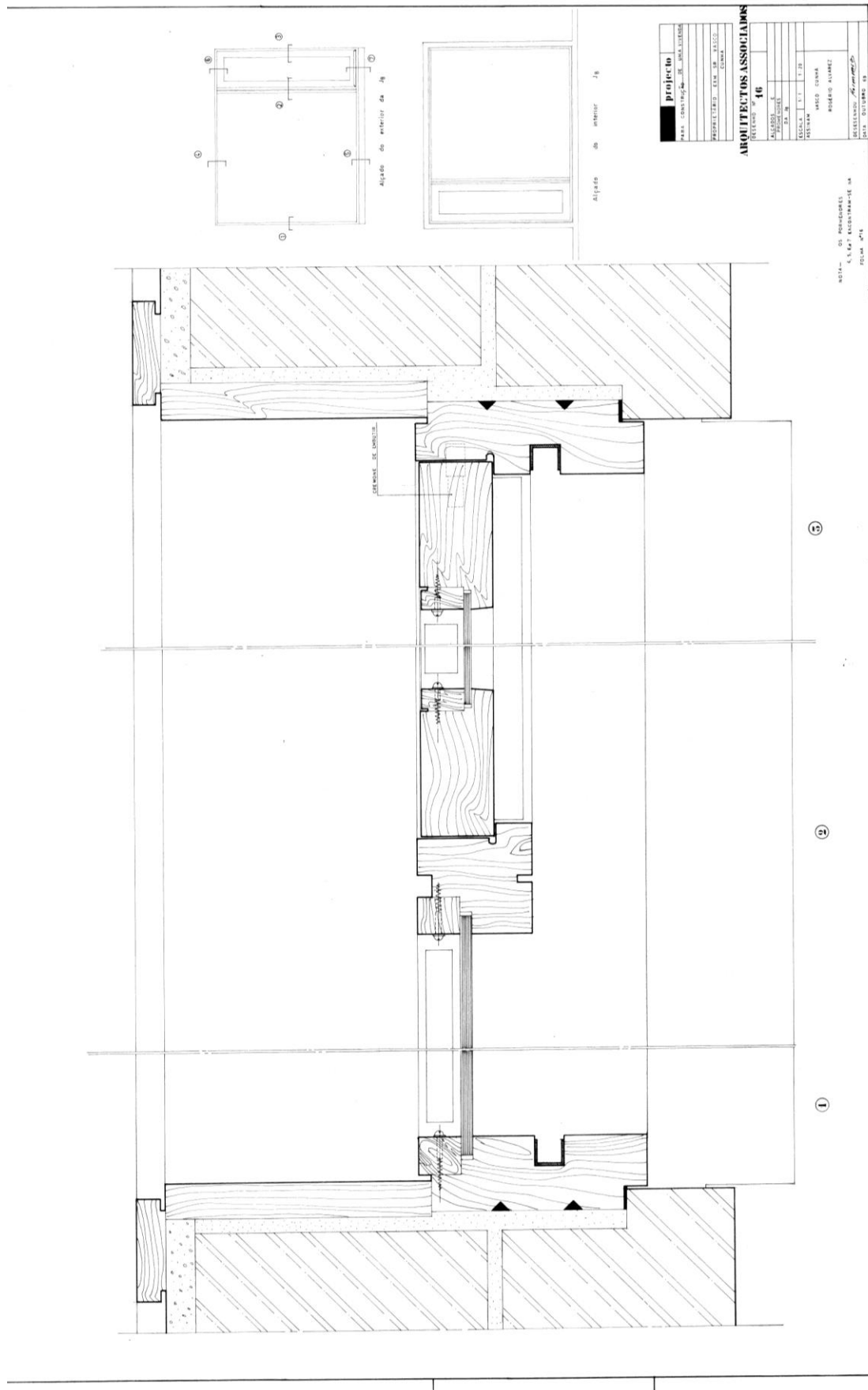
4.15. Desenho dos pormenores e alçado da J5. Desenho nº.13, Rolo 81, APVC.



4.16. Desenho dos alçados e pormenores da J10 e J6. Desenho nº.14, Rolo 81, APVC.



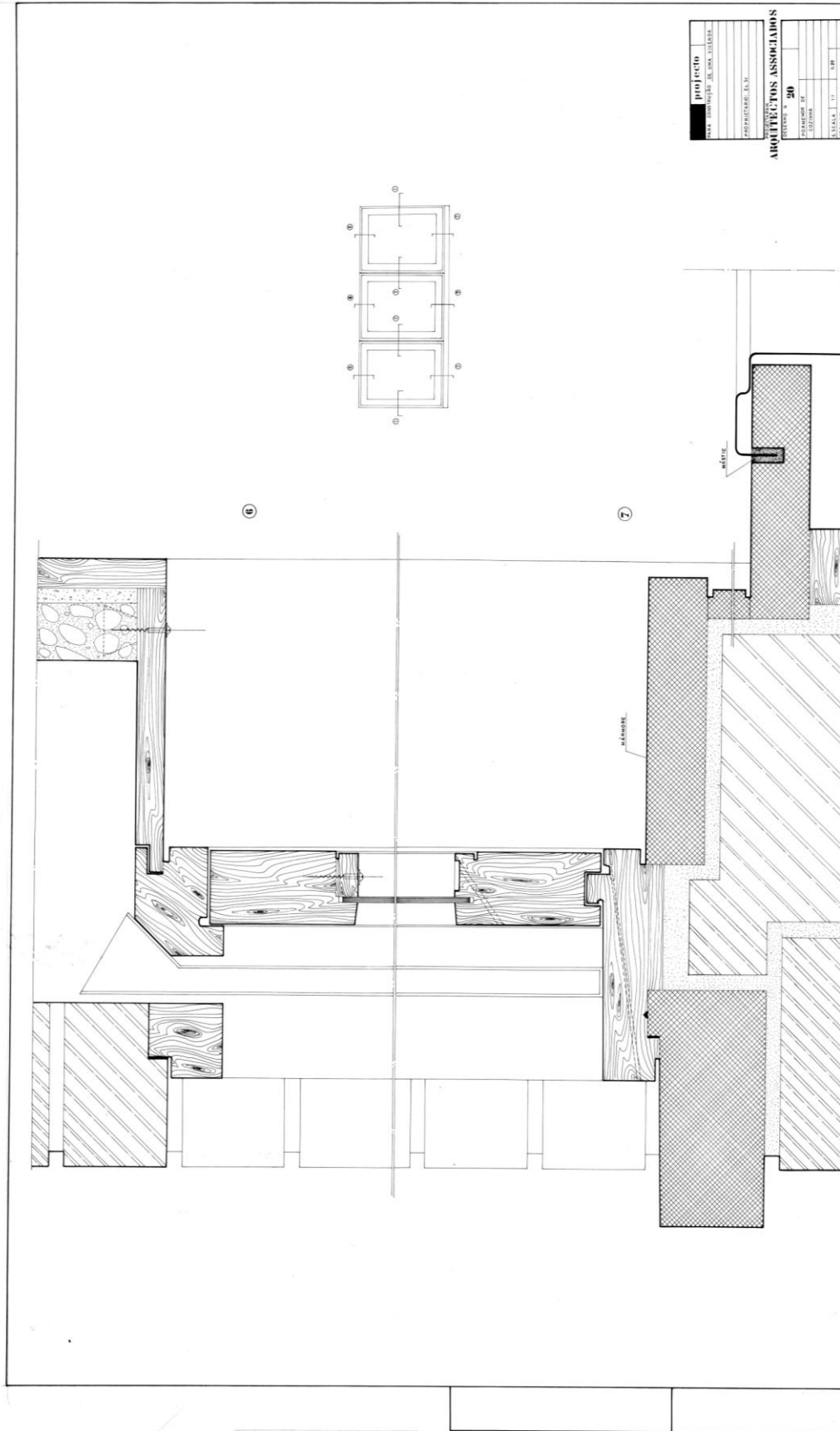
4.17. Desenho do alçado e pormenor da J7. Desenho nº.15, Rolo 81, APVC.



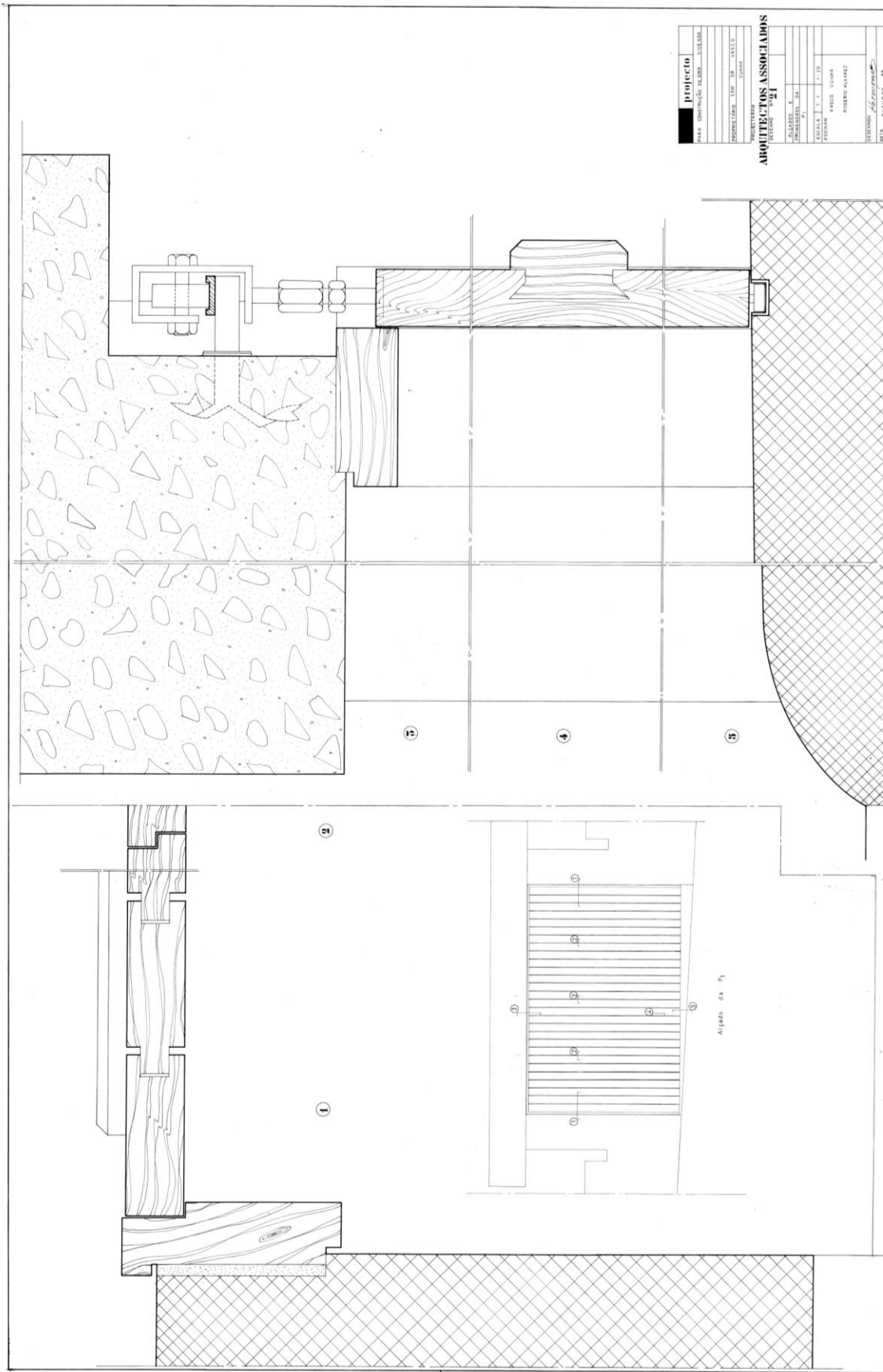
4.18. Desenho do alçado e pormenores da J8. Desenho nº.16, Rolo 81, APVC.



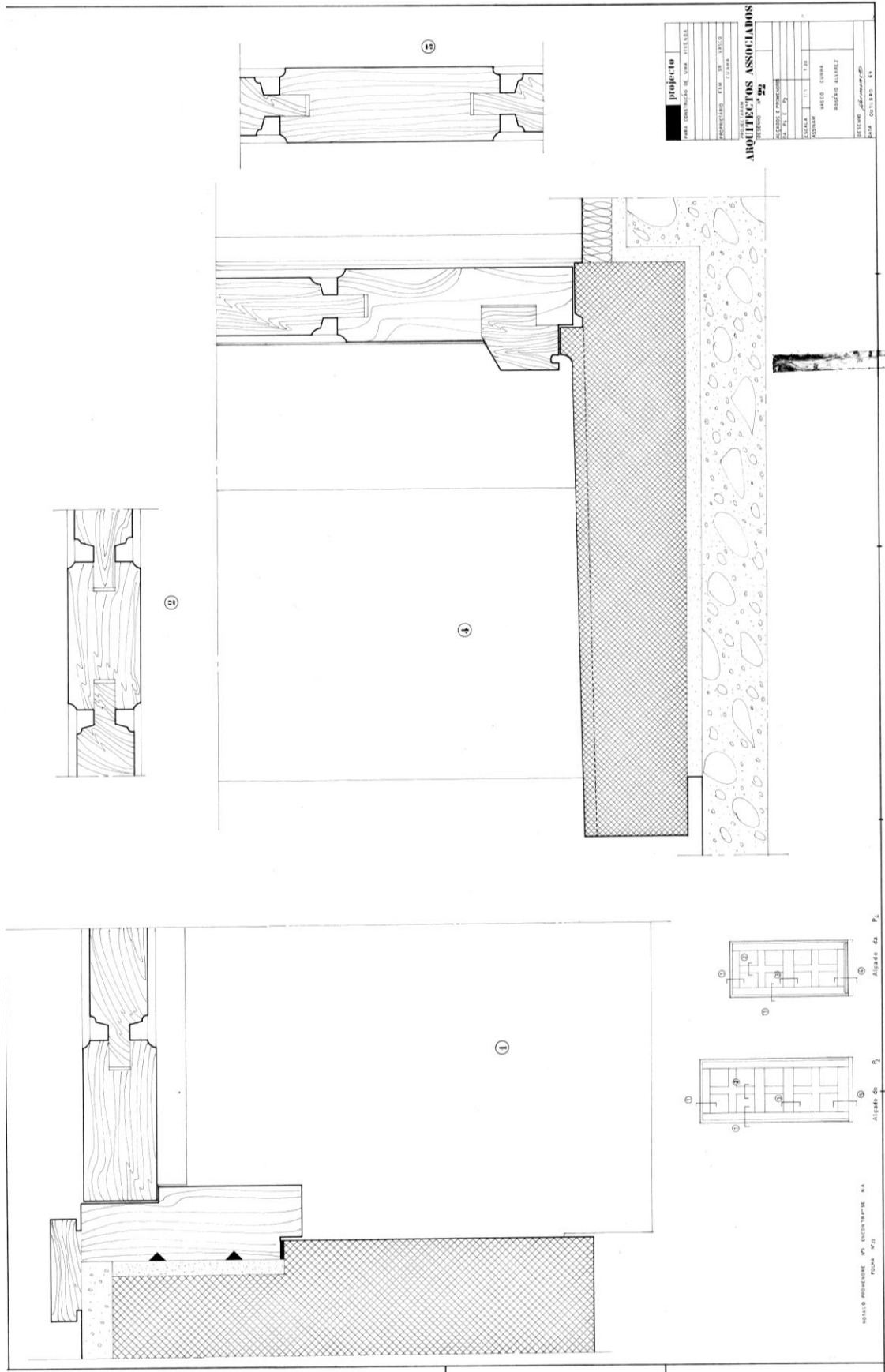
4.20. Desenho dos pormenores da J9. Desenho nº.19, Rolo 81, APVC.



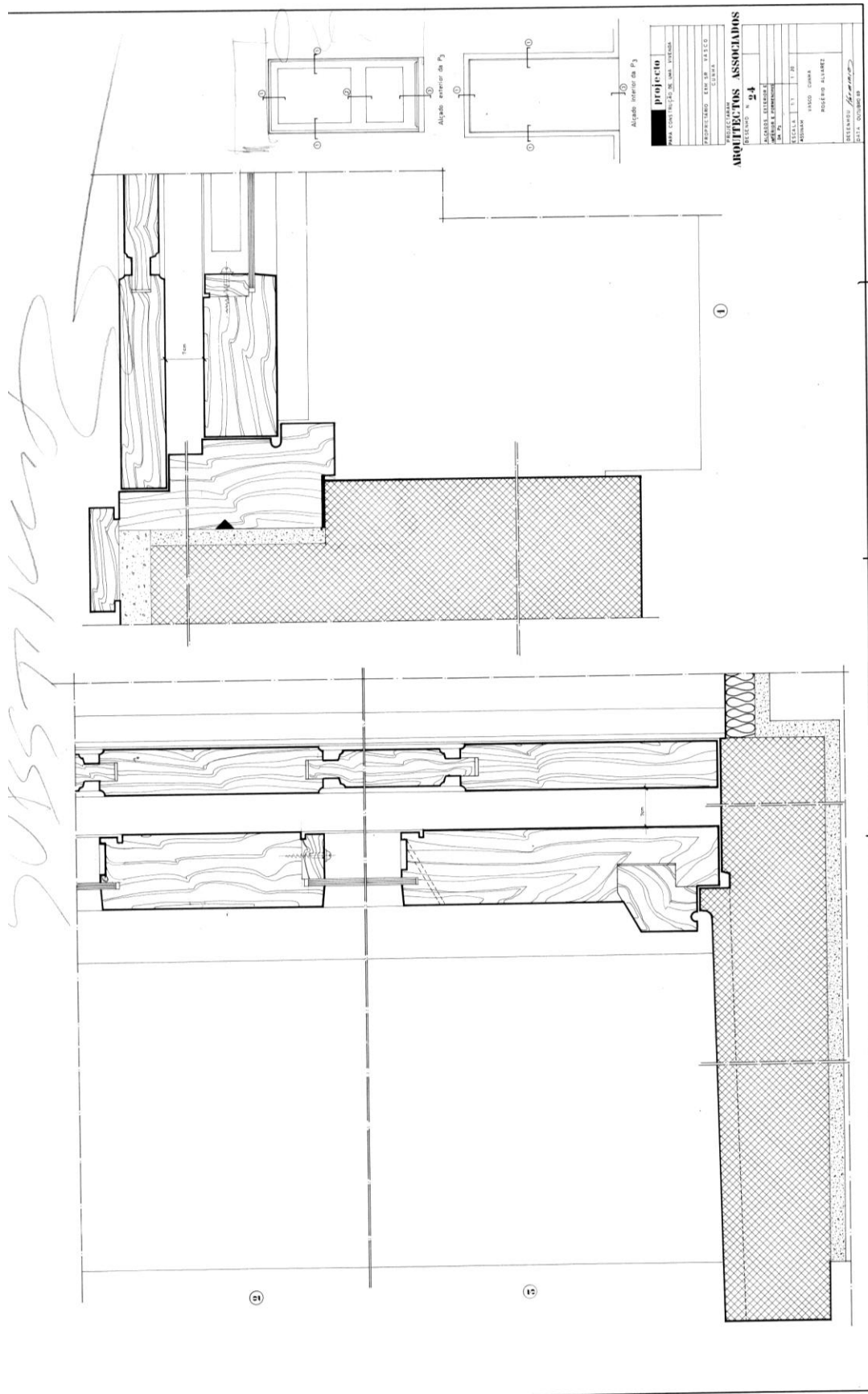
4.21.Desenho do pormenor de cozinha. Desenho nº.20, Rolo 81, APVC.



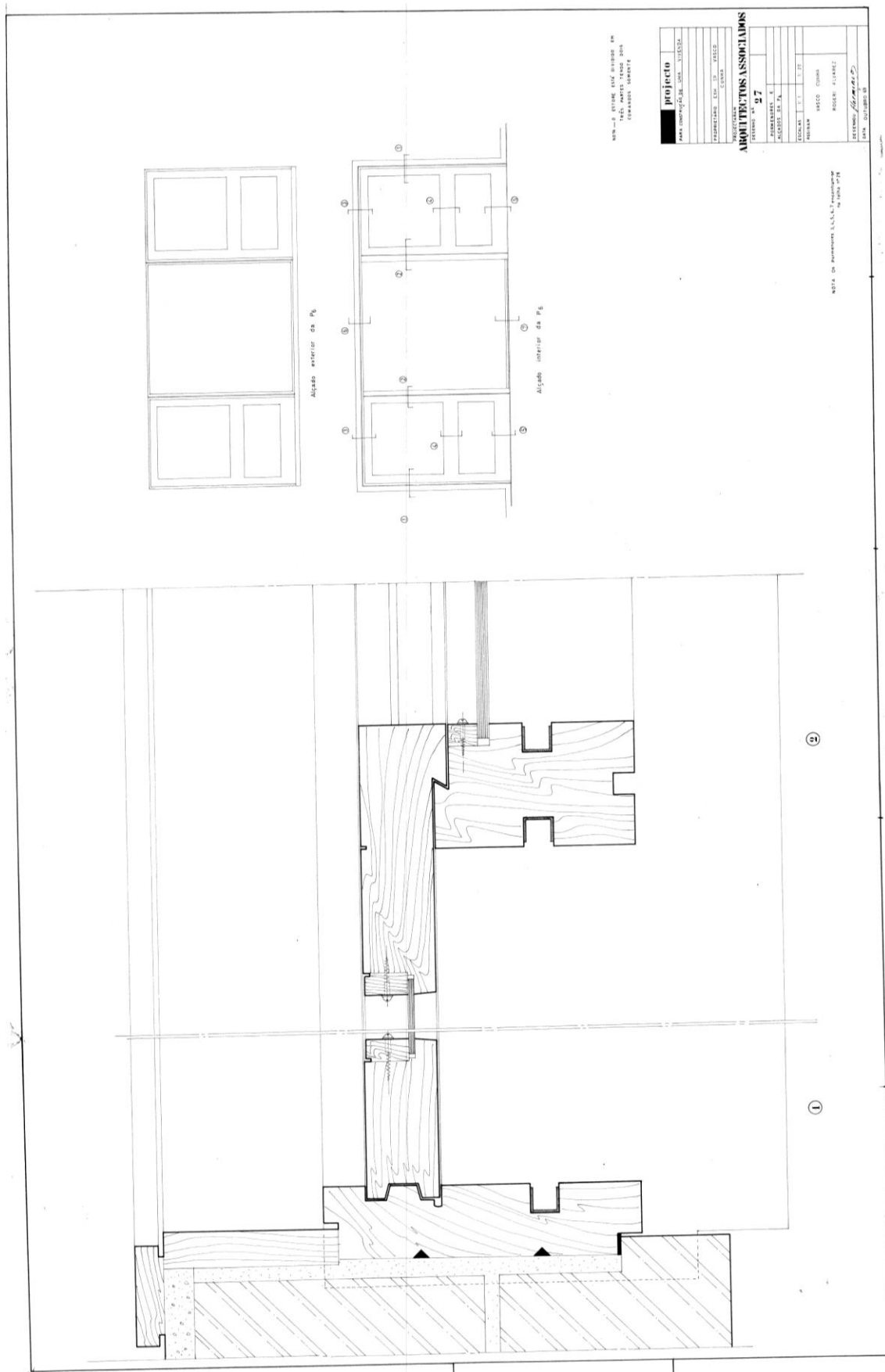
4.22. Desenho dos alçados e pormenores da P1. Desenho nº.21, Rolo 81, APVC.



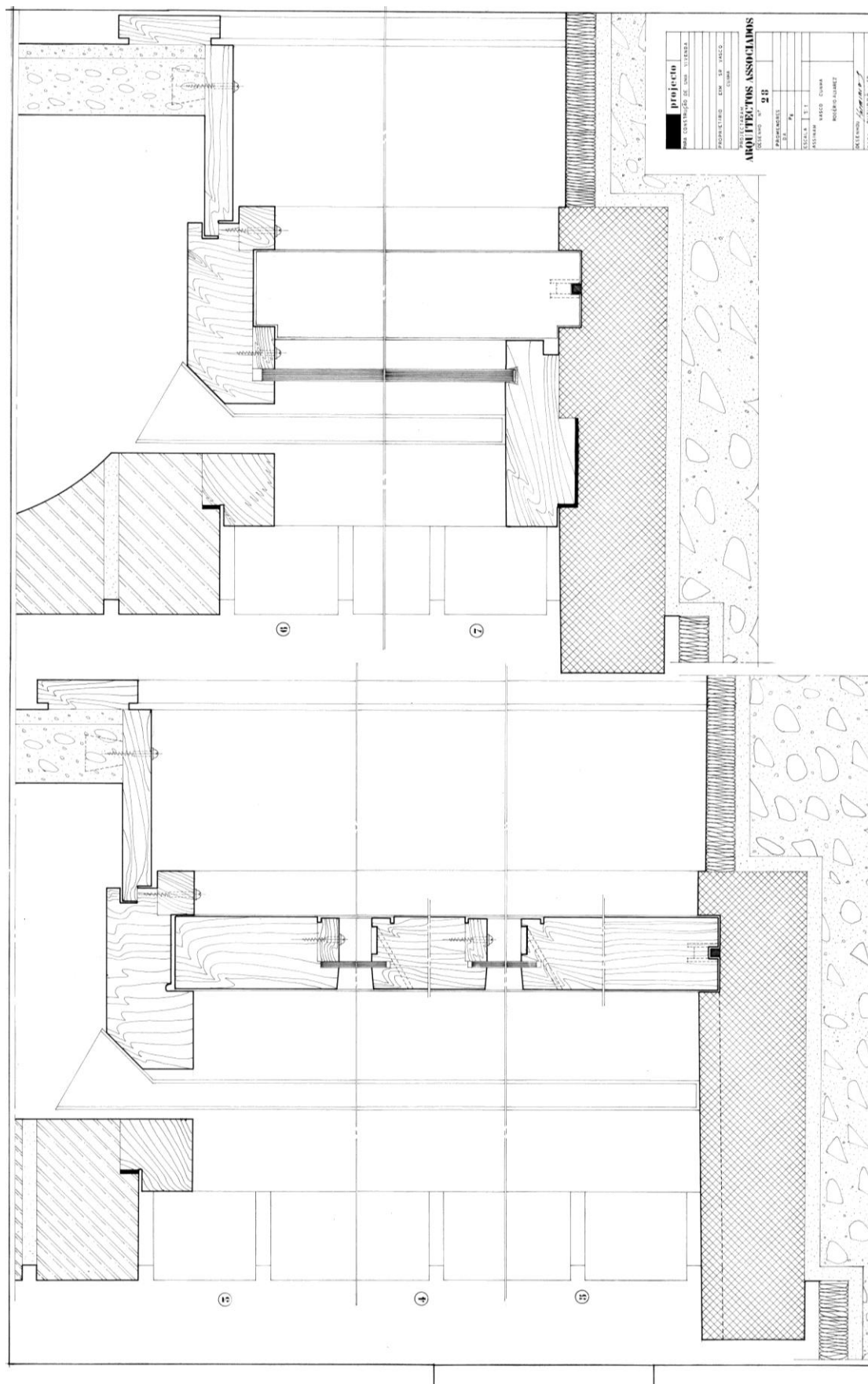
4.23. Desenho dos alçados e pormenores da P4 e P2. Desenho nº.22, Rolo 81, APVC.



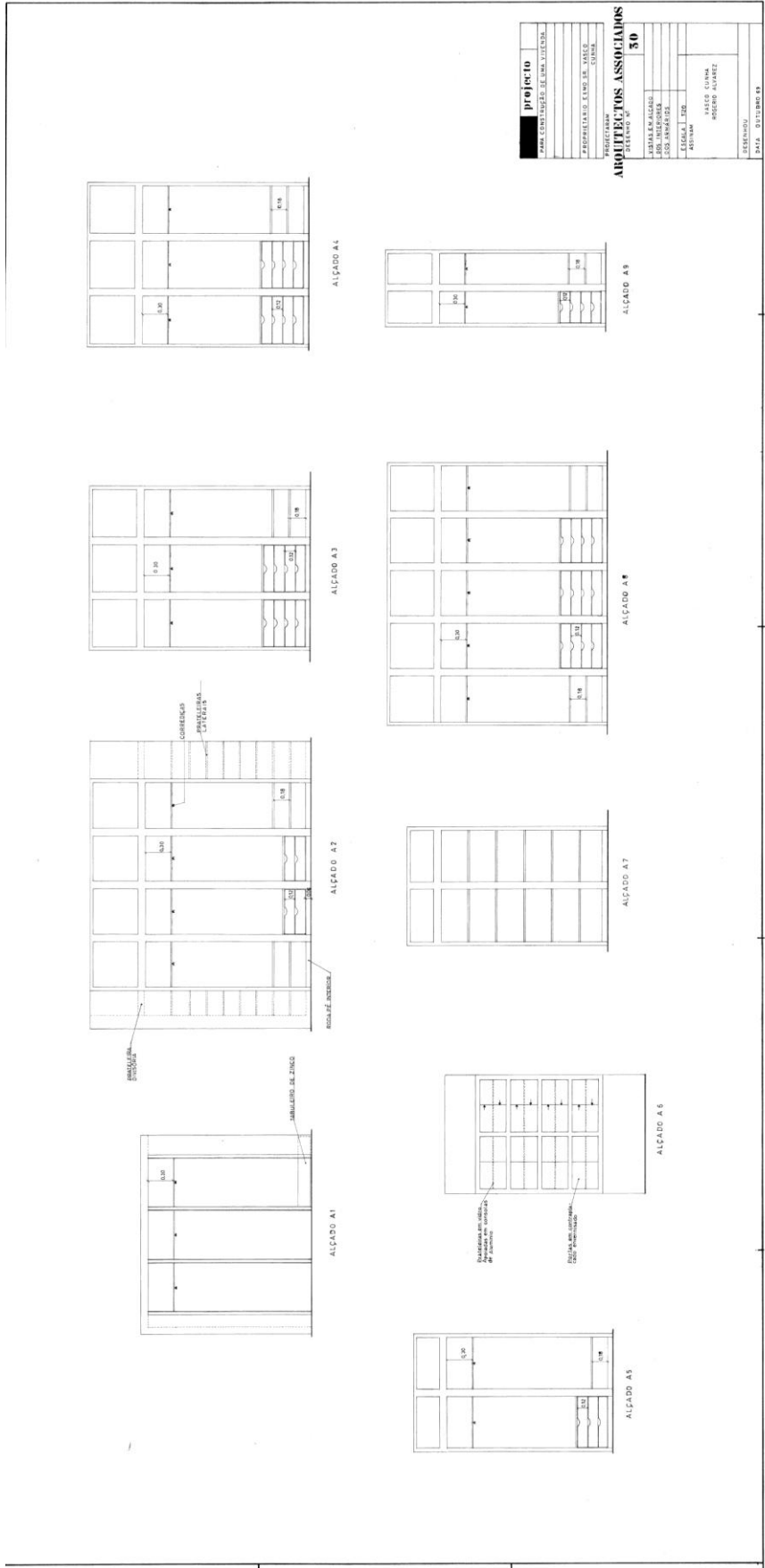
4.25. Desenho do alçado exterior e interior e pormenores da P3. Desenho nº.24, Rolo 81, APVC.



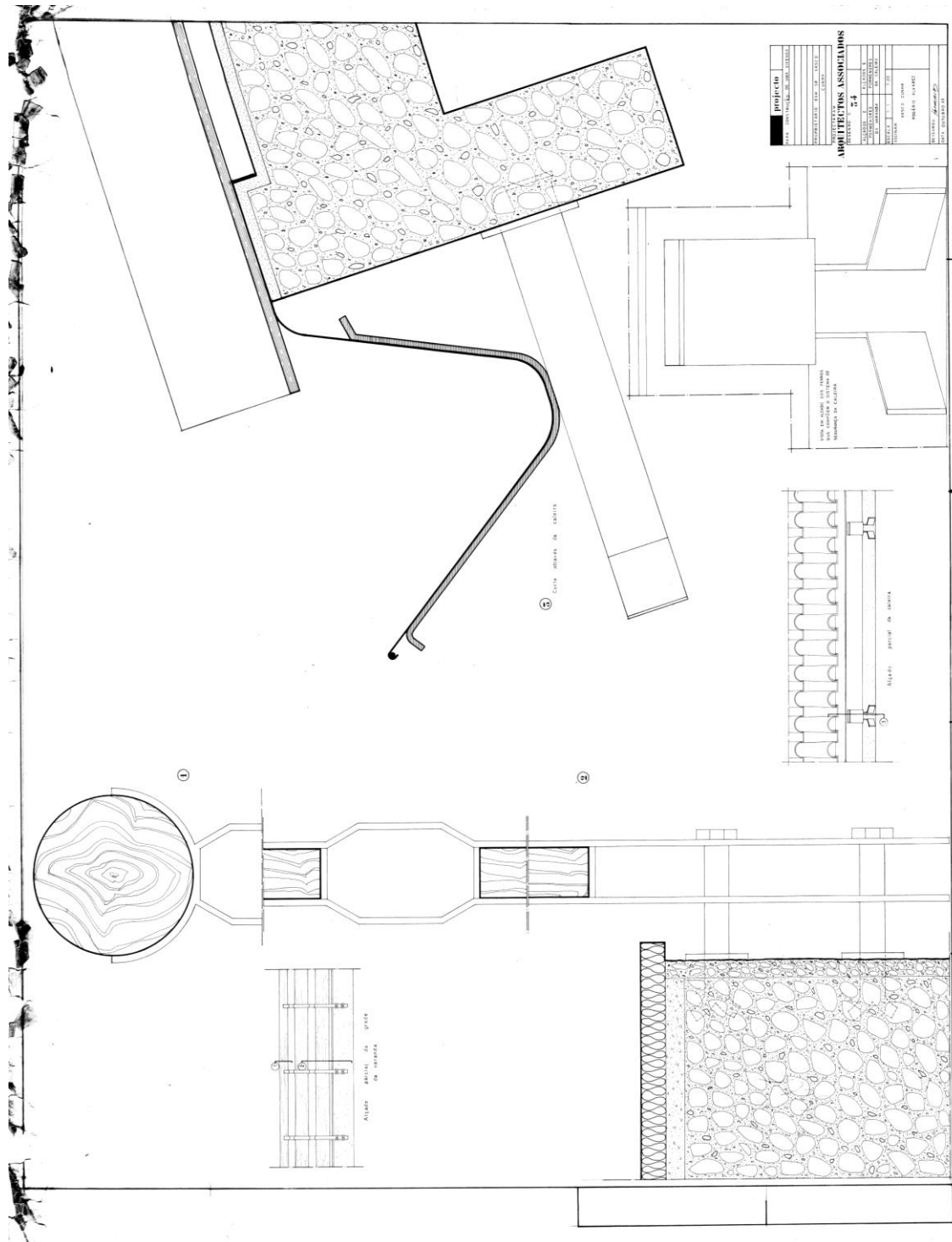
4.27.Desenho dos pormenores e alçado do P6. Desenho nº.27, Rolo 81, APVC.



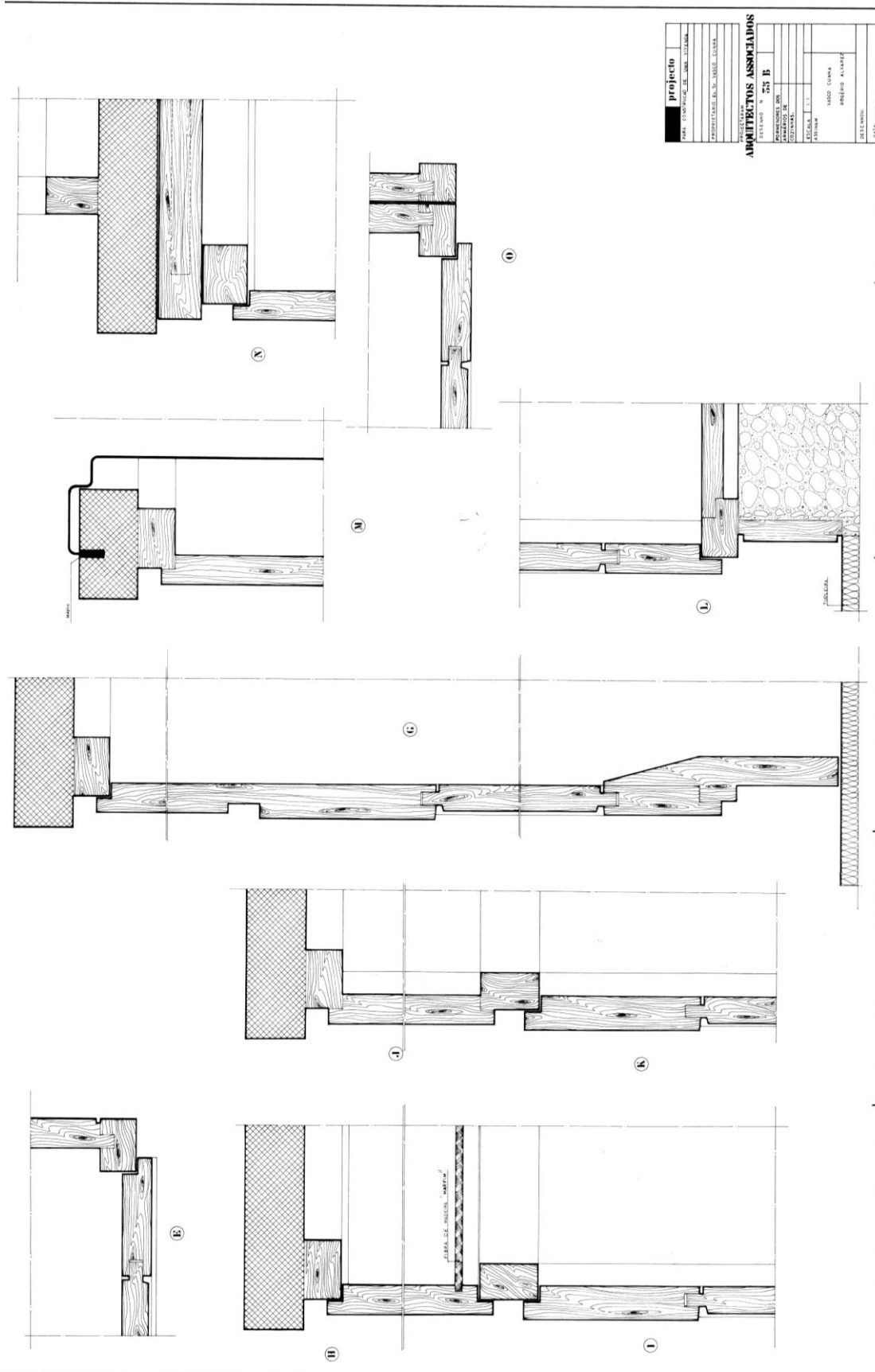
4.28. Desenho dos pormenores da P6. Desenho nº.28, Rolo 81, APVC.



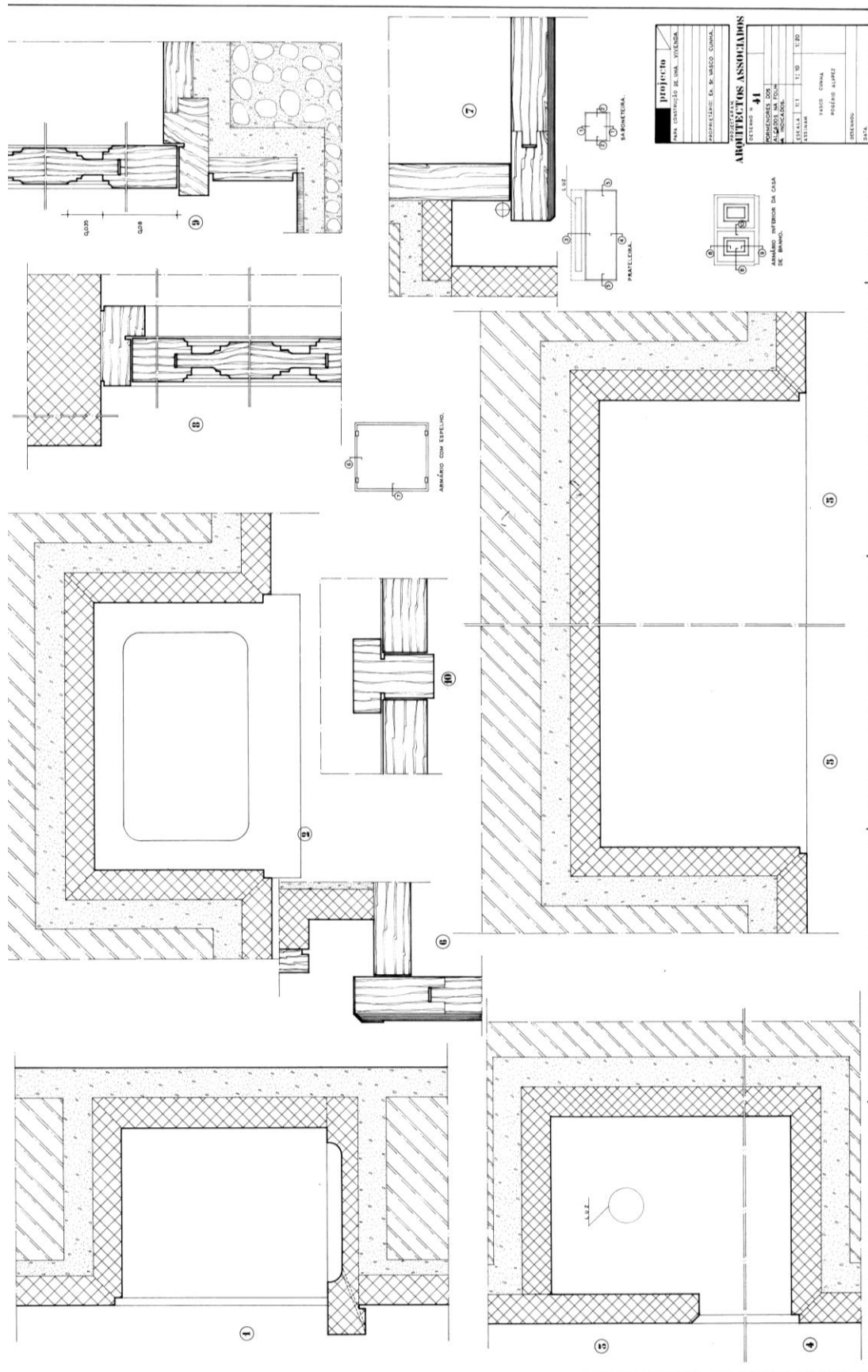
4.30.Desenho da vista em alçado dos interiores dos armários. Desenho nº.30, Rolo 81, APVC.



4.34. Desenho dos algodados e pormenores da varanda e caleira. Desenho nº.34 Rolo 81, APVC.



4.36. Desenho do pormenor dos armários de cozinha. Desenho nº.35-B, Rolo 81, APVC.

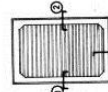
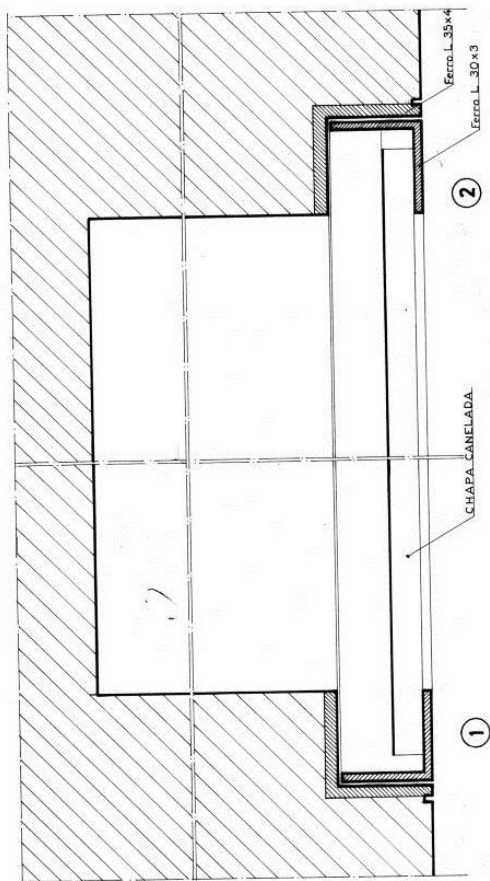
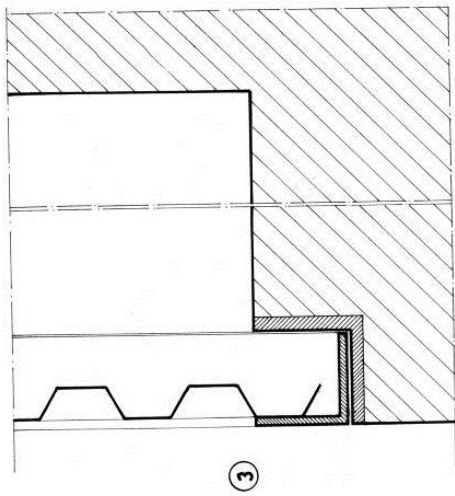


4.40. Desenho dos pormenores dos alçados da casa de banho. Desenho nº.41, Rolo 81, APVC.

R. 81, APVC

DES	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32
LOCALIZADO	PORTÃO	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA	CAIXA
TIPO																						
DIMENSÕES	312 X 210	100 X 100	575 X 145	139 X 240	408 X 200	130 X 210	100 X 210	408 X 200	130 X 210	100 X 210	408 X 200	130 X 210	100 X 210	408 X 200	130 X 210	100 X 210	408 X 200	130 X 210	100 X 210	408 X 200	130 X 210	100 X 210
QUANTIDADE	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA	UMA
MATERIAL	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO	ALUMÍNIO
FIXAS	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO	3 DOBRADIÇAS DE 2,5" EM LATÃO
FECHOS E FECHADOURAS	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE	1 FECHADOURA TIPO MALLE
VÁRIOS	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO	2 FERRAMENTAS EM FERRUGEM TIPO JAVAL EM LATÃO
ACABAMENTOS	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ	VERNIZ
SISTEMA DE MEDIDA DE LUZ																						
QUANTIDADE																						
ORÇ	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00	3000,00

4.41. Desenho do mapa de vãos. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.

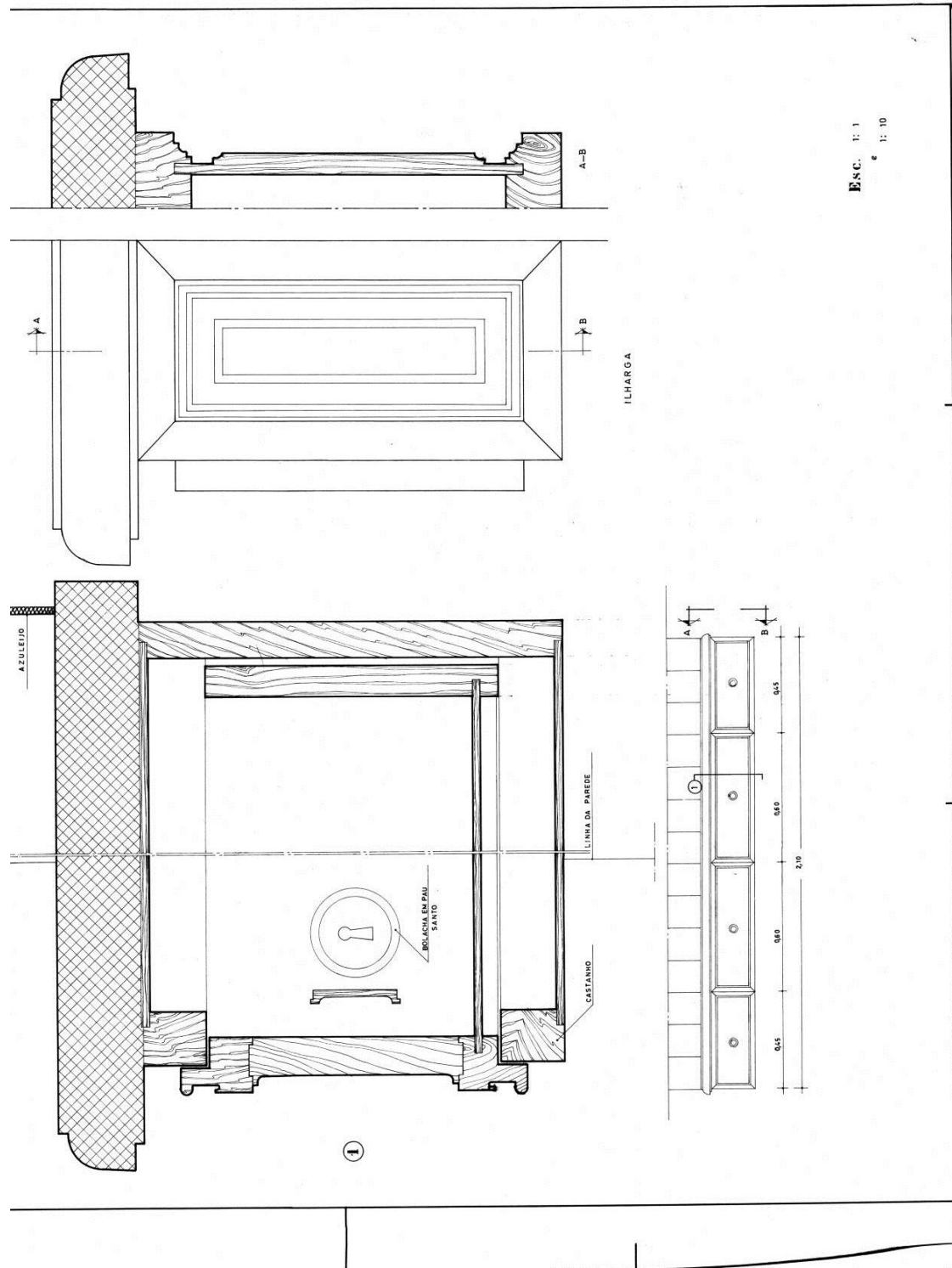


ALÇADO DO ARMÁRIO
DO CONTADOR DE ÁGUAS

ALÇADO E PORMENORES DO ARMÁRIO
DO CONTADOR DE ÁGUAS ESCALA - 1:20 e 1:1

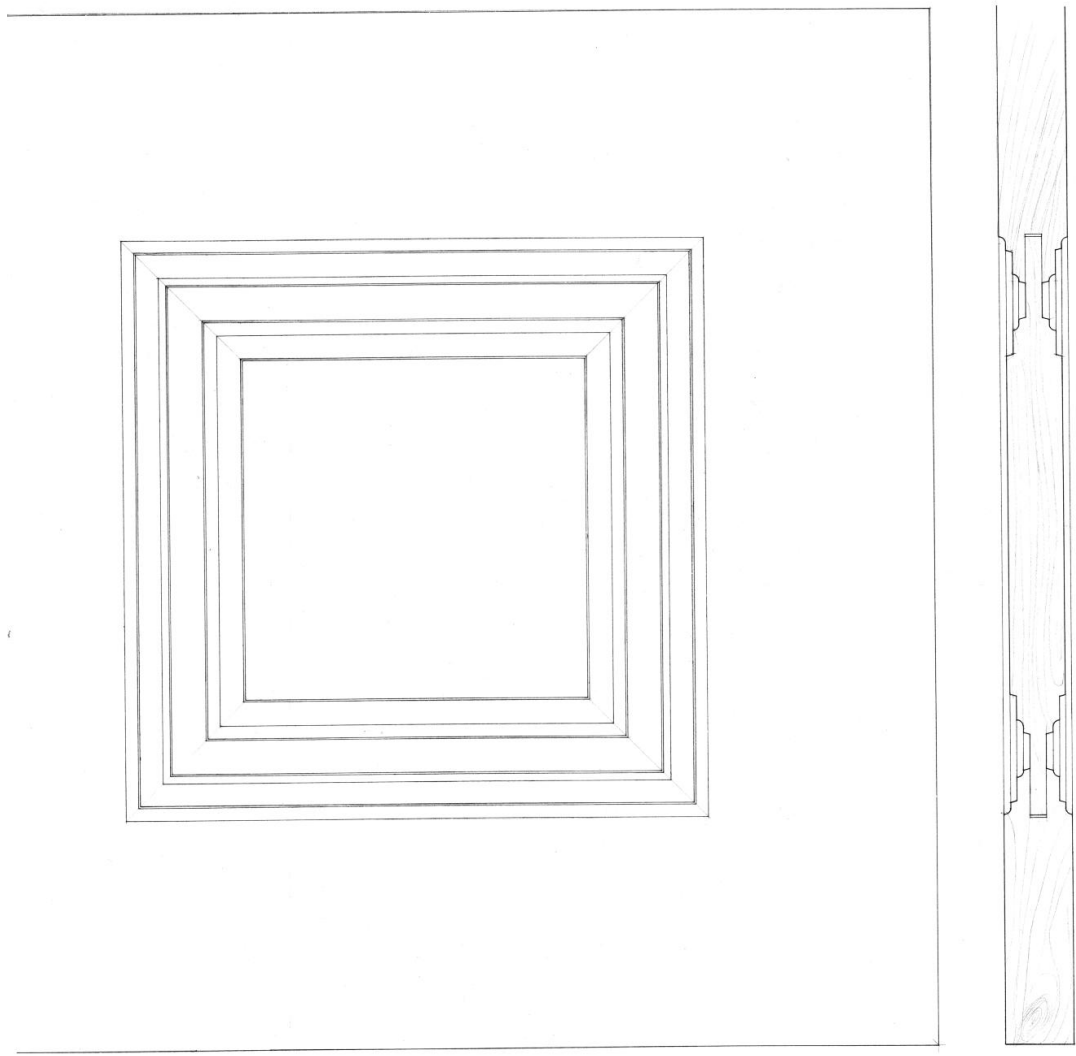
VIVENDA - SR. ARQ. VASCO CUNHA

4.42. Desenho do pormenor do armário do contador de água. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



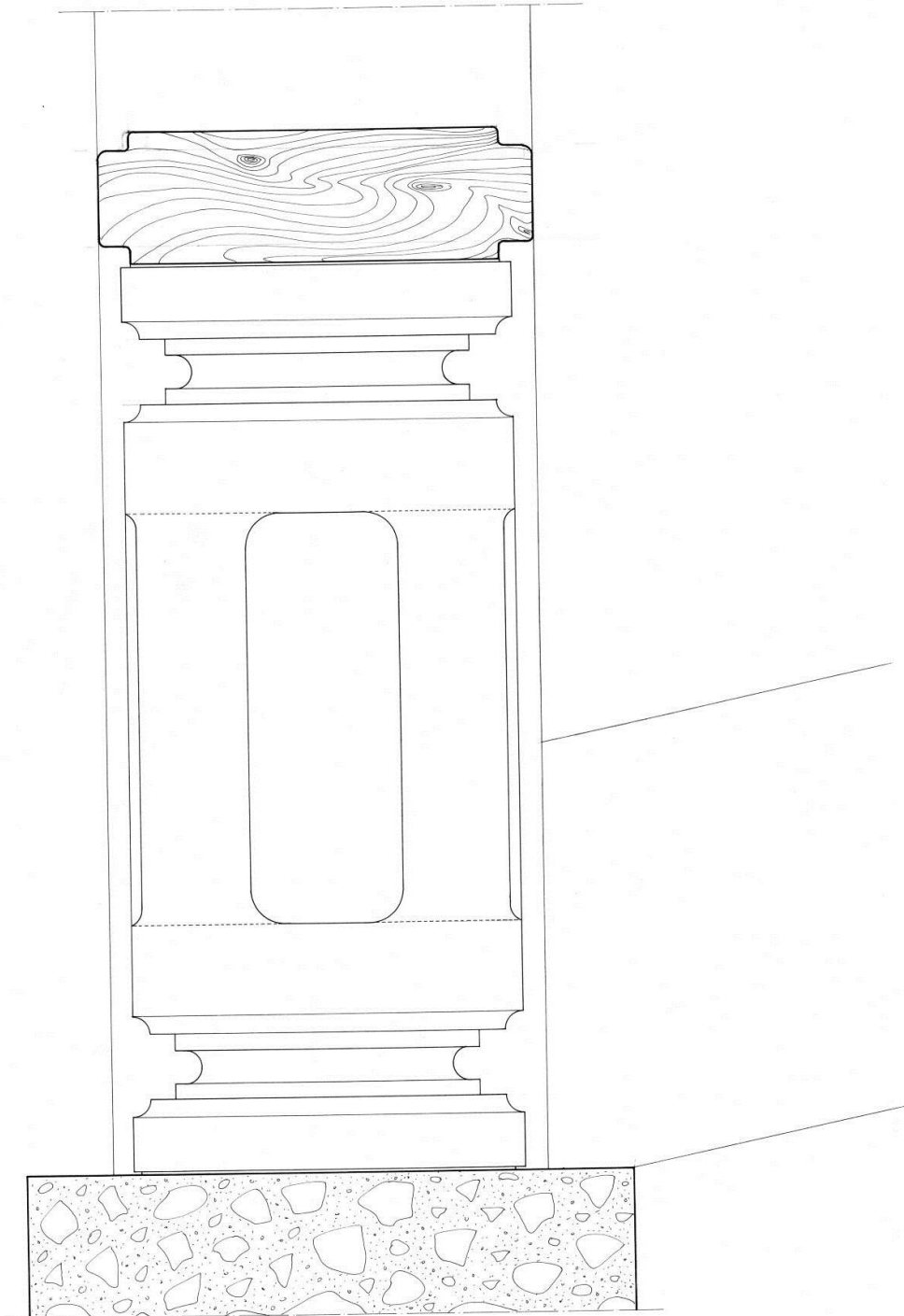
ESC. 1: 1
e 1: 10

4.43. Desenho do pormenor da ilharga. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



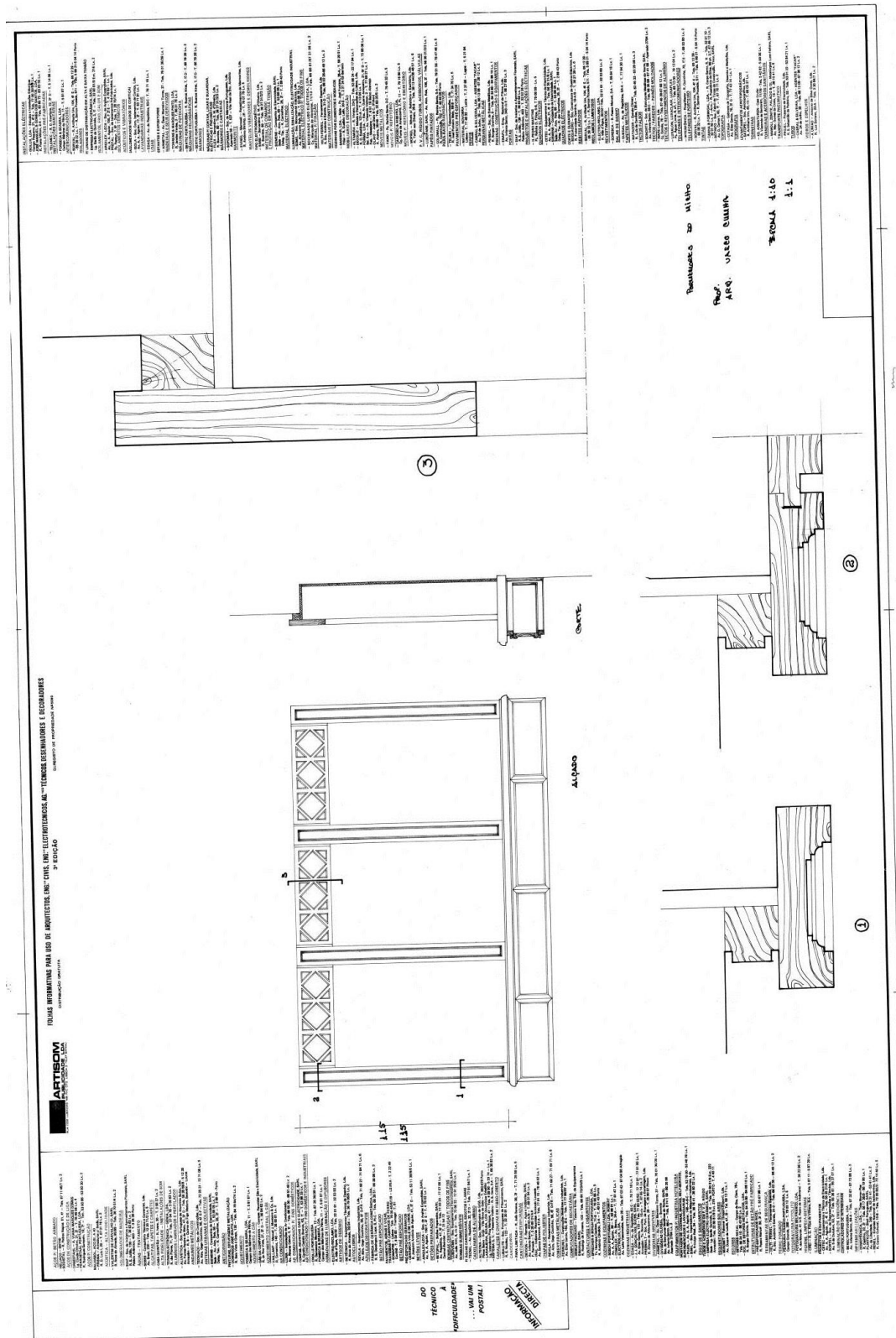
ALÇADO E FORMENOR DAS ALMOFADAS
DAS PORTAS INTERIORES
ESCALA: 1:1

4.44. Desenho do alçado e pormenor das almofadas das portas interiores. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.

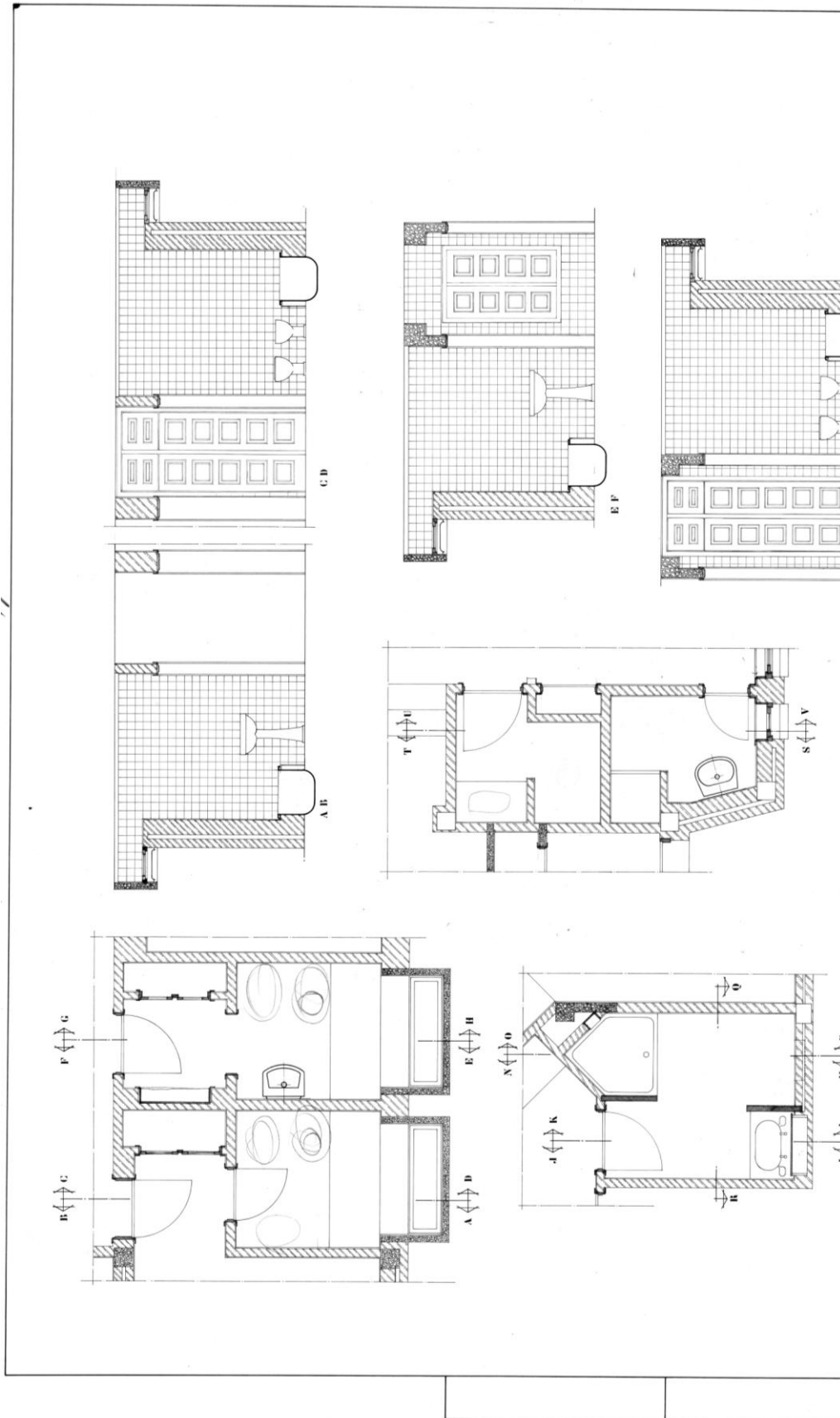


CORTE VERTICAL E PORMENOR DO BALAÚSTRE ✓
ESCALA 1:1

4.45. Desenho do pormenor do balaustre. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



4.46. Desenho do pormenor do miço. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.



4.47. Desenho de pormenores da iluminação. Desenho s/n, Rolo 81, APVC.